

BEST-SELLER INTERNACIONAL

LUCIE WHITEHOUSE

antes de te conhecer

*As mentiras mais perigosas são
as que dormem connosco*



BERTRAND EDITORA





© Jaime Tumer

Lucie Whitehouse nasceu em Inglaterra no ano de 1975, estudou Literatura Clássica em Oxford e agora vive em Brooklyn, Nova Iorque. É autora de quatro *thrillers* de enorme sucesso.

Título original: Before We Met *1ª edição em papel:* janeiro de 2017 *Autora:* Lucie Whitehouse *Tradução:* Ana Lourenço *Revisão:* Ana Rita Silva *Design da capa:* Marta Teixeira *Imagens da capa:* Getty Images

© 2014 by Lucie Whitehouse

First published by Bloomsbury UK. By arrangement with Julio F-Yáñez Agencia Literaria S.L. and Anderson Literary Management LLC. All rights reserved.

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1 1500-499

Lisboa www.bertrandeditora.pt editora@bertrand.pt Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3393-5

Para o Joe, com o meu amor

Índice

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO DEZASSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZANOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
AGRADECIMENTOS

CAPÍTULO UM

Chovia a cântaros, e ali, onde a faixa de rodagem estava exposta, o vento fustigava o velho *VW* de Hannah como se estivesse a tentar empurrá-lo para fora da estrada. Normalmente, quando ia a Heathrow, via os aviões descerem para o aeroporto um após outro, apenas com um minuto entre eles, mas esta noite o ritmo estava mais lento e passaram dois minutos, depois três, até um novo conjunto de luzes atravessar as nuvens. Ela apertou mais o volante, verificou o espelho retrovisor e passou para a faixa mais rápida.

O Holiday Inn surgiu à esquerda, um retângulo feio de betão recortado contra o céu, a luz do seu sinal de néon verde a tingir o ar molhado. Ela tomou a saída para o Terminal 3, e o formigueiro que sentia no estômago intensificou-se. Embora já estivessem casados, a viagem para o aeroporto ainda era emocionante. Não é que fosse necessário ela vir ao encontro dele; na verdade, seria provavelmente mais rápido se Mark apanhasse um táxi para a cidade, especialmente numa noite como aquela, mas a viagem, as chegadas, o amontoado de gente junto à barreira metálica — tudo isso lhe lembrava o tempo antes de casarem, quando JFK e Heathrow eram os polos em torno dos quais muitos dos seus fins de semana giravam.

Como de costume, os dois primeiros níveis do parque de estacionamento estavam cheios. Com relutância, ela subiu a rampa até ao nível três e encontrou um local junto às máquinas de bilhetes. Depois de uma rápida olhadela ao espelho, saiu do carro e dirigiu-se para os elevadores.

A zona das chegadas estava bastante movimentada, mesmo para uma sexta-feira à noite. Sob o teto baixo, com os rostos aclarados pelas luzes cruas, centenas de pessoas aguardavam. Além das filas de três ou quatro pessoas diante da barreira, havia aglomerados no centro e junto dos pequenos concessionários: o típico sortido de motoristas com nomes nos cartões, um grupo de jovens com mochilas em calções e *t-shirts* que iriam praguejar assim que saíssem do aeroporto, e uma família inteira, vinte e cinco ou trinta pessoas, todas com o tradicional traje africano, uma explosão de cores e padrões.

Hannah abriu caminho até aos monitores suspensos, onde viu que o avião de Mark tinha acabado de aterrar. Passariam quinze ou vinte minutos antes de ele sair, pelo que comprou uma sanduíche no pequeno Marks and Spencer e sentou-se num dos bancos do outro lado do átrio. Algumas horas antes, fora à

mercearia comprar uma baguete e uma fatia de bom *roquefort*, que, com um copo de vinho, era só o que Mark costumava querer à noite depois de um voo, mas estava com demasiada fome para esperar até lá. Não comeria nada desde o almoço: a entrevista com a AVT naquela tarde tinha acabado muito mais tarde do que ela esperara, e já passava das sete quando saíra do metro em Parsons Green.

Do banco viu as portas automáticas libertarem um fluxo irregular de pessoas. No monitor havia uma longa lista de voos com atrasos substanciais. Os passageiros que saíam naquele momento estavam no avião que viera de Freetown, adivinhou ela, dois antes do de Mark; tinham chegado com hora e meia de atraso. Viu um homem magro, profundamente bronzeado, de calças de ganga e camisa de cáqui emergir e começar a pesquisar a multidão. Atrás da barreira, uma jovem abriu caminho para a frente, com a alegria estampada no rosto, e correu para os seus braços, dando-lhe um beijo que provocou um som de desaprovação de um homem idoso sentado mais afastado no banco. Hannah sentiu outro aperto na boca do estômago. *Vá lá, Mark.*

Lembrava-se de esperar por ele do outro lado do Atlântico, antes de voltar a mudar-se para Londres. O Terminal 7 no JFK, usado pela American Airlines, era espartano; nada de cafés nem de lojas para matar o tempo, apenas uma banca de jornais, um pequeno bar e algumas filas de cadeiras de plástico rígido. Ela costumava levar o portátil para o caso de ele estar atrasado, mas era impossível trabalhar pois a sua cabeça levantava-se de cada vez que alguém saía pela barreira. Ela nunca queria perder o momento em que Mark a via e o sorriso se espalhava pelo seu rosto. Das primeiras vezes, o sorriso dera lugar a um cómico esgar exagerado, como se ele estivesse a tentar encobrir o seu embaraço por se ter revelado, mas isso em breve parou e estabeleceu-se uma sequência regular de acontecimentos: ele apertava-a até ela ter medo de que ele lhe partisse as costelas, depois apanhavam um táxi e iam direitos ao apartamento e à cama dela. Depois, vestiam-se novamente e iam a pé até ao Westville na 10th Street comer cachorros-quentes.

As portas estavam agora a abrir-se com mais regularidade, libertando um fluxo mais constante de pessoas. Várias vozes tinham sotaque americano, o que sugeria que haviam estado no voo de Mark; os voos antes e depois tinham vindo do Egito e de Marrocos. Ela levantou-se e aproximou-se. Viu alguns homens de fato com tróleys; dois casais; uma família a equilibrar uma precária torre de bagagem num carrinho cujas rodas da frente não queriam colaborar. Descobrimo rapidamente o pai, uma criança soltou-se da

mão da mãe e foi direita a ele nas suas perninhas gordas, provocando risos entre a multidão.

Após vinte e cinco minutos, Hannah sabia que devia haver algum tipo de atraso. Mark era quase sempre um dos primeiros passageiros a sair de um voo, e só tinha levado a pequena mala de couro como bagagem de mão. Talvez tivesse deixado alguma coisa no avião e voltado para a ir buscar ou talvez tivesse ficado retido num controlo casual de passageiros. Ela subiu a manga e olhou para o relógio, o *Rotary* que a mãe lhe dera quando entrara na universidade. Dez e cinco. Procurou o número de Mark no *BlackBerry*, depois mudou de ideias: ligar-lhe iria estragar a surpresa. Iria esperar mais dez minutos e, em seguida, telefonar-lhe, se tivesse de ser.

Às dez e um quarto, no entanto, os sotaques americanos tinham-se esgotado e a maior parte das pessoas que saíam falavam umas com as outras num espanhol rápido. A outra pessoa que estava à espera desde que ela chegara era um homem na casa dos cinquenta com um *blazer* azul-escuro e calças beges, e até a filha dele apareceu. Hannah perguntou-se se por acaso teria confundido os horários, mas não, tinha a certeza de que Mark dissera sexta-feira, à mesma hora.

Marcou o número dele. A chamada foi logo para o *voice mail* e ela desligou sem deixar recado. Não era normal ele perder um voo, mas não podia excluir essa hipótese. Talvez o tivesse perdido e tentado arranjar um mais tarde. Já o fizera antes, ao voltar para Nova Iorque de Toronto.

Consultou novamente os monitores. O voo dele já nem aparecia. Descendo a lista, viu mais dois voos de Nova Iorque; um tinha acabado de pousar, o outro chegaria em breve. Talvez ele estivesse num desses. Se assim fosse, telefonaria ou enviaria um SMS assim que pudesse ligar o telemóvel.

A multidão já tinha diminuído e Hannah conseguiu um lugar na barreira em frente às portas — «o posto de ouro», chamava-lhe Mark. Verificando o telemóvel a cada dois minutos, ela esperou até às onze e dez, quase mais uma hora. Quando o último americano da segunda leva saiu pela porta, ela telefonou para ele e obteve novamente o *voice mail*.

Começou a sentir-se alarmada. Se ele estava num voo diferente, porque não tinha telefonado? E se alguma coisa acontecera ao avião? Ligou mais uma vez, depois abdicou do seu lugar na barreira e dirigiu-se à saída de emergência. Os balcões de informação das companhias aéreas ficavam nas partidas e atravessar o espaço aberto entre os dois edifícios era muito mais rápido do que arrastar-se através da rede de túneis e escadas rolantes.

O vento soprava com força lá fora, empurrando a chuva em rajadas como cardumes de peixes pequenos que se elevavam por um momento, descendo em seguida contra o chão. A pesada porta foi-lhe arrancada da mão e fechou-se atrás dela. No céu, outro avião abria caminho através das nuvens, os seus motores a encherem o ar com um ribombar angustiante. Hannah baixou a cabeça e correu.

Foi um trajeto de trinta segundos, no máximo, mas quando entrou estava a afastar o cabelo molhado do rosto. Comparadas com as chegadas, as partidas no Terminal 3 eram a imagem da modernidade bem iluminada, com um pé-direito alto, mas quando ela encontrou o balcão da American, a companhia aérea que Mark geralmente usava, a mulher atrás dele estava a vestir o casaco.

— Já desliguei o computador — disse ela, sem olhar para cima.

— Só quero saber se o meu marido estava num voo esta noite.

— Oh. — A mulher olhou para cima, o seu rosto a animar-se. — Bem, não podia ter-lhe dito isso, de qualquer maneira. Proteção de dados, sabe?

Hannah sentiu a habitual irritação em relação à burocracia.

— A sério? Ele é meu marido.

— Desculpe. — A mulher encolheu os ombros, parecendo satisfeita com a oportunidade de exercer o seu poder, e a irritação da Hannah centrou-se nela. Trabalhar tão perto das lojas *duty-free* não era desculpa para usar tanta maquilhagem. Quantos anos tinha ela sob aquela máscara de base?

— Olhe — disse Hannah, pousando as mãos no balcão —, só preciso de saber que o meu marido está em segurança. Pode pelo menos dizer-me se houve algum problema com um dos voos de Nova Iorque esta noite?

A mulher suspirou.

— Nada do género — respondeu ela. — Houve atrasos por causa do vento, mas mais nada.

— Graças a Deus.

De novo no meio do átrio de chegadas, Hannah perguntou-se para onde se devia dirigir. Tentou telefonar novamente a Mark. Nada. Desta vez, deixou recado. «Olá, sou eu. Estou em Heathrow... e tu? Vim buscar-te, mas acho que não estás aqui. Se estiveres, liga-me.» Hesitou. «Espero que esteja tudo bem. Liga-me assim que receberes isto; estou preocupada contigo.» Riu um pouco, para lhe dizer que sabia que estava a ser ridícula: Mark era a última pessoa a meter-se numa confusão, por isso, se os aviões estivessem a salvo, ele também estaria.

Desligando, perguntou-se a quem poderia ligar. Neesha, a assistente dele? Não: eram quase onze e meia. E se Neesha soubesse que havia um problema, tê-la-ia contactado. O mesmo valia para David, o sócio. Mark não tinha ido aos Estados Unidos em serviço, portanto não havia ninguém com quem verificar. Se não tivesse notícias dele nessa noite, teria de esperar até de manhã antes de poder começar a fazer telefonemas.

Já no parque de estacionamento de curta duração, foi por pouco que conseguiu refrear-se de dar um pontapé na máquina dos bilhetes.

— Doze libras por duas malditas horas? — A sua voz ecoou nas paredes do espaço.

A M4 para Londres também ficara vazia, e os candeeiros lançavam focos isolados de luz na faixa de rodagem à sua frente. Na secção elevada da estrada acima de Brentford, ela olhou para os escritórios vazios até segunda-feira, vendo as formas fantasmagóricas de mesas e cadeiras e computadores, e teve a repentina ideia alarmante de que estava a olhar para uma visão da sua própria carreira — distante, a desvanecer-se e trancada atrás de vidro que lhe permitia vê-la, mas já não alcançá-la.

Quando desceu Quarrendon Street, o que restava da sua esperança desapareceu. Se Mark chegava a casa antes dela, havia luzes acesas em cada janela, mas naquela noite a casa estava tão escura como a deixara.

Lynda, a mulher a dias dele — *de ambos* —, estivera em casa e o ar cheirava bastante a óleo de cedro. Na cozinha, Hannah tirou uma garrafa de vinho da garrafeira, encheu um copo, depois sentou-se ao computador e verificou os *e-mails*. De vez em quando, o seu *BlackBerry* tinha fases em que não recebia mensagens novas durante horas e, depois, entravam várias de seguida. Isso não estava a acontecer naquele momento: o último *e-mail* no telemóvel e no computador era o do seu irmão a perguntar como correria a entrevista.

Começou a escrever uma nova mensagem a Mark.

Olá, desaparecido em combate, escreveu. Parto do princípio de que ainda estás no avião ou que alguma coisa aconteceu ao teu telefone, portanto tento contactar-te por e-mail. Diz-me o que se passa. Sinto a tua falta aqui em Quarrendon Street. A casa, e a cama, estão vazias sem ti...

Bebeu um gole de vinho — delicioso: o conceito de vinho para todos os dias do marido pertencia a uma categoria diferente da dela —, então

levantou-se e levou o copo pelas portas envidraçadas que se abriam para o pequeno pátio pavimentado atrás da casa. Quando protegeu os olhos para bloquear a luz de dentro, viu as lajes de pedra e, depois, ao fundo, os arbustos e as cerejeiras ornamentais. O vento tinha causado estragos. Uma das cadeiras de madeira atravessara o quintal e estava em cima da manjedoura de pedra onde ela cultivara tomates durante o verão, e o chão estava coberto de folhas e galhos. Um verdadeiro caos; se a chuva parasse, ela limparia tudo no dia seguinte.

Lá em cima, um avião seguiu em direção a Heathrow, ora visível através de uma abertura nas nuvens, ora novamente oculto. Mark provavelmente ainda estava no ar, disse Hannah a si mesma, e iria acordar dali a algumas horas a vê-lo a enfiar-se na cama ao seu lado, e teria um ataque cardíaco ao pensar que ele era um ladrão.

Virou-se para a cozinha e parou. De vez em quando, ainda tinha momentos como aquele, em que o tamanho da casa a deixava sem palavras. Ficara atordoada quando Mark lhe dissera que a tinha comprado antes dos trinta; as duas casas na rua que se tinham vendido desde que ela se mudara para ali haviam atingido um preço de mais de dois milhões de libras.

— Mas isso é agora — dissera ele. — Tenho-a há doze anos, muito antes do *boom*, e estava em ruínas quando a comprei. Pertencia a um velho casal que não tinha feito obras desde os anos sessenta e tive de a esventrar: nova instalação elétrica, nova canalização, tudo.

— Mesmo assim...

Ele encolhera os ombros.

— Tive sorte. os negócios corriam bem e o preço era o certo. Foi um bom investimento.

Levara algum tempo a habituar-se à ideia de que aquela era a sua cozinha. Tinha adorado a do apartamento de Nova Iorque, com os tijolos originais da parede à vista e eletrodomésticos industriais mas, vista à luz fria da realidade, não passara de um corredor de dois metros. Para cozinhar, tinha de disputar uma espécie de *Tetris* para arranjar lugar para pratos, facas e tábuas de cortar na minúscula bancada, em cima do fogão, nos bancos. Aquela assoalhada era cerca de dez vezes maior. No caso improvável de querer cozinhar para trinta pessoas, poderia fazê-lo ali, sem nunca ficar sem espaço de manobra.

Tudo era grande — *tudo*; se não fosse tão elegante, teria parecido ostensivo. A parede da cozinha original fora deitada abaixo para ampliar a largura em cerca de dois metros, para além dos seis iniciais. O teto era alto, a

parte mais próxima coberta com enormes painéis de vidro para aumentar a luminosidade do aposento, e o chão fora coberto com lajes de ardósia galesa com aquecimento por baixo para o inverno. Havia bancadas de aço, um fogão industrial e, na parte de trás, junto à porta da sala de estar, um frigorífico americano.

— Não consegui voltar a ter um pequeno — dissera Mark. — O frigorífico que tinha no meu apartamento em Tribeca parecia um guarda-fatos... fiquei incapaz de ter qualquer coisa mais pequena.

— És uma criança mimada.

— Não o nego. — Ele sorrira para ela, a pele nos cantos dos olhos a franzir-se.

Sentindo uma onda de desejo por ele, Hannah voltou para o seu portátil e procurou novamente qualquer notícia relativa a voos de Nova Iorque, não apenas no JFK, mas também em Newark e LaGuardia. Nada. Estava a ser neurótica, disse a si mesma, a preocupar-se sem razão. Havia uma explicação simples e ele estaria em casa no dia seguinte. Tudo estava bem.

CAPÍTULO DOIS

Quando Hannah acordou, a luz tentava entrar pelo contorno das cortinas. O outro lado da cama estava vazio, mas ela acordava muitas vezes sozinha quando Mark viajava, por isso foi necessário um momento para se lembrar de que, naquele dia, não devia estar. Soergueu-se no cotovelo e pegou no *BlackBerry*. Não havia mensagens novas.

Voltou a deitar-se por um minuto, pensativa, depois afastou os lençóis e levantou-se. A camisola de caxemira cinzenta preferida de Mark estava nas costas da cadeira e ela enfiou-a por cima do pijama. Lá em baixo o correio aguardava no tapete: apenas uma fatura da luz, um extrato do Coutts para Mark e ainda outra carta da Savills a sondar se tinham quaisquer planos para vender a casa. Ela deixou a fatura e o extrato na mesa da sala com o correio dos dias anteriores e foi até à cozinha.

Enquanto esperava que a chaleira apitasse, verificou os *e-mails* no portátil, não fosse haver alguma novidade, mas os únicos novos eram *spam*. Também ainda nada da Penrose Price, pensou, e a entrevista tivera lugar havia uma semana. Aquele era o trabalho que ela realmente queria; a AVT na véspera não pertencia à mesma categoria. No entanto, se a informassem por *e-mail* não seria num sábado, e enviariam uma carta como devia ser; eram esse tipo de empresa. Fosse como fosse, era apenas uma questão de tempo antes de a rejeição chegar, sob qualquer forma; se fosse uma boa notícia, já a teria recebido.

Bebeu o café e pensou no que iria fazer. Talvez Mark tivesse apanhado um voo noturno e estivesse a aterrar naquele momento em Heathrow. Pegou no telefone e premiu remarcar. Novamente o *voice mail*. Desta vez não deixou recado; deixara na noite anterior e também enviara um *e-mail*, e ele sabia que ela haveria de estar a interrogar-se sobre o que se passava. Sentiu uma certa irritação por ele ser tão insensível — seria assim tão difícil ligar e deixar uma mensagem de vinte segundos? —, mas foi rapidamente seguida por uma onda de ansiedade. Alguma coisa estava errada. Aquilo não era nada normal — ele nunca deixava de a contactar se por acaso não voltasse para casa na altura prevista.

Eram cinco para as nove, ainda um pouco cedo para sábado, mas Neesha tinha uma criança de três anos, provavelmente já estava a pé há algumas horas. Hannah percorreu a sua lista de contactos até encontrar o número de

telemóvel dela.

A assistente de Mark era uma bela mulher meio francesa, meio indiana que tinha sido criada na África do Sul, mas estudara na London School of Economics, onde conhecera Steven, com quem viria a casar. Tinha vinte e sete anos e Mark começara recentemente a deixá-la gerir os seus próprios pequenos projetos, com medo de que ela se fosse embora a menos que fosse promovida rapidamente. Pierre, o filho dela, chegara dez anos mais cedo do que o previsto, confessara Neesha a Hannah na festa de verão da DataPro, mas ela continuava tão ambiciosa como sempre. Mark dissera que se ela fosse tão eficiente como gestora de projetos como era como assistente, iria ocupar uma das posições mais altas na equipa dentro de cinco anos. O telefone tocou. Depois de seis ou sete toques, no entanto, o atendedor começou a funcionar e a voz de Neesha pedia a quem ligava para deixar uma mensagem.

Hannah tossiu, com a garganta subitamente seca.

— Olá, Neesha — disse ela. — É a Hannah Reilly. Desculpe maçá-la ao fim de semana, mas será que podia ligar quando ouvir isto?

Depois de duas torradas e uma vista de olhos às notícias *online*, Hannah subiu as escadas e vestiu a roupa de corrida. Não gostava particularmente de correr — *Oh, sê sincera, Hannah!*, exclamou a sua voz interna, *detestas correr* —, mas ao longo dos últimos três ou quatro meses, conseguira tornar a corrida parte do que considerava secretamente a sua rotina salutar. Tinha a consciência de que seria fácil ficar deprimida com a sua situação sem uma rotina que envolvesse alguma forma de disciplina e exercício físico. Não a sua vida com Mark, obviamente — quando ela falara do assunto, Mark perguntara-lhe se estava descontente consigo e ela olhara-o como se ele estivesse louco —, mas o trabalho, ou a falta dele.

Embora estivessem casados há quase oito meses, ela ficara em Nova Iorque três meses após o casamento. Mark tinha passado a trabalhar mais tempo no escritório americano da DataPro e falavam de ele o tornar a sua base a tempo inteiro, passando a fazer visitas ao escritório de Londres. O seu novo parceiro, David, iria substituí-lo na capital inglesa. Após um mês ou mais, no entanto, a conversa sobre a mudança tinha-se tornado cada vez menos frequente, e, em seguida, Mark chegou uma sexta-feira a casa com ar de culpa. Preparara a Hannah um dos seus *cocktails* personalizados — vodka

com sumo de arando — e dissera-lhe que os consultores que tinham contratado para os aconselharem sobre a racionalização de despesas gerais durante a crise tinham recomendado o encerramento do escritório norte-americano. Mark revira várias vezes os números e sabia que fazia sentido.

— Tens a certeza? — perguntou ela, sentindo um aperto no coração.

— Foi a principal recomendação deles... a única que faria realmente diferença para os nossos custos operacionais, na verdade. Também não me agrada... ter um escritório em Nova Iorque sempre foi um objetivo meu, como sabes, mas podemos tratar do negócio com os Estados Unidos a partir de Londres. Não precisamos de uma presença física aqui. Sinto muito, Han.

O ordenado dele era cinco vezes superior ao de Hannah, e ela era apenas uma empregada, não proprietária de uma empresa como ele. Havia também a questão dos vistos — eram ambos britânicos, de modo que viver em Londres era, de longe, a opção mais fácil — e, embora o apartamento dela em West Village tivesse sido alugado, ele já possuía aquela casa. Ela sabia antes de ele o dizer que, se iam viver juntos, tudo indicava que devia ser ela a mudar-se. Assim, após algumas tentativas infrutíferas para convencer Leon, o antigo patrão, de que ela devia abrir um escritório em Londres para ele, Hannah demitiu-se do seu trabalho e, cinco meses antes, embalara as coisas no seu apartamento e enviara-as para Londres, os seus sete anos a viver e a trabalhar em Nova Iorque terminados. Até conhecer Mark, ela pensara que iria viver lá o resto da vida.

Independentemente do quanto queria estar com ele, porém, surpreendeu-se com o facto de adorar ter regressado a Londres. Ainda antes de conhecer Mark, visitara a cidade com bastante frequência para ver o irmão e os pais e para se manter em contacto com amigos, mas ao fim de dois ou três anos começara a sentir-se uma turista, alguém que via todas as coisas boas — restaurantes, galerias, os novos bares a que os amigos a levavam — mas não tinha nenhuma ligação com o local, nenhum relacionamento quotidiano com ele.

Essa sensação quase se tinha evaporado agora, e sabia-lhe bem recuperar algumas das tradições britânicas de que sentira a falta. Na semana anterior, ela e Mark tinham ido a pé a Bishops Park ver o fogo de artifício na Bonfire Night. Por muito impressionante que fosse o fogo de artifício do 4 de Julho no Macy's, para ela não tinha a mesma ressonância emocional, as memórias de todos os fogos de artifício locais a que tinha assistido com os pais quando ela e Tom eram crianças, com maçãs caramelizadas e a luz da enorme

fogueira que tinham visto crescer com ramos secos, paletes partidas e cercas estragadas nas semanas anteriores até alcançar cinco ou seis metros de altura. Bishops Park não era a mesma coisa, claro — nada de fogueira, por um lado, por causa das normas de segurança da cidade —, mas a erva húmida de novembro cheirava ao mesmo que em Worcestershire, e ela adorara ver o Tamisa da beira do parque enquanto ele deslizava silenciosamente no escuro, a sua superfície a captar os reflexos azuis, verdes e vermelhos das explosões no céu.

De novo no corredor, sentou-se ao fundo das escadas para calçar os ténis e depois saiu de casa, guardando a chave no bolso do casaco. A sebe baixa atrás do muro da frente estava molhada da chuva que caíra durante a noite e uma teia de aranha perfeita no portão estava salpicada por gotas semelhantes a contas de vidro. Abriu o portão com cuidado para não a perturbar.

Subiu Quarrendon Street, dando passos longos para esticar as pernas. Já começava a conhecer alguns dos vizinhos, pelo menos de vista, e acenou com a cabeça ao homem do número vinte e três que vinha a descer o passeio com o *Telegraph* e um saco (que ela calculou ser de *croissants*) da mercearia debaixo do braço. Com uma expressão interrogativa e os cabelos grisalhos que tocavam a gola de veludo do casaco comprido cor de camelo, ele lembrava-lhe Bill Nighy. Era um exemplar típico dos residentes do bairro: ou famílias abastadas, que levavam a pé os filhos, em uniformes imaculados e chapéus de palha, à escola privada todas as manhãs, ou solteirões bem conservados. Não era uma zona onde um jovem na casa dos vinte costumasse comprar casa — havia zonas muito mais na moda do que Fulham — e, embora fosse muito cara, era bastante discreta. Mark podia ter escolhido um *loft* enorme remodelado nas Docklands ou no East End, todo vidro e cromados e enormes sofás de couro, mas em vez disso optara por uma tradicional casa de família vitoriana. Ela adorava-o por isso.

Atravessou New King's Road e começou a correr devagar pelo passeio. As árvores que protegiam as casas do período de Regência da estrada pingavam, a água a tamborilar nas folhas coladas ao chão numa camada homogénea ensopada.

Hannah soubera que seria difícil conseguir outro emprego, especialmente um como o que tivera em Nova Iorque, mas subestimara a dificuldade. Pensara que com a sua experiência americana e a reputação de criar campanhas que tinham corrido bem de ambos os lados do Atlântico seria capaz de encontrar uma nova posição dentro de três a quatro meses, mesmo

com a economia no estado em que estava.

— As pessoas vão sempre contratar os melhores candidatos — dissera Mark da primeira vez que tinham discutido o assunto. — Pode demorar algum tempo a surgir aquilo que *queres*, mas não te preocupes. As pessoas vão querer contratar-te... vão lutar por isso.

Só que tal não acontecera. Tinham passado cinco meses e, embora ela tivesse chegado à fase final de entrevistas em três empresas, não recebera uma única oferta. De início, sentindo-se confiante, só se candidatara a trabalhos ao nível do anterior, mas, passados três meses e depois quatro, começou a ser menos exigente. Disse a si mesma que era lógico — o Reino Unido estava em recessão, os empregos eram escassos, talvez ela tivesse sido arrogante ao pensar que podia ser imediatamente contratada para uma posição semelhante; afinal de contas, subira com Leon ao longo dos anos — mas quando também não conseguiu esses trabalhos, começou a achar que o problema estava *nela*.

— Não — dissera Mark no domingo anterior, enquanto passeavam por Richmond Park. Pegara na mão dela e colocara-a debaixo do braço, puxando-a contra a lã pesada do seu casaco azul-escuro. Ela encostara-se a ele e vira misturarem-se as duas nuvens das suas respirações. Apesar de ser apenas o início de novembro, caíra geada durante a noite e o chão estava gelado sob os pés deles. As pontas das orelhas de Mark tinham adquirido uma tonalidade rosa na parte que não estava coberta pelo gorro de lã.

— É apenas a recessão — garantira ele. — Sabes que és boa, e o trabalho certo irá aparecer. É como tudo... uma pessoa espera e espera até achar que não pode esperar mais e, então, quando pensas que vais explodir ou saltar de um precipício, finalmente acontece.

— O que sabes tu de precipícios, senhor ricaço aos vinte e cinco anos? — perguntara ela, cutucando-o no flanco com o cotovelo, embora soubesse que ele tinha razão. Ela tivera sorte depois da universidade — «A sorte não teve nada que ver com isso», dizia sempre Mark — e conseguira uma das poucas vagas na J. Walter Thompson, mas ficara encalhada no trabalho que tivera depois, numa agência mais pequena, durante quase um ano após ter decidido que tinha de sair ou morreria de tédio. Não era capaz, pensara na altura, de fazer mais uma campanha de comida para cães sem enlouquecer. O trabalho com Leon tinha-a salvado disso, graças a Deus, mas agora estava novamente na mesma situação. Pior, na verdade: pelo menos na altura tivera um emprego, mesmo que tivesse sido a vender carne de cavalo. Agora, a cada

semana que passava, tinha consciência da distância crescente entre ela e um emprego remunerado, da relevância cada vez menor das suas campanhas mais recentes. A sua moeda de troca estava a desvalorizar-se.

A sua respiração acelerou enquanto se aproximava de Eel Brook Common, mas tentou manter o ritmo. Contornou a dupla barreira que desencorajava ciclistas de usar o parque e foi para cima da relva. O chão estava encharcado e era difícil correr nele, mas ela obrigou-se a fazer dois lados do retângulo antes de parar junto ao pequeno parque infantil no canto superior. Estava a melhorar, mas nunca iria ser uma corredora natural, uma daquelas pessoas que corria ao dobro da sua velocidade com a respiração quase inaudível. Estava em forma, mas não tinha a forma corporal certa para aquilo, segundo a sua teoria; tinha a certeza de que se fosse uma daquelas mulheres estreitas de ombros e ancas seria muito mais fácil. Mark sugerira que ela se inscrevesse antes num ginásio, mas enquanto não tinha emprego não se sentia confortável a pagar oitenta libras de mensalidade. Ele rira e dissera-lhe para se lembrar de que eram casados e que o que era dele era dela, mas ela continuava sem ser capaz de fazer isso.

Abriu o fecho do bolso e tirou o telemóvel para ver se perdera alguma chamada. Nada. Viu as horas: dez e vinte. Com a diferença horária de cinco horas, só dali a algum tempo é que poderia ligar para qualquer um dos seus amigos em Nova Iorque a perguntar se haviam tido notícias dele, especialmente a um sábado. Teria de esperar pelo menos até à uma e meia. Colocou o telefone de novo no bolso e esticou os braços atrás da cabeça, sentindo a tensão nos músculos do pescoço e dos ombros. A dois metros de distância, um labrador preto robusto farejava satisfeito uma embalagem abandonada de batatas fritas até que a dona levantou a cabeça, fazendo uma pausa no telefonema, e o chamou bruscamente.

Consciente do frio, ela começou a mover-se novamente. Durante a semana, o exercício ajudava-a a sentir que tinha um propósito, ou pelo menos algo para fazer. Passava horas todos os dias a ler a imprensa especializada, a ver as campanhas de outras pessoas na Internet, a enviar *e-mails* aos seus contactos para saber se alguém tinha ouvido falar de novas vagas, mas se se descontraísse por mais de alguns minutos, sentia o dia tornar-se um desfilar longo de horas improdutivas. O mesmo aconteceria naquele dia se ela permitisse. Estava a disciplinar-se para não procurar emprego aos fins de semana, para os distinguir da semana de trabalho, embora artificial, mas tinha de encontrar algo para se distrair da crescente sensação de que algo estava

errado.

Depois de duas voltas árduas, regressou a casa, verificou de novo o telemóvel e o portátil e subiu para tomar duche. Mark tinha remodelado a casa de banho ao mesmo tempo que a cozinha e, embora não fosse enorme, era sem dúvida a mais glamorosa que ela já tinha visto numa casa particular. O chuveiro, a banheira e os dois lavatórios eram brancos de linhas elegantes, contrastando com o chão de porcelana cinzenta e a madeira escura, quase preta, cujo nome ele lhe dissera mas que ela tinha esquecido. Seria *wenge*? Não tinha a certeza. Com as suas três belas orquídeas altas e as toalhas que pareciam acabadas de comprar de cada vez que saíam da máquina de secar, podia ter parecido a casa de banho de um hotel, mas como Mark mantivera alguns elementos originais — a arquitrave e o vidro trabalhado da janela — tinha evitado isso e o aposento parecia elegante e luxuoso.

Enquanto secava o cabelo com a toalha, o telefone tocou em cima da arca do outro lado da porta. Inclinando-se para lhe pegar, ela olhou para o relógio ao lado da cama. Onze: provavelmente demasiado cedo se ele ainda estivesse em Nova Iorque. Devia ser Neesha.

— Hannah?

Mark. Ela sentiu uma onda de alívio intenso.

— Estás vivo — murmurou ela, suspirando. — Graças a Deus... começava a perguntar-me se terias deixado indicações para o funeral. — Levou o telefone até à cama e sentou-se. — O que se passa?

— Desculpa não te ter ligado ontem à noite. Meu Deus, isto foi tudo um desastre... sinceramente, Han, parecia uma farsa. Primeiro, o tipo ficou preso no trânsito e chegou com três quartos de hora de atraso e eu já tinha praticamente perdido o avião antes mesmo de começarmos, mas andávamos a tentar ter a reunião há seis meses, por isso decidi aguentar e apanhar um voo mais tarde. Acabámos por ficar no pequeno-almoço até quase às nove e meia e consegui um táxi para o aeroporto, mas, claro, o trânsito estava horrível, e quando finalmente lá cheguei, todos os voos estavam cheios. Continuei a tentar até quase às três, para o caso de haver desistências, mas depois desisti e voltei para a cidade.

— Porque não me ligaste?

— Ia fazê-lo no táxi, mas o David ligou-me com um problema que levou uma eternidade a resolver e pensei que seria melhor ligar-te quando soubesse que voo iria apanhar. Então, no JFK, fui para pegar no telemóvel e percebi que o tinha deixado no táxi. Não reparei no número do táxi, claro, portanto

não há qualquer oportunidade de o recuperar... todos os meus contactos, fotos, tudo.

— Bolas! — Com um canto da toalha, ela limpou um fio de água que corria pela parte de trás do seu pescoço. Agora, sentia-se irritada com ele. Ela fora de carro até Heathrow no meio de uma tempestade, passara lá mais de duas horas... na noite anterior imaginara uma série de desastres aéreos, pelo amor de Deus! — Porque não me ligaste de uma cabina? — perguntou sem conseguir disfarçar totalmente a irritação.

— Tenho vergonha de admitir isto — disse ele, soando envergonhado mesmo a uma distância de cinco mil quilómetros —, mas não sei o teu número de cor. Sem o meu telemóvel, estou lixado.

Ela pensou naquilo. Não sabia se se recordava do número de Mark, para além do 675 no final. Uma vez que o tinha programado no *BlackBerry*, nunca tivera qualquer necessidade de o memorizar.

— Podias ter mandado um *e-mail*.

— Ia fazer isso, mas, quando voltei para o hotel, o *wi-fi* não funcionava... vês o que quis dizer com farsa? Então, tenho vergonha de o dizer, sentei-me por um momento e adormeci na cadeira. Quando acordei já era meia-noite aí e calculei que devias estar na cama. — Ele suspirou. — O *wi-fi* voltou a funcionar esta manhã... e é por isso que já tenho o teu número. Lembrei-me de que o tinhas posto no *e-mail* para a Pippa sobre o jantar há algumas semanas. Meus Deus, estou tão velho! O meu pescoço... estive na cadeira umas três horas com a cabeça a pender para um lado; acho que nem me mexi.

Hannah sentiu a irritação diminuir. Ele trabalhara bastante nos últimos tempos, até para os seus padrões. Com a recessão, os negócios na DataPro eram estáveis mas não estavam em crescimento, e Mark certificava-se de que assegurava a cada cliente o melhor serviço possível, juntamente com a criação de *software* específico que fizera a fortuna da empresa. E, para ajudar, havia a questão da venda. Um mês antes, ele e David tinham sido abordados por uma empresa americana, um dos seus maiores concorrentes, e embora ela achasse que Mark iria rejeitar de imediato a ideia de vender, ele ficara de início intrigado e, em seguida, animado com a perspetiva.

— Na minha opinião — dissera ele ao pequeno-almoço dois dias após a abordagem inicial —, isto pode ser uma grande oportunidade. — Fizera uma pausa enquanto barrava manteiga numa fatia de pão torrado, a faca parada no ar. — Giro a DataPro desde os meus vinte e três... a ideia de fazer outra coisa é interessante. Na verdade, é emocionante. Se fizesse um bom negócio, podia

usar o dinheiro para montar algo totalmente diferente. Mas, sabes, agora tenho quarenta, sou casado...

— A sério?

— Sou, sim.

— Não fazia ideia. Mulher de sorte.

— De sorte ou tolerante... depende da pessoa a quem perguntares. — Ele sorriu para ela. — Mas gostava de passar mais tempo contigo e menos no escritório. E talvez haja outras pessoas a ter em conta num futuro não muito distante...

— Outras...? Oh. — De repente, ele ficou com uma expressão séria e ela desviou o olhar e pegou no bule de café, surpreendida pela sua intensidade. Ela queria ter filhos, tinha a certeza disso, mas ainda estava a amadurecer a ideia. Ainda estava a habituar-se ao facto de ser casada; às vezes, quando estava sozinha, pensava nisso e sentia-se quase assustada. Como tinha acontecido? Ainda não há muito mais de um ano era descomprometida.

— Então quando achas que vais voltar? — perguntou ela agora. — Podes apanhar um voo hoje? Já ligaste para a companhia de aviação?

— Bem, na verdade, a questão é essa. O tipo com quem me reuni ontem está ansioso por se juntar a nós, acho, mas quer que eu conheça o seu sócio. Ele, o sócio, tem estado na Califórnia esta semana, mas vai estar em Nova Iorque na segunda-feira e sugeri que todos nos encontrássemos nessa altura.

— Ah.

— Eu sei. Ontem eu disse que não podia, mas como já estraguei o fim de semana faz sentido ficar e encontrar-me com eles, em vez de fazer outra viagem, especialmente se conseguir que assinem. Eles sugeriram segunda-feira à tarde, portanto, se eu fizer isso, posso apanhar um voo noturno e estar em casa na terça-feira de manhã. Importavas-te muito?

— Para além da enorme decepção? — Ela riu um pouco, esperando distraí-lo do facto de estar realmente decepcionada. — Não, não sejas ridículo, seu tolo, é claro que não me importo... Faz sentido. Como disseste, pode ser um grande contrato.

— Suficientemente importante para ter influência sobre uma potencial venda, acho. Se virem que temos este tipo de novo negócio a entrar, especialmente de uma empresa americana e especialmente agora...

— Então tens de fazê-lo, não é? E são só dois dias... hei de sobreviver. Ei, agora que estás à solta em Nova Iorque no fim de semana, podias ligar ao Ant e à Roisin, ver se eles estão por aí.

— Sim, boa ideia, talvez faça isso. Podes enviar-me por *e-mail* o número deles? — Ouviu-o beber um gole de qualquer coisa e, em seguida, pousar a chávena no pires. Uma das suas peculiaridades, uma antipatia por canecas... ela provocava-o sobre isso. — Já tiveste notícias da Penrose Price? — perguntou ele.

— Não, e estou a tentar não pensar nisso. Não vai acontecer agora.

— Continua a ter fé.

— Não, isto não vai acontecer. Agora é seguir em frente.

— Bem, vê se fazes alguma coisa relaxante este fim de semana, está bem? Não procures emprego.

— Está bem.

— Porque não vais ver aquela dupla exibição do Herzog ao BFI?

— Não, tu também querias ver os filmes; tentamos ir durante a semana, quando voltares. Mas posso ligar ao meu irmão, ver se ele está livre para jantar.

— *Okay*, boa ideia. Agora vou ao ginásio ver se consigo recuperar o uso do meu pescoço, para não andar por aí como o monstro do Frankenstein. — Ele baixou a voz. — Vou sentir a tua falta — disse. — Não faças planos para terça-feira... vou tirar a tarde, se puder. Faremos algo divertido.

Ela secou o cabelo e vestiu-se, depois voltou à cozinha e enviou-lhe os números do Ant e da Roisin. Talvez Mark pudesse encontrar-se com eles para jantar nessa noite, ou no dia seguinte para um *brunch* em Cobble Hill; havia aquele sítio ao virar da esquina da casa deles que fazia uns ovos incríveis com *paprika* e torradas de pão de centeio. E aquelas *Mimosas* — céus, pensou ela, apetecia-lhe uma agora. Beber álcool durante o dia normalmente deixava-a KO, mas o *brunch* americano ao domingo com as suas *Mimosas* e *Bloody Marys* era a exceção civilizada. Era uma das coisas de Nova Iorque de que ela sentia realmente falta.

Pensou em Mark sentado a uma mesa com Ant e Roisin, e sentiu ciúmes. Adorava aqueles dois, os melhores amigos que tinha feito enquanto lá estava. Conhecera Roisin quando a empresa para que ela trabalhava, a EcoPure, pedira à sua agência para fazer uma campanha publicitária para uma nova gama de detergentes domésticos biológicos. Hannah levava-a a almoçar um dia e tivera uma experiência não muito diferente de se apaixonar, pela intensidade da ligação que tinham descoberto. Falaram sobre as suas vidas, os seus pais, onde tinham crescido. Roisin disse que se mudara de São Francisco para Nova Iorque sozinha aos dezanove anos e tivera três empregos ao

mesmo tempo até ter poupado dinheiro suficiente para pagar um curso de Marketing na NYU. Hannah adorara essa história: a imagem que evocava de uma Roisin determinada de dezanove anos. Na semana seguinte, quando tinham saído para beber copos e cambaleado para fora de um bar algures em East Village muito depois da meia-noite, Ro abraçara-a e dissera-lhe, com a voz um pouco arrastada, que não tinha conhecido ninguém de quem gostasse tanto desde o dia em que conhecera Ant.

E tinham sido eles a apresentar Hannah a Mark. Quando Ant conseguira a sua grande promoção no ano anterior, haviam decidido gastar o dinheiro extra a alugar uma casa de verão em Long Island. Já era tarde para começarem a procurar, mas após duas semanas tinham encontrado uma casa antiga, um pouco degradada, em Montauk, a poucos minutos a pé da praia. De vez em quando iam sozinhos, mas na maior parte dos fins de semana convidavam amigos da cidade. Perguntavam sempre a Hannah se ela queria ir, e ela ficava quase sempre com um dos dois minúsculos quartos das traseiras com cheiro a mar que davam para uma longa lagoa. Cerca de seis semanas após terem alugado a casa, ela chegou num táxi da estação e encontrou um homem alto de cabelo escuro a dormir na cadeira Adirondack no alpendre, o panamá de Roisin inclinado sobre os olhos, os grandes pés descalços a descansarem no caixote de madeira que usavam como mesa de bebidas ali fora, o resto de uma garrafa de cerveja *Sam Adams* a aquecer na mão. Estava tão profundamente adormecido que não tinha acordado nem quando ela deixara escapar a porta de rede e esta se fechara atrás dela com estrondo.

Tinham deixado um bilhete na mesa da cozinha a dizer que toda a gente estava na praia. Quando ela se dirigira para lá e encontrara Ro no lugar de sempre ao pé das dunas, perguntara quem era o homem.

— O Mark. Um novo amigo do Ant — respondera Roisin, inclinando-se para a frente a fim de atar as alças do biquíni vermelho. — Conheceram-se na despedida de solteiro do Harry há umas semanas e deram-se lindamente. Ele é um dos teus, por acaso... britânico.

— A sério? — Hannah aplicou protetor solar fator 25, sentindo os ombros já a arder. A luz era tão intensa que até através dos óculos escuros a praia parecia desprovida de cor. Era o dia mais movimentado daquele verão, a vasta extensão de areia branca totalmente coberta de grupos de pessoas na casa dos vinte e dos trinta a apanharem banhos de sol ou a jogarem vólei, casais a observar os filhos pequenos a correr ou a fazer buracos na areia. Os

casais mais velhos ocupavam cadeiras e liam *thrillers* de bolso. Ela viu Ant e Laura na água, uma velha amiga de faculdade deles, a tentarem manter-se em pé na rebentação. — Nunca tinhas falado nele.

— A sério? Pensei que tinha.

— Oh, como se não te lembrasses...

Roisin encolheu os ombros, arvorando uma expressão inocente.

— Espero que não estejas a fazer planos.

— Sobre o quê? Sei que não queres uma relação... pelo menos uma que seja séria.

— Qual é o problema das não sérias?

— Para mim, nenhum. E, francamente, se eu não fosse casada...

— Ele vive cá?

— Mais ou menos... Tem uma empresa de *software*. A sede é em Londres, mas têm um escritório em Tribeca e ele anda cá e lá. Costumava ter um apartamento, disse-nos ontem à noite, mas desloca-se tanto que os hotéis fazem mais sentido.

— Hum. — Não querendo fazer mais perguntas para não levantar suspeitas, Hannah mudou de tática e perguntou pelas últimas intrigas na EcoPure, um tema que iria com certeza fazer surgir o talento de Roisin para anedotas.

Ficaram na praia durante toda a tarde. Por volta das quatro e meia, Mark descera através das dunas. Vestira uns calções azuis largos e desbotados com golfinhos, e Hannah observou-o de trás dos seus óculos escuros enquanto ele descia a praia e entrava na água. Um *crawl* poderoso levou-o rapidamente para lá da rebentação. Ele nadou durante uns vinte minutos antes de sair da água e se sentar ao lado de Laura, a água a escorrer em fios através dos pelos do peito e das pernas. Roisin tinha-lhe apresentado Hannah e fizeram um ao outro as perguntas habituais: de onde és, o que fazes, para ver se tinham alguma coisa ou alguém em comum, que não era o caso. A voz dele era grave e quente, sem qualquer sotaque regional. Disse-lhe que tinha crescido em Sussex.

— E tu? — perguntou ele.

— Em Malvern.

— São muito distantes? — inquiriu Roisin.

— Em polos opostos. — Ele sorriu. — Anos-luz.

— Cerca de duzentos e cinquenta quilómetros, provavelmente — explicou Hannah. — Sussex

fica na costa sul; Malvern no centro.

— Pensei que Malvern ficava perto da Escócia.

Hannah olhou para Mark e revirou os olhos.

— Acredites ou não, a Roisin e eu somos boas amigas há cinco anos.

Ele riu-se.

Voltaram para a casa em grupo; ela, Laura e Ro à frente dos homens, e uma vez, voltando-se para dizer qualquer coisa a Ant, ela apanhou Mark a olhar para ela. A mesma coisa tinha acontecido quando, depois de se lavarem à mangueirada na zona relvada em frente da casa, estavam na cozinha a prepararem as coisas para levarem para a praia à noite. Ela olhou por cima quando estava a cortar o tomate para perguntar a Ro se devia fazer um vinagrete e encontrou os olhos dele. Hannah desviou o olhar primeiro, embora depois ele alegasse que fora o contrário.

A temperatura rondara os trinta graus durante o dia, mas descera depressa assim que o Sol começara a pôr-se, e soprava uma brisa surpreendentemente forte. Ant e Justin, outro dos seus velhos amigos de faculdade, tinham cavado um buraco raso na areia, enquanto os outros tinham percorrido a beira-mar a recolher madeira flutuante e os restos dos troncos trazidos para a praia das fogueiras do 4 de Julho no fim de semana anterior. Mark regressara das dunas com um ramo que tinha uns dois metros de comprimento, transportando-o aos ombros como um jugo.

Usaram-no como banco, sentando-se em fila a beber cerveja da geleira, enquanto o Sol desaparecia e o lume ficava suficientemente quente para assar as salsichas. Depois de terem comido, ele estendera-se na areia, a luz da fogueira a refletir-se nos planos do seu rosto, e contara uma longa história engraçada sobre a vez em que lhe tinham roubado a carteira no Rio de Janeiro; fora à esquadra apresentar queixa e quase acabara preso pelo próprio crime. De olhos escondidos pelo boné de basebol que tinha pedido emprestado a Ant, Hannah observara-o com uma sensação estranha no estômago.

Roisin e Ant estavam cansados e voltaram para casa logo depois de a última cor ter desaparecido do céu por trás das dunas, e o que Hannah suspeitara — que Justin estava a atirar-se a Laura, quer por interesse genuíno ou apenas pelo hábito de se atirar a mulheres — foi confirmado quando ele lhe pediu que fosse dar um passeio pela praia com ele. Para surpresa de Hannah, Laura tinha-se levantado e sacudido a areia dos calções sem hesitar. De repente, ela e Mark estavam sozinhos. Ele pusera mais lenha no lume e

sentara-se novamente na areia. A sensação no estômago de Hannah intensificou-se até quase parecer uma câibra.

— O Ant disse-me que és responsável pelo anúncio da granola que vejo sempre que ligo aqui a televisão — disse ele.

— O assassino dos cereais? Sim, receio que é verdade. É uma piada rasca, mas...

— Não, é ótima... engraçada. Parece que é um grande sucesso.

— Bem, os tipos da Grain Brothers estão satisfeitos... estão a vender doze vezes mais o *Harvest Bite*, portanto...

— Doze vezes mais?! Não admira que estejam satisfeitos. — Ele pegou num pau e agitou as brasas. — Foi isso que sempre quiseste fazer? Publicidade?

— Bem, não era um sonho de infância, mas, sim, desde a faculdade.

— E viver aqui?

— Isso *era* um sonho de infância.

— A sério? Para mim também. Eu costumava ficar sentado no meu quarto a pensar em maneiras de fazer isso acontecer.

— Isso é que é ser organizado! — Ela riu-se. — Eu só desejava que se concretizasse.

Tinham ficado a falar durante horas, vagueando na escuridão à procura de mais madeira sempre que o lume diminuía e, em seguida, voltavam às suas posições iniciais. Quando voltaram para casa, tendo o cuidado de não deixar a porta de rede bater, o relógio no fogão dos anos setenta indicava 2h42. Escusavam de se ter preocupado em não fazer barulho: Justin não estava a dormir no sofá. Na praia, tinham conversado sobre tudo: coisas sérias — para surpresa de Hannah, ela dera por si a falar-lhe sobre o divórcio dos pais — e coisas ridículas, como publicitar carne de cavalo, histórias da universidade, a tartaruga que ela e Tom tinham levado para as férias da família no sul de França. Além de Roisin, ela não conseguia lembrar-se de ter conhecido alguém que parecesse tão interessado nos pormenores da sua vida: os livros e músicas de que ela gostava, onde tinha crescido e estudara, onde vivera em Londres antes de se mudar para os Estados Unidos, até o trabalho do pai como professor na Universidade de Bristol.

— Não quero armar-me em Justin — dissera ele no escuro atrás dela enquanto atravessavam as dunas, o tojo a agarrar-se às calças de ganga —, mas será que... Estou em Nova Iorque para a semana. Gostavas de ir jantar uma noite?

Ela hesitou, os músculos do seu estômago a fazerem uma única contração dolorosa.

— Sim — respondera, a sua voz a ser levada para trás na escuridão. — Isso seria bom.

CAPÍTULO TRÊS

O vento causara bastantes estragos. Embora o quintal não tivesse muito mais que cinco metros quadrados, limpá-lo levaria tempo. Não eram apenas os montes de folhas caídas e os ramos partidos da cerejeira; o vento tinha trazido lixo — havia folhas de jornal molhadas e alguns pacotes de batatas fritas, e um saco de plástico branco ficara preso nos ramos mais altos da árvore, esfarrapado e a adejar. Hannah pegou na cadeira de madeira e pô-la direita, depois entrou em casa para ir buscar sacos de lixo e uma vassoura.

Eram onze e meia. Ligara a Tom e combinara encontrar-se com ele às oito naquele que se tornara o sítio habitual de ambos desde que ela tinha voltado, um pequeno restaurante um pouco afastado da rua em Chinatown, que fazia autêntica comida de Sichuan. O amigo de Tom, Zhang An, tinha-o recomendado e Hannah desconfiava que o irmão podia ser considerado tecnicamente viciado no frango Bang Bang.

Seria bom, pensou, vê-lo sozinha, sem a presença de Mark ou da mulher de Tom, Lydia, que levava a mãe a passar um fim de semana prolongado em Harrogate. As noites com os quatro eram divertidas, mas não era a mesma coisa. Ela gostava bastante de Lydia, mas Mark e Tom eram tão diferentes que, por vezes, a conversa acabava. Não havia problema; só que, para além dela, tinham pouco em comum. Mark, em particular, fazia um grande esforço, conversando com Tom sobre críquete no verão e agora sobre o campeonato de rãguebi — uma vez, antes de se encontrarem para jantar, ela apanhara-o no *site* dos Harlequins a ler todos os comentários para se preparar — mas eram tipos de pessoas muito diferentes. Tom dava aulas de inglês numa escola em Highbury e Mark geria a DataPro; Tom gostava de Thomas Pynchon e David Foster Wallace e de livros pequenos escritos por jovens atormentados e, a menos que ela lhe recomendasse alguma coisa, Mark lia não ficção — biografias de presidentes e empresários, história e economia — ou os clássicos da Penguin.

Arregaçou a manga e mergulhou a mão na pequena fonte, recolhendo a papa gelada de folhas mortas que estava a entupir o escoamento da água. Aquilo sempre a fizera rir. Até o termo «fonte» era hilariante. Os trabalhos de remodelação de Mark não se tinham estendido até ao jardim, onde ele fizera o mínimo possível, mantendo espaço suficiente para se sentar com uma bebida à noite. Ela assumira a responsabilidade pelo quintal durante o verão, quando

se mudara para lá, e ao cortar a trepadeira que ele deixara crescer de forma descontrolada, descobrira um pequeno rosto de pedra, com ar zangado, inserido no canto direito do muro mais distante. Investigando mais, percebeu que ainda funcionava, de modo que, quando era ligado o interruptor ao lado das portas envidraçadas, a água jorrava por entre os lábios de pedra amuados do querubim para a bacia rasa sob o seu queixo.

— Viste isto? — perguntou Hannah nesse dia, chamando Mark ao jardim.

— Vi — respondeu ele. — Daí a trepadeira.

— Vamos lá, é hilariante!

— É medonha. Parece que está no dentista, a cuspir para a bacia.

Depressa, volta a tapá-la antes que alguém a veja.

— Nem pensar... é engraçada. E funciona.

Mark fez uma cara não muito diferente da do querubim e pôs os braços em volta da cintura dela.

— Gosto de te ver no jardim — disse. — Combina contigo, rosa de Inglaterra.

Levantou a mão e tocou numa madeixa do cabelo dela que se soltara do nó frouxo em que o prendera quando estava a trabalhar. Ela era naturalmente loura, ficando mais morena no inverno, mas rapidamente aclarando de novo sob o sol, especialmente em torno do rosto. Nunca fizera *nuances* e sabia que ele gostava disso, bem como da sua aparência descontraída, que ele considerava uma estética deliberada. Uma das primeiras vezes que foram para a cama, Mark aproximara a cabeça da dela na almofada e acariciara-lhe o rosto.

— Tens maquilhagem? — perguntou.

— Um pouco. Pó, *eyeliner* e rímel. Mas, para ser sincera, não sou muito boa nisso. Vejo as nova-iorquinas impecavelmente maquilhadas e gostava de ser assim, mas...

— Porquê? — perguntou. — Tens um ar clássico, intemporal... não precisas de andar na moda.

Agora, agitando a mão dentro do saco do lixo até as folhas molhadas caírem, ela pensou que poderia parecer uma amante da vida doméstica a qualquer pessoa que a visse a trabalhar ali e não soubesse mais nada. Era surpreendente que, numa questão de meses, tivesse deixado de ser uma nova-iorquina assassina de orquídeas para se tornar uma londrina com um jardim inteiro a cargo, ainda que pequeno. Quando pensou na facilidade com que

podia não ter acontecido, a mudança pareceu-lhe particularmente surpreendente.

Na tarde de domingo do fim de semana em Montauk, pouco antes de voltarem à cidade, Mark tinha carregado o saco dela para o andar de baixo e perguntado se ela estava livre para jantar na sexta-feira. Respondera que sim e tinham combinado encontrar-se num bar em Chelsea. No entanto, à medida que os dias foram passando em Nova Iorque, ela começou a temer o jantar. A dor de estômago que sentira naquela noite na praia voltava sempre que pensava nisso, tornando-se cada vez mais forte com o passar da semana, e, finalmente, Hannah reconheceu que era causada por ansiedade. Sabia que se sentia fisicamente atraída por Mark — deu por si a pensar várias vezes na forma como o tecido macio da velha *t-shirt* dele se tinha esticado entre as omoplatas quando ele se agachara para atizar o lume — mas isso em si não era alarmante: estava na casa dos trinta, vivia em Nova Iorque, tinha encontros com homens, não era celibatária. O problema era que gostava dele — gostava realmente dele.

No fim, depois de uma noite às voltas na cama no ambiente refrescado pelo ar condicionado, enviara-lhe um *e-mail* na sexta-feira de manhã a dizer que o seu maior cliente tinha convocado uma reunião de última hora para essa noite, seguida de jantar com o patrão. *Sinto muito ter de fazer isto*, tinha ela escrito. *Talvez nos voltemos a encontrar em Montauk durante o verão?* Sabia que ele iria ler nas entrelinhas — *não sugiras outro dia* — e assim fora. Vinte minutos depois de ela enviar o *e-mail*, chegara a resposta: *Não te preocupes, entendo perfeitamente. Voltaremos a ver-nos um dia à volta da fogueira*. Ao lê-lo, o que ela sentiu não foi alívio por estar livre, mas sim um forte sentimento de perda.

Naquele dia saíra do escritório depois das sete e, sentindo-se ficar deprimida, fora de bicicleta de Midtown até à livraria McNally Jackson no SoHo. Tinha descoberto a loja quando se mudara para Nova Iorque uns anos antes e, sem conhecer quase ninguém, ganhara o hábito de ir lá à noite, comprar um livro e sentar-se no café com um copo de vinho, por vezes até a loja fechar. Estava sempre cheia e a clientela era interessante de ver e de ouvir; ela tinha visto primeiros encontros que tinham corrido mal e um em especial que corraera espetacularmente bem; pessoas a escreverem nos seus portáteis; pais na cidade a visitar os filhos que estudavam na Universidade de

Nova Iorque; pessoas a discutirem projetos de negócios para *start-ups* na Internet e centros de terapia holística. Também tinha ouvido alguns mexericos de primeira linha. Entre os livros e o movimentado café, a solidão que às vezes sentira no início, recém-chegada de Londres, tinha-se evaporado.

Naquela noite, ao prender com a corrente a sua bicicleta, o céu por cima de Prince Street estava a adquirir um tom rosa-pálido perlado. Era meados de julho e a cidade estava um forno; sentia o calor subir do passeio em torno dos seus tornozelos nus. Dentro da loja, passou quinze minutos a escolher um livro — o novo de Alan Hollinghurst, que ela tencionara comprar daí a uns meses em capa mole, mas que importava? Precisava de se animar. Depois, pediu um copo de vinho ao balcão e levou-o para uma mesa à janela que ficara desocupada. As janelas estavam abertas para a rua e ela ouvia trechos das conversas dos transeuntes e música vinda dos carros que seguiam até aos semáforos na Lafayette. Na mesa em frente, uma negra glamorosa com vinte e muitos anos, segundo Hannah, num vestido de seda com uma faixa vermelha, falava com um dos empregados, preparando-se para descer e ler um excerto do seu novo romance.

O vinho era seco e estava frio, e em breve ela deixou-se absorver pela leitura de Hollinghurst. Começara a soprar uma leve brisa, cortando a humidade e agitando os cabelos curtos na base do seu pescoço, pois sentara-se de costas para a janela. Ouviu aplausos vindos do andar de baixo, onde decorria a leitura.

Estava a meio do copo quando levantou os olhos do livro. Na direção da porta principal da loja, a olhar para os livros na mesinha dos novos títulos de não ficção, estava um homem que, de trás, pelo menos, parecia mesmo Mark. Vestia fato, mas tinha tirado o casaco e a gravata. Era da mesma altura que Mark, tinha a mesma constituição e o cabelo era igual: castanho-escuro, curto na parte de trás, mais comprido em cima, onde começava a encaracolar. O homem pousou o livro que tinha na mão e contornou a mesa, e o coração de Hannah bateu com força no peito. Era ele — *era* mesmo Mark. Merda — *merda*. Pensou no seu *e-mail*, na mentira descarada. *Oh, merda*. Uma coisa era inventar uma desculpa para fugir de um tipo que se conheceu num bar, mas mentir aos amigos dos amigos, especialmente aos amigos de Ant e Roisin, era outra completamente diferente.

O que devia fazer? Ficar quieta e esperar que ele não a visse, ou levantar-se e ir-se embora imediatamente, antes dele...? Mas tal como ela o via

perfeitamente agora, pois a distância entre eles não era superior a três ou quatro metros, se ele levantasse a cabeça também a veria perfeitamente. Se ela ficasse quieta e enterrasse a cabeça no livro, talvez conseguisse safar-se. Se se levantasse para sair, o mais provável seria chamar a atenção.

Durante dois ou três minutos, observou-o disfarçadamente por cima do livro, desejando ter o cabelo solto para poder deixá-lo cair sobre o rosto. Pelos vistos, ele estava mesmo à procura de alguma coisa para ler; pegava num livro, lia a parte de trás ou a badana ou até, por duas vezes, as primeiras páginas, antes de voltar a pousá-lo e estender a mão para outro. Era angustiante — quando iria ele escolher alguma coisa e sair dali, pelo amor de Deus? O estômago dela estava de novo a doer, mas desta vez devido ao medo de ser descoberta.

Por fim, depois de talvez cinco ou seis minutos, ele escolheu um livro e levou-o para o balcão no lado oposto da loja. Hannah deixou escapar um longo suspiro em silêncio e bebeu um grande gole de vinho. O balcão ficava mesmo em frente à porta principal: ele sairia sem a ver; estava safe. Respirando com mais facilidade, mas ainda cautelosamente, ela voltou a enterrar a cabeça no livro, olhando por cima só mais uma vez para vê-lo guardar o troco e meter a sua nova aquisição debaixo do braço.

Um minuto mais tarde, porém, a luz à sua direita foi bloqueada e ela apercebeu-se de alguém em pé junto à mesa. Olhou para cima lentamente. Calças cinzento-carvão. Uma camisa branca com riscas finas, claramente dispendiosa.

— Olá — disse ele. — Bem me pareceu que eras tu.

— Meu Deus, Mark... uau! Olá. — Hannah sentiu o sangue afluir ao rosto.

Ele sorriu.

— Pensámos o mesmo. — Indicou o copo dela, já quase vazio. — Vinha fazer a mesma coisa.

— A sério? Certo, sim, este sítio é ótimo, não é? Adoro cá vir.

— Eu também. É bom? — Apontou para o livro dela.

— Ainda agora comecei, mas sim, acho que sim. É um dos meus escritores preferidos.

— Li o que ganhou o Booker, mas não sou um grande leitor de ficção, lamento dizer. Mas gostei desse, apesar de tudo. — Ajustou a posição do saco debaixo do braço, de forma a ficar mais seguro, e olhou para o balcão. — Vou buscar um copo de vinho. Queres outro?

Hannah hesitou, mortificada. Ele teria todo o direito de se sentir bastante chateado com ela mas, apesar da mentira descarada, não parecia guardar-lhe qualquer tipo de rancor. O mínimo que ela podia fazer era retribuir a cortesia.

— Bem, se tens a certeza...

— Tenho.

Hannah observou-o enquanto ele esperava. Parecia bastante descontraído, dizendo qualquer coisa ao tipo barbudo atrás do balcão que o fez rir enquanto enchia os copos. Mark levou-os para a mesa e pousou um deles com cuidado.

— Obrigada — disse ela —, é muito simpático da tua parte. Olha, não te sintas... quero dizer, se vieste à procura de um pouco de paz e de ler... mas se quiseres. — Indicou a cadeira vazia.

— Só se tiveres a certeza de que não te estou a interromper.

— Não, não. — Ela abanou a cabeça. Quando ele puxou a cadeira, ela aproveitou a oportunidade para desembuchar. — Olha, lamento muito por esta noite... foi uma confusão. O cliente exigiu a reunião de última hora, mas depois ligou ao almoço a cancelar. Parece que a mulher do chefe desenvolveu um abcesso, de repente, e ele quis ficar com ela em Boston. — *Céus, Hannah, de onde vem isto? Um abcesso?*

— Não te preocupes. — Mark acenou com a mão. — Coisas dessas estão sempre a acontecer-me. Às vezes sinto que é impossível ter uma vida social normal. Uns amigos meus de Londres ficam mesmo furiosos comigo por estar sempre a deixá-los pendurados.

— Sei como te sentes.

Ele bebeu um grande gole.

— Então não vais a Montauk este fim de semana? Normalmente vais, não é?

— Normalmente... adoro a praia... Mas tenho uma coisa amanhã à noite, portanto não posso. — Ela sorriu. — O meu assistente toca numa banda, é o baterista, e têm um concerto em Williamsburg. Prometi-lhe que iria, que seria uma *groupie*.

Ele bebeu outro gole de vinho e ela reparou na forma como os seus dedos longos se enrolavam em volta do caule delicado.

— Parece giro.

— Bem, eles acabaram de se formar, daí a necessidade de apoio, mas as minhas fontes no escritório dizem-me que são muito bons.

A leitura terminou no andar de baixo e um novo afluxo de pessoas

inundou o café, ocupando os últimos lugares vagos. A autora que estivera a ler encontrava-se também ali, rodeada por homens com tatuagens e *t-shirts* com frases irónicas que competiam para impressioná-la com perguntas sérias, reverentes.

— Sabes, quando abrimos o nosso escritório em Nova Iorque e eu vivia aqui a tempo inteiro, sem andar cá e lá — disse Mark —, costumava vir muito a esta livraria. Gostava de comer qualquer coisa e beber um copo de vinho... era muito melhor do que ficar em casa sozinho.

— Provavelmente partilhámos uma mesa — disse ela, embora soubesse que se teria lembrado caso isso tivesse acontecido. — Eu costumava fazer exatamente a mesma coisa. Ainda faço às vezes, se fico inesperadamente com a noite livre. Como hoje.

— Eu também. Como hoje.

— Desculpa. — Ela fez uma careta.

Mark revirou os olhos.

— Por favor... — Ele inclinou a cabeça na direção da escritora e dos seus acólitos tatuados. — O que achas? Algum deles tem hipótese?

Ele era uma companhia muito agradável e a conversa fluíu de forma tão natural como na praia. Mais uma vez, ele concentrou-se quase inteiramente nela, fazendo perguntas sobre o seu trabalho, a sua família. Terminaram o vinho e Hannah comprou outra rodada. Ao chegar de novo ao fundo do copo, começou a sentir-se agradavelmente tonta e percebeu que estava a divertir-se mais do que se divertira com alguém que não fosse um amigo ou o seu irmão nos últimos sete anos. Afastou rapidamente esses pensamentos.

— Apetece-te comer qualquer coisa? — perguntara Mark quando na rua surgira a típica luz crepuscular de Manhattan que fazia tudo parecer mais nítido e colorido. — Não comi grande coisa ao almoço e se beber mais um copo com o estômago vazio, vou começar a dizer disparates.

Lá fora, ele esperou enquanto ela abria a corrente da bicicleta — ficara impressionado, disse, por ela andar de bicicleta em Manhattan — e dobraram a esquina para Mulberry Street, a bicicleta a fazer o ruído de fundo. Foram a um *diner* italiano que ele disse ter tido boas críticas na revista *New York*, ocuparam os dois bancos no lado mais curto do balcão e pediram sanduíches de frango com parmesão, aproximadamente com o dobro do tamanho de qualquer sanduíche que Hannah já vira.

— E nos dias de hoje ter uma crítica dessas é notável — dissera ela.

Discutiram a campanha em que Hannah estava a trabalhar para um novo

fabricante de *snacks* saudáveis, e ela perguntou-lhe como e quando ele criara a empresa. Depois disso, não conseguia lembrar-se realmente do que tinham conversado, embora tivesse a sensação de que tinham falado como pessoas que se conheciam há vinte anos sem nunca terem ouvido as melhores histórias um do outro. A tensão voltou ao estômago de Hannah, mas não era ansiedade ou constrangimento; era a reação de estar perto dele, tão perto naqueles bancos que os seus joelhos quase se tocavam. Ela observara as mãos dele a segurarem a sanduíche e a abrirem a garrafa da cerveja no balcão de fórmica, e desejara — fora uma sensação real, física — estender a mão e tocar-lhe.

O relógio atrás do balcão marcava meia-noite quando ele se virara para ela com um olhar sério.

— Diz-me lá: aquela conversa sobre a reunião de última hora foi uma treta para te livrares de mim, não foi?

Ela mordera o interior da bochecha, tentando não se rir, e olhara-o diretamente nos olhos.

— Sim — admitira.

Ele abanara a cabeça.

— Nem sequer tens remorsos. Aquela parte do abcesso foi um belo pormenor, a propósito.

Hannah tinha começado a rir.

— Talvez eu possa compensar-te — dissera ela, estendendo a mão para o copo — convidando-te para um concerto em Williamsburg amanhã à noite? Parece que a banda é excelente.

CAPÍTULO QUATRO

O vento tinha rasgado o saco de polietileno em cem pedaços, fazendo-o parecer o resto de uma criatura de Halloween presa entre os ramos da cerejeira. Hannah estava no degrau mais alto do escadote a cortá-lo com a tesoura de cozinha quando ouviu o telemóvel em casa. Considerou ignorá-lo, mas depois pensou que podia ser novamente Mark e desceu para ir atender.

Quando o fez, no entanto, não era Mark, mas sim Neesha.

— Olá, como está? Desculpe ter levado tanto tempo a ligar-lhe... só agora olhei para o telemóvel. Levámos o Pierre à natação esta manhã e depois fomos para casa dos pais do Steven. Deve ter ligado enquanto estávamos na piscina.

— Não se preocupe com isso. Desculpe ter-lhe ligado sequer, especialmente ao fim de semana. Só estava a tentar localizar o Mark, mas está tudo bem, já tive notícias dele. Ligou-me de Nova Iorque há cerca de uma hora.

— Nova Iorque? — Neesha parecia confusa.

— Sim, ele perdeu o avião ontem e fiquei preocupada porque não tinha notícias, mas acontece que ele se esqueceu do telemóvel num táxi.

Neesha não disse nada e Hannah sentiu-se franzir a testa.

— Está tudo bem? — perguntou.

Outra pausa, momentânea mas perceptível.

— Sim.

— Tem a certeza?

— Sim. Quero dizer, claro.

A confusão do outro lado da linha era quase palpável.

— O que foi? — insistiu Hannah.

— Nada.

— Não, vá lá...

Neesha hesitou novamente.

— Realmente, não é nada — disse ela. — Eu... devo ter-me baralhado de novo, só isso. Não pensei que ele estivesse em Nova Iorque.

— Onde pensava que ele estava? — Outra pausa. — Neesha?

— Olhe... pensei que vocês iam para Roma este fim de semana.

— Roma? — Hannah encostou-se ao balcão da cozinha. — Vocês? Quer dizer, o Mark e eu?

— Achei que ele disse que a ia levar. Para lhe fazer uma surpresa. —
Neesha suspirou fundo. — Meu Deus, Hannah, desculpe. Fiz porcaria, não fiz? Confundi o fim de semana, obviamente, e agora dei cabo de tudo. Merda, o Mark vai matar-me!

— Não, Neesh...

— A culpa é minha... estou metida numa série de coisas. Adoro os projetos que ele me deu e quero fazê-los bem... muito bem... mas não consigo fazer isso e ao mesmo tempo o trabalho de assistente, não como deve ser, em especial quando tenho de sair mais cedo para ir buscar o Pierre. Este não é o primeiro erro estúpido que cometo. Olhe, desculpe perguntar, mas... será que isto podia ficar entre nós? Sei que não tem razão para isso, depois de eu lhe ter estragado a surpresa, mas se...

— Não se preocupe, está tudo bem — tranquilizou-a Hannah. — A culpa é minha... não devia tê-la pressionado. De qualquer forma, detesto surpresas, portanto fez-me um favor. É o nosso segredo.

No quintal, Hannah subiu novamente o escadote, mas a sensação de descontração desaparecera e fora substituída por um estranho pressentimento.

Qual era o problema dela? Estava tudo bem. Mark encontrava-se em segurança, e provavelmente prestes a assinar um novo contrato que iria fazer a diferença para a venda da empresa, o que em si significava que poderiam passar mais tempo juntos no futuro. Ele estaria em casa na terça-feira e, se pudesse tirar a tarde, fariam alguma coisa gira, prometera-lhe. E nessa noite ela ia jantar com Tom, só os dois, e há quanto tempo é que não fazia isso? Estava tudo bem, ótimo, na verdade.

Começou a cortar pequenos ramos mortos e os que se tinham partido com o vento, largando-os no chão. De repente, recordou o que Neesha dissera: *Pensei que vocês iam para Roma este fim de semana. Achei que ele disse que a ia levar. Para lhe fazer uma surpresa.* «Oh, pelo amor de Deus, Hannah», disse a si mesma, «foi apenas um engano.» Não fora o que Neesha dissera? Não tinha dito que cometera outros desde que começara a gerir a sua nova carga de trabalho? Ela era como qualquer outra mãe que trabalhava fora de casa, a tentar fazer tudo e, de vez em quando, a enganar-se sob pressão. Quanto a Hannah, iria enlouquecer se começasse a preocupar-se com coisas dessas.

Mas, disse uma voz calma, *há outra coisa, não há?* No início da semana

anterior — teria sido segunda ou terça-feira? —, Mark estivera a trabalhar uma hora no seu escritório antes do jantar e ela levava-lhe um gim tónico. Ao subir as escadas tinha-o ouvido falar, mas ao abrir a porta ele virara-se rapidamente — *deu um salto*, disse a voz; *ele deu um salto* — e desligara de repente sem se despedir, pelo menos pelo que ela conseguira ouvir. Quando lhe perguntara quem era, ele respondera «o David Harris» e ela ficara admirada: o sócio só se tinha juntado à DataPro há um ano e, pelo que ela tinha visto, o relacionamento entre os dois era bastante formal; não teria pensado que desligavam o telefone um ao outro de um modo tão brusco.

Na altura, não dera grande importância ao facto. Podiam muito bem ter-se despedido quando ela girara a maçaneta: a porta estivera fechada e ela não conseguira ouvir as palavras de Mark com clareza. E ele dera um salto porque ela o surpreendera: acontecia quando não se estava à espera de uma pessoa. Enfim, o que sabia ela realmente sobre a forma como ele e David falavam ao telefone? Passavam a vida a falar um com o outro... era natural que o ambiente entre os dois se tivesse tornado mais informal.

Além disso, ela confiava em Mark. Não havia nenhuma razão para não confiar — ele nunca lhe dera a menor razão para pensar que podia estar interessado noutra pessoa ou até que considerava outras mulheres atraentes. No ano e meio desde aquele dia na praia em Montauk, ela nunca o tinha visto olhar com interesse para uma mulher bonita que entrava num restaurante ou passava por eles na rua. Mesmo na Grécia durante o verão, ele parecera alheio às belas italianas e suecas morenas que iam até à água nos seus biquínis minúsculos.

Sentia-se muito segura com ele; era uma das razões por que soubera que o seu relacionamento era o certo — por que se permitira envolver-se. Mark não era perfeito, obviamente. Quem o era? Havia momentos em que estava cansado e pouco comunicativo, o que a incomodava se tivesse passado o dia sozinha e quisesse falar, e uns dois meses antes, ele ficara fora até tarde nos copos com um velho amigo da faculdade, Dan Kwiatkowski, quando ela estava em casa com um problema de estômago, o que Hannah achara um pouco insensível, mas isso eram tudo coisas menores, mesquinhas. Tinha a certeza absoluta de que ele a amava. Fazia as coisas mais fáceis — elogiava-a pelas roupas novas, dizia-lhe que ela era bonita — mas geralmente era mais prático nas suas demonstrações de amor. Pouco antes do Natal do ano anterior, na altura da grande tempestade de neve em Nova Iorque, ela chegara a casa do trabalho e encontrara-o de joelhos no passeio a pôr

correntes de neve nos pneus do seu carro.

— Oh-oh — fizera Roisin quando Hannah lhe contara —, apanhaste-o. Essas mulheres que querem perfumes e malas de marca no Natal... é quando desembrulhas anticongelantes e alarmes de incêndio que sabes. Quando um homem começa a reear que alguma coisa te aconteça é quando ele realmente te ama.

Como descrever a forma como Mark a tratava? Ele... estava do lado dela. Era difícil imaginar alguém a apoiar mais os seus esforços para arranjar um novo emprego, por exemplo. Ele ouvira-a durante horas enquanto discutiam ideias e oportunidades e, recentemente, lhe contava as suas preocupações. «Tem fé», dissera ele de novo ao telefone nessa manhã. Ela começara a sentir-se bastante abatida com aquilo tudo, mas a confiança dele não vacilava.

Hannah abanou a cabeça como se isso pudesse ajudá-la a voltar à realidade. Estava a ser ridícula: eles amavam-se. E de que servia um casamento sem confiança? Sentiu algo parecido com fúria: recusava-se terminantemente a ser como a mãe, a permitir que a insegurança desgastasse o seu casamento até que se desmoronasse, completamente minado.

Terminou o serviço, desceu o escadote e enfiou a madeira velha num saco do lixo. Recolheu os pacotes de batatas fritas e as folhas encharcadas de jornal dos cantos do pátio, depois começou a varrer, raspando com a vassoura as pedras para soltar as folhas molhadas.

Pensei que vocês iam para Roma este fim de semana. Achei que ele disse que a ia levar. Para lhe fazer uma surpresa.

A voz na sua cabeça começou a falar novamente: *E se, quando foste ao escritório dele na semana passada, o apanhaste a fazer planos para ir a Roma? E se tudo o que ele disse esta manhã (perder o avião, perder o telemóvel, adormecer) tiver sido mentira? Havia uma série de razões convenientes, não havia, para ele não ter sido capaz de entrar em contacto contigo?*

Cala-te, disse ela à voz. Cala-te com as tuas insinuações desleais e vis.

Roma, disse a voz novamente. *Uma surpresa.*

Uma surpresa: apesar da sua resistência, a palavra não a largava. Estivera Mark realmente a planear um fim de semana surpresa? Ele organizava muitas vezes coisas giras para fazerem — nos últimos tempos começara a gostar quase tanto de teatro como ela, e ainda na semana anterior tinha comprado bilhetes para *La Bohème* em Covent Garden — mas nunca o fazia sem lhe perguntar primeiro. Hannah apreciava isso nele: sempre achara que havia

uma certa presunção nas pessoas que faziam surpresas aos seus cônjuges, esperando que eles largassem o que estavam a fazer de um momento para o outro. Tinham falado disso, por acaso, e Mark concordava com ela.

Ela continuou a trabalhar durante mais dez minutos, tentando distrair-se, mas a sua voz interior recusava-se a ficar em silêncio. Por fim, desistiu e voltou para a cozinha. Bebeu um copo de água da torneira, sentou-se à mesa e procurou no Google o número do W Downtown, o hotel onde Mark ficava sempre quando estava em Nova Iorque. Marcou o número no telemóvel e ficou a olhar para ele durante alguns segundos. Devia? Não podia — isso iria torná-la tão má como a mãe, sempre a espiar às escondidas. Mas ela não estava a fazer nada às escondidas, pois não? Estava a ligar para o marido num hotel e pediria para lhe transferirem a chamada para o seu quarto. Fazia-o para silenciar a voz irritante na sua cabeça; mais nada. Fazia-o para provar o que já sabia: que não tinha nada com que se preocupar.

Premiu o botão e ouviu os números serem marcados. Passaram dois ou três segundos e então começou a tocar. Após mais alguns segundos de música pirosa, uma voz automatizada disse-lhe que um «funcionário» estaria em breve disponível para «satisfazer os seus desejos». Mais música horrível, e, em seguida, a chamada foi atendida. Fora parar ao serviço de reservas, mas explicou o que queria e o funcionário passou-a para a receção do hotel.

— Mark Reilly? — perguntou a rececionista. — Por favor, aguarde.

Hannah esperou, já a sentir-se melhor. Falaria com ele rapidamente, dir-lhe-ia que o amava, então voltaria lá para fora descansada.

— Estou?

— Sim.

— Lamento — disse a rececionista —, mas não temos nenhum hóspede com esse nome neste momento.

— Oh. — Por um momento, Hannah ficou completamente atordoada. O silêncio prolongou-se.

— Posso ajudá-la em mais alguma coisa?

— Peço desculpa, mas não se importava de verificar novamente? Eu tinha a certeza de que o meu marido estava hospedado aí este fim de semana... falei com ele esta manhã.

Houve outra pausa momentânea, o clique das teclas do computador.

— Não, lamento — disse a mulher: — Tenho a certeza de que não temos nenhum hóspede chamado Reilly neste momento. Talvez ele esteja num dos nossos outros hotéis em Manhattan...?

— Claro, sim, com certeza. Vou ligar para eles. Obrigada.

Desligou e pousou o telemóvel na mesa. Podia sentir o coração a martelar. Mark ficava sempre naquele hotel porque era o mais próximo de Wall Street, onde a maioria dos clientes da DataPro tinha os escritórios, e de qualquer forma, nunca ficaria em Midtown porque detestava a zona, devido à confusão e aos turistas. *Mas e se teve de ficar lá?*, argumentou uma parte diferente do seu cérebro. E se tivesse tentado regressar ao hotel depois de ter perdido o avião e não houvesse quartos disponíveis?

Sentindo-se um pouco mais positiva, abriu de novo o portátil e encontrou os números dos outros Ws. Já havia três, em Union Square, em Times Square e na Lexington. Um a um, subindo no mapa, ligou para todos, mas todos os rececionistas lhe deram a mesma resposta: nenhum hóspede com esse nome.

Mark chamava ao escritório o seu ninho. Fizera-o no antigo sótão, cujo telhado era inclinado de ambos os lados, tornando-o parecido como uma tenda ou uma casa na árvore. As escadas para lá eram íngremes e as janelas davam para uma paisagem de chaminés, antenas normais e parabólicas, para a torre da igreja em Studdridge Street e para os prédios a sul, do outro lado do rio. O mobiliário era simples: uma cadeira de vime *Lloyd Loom* onde se sentava a ler, um tapete turco antigo e a sua bela secretária georgiana com o tampo de couro original.

Abriu a gaveta comprida por cima do espaço para os joelhos, tentando não pensar no que estava a fazer. Sem ideia do que procurava, vasculhou o conteúdo: agrafos, canetas, metade de uma embalagem de *Extra Strong Mints*, uma papoila de papel do Dia do Armistício, uma caixa de fósforos *Swan Vestas*, os restos frágeis de um trevo de quatro folhas que ela tinha encontrado e lhe dera. Viu o passe dele do Ladies' Day no Royal Ascot, em junho, onde levara alguns clientes; uma cassete antiga, «Hendrix» escrito a caneta de feltro na etiqueta; algumas moedas de euro, e um cão azul muito esquisito feito em barro pelo seu afilhado Charlie, o filho de Dan e Pippa, cozido no forno e dado a Mark algumas semanas antes.

Inclinando-se, revistou as gavetas uma a uma. Três estavam vazias, uma tinha uma caixa de charutos cheia de cliques e esferográficas *Bic*, e outra continha números antigos da *Prospect* e da *Economist*. Passou as mãos pela parte de trás das gavetas e pelos cantos, mas não havia nada a sugerir um caso ilícito, nenhuma fotografia escondida ou anotações à mão, nada de

cartões de visita de hotéis onde ele tivesse estado sem o conhecimento dela. Na verdade, não havia nada de suspeito ou desagradável, nem sequer um exemplar de *Hot Babes*. Aliviada, ela riu-se da ideia. Não conseguia imaginar Mark a comprar pornografia — muito pouco refinado para ele.

A única coisa que a surpreendeu foi o facto de a gaveta inferior direita estar vazia. Era ali, ela sabia, que ele guardava a velha caixa-arquivo com os documentos financeiros; mostrara-lha duas semanas antes de casarem, «para o caso de eu ser atropelado por um autocarro». Graças a Deus, ela nunca tivera de a abrir, e guardava os seus documentos à parte, na secretária da sala de estar, na pasta acordeão que sempre usara.

Olhou em volta, mas a caixa não se encontrava em lado nenhum. Ele devia tê-la tirado para pagar contas ou transferir algumas das suas poupanças, mas onde a teria colocado? Ela não a vira em casa, mas isso não era de admirar: ele tratava de toda a sua contabilidade pessoal ali naquela secretária. Durante alguns minutos, a voz na sua cabeça estivera misericordiosamente silenciosa. Agora começava a sussurrar de novo: *Onde está o arquivo? Porque o levaria ele deste escritório?*

Sentou-se na cadeira e apoiou a cabeça nas mãos por um momento, com os dedos nos ouvidos como se pudesse bloquear a voz. Estava estarecida consigo própria — comportava-se exatamente como a mãe nas semanas finais antes de o pai sair de casa. A ligar para hotéis... a revistar gavetas. Era tão sórdido, tão... desprezível. Hannah tinha prometido a si mesma que nunca iria tornar-se esse tipo de pessoa.

Onde está o arquivo?, perguntou a voz.

«Muito bem», disse-lhe ela, já irritada, «muito bem, vou procurá-lo. \bu procurá-lo, encontrá-lo, e, em seguida, o mistério vai acabar, não vai?» Levantando-se, deu uma última olhadela em volta e, em seguida, desceu as escadas, indo verificar o quarto deles e os dois quartos vagos. O arquivo não estava lá nem na sala de estar, sob a mesa de café ou na secretária ou em qualquer uma das prateleiras. Na cozinha, foi ao ponto de verificar gavetas e armários, mas não o encontrou em lado nenhum.

O relógio do fogão marcava 13h20; devia almoçar agora se queria ir jantar com Tom mais tarde.

No entanto, não tinha fome. Voltando a calçar as luvas, regressou ao jardim e começou a arrancar as ervas daninhas e os longos fios de erva que nasciam na manjedoura, agora vazia, onde cultivava o tomate e na base dos arbustos junto ao muro. Ao fim de cinco minutos, parou.

Onde estaria Mark? Em Nova Iorque, disse a si mesma; a coisa de Roma fora apenas um engano de Neesha. Obviamente, desta vez ele ficara noutro hotel, ou, depois de ter perdido o avião, não conseguira arranjar outro quarto lá e instalara-se noutro lado.

Mas se é esse o caso, argumentou a voz no seu ouvido, *não devia ele ter dito em que hotel está, especialmente uma vez que perdeu o telemóvel e o telefone do hotel é a única maneira de falares com ele?* E por que diabo não lhe tinha ela perguntado? Mas por outro lado, raciocinou, porque haveria de o fazer? Partira do princípio de que ele estaria no W; não tivera razão para pensar o contrário.

Lembrou-se do telefonema que interrompera, da expressão sobressaltada de Mark quando ela abrira a porta do escritório. E agora os papéis desaparecidos. Endireitou as costas, pôs os ombros para trás e respirou fundo várias vezes, devagar. O sol escondera-se atrás de uma nuvem e, sem ele, o ar estava tão frio que lhe queimou o interior das narinas. Estava a ser ridícula, tão histérica como a mãe na sua fase mais ultrajante. Hannah amava o marido e sabia que ele a amava. Confiava nele e não havia razão para não confiar.

No entanto, compreendeu com um sentimento de inevitabilidade que, tendo deixado entrar o elemento de dúvida, teria agora de encontrar o arquivo. Até poder olhar para os extratos bancários dele e ter a certeza de que não os escondera para ocultar provas de dinheiro gasto em hotéis e jantares e presentes para outra pessoa — viagens a Roma —, a voz irritante na sua cabeça não iria calar-se.

CAPÍTULO CINCO

Os escritórios da DataPro ocupavam dois andares num edifício moderno recuado do rio em Hammersmith, nos jardins imaculados de um parque empresarial. Começara ali, dissera-lhe Mark, com duas salas: o seu gabinete e outro para os dois programadores. Inicialmente, tinha arrendado o espaço mês a mês, mas à medida que a empresa crescera, e continuara a crescer, o espaço de escritório tinha aumentado com ela e Mark adicionara primeiro a sala do outro lado do corredor, depois a outra a seguir, e a outra. A empresa *start-up* que se mudara para o edifício ao mesmo tempo e que, num excesso de confiança, assinara um contrato de arrendamento de dez anos no andar de cima, tinha ido à falência em 2001, e a DataPro ocupara o espaço dela e estendia-se agora por um *duplex* com mais de mil metros quadrados.

Deixou o carro em Manbre Road e foi até à entrada do parque. Não havia nenhuma segurança na entrada aos sábados. Passou pela ponta da cancela fechada e seguiu pelo caminho alcatroado até chegar ao relvado que se estendia desde a base do edifício da DataPro até ao passeio à beira do Tamisa. Já alguém limpara as folhas do relvado naquele dia, reparou ela: embora o vento noturno tivesse deixado os vidoeiros-prateados quase nus, praticamente não havia uma folha caída à vista.

A luz fria do sol refletia-se nos catorze andares de vidro espelhado do edifício e nos lagos das fontes que ladeavam a entrada principal. «Despacha isto de uma vez por todas», disse a si mesma. «Vai até lá acima, olha, depois vai para casa e esquece o assunto.» Lançou um último olhar ao rio, depois entrou pelas portas giratórias.

O átrio era um grande espaço com chão de mármore, de cujo teto alto pendia uma escultura de aço que a fez pensar em lixo espacial, um daqueles satélites moribundos condenados a orbitar a Terra para sempre. A zona dos elevadores ficava na parede de trás, mas antes havia vários torniquetes. Sem um passe, não havia maneira de entrar. No entanto, Tony, um dos porteiros habituais, estava na receção, a sua bela cabeça grisalha inclinada sobre as páginas desportivas do *Mirror*. Ela vira-o em várias ocasiões, a primeira quando viera de visita de Nova Iorque e Mark a trouxera a conhecer o pessoal da DataPro, e depois com bastante regularidade desde que se mudara para Londres. Tony fora contratado pelo edifício, não pela DataPro, mas Mark tinha-os apresentado da primeira vez e o porteiro reconhecia-a sempre.

— Senhora Reilly? — Ele levantou os olhos do jornal e sorriu-lhe. O ar estava frio no átrio e o porteiro vestia o uniforme de inverno, uma camisola de lã com nervuras e o nome da empresa bordado sobre o coração. — Que prazer inesperado!

— Como está, Tony?

— Vou andando, obrigado, não me posso queixar. Que tempo horrível a noite passada, hein? Atravessei Bishops Park quando vim para cá esta manhã e o chão estava cheio de ramos partidos.

Hannah fez uma careta.

— Sim, acabei de limpar o meu quintal.

— Bem, aqui está tudo sob controlo. Os jardineiros estiveram cá esta manhã e os jardins estão como novos. — Observou-a como se a notícia devesse deixá-la aliviada, como se a desarrumação exterior pudesse representar algum tipo de ameaça para o negócio de Mark.

— Que bom. Tony, será que posso ir lá acima um instantinho? O Mark está fora este fim de semana, mas temos uma reunião com o gerente do banco na segunda-feira logo de manhã e o Mark acabou de me dizer que deixou toda a papelada no seu gabinete. Importa-se?

— Bem, é contra as regras — disse ele. — Sem um passe, ninguém pode passar pelos...

— Imagino, e lamento ter de pedir... mas é que...

— Oh, estou a brincar consigo. — Ele piscou-lhe o olho. — Claro que pode subir. O senhor Harris veio hoje, mas saiu para almoçar. Eu digo-lhe que a senhora está cá se ele voltar antes de se ir embora. — Tony levantou-se de trás da mesa e foi até à porta de segurança de vidro fumado, que abriu com um cartão preso ao cinto. — Aí está.

O elevador levou Hannah silenciosamente até ao sétimo andar, onde ela saiu para o átrio. A secretária da rececionista estava vazia, é claro, e não havia luzes acesas na fila de gabinetes atrás da parede de vidro à sua frente. No andar de cima, com certeza estariam a trabalhar pelo menos alguns programadores. Mark pagava bons prémios pelos projetos concluídos antes do tempo, o que significava que os programadores trabalhavam todo o dia, semanas e fins de semana. O andar deles era muito mais descontraído do que este. Não era Silicon Valley, mas havia uma grande sala com sofás e pufes, matraquilhos e *snooker*, e um armário cheio de bebidas com cafeína e açúcar e *snacks* letais. Vários programadores estavam na casa dos vinte e havia uma certa atmosfera universitária lá em cima.

Por outro lado, este andar era mais institucional, o rosto da DataPro que os clientes viam. Aqui tudo era luz. As secretárias eram grandes e sem papelada, com computadores que eram substituídos anualmente, e as paredes que não eram de vidro estavam pintadas de creme. Os tapetes eram cor de areia, e todo o andar estava enfeitado com bambus exuberantes e outras plantas suculentas com folhagem verde-escura que ela nunca tinha visto. Tinha um ambiente de praia, quase tropical.

O escritório de Mark ficava ao fundo do corredor. Era o mesmo que ele sempre tivera, dissera-lhe, uma das duas salas originais. Quando ela perguntara, admirada, se não fora tentado pelo gabinete de canto muito maior com vista para o rio, ele dissera que aquele tinha valor sentimental, e era suficientemente grande e elegante para as reuniões com clientes se não quisesse usar a sala de reuniões.

Hannah abriu a pesada porta de vidro e entrou. A parede externa também era de vidro e oferecia uma vista para os telhados de Hammersmith. Logo abaixo ficava a entrada do edifício e, a seguir, o relvado, mas se uma pessoa estivesse quase no canto e olhasse para a esquerda, podia ver o rio. Se tivesse tido a oportunidade de ficar com o gabinete de canto, ela teria logo aproveitado, pensou. O rio não era especialmente bonito ali; a margem oposta era feia, em particular agora em novembro, quando as plantas do ano velho estavam a morrer, e tão para oeste não havia nenhuma da glória arquitetónica do centro de Londres. Na verdade, o único edifício digno de nota era o velho armazém de móveis do Harrods, que ficava na margem oposta. Mas o Tamisa era o Tamisa, hoje cor de estanho ao sol do fim de outono, deslizando como tinha deslizado durante séculos, poderoso e inescrutável.

Hannah virou-se para a grande secretária de madeira clara de Mark. Tinha de ser rápida — a última coisa que queria era encontrar David e ter de mentir sobre o que estava ali a fazer. E se ele a visse, iria falar disso a Mark, com certeza. Quanto tempo levaria ele a almoçar? Para além do parque empresarial e do Charing Cross Hospital em Fulham Palace Road, aquela parte de Hammersmith era predominantemente residencial, e dali eram dez minutos a pé até uma banal loja de esquina. No entanto, Tony não dissera há quanto tempo David tinha saído.

Os seus olhos descansaram alguns segundos na fotografia emoldurada que Mark tinha na secretária, à direita do computador. Nenhum deles quisera um fotógrafo oficial — no contexto do resto do casamento, teria parecido demasiado formal — mas Ant insistira que mais tarde eles iriam querer

algumas fotografias de recordação e tirara-as ele próprio. Hannah pegou na moldura e olhou para a imagem. Estavam nos degraus de Chelsea Town Hall, Mark no seu belo fato azul-escuro, sorrindo e semicerrando os olhos por causa do sol forte de abril, uma mão firmemente pousada em torno da cintura do vestido de seda cor de ostra de Hannah. Ela também tinha uma mão levantada, a proteger os olhos da tempestade de confetes que Pippa e Roisin tinham lançado sobre as suas cabeças. O sorriso de Mark... ser o foco dele era como estar diante de uma grande janela e sentir o sol entrar, luz e calor juntos.

Logo depois de a fotografia ter sido tirada, ele virara-se para a beijar, ainda com confetes espalhados nos ombros do casaco.

— Olha só para ti — disse ele. — És tudo o que eu sempre quis.

Cerca de uma centena de vezes naquele dia, durante o almoço caríssimo no Claridge's, o champanhe mais tarde e a viagem de táxi para Heathrow para o voo que os levaria a Capri, ela olhara para ele e pensara «o meu marido», e quase não fora capaz de acreditar nisso. Agora, apenas oito meses mais tarde, ali estava ela a bisbilhotar o seu escritório numa tarde de sábado. Sentiu uma intensa repulsa por si mesma. «Vamos lá então», pensou. «Procura a caixa e vai-te embora.»

As gavetas abriram-se sem esforço, como se amortecidas pelo ar. Ela vasculhou-as uma a uma, não se deixando distrair por mais nada, procurando apenas o cartão cinzento marmoreado da caixa. Quando chegou às duas últimas, convenceu-se de que não estaria ali, mas quando abriu a mais pequena das três gavetas do lado direito, correspondente à que a caixa ocupara na secretária lá de casa, viu-a. Pousou-a na mesa e premiu o botão de plástico redondo de lado para soltar a tampa.

Lá dentro havia uma pilha de papéis com uns três centímetros de espessura, um extrato da conta-corrente de Mark no Coutts em cima. Examinou rapidamente a lista de transações recentes, mas não havia nada que lhe chamasse a atenção, nenhuma grande quantia de dinheiro a sair para a Tiffany, o Waldorf-Astoria ou até — tanto quanto ela conseguia ver — uma florista chique. Solto o clipe que prendia os papéis e pegou no extrato mas, quando estava a virar para a segunda página, viu o que se encontrava a seguir na caixa, uma carta da sociedade construtora, e os seus olhos detiveram-se num número. £130 000. Pegou na carta e leu a frase completa. «No seguimento da nossa recente reunião, tenho o prazer de poder confirmar uma extensão da sua hipoteca de £130 000, conforme solicitado.» Passou os olhos

pelo resto e, em seguida, virou para a folha anexa, um plano revisto de pagamentos. Quase sem pensar, estendeu a mão, puxou a cadeira de Mark e sentou-se.

Se o plano estivesse correto, eles deviam pouco menos de £700 000.

— Setecentos mil — murmurou, chocada.

Não fazia ideia de que o valor da hipoteca era tão alto — assustadoramente alto. Mesmo na altura em que trabalhava, seria impossível o ordenado de Hannah comportar um empréstimo daqueles. Estava em nome de Mark, claro, e qualquer salário que ela tivesse era irrelevante, mas ele dissera-lhe que já não lhe faltava pagar muito da hipoteca; que, tendo a casa há mais de uma década, fizera várias amortizações, além dos pagamentos regulares. Fora esse o principal motivo por que ela concordara, após várias discussões acaloradas, deixá-lo continuar a pagar a casa como dantes, sem qualquer contribuição sua até arranjar emprego.

Mas aumentar a hipoteca daquela maneira, sem falar com ela sobre isso, era outra coisa. Como pudera ele fazer isso? Não eram casados? Não deviam falar de coisas como esta, tomar decisões juntos? Talvez, pensou ela, Mark não quisesse preocupá-la com isso enquanto não tinha emprego — ainda para mais quando não ter um emprego se devia a ele, já que tivera de abdicar do que tinha para voltar para Londres — ou talvez porque fora o dono da casa durante tantos anos antes de se conhecerem que ainda pensava nela como sua, ou pelo menos responsabilidade sua.

Mas fosse qual fosse a justificação dele — se é que sentia que tinha de justificar alguma coisa —, Hannah estava furiosa. Como pudera ele? *No seguimento da nossa recente reunião*: Mark tivera uma reunião na sociedade construtora, fora lá discutir aquilo com alguém sem sequer lhe dizer. O que significava que tinha chegado a casa um dia no passado não muito distante e mentido sobre o que fizera. Ela voltou à primeira página e olhou para a data. Vinte e nove de outubro — menos de duas semanas antes. Céus!

Recostou-se na cadeira e a fúria tornou-se algo mais. De início, não conseguiu dar nome ao sentimento, mas, em seguida, identificou-o como mágoa. Estava magoada. Mark não quisera envolvê-la na vida conjunta deles? Não pensava nela como uma parceira na relação, uma igual que gostaria de saber o que estava a acontecer e ver-se envolvida? Porque aquilo envolvia os dois, mesmo que ela não contribuísse para os pagamentos da hipoteca. Iria fazê-lo assim que arranjasse emprego, e, de qualquer maneira, se acontecesse alguma coisa a Mark? Ela ficaria com uma hipoteca de £700

000 da qual nada soubera.

A mágoa tinha outro elemento. Racionalmente ou não, ela sentia-se humilhada por ele não lhe ter dito — menosprezada. Quando se conheceram, ela era totalmente independente, bem-sucedida na sua carreira, sustentando-se financeiramente, inquilina de um apartamento em West Village e com uma vida confortável numa das cidades mais caras do mundo, ao mesmo tempo que também conseguia juntar algum dinheiro. E agora? Desempregada, a viver em casa de outra pessoa com o dinheiro de outra pessoa, sem sequer ser informada sobre o que se passava. Respirou fundo e sentiu a fúria arder no peito.

E depois havia a outra grande questão: por que motivo precisava Mark de prolongar a hipoteca? Devia estar a passar-se alguma coisa que ela desconhecia. Estaria ele em dificuldades financeiras? Hannah franziu a testa. A ideia parecia inacreditável. Mark não estava com problemas de dinheiro — não podia estar. Tinha um belo ordenado e o seu estilo de vida era aquilo que era, embora de muito bom gosto.

Pensou nas últimas semanas. Alguma coisa tinha mudado? Estava ele a comportar-se de forma diferente no que dizia respeito a dinheiro? Não lhe parecia. Na verdade, ele não falara sobre nada dispendioso como mudar de carro ou reservar umas férias; além disso, a forma como gastava o dinheiro dia a dia era a mesma: saíam para jantar com a mesma frequência e ele andava sempre de táxi. Comprara-lhe um daqueles enormes buquês de flores na banca perto da Aragon House na semana anterior e, tendo comprado um ela própria para o aniversário da mãe, Hannah sabia quanto custavam. Um dia da semana anterior chegara a casa com duas camisas novas; se estivesse realmente com problemas de dinheiro, continuaria a fazer compras em Jermyn Street?

Talvez não fosse ele que estivesse com problemas, mas sim a DataPro. Talvez ele estivesse a contrair uma dívida pessoal para injetar dinheiro na empresa. Como poderia ela saber? Teria de perguntar, e se ele lhe estava a esconder aquela nova hipoteca, evidentemente não queria que ela soubesse. Por outro lado, Hannah estava confiante de que a DataPro não se encontrava em apuros. Tinham falado muito sobre a recessão e como isso afetava o negócio, e ele dissera-lhe várias vezes que as coisas tinham abrandado um pouco, mas que continuavam constantes. Embora não fossem contratos milionários, tinham assinado com dois novos clientes desde o início do mês anterior, e havia também a perspectiva do de Nova Iorque.

— Tudo calmo, mas confortável — fora o que Mark dissera.

Ela guardou os papéis na caixa e folheou os seguintes, vendo cartas da Jupiter Asset Management e da UBS, do Santander e da Kent Reliance. «Caro Sr. Reilly», dizia a do Santander. «Agradecemos a sua carta de 24 de outubro. Tenho o prazer de confirmar que, após o seu pedido, a sua conta-poupança com taxa fixa de dois anos será agora encerrada e o saldo final transferido para a sua conta bancária associada.» Leu na diagonal as outras e todas diziam o mesmo: as contas dele seriam fechadas e os saldos finais — menos, em dois casos, a penalidade dos juros por retirar o dinheiro antes do final do prazo — seriam transferidos para a conta à ordem. Nenhum dos saldos era um valor alto para os padrões de alguém com um ordenado como o dele, mas, no total, ele devia ter cerca de £73 000.

Hannah sentiu algo semelhante a náusea. Que diabo se passava? O que estava ele a fazer? Porque andava a mobilizar todo aquele dinheiro?

Outra mulher, disse a insidiosa voz mental, mas ela ignorou-a. Porque precisaria ele de juntar o seu dinheiro se tivesse um caso? Não fazia sentido. *Faz se ele estiver a planear ir-se embora*, disse a voz. *Talvez ele tenha uma amante e vá usar o dinheiro para comprar outra casa, uma onde ela possa viver e ele possa visitá-la até ganhar coragem para te deixar.*

«Para com isso... para!» Aquilo era uma loucura — ela estava a pensar como uma louca. Mark não tinha um caso; não tinha uma amante. Uma amante, pelo amor de Deus — que tipo de conceito era esse? Estavam em Londres no século XXI, não na Paris do XIX. E Mark não se daria ao trabalho de prolongar uma mentira daquelas, uma outra mulher, uma outra casa. Não era esse tipo de homem. Se quisesse estar com alguém, diria a Hannah e o assunto ficaria encerrado.

Empurrando a cadeira para trás, ela levantou-se e foi até à janela. Inclinou-se para a frente até a sua testa descansar contra o vidro frio. Sentia calor e o seu coração batia descompassado. Concentrou-se na frialdade contra a sua pele e tentou pensar. Se não era outra mulher e não era a DataPro, então o que seria?

Uma dívida. Endireitou-se de novo, afastando o rosto do vidro. E se ele tivesse dívidas? Sim, isso fazia mais sentido; parecia muito mais verosímil do que a ideia de ter alguém. E se tivesse dívidas que o envergonhavam e não suportasse a ideia de ela poder descobrir?

Mark era alguém que corria riscos; ela sempre soubera isso. Bastava olhar para as instalações da DataPro: quantos jovens de vinte e três anos saíam da

universidade, contratavam dois colegas, alugavam um escritório em Londres e começavam a publicitar os seus serviços informáticos juntos das principais empresas financeiras da City? Ela nunca teria tido coragem de fazer isso. Em vez disso, subira a pulso em empresas onde os riscos financeiros eram corridos por outras pessoas e onde tinha a certeza de que receberia o ordenado no final do mês. A ideia de montar o seu próprio negócio não lhe tinha sequer passado pela cabeça nessa idade.

Sim, algum tipo de risco financeiro, um que ele corra e que lamentava... — a ideia ganhou raízes. O marido adorava os riscos calculados e tendia a forçar a sorte: ela vira isso ainda naquela primeira tarde em Montauk, quando ele nadara para lá da rebentação. A corrente era forte ao longo de toda a praia; até os grandes nadadores se viam em apuros. Agora Mark tinha quarenta anos, era menos temerário fisicamente, dizia, mas durante um jantar, os seus amigos Kwiatkowski tinham falado a Hannah das viagens de esqui que costumavam fazer juntos, antes de os filhos Charlie e Paddy nascerem.

— Bem, nós dizíamos que íamos de férias juntos — dissera Pippa, pousando o cotovelo com cuidado sobre a mesa entre os copos e pratos de queijo vazios —, mas na verdade só víamos o Mark depois de escurecer. O Dan e eu usávamos as pistas azuis, ganhando coragem para tentar uma vermelha no terceiro dia, e víamos o Mark dos teleféricos, todo de preto como o homem dos anúncios do *Milk Tray*, deslizando a grande velocidade na prancha de *snowboard* como se os cães do inferno fossem atrás dele ou coisa parecida.

— Houve uma tarde — interveio Dan — em que comecei a pensar no protocolo para trasladar o corpo dele... teríamos de ir à embaixada ou iria a companhia de seguros tratar de tudo? A Pip e eu estávamos a sentir-nos muito satisfeitos... tínhamos conseguido descer uma pista vermelha bastante difícil e...

— Bastante difícil! — Mark riu-se. — Quase não tinha inclinação...

— Era a mais difícil das pistas vermelhas, amigo. De qualquer forma, íamos apanhar o elevador para cima e vimo-lo a descer uma pista preta. Jesus... — Dan abanou a cabeça. — Um lado da pista estava bastante liso, íngreme como tudo, obviamente, mas pelo menos estava coberto de neve. O outro lado... basicamente, era uma rocha com um pouco de neve aqui e ali, nos únicos sítios onde esta se conseguia agarrar. Tens de te lembrar que aquela foi a primeira semana que o teu marido experimentou uma prancha de *snowboard*... vimo-lo descer aquela coisa e acho que a prancha deve ter feito

contacto com a pista apenas seis vezes. Ele saltava de rochedo nu em rochedo nu... fiquei maldisposto só de ver aquilo.

Hannah virou a cabeça e olhou para o rio, o seu coração a começar a abrandar. Dívida... se era isso, como a contraíra ele? Um mau investimento? Não podia ser apenas algo simples que correria mal. Se ele metera dinheiro num fundo de investimento e correria mal, não teria ficado com dívidas; teria perdido apenas o que investira. E teria sido dinheiro que ele já tinha: não se pede dinheiro emprestado para fazer esse tipo de investimento; os ganhos não são suficientemente altos. Tem de se pagar todas as taxas e, em seguida, o suficiente para cobrir os juros sobre o empréstimo antes mesmo de começar a pensar em lucro.

Podia ser algo de maior risco, então, menos regulamentado. Ter-se-ia metido no «*spread betting*»? Essa era uma maneira rápida de arranjar sarilhos. Podiam abrir-se essas contas com um corretor *online*, ela lera acerca disso, onde se começava sem depositar dinheiro e se continuava até que fosse exigido o pagamento, apostando sobre o desempenho de um título, em positivo ou negativo. Podiam ser ações, bens, moedas, qualquer coisa, apostando contra si mesmo para distribuir o risco, mudando de posições a cada dia, a cada hora, a cada poucos minutos, mesmo. E se ele tivesse investido nisso? Ela podia imaginar Mark *online* no escritório, a fazer prognósticos sobre o mercado apenas pelo gozo. Podia ter feito isso e calculado mal, ou ter sido chamado para fazer algo urgente sem fechar a sua posição, tendo acabado por se deparar com perdas de milhares.

Mas não precisava de ser isso: quando uma pessoa se movimentava nos mesmos círculos que ele, havia inúmeras maneiras de ganhar e perder dinheiro. Ele conhecia tantos empresários e especuladores, e estava sempre a falar de alguém com um novo projeto em andamento que andava à procura de capital de risco. Ainda uns dias antes falara de um homem que estava a tentar arranjar dinheiro para criar uma empresa de produção televisiva, e no mês anterior de alguém que andava a comprar terras de mineração no Brasil. E se Mark tivesse decidido hipotecar novamente a casa, esvaziar as suas poupanças e investir numa coisa parecida? Bem, se assim era, não deveria ele ter mencionado isso?

— Passas-me o doce de laranja, Han? Ah, e por falar nisso, decidi investir meio milhão num oleoduto no Cazaquistão. Estou a fazer uma segunda hipoteca na casa, mas não precisas de preocupar a tua linda cabecinha com isso, querida...

No silêncio do gabinete, Hannah ouviu-se resfolegar. Talvez fosse *isso* — a escala em que ele operava surpreendia-a cada vez menos. Imediatamente, porém, lembrou-se de outra coisa. Cerca de uma vez por mês, em Nova Iorque, ele e um grupo de quatro ou cinco amigos jogavam póquer. Geralmente, Mark chegava a casa um pouco atordoado e ela partira do princípio de que o póquer era na realidade apenas uma desculpa para todos se poderem encontrar e beber algumas cervejas. Uma noite, porém, ele chegara pouco depois das duas e pusera mil e quinhentos dólares na mesa de cabeceira e ela percebeu que jogavam a sério. Teddy, que perdera a maior parte dos mil e quinhentos, dissera Mark, afastara-se dos dois até à noite seguinte de póquer, quando a maré tinha virado um pouco e ele fora para casa mil dólares mais rico à custa de Ant, para fúria de Roisin.

E se aquilo se resumisse ao jogo? Podia algo que tinha começado como uma brincadeira ter-se transformado em algo mais sério? Talvez, quando ela achava que ele estava em jantares de negócios, ele estivesse realmente em casinos. Talvez tivesse ganhado uma pipa de massa e ficado viciado. Por outro lado, seria ele verdadeiramente o tipo de pessoa que continuaria a bater com a cabeça na parede quando estava a perder? Faria Mark isso? Continuaria a dizer a si mesmo que a próxima grande vitória estava a uma aposta de distância — e depois outra?

Afastou-se da janela, voltou para a caixa e pôs os papéis em cima da secretária. Nada no extrato do Coutts sugeria que ele jogava; não havia movimentos em nada que parecesse um casino ou um corretor ou, tanto quanto ela via, um *site* de apostas. Também não havia grandes levantamentos, apenas o de £250 que ele fazia uma vez por semana para jornais, bebidas e táxis. Pousou a declaração e a carta da hipoteca e analisou rapidamente o resto dos papéis, à procura de qualquer coisa relacionada com a dívida — cartas sobre empréstimos ou pedidos de pagamento. Porém, não havia nada. Nem o saldo dos seus três cartões de crédito fora gasto: juntos, perfaziam pouco menos de sete mil libras, que para o nível de Mark não era nada.

Folheou os últimos papéis, extratos do Coutts e do Mastercard com mais de um ano, os olhos ainda a verem as transações, mas sem realmente esperar encontrar nada de relevante. Quando virou para o que achava ser a última folha, no entanto, a sua mão parou no ar.

Em frente a ela, o último papel na caixa, estava um extrato do Birmingham Midshires. No entanto, Mark não tinha conta no Birmingham

Midshires. Ela tinha.

Hannah pegou na folha, notando um ligeiro tremor na mão, e olhou para o nome e endereço no canto superior esquerdo. O nome dela, não o de Mark. Olhou para a data. Era o extrato mais recente, o que lhe tinha sido enviado no final do ano fiscal em abril, mostrando o seu novo saldo com o juro do ano acrescentado: pouco menos de £47 000. Lembrava-se de o abrir, de se sentir frustrada com as baixas taxas de juros e, depois, de o guardar na sua pasta de acordeão. Então, porque estava ali? Porque estava na caixa de Mark?

O tremor na sua mão aumentou e ela pousou abruptamente o papel na secretária, o som sobressaltando-a. Não havia outra explicação: a única forma de a declaração poder estar naquele arquivo era ele tê-la tirado do dela.

Olhou para o relógio acima da porta. Há quanto tempo estava ali? David voltaria a qualquer momento, com certeza. Bem, isso era um risco que ela tinha de correr, não era? Se ele entrasse e a encontrasse, ela pensaria em algo. Não podia esperar até chegar a casa; precisava de saber naquele momento.

Aproximando a cadeira da secretária, Hannah abriu o portátil de Mark e ligou-o. Passaram alguns segundos e, em seguida, apareceu uma caixa de diálogo a pedir a senha. *Merda*. Bem, é claro que tinha de estar protegido por senha, não tinha? A DataPro era uma das empresas de *design de software* mais sofisticadas da Europa. Olhando novamente para o relógio, ela tentou pensar. Números, não apenas letras ou uma palavra: Hannah ouvira um raspanete acerca disso quando Mark descobrira que ela usava MalvernHills como senha para a conta no Hotmail. Inclinando-se para a frente, escreveu o aniversário dele, 110772, e carregou no *Enter*. *A senha que digitou está errada. Por favor, digite novamente a sua senha*. Pensou mais um pouco, em seguida, introduziu o seu próprio aniversário. Errado de novo. *Merda, merda*. Quantas hipóteses teria antes de o sistema se desligar? Enviaria um alerta? Mais uma tentativa, decidiu ela. «Três e estás fora.» Fechou os olhos e concentrou-se. Números e letras, percebeu, não um ou o outro; dados pessoalmente importantes mas não legais. Abriu os olhos. Era um tiro no escuro, mas — sim, parecia bem. Digitou o nome e a rua do restaurante de cachorros-quentes preferido deles em Nova Iorque: Westville10. Com o coração a bater, carregou no *Enter*. *Bingo*.

O computador era muito rápido e quatro ou cinco segundos depois ela tinha o navegador aberto e escrevia «Birmingham Midshires». Quando a página surgiu, pegou na mala, tirou a agenda e abriu a parte de trás, onde estavam escritos os seus códigos e senhas. Sim, sabia que não devia, mas de

que outra forma se poderia lembrar de todos eles? Podia passar a vida inteira a tentar lembrar-se das respostas às suas «perguntas de segurança personalizadas». Bem, pensou ela amargamente, talvez estivesse prestes a aprender a lição da maneira mais difícil.

Carregou no botão de *Login* e escreveu as senhas. Tinha códigos para programas de passageiro frequente em quatro companhias aéreas, assim como no Amazon, no iTunes e em vários outros *sites* para compras *online*, mas ao nível bancário as coisas eram simples: a caderneta de poupança, a sua conta à ordem no HSBC, e, também geridas através do HSBC, duas mil ações de uma empresa de tecnologia que ela tinha comprado três anos antes por sugestão de alguém. Tinha desembolsado duas libras por cada uma, mas da última vez que verificara, na semana anterior, elas valiam um total de £120.

Carregou no *Enter* e a página com os pormenores da sua conta começou a abrir. De repente, perdeu a vontade de ver. Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. O seu coração batia descompassadamente atrás do esterno. Encostou a cabeça à janela fria e fechou os olhos. Quando os abriu novamente, viu um homem subir os degraus da entrada sete andares abaixo. David.

Rapidamente, voltou para o computador, respirou fundo e olhou para o ecrã.

Esperava aquilo — sinceramente, soubera assim que tinha encontrado o seu extrato — mas isso não tornava a coisa menos chocante: a sua conta fora esvaziada. O saldo no ecrã era agora de £29,02. Olhou para ele até os números se desfocarem. £29,02. Clicou no *link* para ver os seus movimentos recentes e lá estava ele, quatro dias antes: uma transferência para M. J. Reilly de £46 800. Desaparecera — ele levava tudo.

CAPÍTULO SEIS

Os painéis de vidro estremeceram quando a porta da frente bateu atrás dela. Ainda de casaco, Hannah sentou-se ao fundo das escadas e colocou a cabeça entre as mãos. Começara a sentir uma dor aguda atrás do olho esquerdo que agora já se espalhava pela testa. Era tão intensa que ela achava que podia vomitar.

No regresso de Hammersmith, o choque fora acompanhado por uma sensação de perda intensa. As suas economias, tudo o que ela tinha conseguido pôr de lado nos quinze anos desde que começara a trabalhar, tinham desaparecido. Antes de conhecer Mark, tinha depositado numa conta-poupança dinheiro que tencionava usar para um dia comprar uma casa. Os preços em Nova Iorque eram uma loucura, claro, e ela adorava o seu apartamento alugado e não quisera mudar-se para uma zona mais barata, de modo que fora adiando e, em seguida, conhecera Mark e pronto. Todo aquele trabalho, pensou ela naquele momento, todos aqueles meses de pequenas transferências, especialmente no início, logo depois da universidade, quando fora viver para Londres pela primeira vez com o dinheiro todo contado. Decidida a ser independente, no entanto, e a nunca pedir mais nada aos pais, abrira uma conta-poupança e combinara um débito direto de £75 por mês. Vira o total aumentar lentamente, sentindo-se orgulhosa e senhora de si; assim que conseguiu o seu primeiro aumento, passou o débito direto para £100. Com o seu primeiro prémio, £300, comprara um par de botas de inverno baratas, depois resistira à tentação e depositara o resto.

Naquele momento foi invadida pelo pânico: estava sem dinheiro — completamente falida. Tinha cerca de £250 na conta à ordem, algumas ações quase sem valor e £29,02: menos de £400 no total. E sem emprego não tinha forma de ir buscar dinheiro a outro lado: não havia ordenado a chegar no final do mês. Estava a transpirar, percebeu, tinha as axilas molhadas, e passava-lhe uma série de adjetivos pela cabeça: encalhada, tramada, impotente. Lixada.

Escusado será dizer que não tinha sido capaz de sair da DataPro sem ser vista por David. Depois de chamar o elevador, ficara a observar os números no painel enquanto este subia até ao sétimo andar dolorosamente devagar. Por fim, as portas tinham-se aberto e, sem levantar os olhos, ela dera um passo em frente e quase chocara com ele, que saía. *Merda*. Tivera uma

impressão momentânea do calor do seu corpo e de um aroma cítrico antes de ele se afastar com uma risada curta de constrangimento, uma mão no seu antebraço a segurá-la à distância e, ao mesmo tempo, a cumprimentá-la.

— Olá. — Ele premira o botão para segurar as portas e largara-lhe o braço. Ela recuara para o átrio e ele seguira-a. Sorria, a sua expressão amigável, mas curiosa.

— Hannah... é um prazer vê-la.

— Igualmente — dissera ela. — Como está? O Tony disse-me que tinha vindo trabalhar.

— Sim, só saí para ir buscar qualquer coisa para comer. — Levantara a prova, um saco de papel castanho manchado de gordura. Vestia roupa de fim de semana: calças de ganga e uma camisa de xadrez em algodão com uma *t-shirt* desbotada por baixo, uns *Adidas* nos pés. Ela não se lembrava de alguma vez o ter visto sem fato. Tinha trinta e oito anos, sabia-o, mas naquele dia parecia ter vinte e cinco.

— Sábado à tarde no escritório? — perguntara ela.

— Estou a fazer projeções, a preparar alguns números antes de nos encontrarmos com a Systema. O Mark disse-lhe que eles nos abordaram, certo?

— Sim, claro. É interessante.

— Pode vir a ser. Vou estar aqui a maior parte do fim de semana, de qualquer maneira. E vocês? Pensei que iam para fora.

— Para Roma?

— Sim.

— Oh, isso ainda é só daqui a algumas semanas, infelizmente.

Ele parecera confuso por um momento, mas depois o seu rosto desanuviara-se.

— Oh, estou a ver. Bem, se você está aqui, não pode estar lá, não é? — Sorrira. — O Mark está consigo?

— O Mark? Hum... ele está em casa.

— Ah. Certo.

Hannah tinha visto a pergunta nos olhos dele.

— Ele está de rastos, acho — dissera ela. — Deve estar a dormir em frente ao televisor quando eu voltar. — Deu uma palmadinha na mala. — Deixou aqui a nossa fatura da luz por engano a semana passada... juntou-a a outros papéis. Fui às compras a Westfield e disse que vinha cá buscá-la a caminho de casa para podermos pagá-la antes que a cortem. O caos

doméstico do costume. — A gargalhada dela soara bastante convincente.

— Certo — repetira David, mas a pergunta não formulada pairara no ar entre eles: se Mark estava em Londres, porque ficara em casa no sofá, enquanto David passava o dia no escritório?

Na cozinha, Hannah parou junto ao lava-louça e tomou três aspirinas com um copo grande de água. Misturada com o choque e a mágoa havia agora outra sensação: medo. Sim, admitiu para si mesma, estava com medo. Que diabo se passava? Se Mark precisava tanto do seu dinheiro, porque não lho pedira? Eram casados, amavam-se, não é verdade? Deviam ser uma equipa, apoiar-se um ao outro. Se ele lho tivesse pedido, ela ter-lho-ia dado imediatamente. Porquê tirá-lo daquela maneira? A menos que ele não quisesse dizer-lhe a razão... ou não pudesse. E se estivesse em apuros? Não apenas com problemas de dinheiro, mas problemas reais.

E se se tivesse atravessado no caminho de alguém perigoso? Por um momento, a ideia pareceu-lhe ridícula — *alguém perigoso? Vamos lá, Hannah, volta ao mundo real* —, mas então lembrou-se de uma história que Paul, um amigo de Dan, contara durante um jantar. Ele vendia propriedades comerciais e a empresa onde trabalhava, uma divisão especializada de uma grande agência imobiliária, tinha começado a fazer negócios na Rússia, onde organizavam apresentações a moscovitas super-ricos na tentativa de os convencer a comprar propriedades em Londres. As apresentações tinham sido um êxito e haviam sido contratados para encontrar imóveis para vários novos clientes, mas depois, dissera Paul, um dos clientes recusara-se a pagar a comissão. Era uma quantia substancial, quase meio milhão, e a empresa de Paul tinha andado atrás do homem até que metera o advogado da firma ao barulho. Logo depois de iniciar o trabalho, no entanto, o advogado tinha voltado e aconselhara-os a esquecer o dinheiro. Se não o fizessem, as repercussões seriam tremendas.

Podia Mark ter-se metido em algo parecido? A DataPro fazia muitos negócios no estrangeiro, entre os quais dois projetos para novos clientes da Europa Oriental no início do ano. E se um deles se recusara a pagar, Mark o perseguira e o cliente viera atrás dele? Mas porque não contar-lhe uma coisa dessas? Não haveria nenhuma razão para escondê-lo. E de qualquer maneira, nesse cenário, eles é que lhe deveriam dinheiro, e não o contrário.

Jogo fazia mais sentido. E se Mark tivesse dívidas para com pessoas violentas e estas estivessem a ameaçar fazer-lhe mal? Ela respirou pelo nariz. Era ridículo — estava a ser ridícula. O que faltava a seguir, a máfia?

Começou a andar de um lado para o outro na sala, sendo inundada por sucessivas ondas de fúria e pânico. Tentou ignorá-las, concentrando-se no que poderia fazer. Podia ligar para o escritório e falar com David. Se fosse algo relacionado com a DataPro, ele saberia. Mas saberia mesmo? Ele pensara que estavam ambos em Roma: Mark também lhe mentira. E se não fosse nada relacionado com a empresa? Ela gostava de David, mas conhecia-o muito mal — não suportava a ideia de ele saber os seus assuntos pessoais e pensar que havia problemas no casamento. E se houvesse uma explicação simples para tudo aquilo — ainda podia haver, não podia? — e Mark voltasse para descobrir que ela tinha envolvido o seu sócio?

Pensou nos seus papéis do banco. Devia tê-los trazido e analisá-los ali, linha a linha. Lera-os o mais atentamente possível no escritório, mas estivera demasiado nervosa, demasiado chocada. Ao contrário dela, tanto quanto sabia, Mark não era estúpido ao ponto de ter um registo escrito de todas as suas senhas bancárias, pelo que não podia aceder *online* às contas dele. Teria de esperar até à noite, certificar-se de que David tinha deixado o escritório e, em seguida, voltar lá. A menos que...

Na mesa do vestíbulo encontrava-se uma pilha de correspondência de Mark. Não chegara naquela manhã uma carta para ele do Coutts? Correu para o vestíbulo, pegou na pilha de envelopes e foi-os passando. Sim, ali estava. Largou o resto das cartas e apertou-a contra o peito. Era apenas um envelope de janela normal, papel branco comum, não um daqueles panfletos brilhantes a anunciar uma oferta comercial. Seria um extrato. Ela hesitou. Nunca abriam a correspondência um do outro — porque o fariam? E se abrisse aquilo agora, teria de se livrar do envelope depois: não seria capaz de explicar por que motivo o abrira.

Olhou para ele um segundo mais, depois enfiou o dedo sob a aba e rasgou o envelope. Lá dentro havia três folhas de papel, o extrato mensal. Os seus olhos percorreram as transações, mas nada se destacou: nenhuma grande transferência, nenhum corretor, nada de *La Perla* ou hotéis. Mas se Mark se hospedasse em hotéis com outra mulher, percebeu ela, pagaria com o seu cartão da DataPro, para não haver o risco de ela descobrir. Sentiu um crescente desânimo. Os extratos das suas contas de trabalho iam diretos para o escritório; seria quase impossível ter acesso a eles.

De volta à cozinha, alisou o extrato na mesa e analisou-o linha a linha, de esferográfica na mão. Havia as novas camisas, a conta do gás, o jantar no Mao Tai na última terça-feira, os bilhetes para *La Bohème*. Havia um

pagamento à mercearia no cimo da rua, ao talho do bairro pelas costeletas de vaca que tinham comido duas semanas antes. Lea & Sandeman, os comerciantes de vinho, e o ginásio particular que Mark frequentava em Chelsea; £25 para W H. Smith no Terminal 3 em Heathrow, por livros, sem dúvida. Ela podia identificar quase tudo, e chegou ao fim com duas cruces feitas a esferográfica ao lado: um pagamento na segunda página a alguém ou a algo chamado Trowell e, em seguida, na parte inferior da página três, outro a Woodall.

Estendendo a mão para o seu portátil, Hannah digitou «Trowell» no Google. A primeira ocorrência era um *link* para a Wikipédia, o texto por baixo a dizer-lhe que Trowell era uma vila em Nottinghamshire. Continuou a descer, vendo *links* para um centro de jardinagem, uma definição de «*trower*» num dicionário *online*, depois *links* para *sites* de redes sociais e pessoas com o apelido Trowell. Olhou para o extrato. Não havia iniciais, nenhuma indicação óbvia de que o pagamento fora feito a uma pessoa, mas não ia descartar isso.

Digitou «Woodall». Desta vez, o primeiro resultado foi o *link* para um *site* de estações de serviço da autoestrada. Desceu na página. O seguinte era uma entrada da Wikipédia para William Woodall, político, 1832-1901, e o terceiro uma outra entrada na Wikipédia, esta para Woodall, «uma pequena aldeia na paróquia de Harthill, situada na zona metropolitana de Rotherham, South Yorkshire, Reino Unido».

Voltou à barra de pesquisa no topo e acrescentou «Trowell». Quando carregou no *Enter*, a primeira coisa que viu foi um *link* para um *site* de perguntas e respostas, e uma linha de texto abaixo que dizia: «Que autoestrada tem estações de serviço com os nomes de Woodall, Trowell e Tibshelf?» A resposta, que aparecia logo a seguir à pergunta, eliminando o divertimento de tentar adivinhar, era «M1».

Hannah levantou-se e foi ao quadro de anúncios. Soltou o calendário e levou-o para a mesa. O pagamento em Trowell fora a 12 de outubro, o de Woodall a 26 de outubro, ambos sextas-feiras. Nos quadradinhos dos dois dias, a letra grande e confiante de Mark indicava «Alemanha-Frankfurt».

CAPÍTULO SETE

Apesar de serem quase oito horas, Knightsbridge ainda estava entupida de trânsito e só dois ou três carros de cada vez conseguiam passar no semáforo. O casal no banco à sua frente parecia julgar-se num carrinho de choque, inclinados um contra o outro, os pés em cima da faixa de plástico que os separava do enorme para-brisas, os pés dele nuns ténis encardidos, os dela nuns sapatos de salto amarelo-canário de que Hannah, sentindo-se velha, achava que ela iria arrepender-se em breve. O ar quente que se escapava do banco deles transportava um perfume masculino com laivos de madeira que Hannah reconheceu como *spray* corporal da *Gillette*: tivera um namorado na faculdade durante uma ou duas semanas que o usava.

O rapaz virou-se para olhar pela janela, ajustando o braço sob a orla de pele falsa no capuz da namorada. O autocarro avançava devagar junto ao Harvey Nichols, onde as montras já tinham sido decoradas para o Natal. Contra um pano de fundo de tecido prateado cintilante, um manequim com um requintado vestido de renda gótico balançava num trapézio com uma despreocupação que sugeria já ter bebido vários copos da garrafa de champanhe que pendia dos seus dedos plásticos duros. Na montra seguinte, outro manequim montava uma rena dourada, vestindo apenas cuecas de seda frágil e sapatos de salto, e tinha um manequim masculino em traje de gala, sapatos e tudo, encostado indecentemente atrás dela, o clássico molestandor que se encontra nas festas do escritório bem regadas a álcool.

Quanto tempo faltava para o Natal? Umas seis semanas. Deus, ela mal pensara nisso. No ano anterior, eles — ela e Mark — tinham passado a quadra festiva com a mãe dela em Malvern. Em crianças, ela e Tom tinham alternado entre os pais, passando a véspera e o dia de Natal com um, indo para casa do outro no dia 26, Boxing Day, e passando aí o resto da semana até ao fim do ano, fazendo o contrário no ano seguinte. No entanto, desde que tinham chegado à idade adulta, e especialmente desde que estivera nos Estados Unidos, Hannah sentia que devia passar o dia com a mãe. O pai tinha Maggie e as filhas dela do primeiro casamento, Chessa e Rachel, que apareciam sempre com as suas filhas loiras, duas cada uma, e os maridos, e a matilha de cães semisselvagens que Chessa adotava em canis.

Embora os seus planos não tivessem sido negociáveis — era a vez de Tom passar o Natal com a família de Lydia e a mãe ficaria sozinha se ela não

fosse —, Hannah hesitara em pedir a Mark que a acompanhasse no ano anterior. Quisera passar a quadra festiva com ele, mas tivera dificuldade em imaginá-lo na casinha de tijolo vermelho dos trabalhadores ferroviários para onde a mãe se mudara depois do divórcio e que quase não alterara, onde até o ar parecia preso, pesado devido ao remorso e a uma tentativa de vida meio vivida. No ano anterior, deitada na cama no seu antigo quarto de adolescente, o som da série *The Archers* a chegar-lhe através do teto da cozinha, a palavra «moribunda» surgira na sua mente. O que iria Mark, com toda a sua energia, pensar da casa? Mas a casa da mãe também fazia parte da vida de Hannah. Era onde passara metade da infância. Se eles iam ter um futuro, ela tinha de confiar em Mark e deixá-lo entrar.

Esperara até uma sexta-feira no final de novembro, depois de o ter ido buscar ao JFK, quando estavam deitados no apartamento dela, a contar as novidades um ao outro e a ignorarem o roncar dos seus estômagos que indicava que eram horas de se levantarem e de enfrentarem o frio para ir comer um cachorro-quente ao Westville, o local habitual pós-aeroporto e pós-cama para eles. Abordara o assunto com cautela, mas Mark puxara-a para o seu peito, prendera-lhe o cabelo atrás das orelhas e dissera simplesmente:

— Adorava ir contigo.

— A sério? — perguntara ela, parecendo muito admirada.

— Claro. Começava a sentir-me ofendido por não teres perguntado.

— Oh. — A ideia não lhe tinha ocorrido.

— Estou a brincar. Mas é claro que quero passar o Natal contigo e conhecer a tua mãe. Os teus pais.

Feliz — e aliviada — ela beijara-o e ele deslizara as mãos pelas suas costas e devolvera o beijo.

— Quero conhecer-te — dissera ele.

— Tu conheces-me. — Ela soara indignada, detestando a sugestão de que ele não a conhecia, o distanciamento que sugeria.

— Conhecer-te *mesmo*: as partes difíceis, assim como todas as coisas divertidas. — Ele beijara-a novamente, desta vez durante mais tempo. — Quero ver onde crescestes... quero conhecer a tua mãe. E gosto da ideia de estar lá. Não só contigo, mas... tu sabes o que quero dizer. Sei que o Natal para ti não é fácil. Se eu estiver lá, talvez possa...

Para sua vergonha, Hannah sentira um nó na garganta.

— Não é que eu não queira... mas a minha mãe está sempre tão triste. — A sua voz fraquejara um pouco e tentara disfarçar tossindo. — Ela tenta

escondê-lo, mas é pior no Natal, especialmente porque sabe que o meu pai está rodeado de pessoas e...

Mark virara-a de lado, aninhando-a no seu braço, a cabeça no ombro. Ela sentiu a respiração dele na cabeça. Tinham ficado assim um par de minutos, em silêncio, até que ela percebeu que pensara de forma egoísta em tudo aquilo.

— Onde costumava ir? — perguntou em voz baixa.

Sentiu o peito dele subir e descer.

— No ano passado fui para casa do Dan e da Pip — respondeu Mark. — Foi divertido... a Pip é uma grande cozinheira, como verás, e tinha a família toda lá, e o Charlie estava a brincar com as caixas e a ignorar as prendas. Podes imaginar...

Ela insistiu, o mais suavemente que pôde.

— E antes disso?

— Bem — disse ele —, quando eu estava com a Laura passava-o com ela... uma vez apenas os dois em Londres, outra vez em casa dos pais dela em Somerset. — Hannah sentiu os habituais ciúmes irracionais ao ouvir o nome da ex dele. — Mas passei o seguinte sozinho — continuou Mark. — Já passei três Natais sozinho, na verdade... percebo que isso me faz parecer um infeliz...

— Não.

— Não sei, é apenas uma altura estranha, não é? Desde que os meus pais morreram, não tenho tido vontade de celebrar. Era a quadra dela, sabes, da minha mãe... ela adorava o Natal, e começava os preparativos depois de junho. Costumava esforçar-se imenso: pudins de Natal caseiros e tartes e um *stollen* enorme e as decorações que tinha desde que éramos crianças, todas cuidadosamente embrulhadas outra vez em papel na Noite de Reis. — O perfil de Mark estava em silhueta contra o brilho do candeeiro na mesa de cabeceira e ela podia ver o seu maxilar contraído.

— Desculpa — disse ela. — Não quis...

— Não, tudo bem, tudo bem. É bom lembrar. Pobre mãe.

Hannah hesitou antes de perguntar:

— E o teu irmão?

Ele tinha virado a cabeça bruscamente, quase deslocando Hannah do seu ombro.

— O que tem ele?

— Quero dizer, vocês não se contactam no Natal? Não ligam um ao

outro uma vez por ano, apenas para...?

— Não.

Passaram-se segundos, e através da porta aberta, ela ouviu os últimos acordes do álbum dos Wilco que tocava no seu *iPod* na sala de estar.

— O que foi? — perguntou Mark, surpreendendo-a com a rudeza do seu tom.

— Nada. Só estava a tentar imaginar como é que seria não estar em contacto com o Tom, e não consigo... ele é um facto imutável da minha vida. De muitas maneiras, é o meu melhor amigo, assim como meu irmão.

Mark encolheu os ombros.

— Tens sorte.

E sem Tom, pensara ela, mas não o dissera, ela podia naquele momento não estar na cama com Mark, a convidá-lo para Malvern, deixando-o entrar na sua vida como nunca tinha deixado entrar ninguém antes.

Logo após o Natal do ano anterior, antes do início do segundo período escolar, Tom fora com ela para Nova Iorque cinco dias. Queria ver a Nova Iorque *dela*, dissera, não o Empire State Building e a Grand Central e o Met; já fizera o circuito obrigatório dos marcos da cidade. Portanto passaram os dias a palmilhar quilómetros ao frio, parando para um café no Joe e no Oren's Daily Roast, e para chocolate quente na City Bakery. Ela levava-o à Strand para comprar livros usados e, em seguida, à McNally Jackson e ao Tenement Museum em Orchard Street, que ele adorara. No último dia completo, depois de comerem *dim sum* em Ludlow, tinham atravessado Chinatown para se juntarem à multidão de turistas na ponte de Brooklyn durante a tarde. Tinham-se debruçado no parapeito sob os grandes arcos centrais, a luz intensa do inverno sobre o East River quase a queimar-lhes os olhos quando se refletia na água e nos reluzentes desfiladeiros de vidro de Lower Manhattan. Ao lado, o novo World Trade Center ainda estava em construção, mas já os apequenava a todos.

Tinham ficado lado a lado durante vários minutos, a ver o *ferry* de Staten Island, um pequeno petroleiro a contornar a ponta de Manhattan enquanto subia o Hudson. Havia algumas almas corajosas num iate, a vela um triângulo branco contra o azul predominante. Uma súbita rajada de vento tinha soltado as pontas do lenço dela, fazendo-as bater no seu rosto, e Hannah endireitara-se e enfiara as mãos nos bolsos.

— Vamos, Thomas, temos de nos mexer. Se ficarmos aqui muito mais tempo gelamos.

Tom, no entanto, não dissera nada e ficara onde estava.

— Ouviste? Vamos.

Ele tinha abanado a cabeça.

— Há uma coisa que preciso de dizer.

— Então, vamos andar e falar.

— Não, vamos ficar aqui um minuto.

Ela tinha-se voltado a encostar a ele e olhara para o seu rosto. Tinha uma expressão séria, quase sombria, e Hannah começara a ficar preocupada. O que iria ele dizer-lhe? Estaria doente? Seria o pai? A mãe? Ela dera-lhe um encontrão, numa súbita urgência de aliviar a atmosfera carregada.

— Chega de mistério... desembucha.

— Han — dissera ele, voltando-se para ela —, acho que devias parar de brincar.

— Brincar...? Do que estás a falar?

— Com os homens. Com as relações. Estás a desperdiçar o teu tempo.

Ela rira.

— Andaste a falar com a mãe? Ela mandou-te fazer isto?

A expressão de Tom era séria.

— Não. Isto não tem nada que ver com ela. É o que eu penso.

— Oh, não — gemera ela e afundara ainda mais as mãos nos bolsos. — *Et tu, Brute?* Só porque tenho trinta e três anos... há mais na vida do que casamento e filhos, como sabes.

— Sei. Mas isso não significa que essas coisas não valham a pena. Sabes que estou orgulhoso de ti, acho a tua carreira incrível, todos achamos, mas...

— Mas o quê? — O vento levava a voz dela para longe, disfarçando o tom duro que ela lhe imprimira.

— É um desperdício se não tiveres alguém com quem apreciar tudo isso.

— Oh, poupa-me...

— A sério. Quero que sejas feliz.

— Eu sou feliz!

— Mas podias ser mais feliz. Já não precisas de provar nada a ninguém, Hannah. Não precisas de provar que podes fazer tudo sozinha. Sei que isso é por causa da mãe, e de teres a certeza de que nunca te encontrarás na posição dela, mas...

— Não tem nada que ver com ela! — respondera Hannah, num tom de

voz repentinamente furioso. — *Nada*. Eu nunca seria como ela.

— Reagir contra ela é na mesma viver em função dela, é...

— Não tem que ver com *isso* — interrompera Hannah. — Não estou a tentar provar nada... absolutamente nada. Isto é sobre mim. É a minha escolha. É assim que quero viver.

— Tretas — respondera o irmão, e a expressão dos olhos dele era dura. — Tem que ver com ela, e estás a ser cobarde.

Ela ficara ainda mais zangada.

— Meu Deus, não acredito nisto. Que diabo...

— Estás a ser cobarde. Deste cabo de tudo com o Bruce e agora és demasiado cobarde para tentar de novo.

Ela dera vários passos para trás, para longe dele, e colidira com um homem que tirava fotografias à namorada. Hannah estava demasiado desorientada para pedir desculpa. Em vez disso, olhara para o irmão, sem conseguir falar. Bruce... mesmo ali, anos mais tarde, a cinco mil quilómetros de distância, o nome era como um soco na barriga.

— É isso que pensas de mim? — perguntara ela. — É realmente isso que pensas?

— Sim — respondera Tom.

Fora invadida por uma onda de raiva pura. A tremer, enfiara a mão na mala, soltara as chaves de casa do porta-chaves de couro e atirara-lhas. Apanhado de surpresa, ele tinha tentado agarrá-las, mas demasiado tarde. Elas caíram no chão, onde ficaram numa fenda perigosa entre as tábuas.

— Fica com elas — dissera ela. — Podes ficar com o apartamento esta noite. Se é isso que pensas de mim, não aguentaria estar sob o mesmo teto que tu.

Ela esperara que ele amolecasse, se movesse na direção dela e dissesse algo conciliador, mas em vez disso o irmão olhara para ela com uma expressão dura.

— O que vais fazer? — perguntara. — Ir a um bar e engatar um tipo para o usares algumas semanas até perceberes que podes realmente gostar dele?

Ela olhara para trás, mais furiosa do que nunca, depois virara-se e começara a afastar-se, mostrando-lhe o dedo médio por cima do ombro.

— Vai-te foder — gritara, a sua voz a rodopiar no vento. — Vai-te... foder.

Esperara pelos rápidos passos atrás dela, a mão no seu ombro, mas isso não acontecera. Obrigando-se a olhar em frente, fizera sozinha o caminho que

tinham acabado de percorrer juntos, precisando de correr mas frustrada por grupos de turistas uns após os outros, até lhe apeteecer gritar. Por duas vezes desviara-se para a pista das bicicletas e quase perdera um braço.

À saída da ponte, parara por um momento. O que estava a fazer? Para onde ia? Consciente de que ele podia estar a ver e a aperceber-se da sua hesitação, avançou para a estrada, atravessou Broadway e dirigiu-se para Tribeca. Andara até o frio deixar o seu rosto dormente e os seus dentes começarem a doer, mal conseguindo pensar, andando apenas para se manter em movimento, sem nenhum plano ou destino. Atravessara Tribeca, depois o SoHo, curvada, percorrendo uma rua atrás da outra, o som dos seus pés no passeio a abafar o turbilhão de pensamentos na sua cabeça. Finalmente, quando a última luz do dia desaparecera do céu, ela dera por si em Hudson River Park, onde a raiva finalmente se extinguiu.

Sentara-se num banco e afundara o rosto entre as mãos. Era o choque, dissera a si mesma, mais nada. Ficara chocada por Tom ter falado assim com ela; por ele ter aqueles pensamentos negativos sobre ela. Estava convencida de que ele a amava, respeitava. Como se podia ter enganado? Sentiu uma amargura defensiva. Ele que se lixasse — que se *lixasse*. Se era isso que pensava dela, então podia ir para o inferno.

A última explosão de fúria mantivera-a quente por um minuto ou dois, mas depois também isso desaparecera e começara a ouvir a outra voz, a que não conseguira silenciar devido à fúria. *Ele está certo, dizia, e tu sabes. Estragaste tudo, custou, e és demasiado cobarde para arriscares novamente.*

No bolso do casaco tinha sentido o *BlackBerry* zumbir pela oitava ou nona vez e ignorara-o.

Bruce — quando fora a última vez que alguém dissera o nome dele na sua presença? Anos antes, três ou quatro, pelo menos. Mas tinham-se separado há sete anos. *Abandonaste-o há sete anos.*

Bruce era um dos melhores amigos do irmão, um elemento do pequeno mas unido grupo de amigos que ele fizera quando fora para a universidade, em Londres. Hannah tinha gostado dele assim que o conhecera, quando Tom o convidara, e a Ben e a Adam, para irem acampar um fim de semana em Malvern. Tinha sentido que Bruce também gostava dela, pela forma como lhe sorria e a incluía na conversa, perguntando-lhe o que estava a ler, mas ela não tivera a mínima hipótese na altura: tinha dezasseis anos e ele dezanove, o que fazia a diferença entre o secundário e universidade, o uniforme e calças de ganga todos os dias, uma criança e um adulto.

No entanto, quando ela fora para a universidade três anos depois, na festa de anos de Tom em Londres, uma festa no primeiro andar de um *pub* algures em Brixton, tinham falado a noite inteira. No final da noite, ele beijara-a e pedira-lhe o número de telefone, e na semana seguinte tinha ido a Bristol no seu velho *Vauxhall Corsa, Maude*, para a ver. Estavam juntos há seis anos quando Hannah sentira que ele estava pronto para dar o passo seguinte, como ela dizia cheia de sarcasmo.

— Não quero «assentar»! — gritara-lhe. — Tenho vinte e cinco anos, não quarenta. Onde está a aventura? Onde estão as noites loucas numa praia do Brasil? Onde está a conquista? Onde está a minha *vida*?

Então pusera fim à relação e vira-o, dois anos depois, casar com uma rapariga muito mais bem-sucedida que ela — e aparentemente também simpática; Tom recusava-se a dizer que não gostava dela — e ter um filho. Fora ao Facebook num momento calmo no escritório e vira-o com o bebé, Arran, assinalado na fotografia de um amigo comum, e a dor que sentira fora como se alguém tivesse pegado no abre-cartas e lho tivesse cravado sob as costelas.

Desde então, tivera o cuidado de não se aproximar muito de ninguém. Gostava de homens, da sua companhia, de namoriscar, do sexo, mas não podia permitir-se, pensou, entrar numa situação daquelas novamente. Tinha coisas a fazer — a provar. Não podia deixar-se desviar disso pela *biologia*. Até a ideia a fazia sentir-se presa, fisicamente sem fôlego. Então, divertia-se. Conhecia homens, andava com eles algumas semanas e depois seguia em frente. Eles gostavam, ela gostava, ninguém se magoava. O que havia de errado nisso?

Diante dela, o Hudson brilhava no escuro, as luzes de Hoboken a cintilarem fora de alcance do outro lado. Envolveu o peito com os braços, o calor do seu corpo a dissipar-se rapidamente. *Cobarde*, dissera a voz, mais alto. *Achas que és corajosa e independente, mas na verdade estás apenas com medo.*

No final, tão gelada que não conseguia sentir os dedos, levantara-se e caminhara lentamente para o apartamento. Encontrara o irmão sentado à entrada a fumar o último cigarro do maço que tinha comprado naquela manhã. Subira os degraus entre as magnólias em vasos coloridos e sentara-se ao lado dele, não se encostando a ele como fizera na ponte, mas mantendo uma distância de alguns centímetros. Um táxi amarelo passou na rua abaixo deles com a luz de fora de serviço ligada. Ao fim de um minuto, Tom tinha

estendido o braço e pegado na mão dela.

— Ainda é o que penso — dissera ele.

— Eu sei. — Ela pedira-lhe o cigarro. Dera duas ou três baforadas que a enojaram e sentia a cabeça rodar quando lho devolveu. — Tens razão, de qualquer maneira — reconhecera. — Sou uma cobarde.

— Essa parte não foi justa. Eu...

— Foi... foi, sim. Tenho medo de... confiar em alguém, de ser dependente. De perder o controlo. — Nunca percebera isso de forma consciente antes, e muito menos o dissera em voz alta.

— Não te preocupes tanto — aconselhara ele. — Arrisca: confia em alguém. Deixa-o confiar em ti.

Enquanto se apressava por Shaftesbury Avenue em direção a Chinatown, agora quase com meia hora de atraso, Hannah pensou no que ia dizer, ou se iria dizer alguma coisa. Queria fazê-lo — precisava de deitar aquilo cá para fora, impedi-lo de andar às voltas na sua cabeça — e queria a opinião de Tom, o seu bom senso. Mas o que realmente queria, sabia-o, era que o irmão lhe dissesse que estava a exagerar e que haveria uma explicação simples para tudo, mas no seu íntimo sabia que ele não o faria. Por mais que ela quisesse, Tom não lhe iria mentir; nunca o fizera.

E se lhe falasse de Roma e de Mark ter perdido o telefone e de não estar no hotel e do dinheiro desaparecido — roubado —, tudo se tornaria real. Verdadeiro. Mas ainda podia não ser nada de grave, não podia? Ainda podia haver uma explicação simples — e então ela teria feito Tom pensar mal de Mark por nada. E, disse a voz na sua cabeça antes que ela pudesse pará-la, *tê-lo-ias feito pensar que afinal tivera razão.*

— Então, como podes ver, estou numa enrascada.

Hannah pegou num fragmento de hóstia de camarão e apertou-o entre os dedos até ele se transformar num pó gorduroso.

— Mas se ficaste em silêncio até aqui — acrescentou ela —, porquê dizer alguma coisa agora?

— Bem, a questão é essa. — Tom passou a mão pelo cabelo, que precisava de ser cortado para evitar aquela aparência de Leo Sayer. Era um perigo perene: ele não tinha qualquer interesse na sua aparência e contava

com as mulheres da sua vida — a mãe, Hannah e agora Lydia — para lhe dizer quando era preciso fazer alguma coisa. Só que, nos últimos tempos, Lydia trabalhava mais tempo fora.

— Cabelo — disse Hannah.

— A sério? Já? Cortei-o...

— O ano passado?

Ele fez uma careta.

— Não, a questão é que o Paul me disse ontem que alguém culpou uma das funcionárias de

limpeza. É indiana, penso, talvez paquistanesa. Enfim, se a história for adiante, ela será despedida... não creio que o seu inglês seja suficientemente bom para se conseguir defender, francamente, e...

— Então vais ter de dizer alguma coisa. E se esse Luke tirou o dinheiro, se tens a certeza de que o viste...

— Tenho a certeza. Ele também sabe que o vi. Saí de lá o mais depressa que pude, mas ele viu-me. E... céus, é terrível... ele continua a lançar-me uns olhares pateticamente gratos, como se me devesse tudo.

— Bem, quase que deve, não é, se estás a guardar segredo? — Hannah puxou o resto do papel húmido do gargalo da sua garrafa de *Tsingtao*. «Dinheiro roubado», pensou, «mais dinheiro roubado. *Levado*», corrigiu-se.

— Ele já tem dois filhos, a mulher está grávida. Se for despedido por roubar o dinheiro da viagem... eram trezentas libras... o que vai ele fazer? Nunca conseguirá outro emprego de professor.

Hannah olhou para o irmão e reparou nas duas rugas verticais entre as sobrancelhas.

— Tens de dizer alguma coisa — urgiu ela. — Não podes deixar uma mulher inocente pagar as favas.

Ele suspirou.

— Eu sei. E percebo que não é um grande dilema. Só me sinto mal.

— Pensa nisso ao contrário. Ela também pode ter filhos. Pode estar a sustentar toda a família.

— Se ninguém tivesse sugerido que foi ela, eu teria deixado as coisas como estão. Mas tens razão, agora não posso. Vou falar com o diretor na segunda-feira.

O empregado veio levantar os pratos dos *dim sums* e pousar os pauzinhos no pequeno suporte de louça. Com o lado da mão, varreu o resto do rótulo da garrafa de Hannah.

— Vais sentir-te melhor quando fizeres isso — disse ela depois de o empregado se ter afastado.

Tom suspirou.

— Duvido. — Indicou a garrafa vazia. — Outra?

Sem o rótulo, ela voltou aos restos das hóstias de camarão, atravessando-as com a unha do polegar até as peças se tornarem indivisíveis. Havia um dito qualquer sobre quantas vezes se podia dobrar algo ao meio; era o mesmo para cortar ou isso funcionava de forma diferente? Pensou nas mãos de Mark e como costumava observá-las no início — e ainda observava. Estavam sempre em movimento, sempre a mexer em alguma coisa.

Quando iam jantar fora, havia sempre uma coisa pequena perfeitamente concebida em cima da mesa no final da refeição. Uma vez, no italiano perto do antigo apartamento de Hannah, ele tinha feito um cavalo em miniatura do alumínio do gargalo da garrafa de vinho. Ela guardara-o na caixa de joias. Olhara para ele na véspera.

— Terra para Hannah. Escuto. Estás a ouvir? Escuto.

Ela olhou para cima. Tom estava a observá-la, as sobrancelhas levantadas. As novas garrafas de cerveja estavam já na mesa; ela não as vira chegar. Pegou na dela e bebeu um gole.

— Devo entreter-me sozinho o resto da noite?

— Desculpa.

O empregado voltou com os pratos principais. Hannah fez desenhos no cimo do monte de arroz enquanto esperava que a frigideira parasse com o seu borbulhar demoníaco. Tom criou uma grande bola de *noodles* em volta das extremidades dos seus pauzinhos e abriu a boca quase indecentemente para conseguir enfiá-la lá dentro.

— Hum — disse ele, assim que foi capaz. — Acho sempre que este restaurante não pode ser tão bom como me lembro, mas a verdade é que é. — Pôs outra bola gigante à boca e mastigou. — Então, vais dizer-me o que se passa?

— O quê?

— Estás a pensar em alguma coisa. É a procura de emprego?

— Não. Quero dizer, sim, claro, mas... está tudo bem, a sério. Hei de encontrar trabalho mais cedo ou mais tarde. Está tudo bem.

Ele fez um único aceno, pouco convencido, ela sabia, mas não a ponto de forçá-la se ela não estivesse pronta ou disposta a dizer-lhe. Ela apanhou um pouco de carne, abriu a boca para a comer e, em seguida, pousou os

pauzinhos. Viu que o irmão a observava do outro lado da mesa enquanto ela empurrava a carne com um longo gole de cerveja.

— Olha — disse ela. — Se eu te disser uma coisa, prometes que não vais fazer juízos de valor?

Ele franziu a testa, vagamente insultado.

— Claro. De qualquer forma, seja o que for, não posso pensar pior de ti do que já penso.

— Estou a falar a sério.

— Não, claro que não vou fazer juízos de valor. O que fizeste?

— Não fui eu. É... é uma coisa com o Mark. Pode não ser nada. Tenho quase a certeza de que não é nada.

Desta vez foi Tom quem pousou os pauzinhos.

— O quê?

Vamos lá, Hannah, ele é teu irmão.

— A questão é que eu estava à espera que ele voltasse para casa ontem à noite e ele não voltou.

Contou-lhe toda a história, tudo o que tinha descoberto ao longo do dia. Ele ouviu em silêncio, as rugas verticais de novo entre as sobrancelhas. Quando ela lhe contou sobre as suas poupanças, as sobrancelhas dele formaram por momentos um V escuro antes de, percebendo que ela tinha notado, as endireitar novamente. Quando ela terminou, ele ficou em silêncio.

— Então? — perguntou Hannah, o silêncio tornando-a mais nervosa. — O que achas?

— Deve ser algo relacionado com a empresa, não deve?

Ela recostou-se na cadeira, o alívio a inundá-la.

— Foi isso que pensei. Provavelmente há algum problema de liquidez e ele está a usar o dinheiro da hipoteca e as nossas economias para se aguentarem... — Parou de falar, lembrando-se do rumo que os seus pensamentos tinham tomado no escritório. O alívio desapareceu. — Na verdade — continuou —, não acho que seja isso. Acho que a empresa está bem. — Pensou em algo novo e baixou a voz, como se pessoas da concorrência estivessem sentadas nas mesas à volta deles, a ouvir a conversa como se as suas vidas dependessem disso. — Isto é mesmo confidencial... não digas ao Mark que te contei... mas eles foram abordados por um dos grandes rivais que está interessado em comprá-los. Isso não aconteceria, com certeza, se o negócio estivesse mal, certo? Portanto a empresa deve estar bem. Tem novos clientes, e sei que estão a ser cuidadosos com as despesas na

recessão, cortando com as coisas supérfluas... é por essa razão que já não estou em Nova Iorque. Além disso, o David pensava que estávamos em Roma.

— O Mark conta-lhe tudo?

— Não sei. Porquê mentir-lhe se ele está envolvido?

Tom fez uma leve careta, reconhecendo a lógica dela.

Hannah pensou nas estações de serviço.

— E quanto às viagens na M1, se é isso que foram? Porque me disse o Mark que estava na Alemanha se não estava?

— O que é isso da M1? Onde achas que ele foi?

Ela encolheu os ombros.

— Não faço ideia. — Apoiou os cotovelos na mesa e cobriu o rosto com as mãos. — Olha, dizes-me se estou a enlouquecer? Farto-me de pensar na mãe, como ela era nas semanas antes de o pai se ir embora... antes de ela o levar a isso... e acho que estou a comportar-me exatamente da mesma forma: a bisbilhotar no escritório do Mark, a ler os seus extratos bancários. — Levantou a cabeça de novo e olhou o irmão nos olhos. — Estou doida ou achas que ele tem um caso?

Tom ficou de novo em silêncio. Hannah esperou. «Por favor, mente», pensou. «Só desta vez, Tom, mente-me.»

Durante o jantar ela mantivera o *BlackBerry* na mala, sabendo que, se o tivesse sobre a mesa, os seus olhos teriam pousado nele a cada poucos segundos. Atendendo às circunstâncias, Tom não se teria importado, mas ela detestava quando as pessoas lhe faziam isso: era tão rude. De qualquer forma, não esperava que Mark ligasse de novo; dissera-lhe que poderia estar a jantar fora.

Agora, porém, acenando pela última vez ao irmão enquanto o autocarro dobrava a esquina, ela pegou no telemóvel e viu que tinha uma chamada perdida. O número não fora reconhecido, mas a pessoa tinha deixado mensagem e ela ouviu a voz de Mark.

Olá, querida. Estou só a ligar para a eventualidade de conseguir apanhar-te antes de te encontrares com o Tom, se é isso que estás a fazer. O facto de não atenderes faz-me pensar que é. Manda-lhe cumprimentos. Amanhã ligo-te. Amo-te.

A mensagem tinha sido deixado duas horas e meia antes, logo após as

oito e meia. Ela ouviu-a novamente para o caso de ter deixado escapar alguma coisa — música, uma mulher a rir em fundo —, depois apagou-a. Provavelmente ele ligara a essa hora porque sabia que era pouco provável apanhá-la.

Encostou a cabeça à janela e fechou os olhos. Pensou no momento em que chegaria a casa, como, enquanto descesse Quarrendon Street desde a paragem de autocarros, a casa estaria escura e vazia. E se era o fim? E se o seu casamento tivesse acabado?

A ideia fez desaparecer a fúria e foi substituída por desolação pura. As lágrimas arderam-lhe sob as pálpebras e ela pestanejou rapidamente, recusando-se a chorar no autocarro 22. Tentou distrair-se, pensar noutra coisa, mas a sua mente não obedecia. Em vez disso, ofereceu-lhe a visão de um futuro sem ele, a vida como a conhecia atualmente terminada, sem Mark, sem emprego, sem casa, sem planos. Sem amor, sem companhia, sem piadas partilhadas, sem ternura.

Ternura. Deteve-se na palavra, explorou-a na sua mente. Sim, se ele a deixasse, isso era o que ela ia realmente perder. Podia reconstruir o resto, encontrar outro lugar para viver e uma forma de se sustentar até recuperar a carreira, mas seria capaz de substituir a ternura, a cor, o conforto que sentia desde que o conhecera?

Teve uma súbita lembrança do seu «encontro» em Williamsburg, na noite depois de se terem encontrado na McNally Jackson. A ternura já estivera lá. Ele esperava-a à porta do bar, em calças de ganga e uma camisa de algodão claro, as mangas enroladas até um pouco abaixo do cotovelo. Quando ela virara a esquina ele estava a mexer no *BlackBerry*, mas olhou para cima e viu-a quase imediatamente, e um sorriso espalhou-se pelo seu rosto como o sol através da água.

Ela sentira-a toda a noite. A cinco mil quilómetros de onde crescera, numa parte de Brooklyn que mal conhecia, rodeada — com exceção de alguns colegas — de desconhecidos, sentira-se em casa. Sempre que olhara para Mark naquela noite — enquanto bebiam cerveja com Josh e Lily durante o concerto da banda que fazia a primeira parte, ao abrirem caminho para a frente quando a banda de Flynn subiu ao palco, quando ele dançara ao seu lado durante o *encore*, uma versão *indie* decente de «Bad Romance» de Lady Gaga —, ela sentira ternura a irradiar dele. Mais tarde, lá fora, a poucos quarteirões do clube, ele puxara-a para as sombras ao lado de uma loja. O comboio da linha J passava ruidosamente sobre a ponte acima deles a

caminho de Manhattan e as palavras tinham, *finalmente*, atravessado os seus pensamentos. Mark esperara até o comboio passar, depois pusera as mãos em volta da cintura dela e puxara-a contra si. Quando a beijara, ela tivera um único pensamento: *Quero isto para o resto da minha vida.*

CAPÍTULO OITO

— Entra, entra. Que surpresa agradável. — Pippa pôs-se de lado para a deixar entrar. — Dá-me cá isso. — Pegou no casaco de Hannah e atirou-o para a coluna ao fundo das escadas. — Por aqui. Desculpa a desarrumação. — Empurrou um elefante de peluche contra a parede com a ponta da bota. — Ainda bem que ligaste. Estou aqui sozinha... a mãe do Dan veio cá passar o fim de semana e eles levaram o Charlie ao cinema no Sunday Club. Sabem que é a única maneira de conseguirem comer algo decente mais tarde. O Paddy está a dormir a sesta, por isso fiquei sozinha.

Hannah seguiu as calças de ganga folgadas de Pippa pelo corredor com os seus azulejos brancos e verdes vitorianos. Sempre que a via, surpreendia-se com a sua altura — um metro e oitenta, segundo a própria. Mesmo com as velhas botas *Ugg* calçadas, Pippa era uma torre. Tinha uma nódoa avermelhada no bolso de trás das calças, molho de tomate ou *ketchup*, e os cotovelos da camisola azul-escura estavam esburacados. No entanto, estava bonita — descontraída, quase atrevida.

Na cozinha, Hannah sentou-se a um banco ao balcão, enquanto Pippa enchia a cafeteira. A cozinha era aproximadamente do mesmo tamanho da de Quarrendon Street e tinha portas duplas semelhantes que davam para um jardim que era um pouco maior. No entanto, ao passo que Hannah tinha conseguido domar o deles, o de Pippa continuava no seu estado selvagem.

— Gostaria muito que ele estivesse um pouco mais civilizado — dissera ela da primeira vez que Hannah lá fora, esticando o braço para arrancar um ramo ressequido da roseira que subia pela parte de trás da casa —, mas, sabes, o dia só tem vinte e quatro horas.

Naquele dia, um amontoado de brinquedos de plástico de cores primárias recolhia a chuva que tinha começado a cair cerca de uma hora antes, e havia um trator de lado, as rodas a encherem-se gradualmente.

O interior também estava caótico. Louça empilhada no lava-louça e uma coleção de canecas sujas de café no balcão ao lado de um cestinho de rebentos de qualquer coisa. Um saco de plástico com batatas cheias de terra descansava sobre uma pilha de jornais de domingo que já se estava a transformar num ninho. Ao lado, perigosamente perto de uma pequena poça de sumo de laranja entornado, estava um punhado de esboços A4 para *As Bruxas de Wandsworth*, a tira de banda desenhada que Pippa desenhava para

a revista cedida gratuitamente nas estações de metro nas manhãs de sexta-feira. A sua outra tira de BD, *Harrised*, que narrava as aventuras de Emily, uma mulher aterrorizada pelo filho de três anos, saía numa das grandes revistas femininas. Na ponta da mesa havia vestígios de carimbos feitos com batata — tigelas com tinta a secar e um frasco de doce com água azul nebulosa — e uma tigela de qualquer coisa feita em puré começava a escurecer no tabuleiro da cadeira de Paddy.

Pippa entregou-lhe uma caneca de café e empurrou um pacote de leite na direção dela.

— Ainda bem que ligaste. Eu disse que ficava em casa para fazer algumas coisas, mas fiquei absorvida nisto depois de eles saírem e não fiz nada. — Bateu na capa do *thriller* voltado para baixo ao lado da tábua de cortar. — Já leste algum livro dele? Não leias: são como *crack*. Comprei este ontem à tarde no Nomad e mal abri a boca desde então. O Dan chamou-me a atenção esta manhã por ignorar a mãe dele. — Ela fez uma careta. — Importas-te que continue a fazer isto enquanto conversamos?

Despejou um coador cheio de feijão-verde na tábua e começou a dispor as vagens em fila.

— Posso ir fazendo alguma coisa?

— Não, não te preocupes. Então foste às compras?

— Precisava de comprar uma prenda de anos. — «Aí vêm as mentiras», pensou Hannah. — Venho muitas vezes a Putney High Street. As lojas são todas perto umas das outras e isso agrada-me.

— É bom, não é? Muito melhor do que ter de ir para a cidade. Bem, quando cá vieres, dá-me uma apitadela. Estou sempre por aqui aos fins de semana.

— Obrigada, assim farei. E tu faz o mesmo quando fores ao nosso lado do rio.

Pippa levantou os olhos do feijão e sorriu. Era uma das amigas britânicas de Mark de que Hannah gostara imediatamente. Pippa e Dan tinham andado em Cambridge com ele, e Dan fora a primeira pessoa a quem Mark ligara com a notícia de que ele e Hannah iam casar. Todas as mulheres e namoradas dos amigos dele eram boas pessoas e tinham-na feito sentir-se bem-vinda, mas era com Pippa que Hannah sentia mais afinidade. Um dos motivos era ela não se levar nada a sério. Algumas das outras — Marie, em particular — pareciam ter perdido o sentido de humor na sala de partos e falavam dos filhos com um temor geralmente reservado a divindades irascíveis,

aparentemente com medo de serem atingidas por um raio caso olhassem para uma banana não biológica no Waitrose. Pippa conseguira permanecer humana, apesar de Paddy e Charlie terem apenas um e quatro anos.

— Álcool — respondera ela com toda a franqueza, quando Hannah lhe perguntara qual o seu segredo. — O mais difícil de ter um bebé é não beber. Digo-te, tudo o que eu queria quando estava grávida era um gim tónico enorme, e as pessoas olhavam para mim como se eu fosse Estaline se o dissesse. E todas essas crianças que não ingerem açúcar, glúten... que são *vegans*, por amor de Deus: assim que experimentarem um copo de limonada e uma bolacha de chocolate, as suas cabeças vão explodir. Às vezes ouço todas aquelas conversas sérias... sei que são bem-intencionadas, sei... mas só me dão vontade de... sei lá, beber cinco martinis e pôr-me em cima da mesa a fumar e a mostrar as cuecas.

Agora, porém, Hannah perguntou-se o que iria dizer — como poderia sequer começar. No carro, durante o caminho, ensaiara duas ou três possíveis aberturas, mas ali no aconchego descontraído da cozinha de Pippa, achava que não iriam funcionar. A mulher à sua frente era perspicaz: perceberia imediatamente onde ela queria chegar. E a última coisa que Hannah desejava era que aquilo chegasse aos ouvidos de Mark. Mas Pippa era a sua melhor oportunidade, até porque, caso algum dos amigos dele soubesse o que se passava, essa pessoa seria Dan.

— Então, o que me contas? — perguntou Pippa. — Como vão as coisas?

— Oh, tudo bem. Ainda não consegui encontrar emprego, mas estou a tentar.

— Maldita economia. Falei com os tipos do *Post* acerca da possibilidade de fazer trabalho para eles, mas reduziram-lhes o orçamento. Pelo menos foi o que me disseram, de qualquer maneira. — Ela sorriu. — Como está o Mark? Fora este fim de semana?

— Nova Iorque. — Ou Roma. Hannah pensou que tanto quanto ela sabia, até podia estar no Paraguai. Sentiu uma nova onda de determinação. Tinha de fazer aquilo... tinha de dizer alguma coisa. — Na verdade, Pip, será que... aproveitando o facto de ele não estar aqui... não sei se o Dan mencionou alguma coisa ou se o Mark comentou contigo, mas estou um pouco preocupada com ele.

Pippa levantou os olhos da tarefa de cortar as pontas ao feijão-verde.

— Tenho a certeza de que não é nada e que estou a exagerar, mas ele parece um pouco... ansioso.

— Ansioso?

— Não sei... stressado, suponho. Quero dizer, anda a trabalhar muito, o que provavelmente é parte da causa, deita-se tarde, acorda cedo... — Hannah parou, não querendo exagerar. — Só queria ter a certeza de que é só isso, sabes, que não há nada a preocupá-lo.

— Se houvesse, ele dizia-te, não é?

— Normalmente, eu diria que sim, mas sabes como ele é, tem a mania que tem as costas largas. Talvez se houvesse alguma coisa a preocupá-lo não me quisesse dizer para não me afligir.

— Hum, sim, percebo isso. Mas não, ele não nos disse nada. Acho que o Dan não fala com ele desde que vocês vieram jantar, por acaso.

— Bem, isso já é alguma coisa. Acho que vou tentar que ele trabalhe menos. — Frustrada, Hannah bebeu um gole de café. Aquilo era escusado, demasiado vago. Era como tentar arrombar uma fechadura com luvas de boxe. Mas não podia simplesmente dizê-lo: discutir o assunto com o irmão era uma coisa, mas dizer a Pippa, que de certeza contaria a Dan... Por outro lado, não, pensou Hannah. Não. Quando chegara a casa na noite anterior, ligara novamente para os hotéis em Nova Iorque: confirmara que ninguém com o nome Mark Reilly estava hospedado em qualquer um deles. Sentira a fúria aumentar: onde diabo estava ele? Porque não lhe dera um número de telefone ou qualquer outra forma de o contactar? E se ela tivesse um acidente? E se a casa ardesse? *E o dinheiro?*, perguntou a voz.

— Pippa, olha — disse ela. — Isto é realmente estranho... sinto-me mal por tocar no assunto, mas... o Mark não devia estar fora este fim de semana.

— O que queres dizer? — Pippa parou, o corredor suspenso sob a torneira.

Hannah pensou em contar-lhe a história de ele ficar para a segunda reunião, mas depois pensou, para quê? Era uma mentira tão evidente...

— Eu estava à espera dele na sexta-feira à noite, mas ele não apareceu no aeroporto.

Pippa pareceu de imediato preocupada.

— Ele está bem? Aconteceu alguma coisa? Ele ligou-te?

— Sim, ele está bem. Ligou-me ontem de manhã e também deixou mensagem ontem à noite. A questão é que ele me disse que está em Nova Iorque, mas os colegas parecem todos pensar que ele está em Roma.

Pippa pousou a faca, puxou um banco e sentou-se.

— Um mal-entendido?

— Foi isso que pensei logo, mas ele disse à assistente que ia levar-me para fora e fazer-me uma surpresa. O telemóvel dele não funciona e ele não está hospedado no hotel habitual. Liguei para todos os outros da cadeia, mas ele não está em nenhum. Se o Dan estivesse fora e perdesse o telemóvel e não estivesse no hotel habitual, não achas que ele te dizia e te dava outro número? E se houvesse uma emergência e precisasses de contactá-lo?

Pippa ficou em silêncio alguns segundos, e o tiquetaque do enorme relógio de parede acima da mesa tornou-se de repente audível. Ela pousou as palmas das mãos na bancada e olhou Hannah nos olhos.

— Percebo porque podes estar preocupada — disse ela —, mas não estejas... ou tenta não estar. É impossível o Mark andar a trair-te... ele ama-te. Nunca o vi assim com outra pessoa, nem nada que se pareça.

— A ex dele, a Laura...?

— A Laura? Nem pensar. Ela era porreira e ele tentou, mas não estava voltado para ali. Olha, por muito esquisito que isto possa parecer, vai haver uma explicação simples. O Mark ama-te... é evidente.

— Porquê mentir, então? Porquê inventar uma história para os colegas?

— Não faço ideia. Talvez seja algo relacionado com o trabalho ou talvez ele ande preocupado com alguma coisa e precise de tempo sozinho. Sabes, às vezes penso isso acerca de estar casado. Esperamos que seja fácil, julgamos ser capazes de nos adaptar a fazer parte desta intensa coisa nova, viver com outra pessoa, mas não é fácil... na verdade, é muito difícil, especialmente agora que todos casamos muito tarde. — Pippa afastou os esboços do sumo de laranja entornado, aparentemente reparando nele pela primeira vez. — Meu Deus, não fazes ideia do que eu daria por um pouco de tempo sozinha, um par de dias de paz e sossego, caminhar na praia algures... mas teria saudades do Dan e dos miúdos a cada minuto. Não significaria que não os amo. E o Mark é tão inteligente e foi sempre tão independente; é natural que precise de algum tempo sozinho de vez em quando. Talvez ele não te tenha contado não vás tu perceber tudo mal e ficar magoada.

— Mas...

— Querida, é impossível ele andar a ter um caso. Fim da história. Ele ama-te. — Pippa sorriu. — Ele é como o Dan... um dos bons.

— Eu sei. Sim, eu sei.

— Ele disse quando voltava?

— Terça-feira de manhã.

— Fala com ele nessa altura. Mas não vai ser nada, prometo. Garanto-o.

— Pippa levantou-se de novo e baixou-se para tirar um tacho do armário. Enxaguou o feijão e pô-lo no tacho.

Ao observá-la, Hannah sentiu uma pontada de inveja. Apesar do que Pippa dissera — e ela estava grata pelas suas tentativas de tranquilizá-la, estava mesmo —, passava-se alguma coisa. A vida de Pippa decorria com normalidade, mas a dela, Hannah sentia-o, *sabia-o*, estava prestes a mudar.

À porta, Pippa deu-lhe um grande abraço.

— Tens a certeza de que não queres ficar para o almoço?

— Absoluta. Obrigada por perguntares, mas é melhor eu ir andando.

— Bem, tem cuidado contigo, *okay*? Tenta não te preocupares. Há uma explicação simples. continua a acreditar nisso. — Assim farei. Olha, Pip, ando para te dizer isto há imenso tempo: obrigada por me fazeres sentir tão bem-vinda. É estranho entrar de repente num grupo de pessoas que já são amigas desde a faculdade. Foste tão...

— Faculdade? — Pippa pareceu admirada. — Oh, nós não andámos juntos na faculdade. O Mark estava três anos à nossa frente; deixou Cambridge no verão antes de começarmos. O Dan conheceu-o alguns anos depois de terminarmos o curso, através do trabalho. A DataPro desenvolveu um programa para o banco.

Em Putney Bridge, Hannah guinou para evitar um autocarro que estava a sair da paragem sem fazer pisca e quase bateu num ciclista. O homem estava coberto de licra e era musculoso, o seu capacete uma coisa moderna preta pontiaguda que lhe dava um ar de inseto. Ela baixou o vidro.

— Desculpe — disse. — O autocarro...

— Mas que porra?! Caralho, porque não vê para onde vai? — Era mais velho do que ela esperara, talvez com cinquenta anos, e isso fez a linguagem soar pior, mais violenta. O rosto magro do homem estava distorcido de cólera.

— Já pedi desculpa. Não tive escolha. E nem sequer lhe toquei.

— Puta de merda! — Parecia estar a acumular saliva na boca e, por um momento, Hannah pensou que ele lhe ia cuspir. Nesse momento, o condutor atrás buzinou e a atenção do ciclista foi desviada. Ela acelerou rapidamente, o ar gelado a entrar pela janela até a conseguir fechar novamente.

As lágrimas ardiam nos seus olhos tal como na noite anterior, mas desta vez, na privacidade do carro, ela deixou-as cair. Mentira após mentira após

mentira... Alguma vez Mark lhe dissera uma verdade? Porque iria mentir sobre quando conhecera os amigos? Ela tinha a certeza, a certeza absoluta, de que ele lhe dissera que estivera com Dan e Pippa em Cambridge, ao mesmo tempo — lembrava-se de uma história sobre um passeio de barco e um piquenique regado a álcool. E se ele mentira sobre isso, sobre que mais teria mentido? Talvez não tivesse sequer andado em Cambridge, ou em qualquer universidade. Talvez fosse apenas um mentiroso compulsivo, uma daquelas pessoas que não conseguia conter-se mesmo quando não havia nada a ganhar. Talvez, pensou Hannah, estivesse prestes a descobrir que ele era casado com outra mulher e tinha uma outra família algures.

Talvez estivesse com eles agora. O que quer que estivesse a fazer, onde quer que se encontrasse, era um mistério para ela. Quando chegara a casa na noite anterior, escrevera um *e-mail* a Roisin. Levava algum tempo. De início, tinha escrito um discurso longuíssimo, com tudo o que tinha descoberto, passo a passo. Em seguida, selecionara o texto todo e apagara-o. Todas aquelas pessoas com casamentos felizes — Roisin e Ant, Dan e Pippa, o seu irmão e Lydia. Ela conseguira oito meses, três dos quais vivera num país diferente. Tom estava errado — ela era *exatamente* como a mãe. Na verdade, a mãe aguentara-se durante anos e anos.

No final, o *e-mail* para Ro continha apenas algumas linhas. *Devo-te um e-mail como deve ser, desculpa, mas entretanto achei que seria melhor informar-te que o Mark está à solta em Nova Iorque este fim de semana. Perdeu o telefone, mas tem o teu número e diz que talvez te ligue. Ficam já avisados...* Roisin e o seu *iPhone* eram inseparáveis, e a resposta dela chegou no espaço de um minuto: *Boa! Quando falares com ele, diz-lhe para nos ligar.*

A chuva mantinha as pessoas dentro de casa e os passeios de Quarrendon Street estavam vazios. Hannah estacionou à porta, desligou o motor e encostou a cabeça ao volante. Estava exausta; não tinha dormido na noite anterior. Ficara acordada junto ao lençol esticado do lado de Mark e fora atormentada pelo desfile de imagens rancorosas que a sua mente conjurara, uma após a outra.

Por favor, pensou ela, faz com que ele esteja em Roma. Nova Iorque era a cidade *deles*. A sua mente, no entanto, tinha produzido imagem após imagem de Mark a levar outra pessoa a todos os locais preferidos dos dois. Viu-o

sentado a uma das pequenas mesas do Westville, estendendo o braço sobre a toalha para pegar na mão de uma mulher, os olhos nunca deixando o seu rosto; imaginou-os a almoçar no Boathouse, depois a caminhar pelo Central Park, envoltos em casacos e chapéus e cachecóis, dando pontapés nas folhas caídas. Ela era sem dúvida linda, aquela mulher, quem quer que fosse, mas nas imagens tinha feições vagas, sem rosto, um esboço magro, mas curvilíneo, com uma gargalhada suave e cabelo comprido lustroso.

Mais tarde, pouco depois das três, sentira que caía no sono — os seus pensamentos começaram a vaguear, a deixá-la em paz —, mas, no último momento, quando estava prestes a mergulhar com gratidão no esquecimento, vira-os na sua cama, não ali em Londres, mas no seu antigo apartamento em Waverly, Mark soerguido num cotovelo a conversar, a sorrir, a beijar a mulher como a tinha beijado. Naquele instante, a possibilidade de sono desaparecera completamente, e ela destapara-se e levantara-se, com o coração a galopar. Na cozinha, bebera três chávenas de chá e navegara na Internet até sentir os olhos vidrados e começar a ouvir o zumbido tranquilo do trânsito matinal em New King's Road.

Apercebeu-se de um barulho no silêncio. Olhando para o espelho retrovisor, viu o rapazinho da casa do outro lado da rua a pedalar furiosamente pelo passeio num triciclo, a mãe a correr para o acompanhar. Estava na hora de sair dali; não podia ficar sentada no carro todo o dia. Passou o polegar pelos olhos e fungou. Porém, quando estendeu a mão para a mala no banco do passageiro, o seu telemóvel começou a tocar.

Pôs a mala ao colo e revirou-a para encontrar o telemóvel antes que ele se calasse, quase deixando-o cair na sua pressa. No ecrã estava um número de Malvern: o da mãe. Por um ou dois segundos, Hannah considerou não responder — podia ligar-lhe mais tarde, quando estivesse dentro de casa e mais recomposta —, mas então sentiu uma pontada de culpa. Para Sandy, fazer um telefonema, até para os filhos, era uma coisa especial. Devia ter feito um chá, pousado a chávena na mesinha ao lado do sofá antes de se sentar com cuidado, ajustando os óculos na ponta do nariz e olhando para a curta lista de números que Tom tinha programado no seu telefone no ano anterior, como se fossem símbolos arcanos.

— Olá, mãe.

— Hannah? — A mãe soou pouco segura.

— Claro que sou, tonta... tu ligaste-me. Como estás?

— Oh, bem, sim, estou bem, querida. E tu? E o Mark?

— Sim, estamos os dois bem. A gozar um fim de semana tranquilo.

— Isso é bom. — A mãe parecia aliviada. — Tenho estado ocupada. Fui ao Waitrose esta manhã e encontrei a senhora Greene. Ela perguntou por vocês.

— Que simpático da parte dela. — A senhora Greene dera aulas a Hannah e Tom no jardim infantil; Hannah ficava espantada por ela ainda se lembrar deles tantos anos mais tarde. Acabara de se aposentar; quantas centenas de crianças teriam passado por si entretanto?

— E estive a fazer o pudim de Natal. A casa cheira como uma destilaria... os vizinhos devem andar a perguntar-se que diabo ando a tramar.

— Espero que tenhas provado um pouco... da bebida, quero eu dizer.

— Não sou grande fã de rum, é muito forte, e não conheço ninguém que beba cerveja com muito álcool, pois não? Onde está o Mark? Contigo?

— Está em Nova Iorque, mãe. Uma reunião de negócios.

— A um domingo?

— Não, amanhã. — *Não te ponhas à defesa; ela não está a sugerir nada; não sabe nada.* — Ele foi na quarta-feira para outras reuniões e esta foi marcada no último minuto, portanto ele ficou por lá. Volta na terça-feira.

— Isso é bom. — Mais uma vez, a mãe pareceu aliviada. Às vezes, pensava Hannah, a mãe parecia interpretar as viagens de negócios de Mark como um sinal de relutância em estar em casa, em vez de uma parte necessária de gerir uma empresa internacional. Mas quem sabia? Talvez ela tivesse razão.

Por um momento louco, pensou em contar à mãe, deitar tudo cá para fora e submeter-se à sua misericórdia. Queria o seu apoio e simpatia; queria conselhos, que lhe dissessem o que fazer. Tão rapidamente como chegara, porém, a vontade desapareceu. Era impossível: não havia nenhuma maneira de ela poder revelar nada daquilo. Assim que desse sequer a entender uma parte, provar-se-ia que a mãe estava certa: ela, Hannah, não era capaz; não era o tipo de pessoa que conseguia manter uma relação. Era demasiado independente, vivia demasiado preocupada com a carreira, era demasiado *egoísta*. Em algum lugar no fundo da sua psique, não identificado mas real, havia algo de errado com ela. Bastava ver o que tinha acontecido com Bruce; bastava ver o desastre dos anos depois dele. E agora bastava ver as coisas com Mark: o casamento já tremido em menos de um ano... pouco mais de metade disso.

E a sua mãe adorava Mark, adorava. Mesmo para além da gratidão que

teria sentido em relação a quem tivesse desencalhado a filha solteirona, Sandy adorava-o.

Conhecera-o no Natal do ano anterior. Hannah voara de Nova Iorque no dia vinte para passar alguns dias em Londres antes de ir para Malvern. Não querendo deixar todos os preparativos para a mãe, tencionara ir de comboio dois dias mais cedo; Mark iria de carro na véspera de Natal. No entanto, ele tinha voltado do escritório na noite do dia 21 e anunciado que fechara a DataPro cedo e iria de carro com Hannah no dia seguinte.

Para ser sincera, ela imaginara que a ideia dele de ajudar seria abrir garrafas e distraí-las, mas, logo à chegada, ele adotara o papel de homem da casa. Enquanto ela estava a falar com a mãe, ele saíra sem uma palavra e empilhara os troncos que o homem da madeira, encontrando a casa vazia quando viera fazer a entrega, despejara diretamente em frente à porta da garagem, bloqueando o carro dela lá dentro.

A casa era pequena — dividir as finanças da família tinha deixado os pais quase falidos —, mas a mãe de Hannah tinha quatro ou cinco belas peças de mobiliário que herdara da família e um talento para encontrar verdadeiras gemas em lojas de velharias. Mark pedira-lhe uma visita guiada e quisera ouvir a história por detrás de tudo, os detalhes de período e estilo, de onde tinham vindo. Fora particularmente efusivo em relação à mesa de cartas georgiana que ela herdara da avó e pedira a Sandy que tentasse encontrar algo semelhante para a casa de Quarrendon Street.

Depois acendera a lareira, pendurara o visco, servira a Sandy um copo de vinho, sentara-se e conversara com ela durante mais de uma hora enquanto Hannah fazia o jantar. A casa parecera diferente, mais viva, e a mãe, nervosa durante as primeiras duas horas, ficara animada, até um pouco coquete, contando histórias autodepreciativas e outras da infância da filha.

— Ele é encantador, Hannah — sussurrara ela enquanto levavam os pratos para a cozinha depois do jantar. Pousara a pilha na bancada e apertara o braço da filha com entusiasmo. — Mesmo encantador.

E depois houvera o Boxing Day. A seguir ao almoço, Mark tinha sugerido uma caminhada. Hannah tentara convencer a mãe a ir, mas ela recusara com um vigor que era bastante atípico. Passaram alguns minutos a experimentar as galochas no armário do vestíbulo; em seguida arrancaram, a mãe a acenar-lhes, de olhos brilhantes, do degrau da entrada.

Depois de estacionarem o carro, tinham seguido pelo trilho até ao forte da Idade do Ferro, com o ar frio e a inclinação acentuada da subida a tirarem o

fôlego a Hannah.

— A culpa é do pudim — disse ela ao fim de cinco ou seis minutos, tentando disfarçar os seus arquejos. — E das tartes de fruta. E das batatas assadas. Tenho a sensação de que engordei três quilos desde ontem.

— Continuas linda, querida. Eu enfrentaria um forte cheio de pagãos por ti.

— Acho que só agora começo a perceber a força do teu poder de encantar as pessoas — disse ela, olhando-o de soslaio. — Puseste a minha mãe sob algum tipo de feitiço.

— De sortilégio. — O caminho tornara-se plano durante uns cem metros e ele tinha feito uma pausa para admirar Herefordshire, uma vista que talvez não tivesse mudado em duzentos anos, pensava sempre Hannah, não obstante as ocasionais torres dos telefones e o brilho de carros pequenos aqui e ali nas estradas estreitas. — Ou encantamento — disse ele. — Qual deles achas?

— Um qualquer. É eficaz.

Ele tinha-se virado para ela.

— E funciona em ti?

— O que achas?

— Espero que sim. — A expressão dele ficou de repente muito séria, e ela sentiu o seu sorriso desvanecer. — Hannah, sabes que te amo, não sabes?

Ela assentiu com a cabeça, pestanejando por causa do sol que brilhava por trás dele diretamente nos seus olhos.

— Andei a pensar muito nisto... muito mesmo. — Ele riu um pouco, gozando consigo próprio. — Será que... queres casar comigo?

Tom e Lydia tinham vindo nessa noite de casa dos pais dela em Ludlow. Sandy quisera que Hannah ligasse ao irmão a dar a notícia assim que ela saiu do telefone com o pai e Maggie, mas ela esperara para dizer a Tom pessoalmente, querendo ver o seu rosto quando lhe dissesse que ela, a solteirona, a desajeitada, a *cobarde*, ia realmente casar.

Tudo começara de forma auspiciosa. Mark tinha-o ajudado a descarregar o carro e dito uma frase de um episódio especial de Natal do *Only Fools and Horses* que fizera Tom rir antes mesmo de ter sido oficialmente apresentado junto à lareira. Embrulhada no casaco comprido de caxemira que Lydia — que era muito melhor nora do que ela era filha, pensou Hannah — lhe comprara quando tinham ido as duas às compras, Sandy mantivera-se de pé,

animada, incapaz de se sentar, mesmo depois de Mark lhe ter entregado um copo de vinho e lhe ter pedido que se sentasse diante do lume.

— O que foi, mãe? — perguntara Tom, pondo o braço em volta dos ombros dela. — Já vamos adiantados na quadra festiva para estares tão animada, não é? E não acredito que estejas assim *tão* excitada por me ver. Estivemos juntos há duas semanas.

A mãe lançara a Hannah um olhar sofredor.

— Uma mãe tem o direito de estar animada por ter a família toda junta, não tem?

— Sim. Mas é evidente que se passa mais alguma coisa. Desembucha.

— Hannah, diz-lhe. Depressa, antes que eu expluda.

— Dizer-me o quê? — perguntara Tom, olhando para ela.

Mark atravessara a sala e pusera o braço em volta da cintura de Hannah. Ela sorrira para ele e, em seguida, para o irmão, a felicidade que borbulhara nela durante todo o dia a ameaçar derramar-se.

— Vamos casar — tinha dito. — O Mark pediu a minha mão esta manhã.

Lydia soltara um gritinho de prazer e começara uma dança estranha com Sandy, mas Hannah não conseguira tirar os olhos do rosto de Tom. Apesar de ele ter tentado disfarçar — desaparecera mal ela a vislumbrara —, a expressão estivera lá, inconfundível, uma expressão que combinava choque e mágoa e alarme.

— Uau! — exclamara ele. — Meu Deus... uau. Parabéns. Isso é uma grande notícia, Hannah.

Hannah. Era a confirmação de que ela precisava.

Tom bebera um gole da cerveja que Mark lhe servira, depois pousara o copo em cima da lareira e fora dar-lhe um abraço.

— Uau. — Afastara-se e apertara a mão de Mark. — Bem jogado, pá. Espero que saibas no que te estás a meter.

Mark tinha rido.

— Acho que sim. Mas os conselhos são aceites com gratidão... tu és o especialista.

Sandy desaparecera por momentos, mas reaparecera com uma bandeja com copos e uma garrafa de champanhe que estava há pelo menos cinco anos escondida no fundo do louceiro, mas que fora parar misteriosamente ao frigorífico quando eles voltaram do passeio.

— Pediste autorização à minha mãe — dissera Hannah ao vê-la, e Mark tinha sorrido.

— Acho que ela gostou.

Durante meia hora, Hannah ficara encurralada junto à lareira, a responder a perguntas animadas de Lydia e da mãe sobre possíveis locais para o copo de água, o vestido que ia usar, consciente das ondas de tensão que irradiavam do irmão na outra extremidade do sofá, onde Mark tentava falar com ele sobre a Cidade do Cabo, um local sobre o qual Tom, que tinha dado lá aulas durante um ano, geralmente não se cansava de falar assim que tinha oportunidade. No final, ele desculpara-se para ir fumar um cigarro e ela esperara um minuto ou dois para manter as aparências, e fora atrás dele. Encontrara-o no jardim das traseiras, no final do relvado para lá do alcance da luz automática acima da porta das traseiras.

— Então estás chateado comigo — dissera ela, assim que os seus olhos se habituaram à escuridão e lhe permitiram distinguir as feições do irmão.

— Porque haveria eu de estar chateado contigo? Vais casar.

— Parece que pode ser por isso... por razões que não compreendo.

A ponta do cigarro de Tom brilhara intensamente durante vários segundos. Ela sentira-o tentar controlar-se, mas acabara por desistir e explodir.

— Não achaste que talvez eu devesse conhecê-lo primeiro?

— O quê? — retorquira Hannah. — Nem o pai disse isso. Acalma-te, mano. Não há necessidade de te pões *in loco parentis*.

Ele olhara para ela, os olhos escuros a contrastar com o rosto pálido.

— Isso, goza com a situação.

— Bem, qual é a alternativa, Tom? Estás a comportar-te como um miúdo mimado. Ficaste chateado comigo porque não conhecestes o meu noivo antes? Bem, adivinha? Eu vivo em Nova Iorque, não é assim tão fácil encontrarmos para beber uma cerveja. Não vives ao fundo da rua.

— Vamos lá, Hannah, com certeza não és assim tão estúpida. Estás a perceber-me mal de propósito.

— Não me parece. Só estou a basear-me no que disseste... nas tuas palavras.

Ele puxara outra baforada.

— Bem, o que eu *quis* dizer foi: há quanto tempo conheces esse tipo?

— *Esse tipo?*

— O *Mark*, então... o Mark. Há quanto tempo o conheces?

— Há cinco meses. Quase seis.

Ele abanara a cabeça e Hannah sentira uma onda de fúria. Se tivessem dez

e doze anos de novo, ela tinha-lhe dado um pontapé.

— Não te lembras de me dizer — tinha continuado ela com voz trémula — que soubeste logo que a Lydia era a Tal? Ou isso varreu-se-te convenientemente, ó grande sábio dos relacionamentos? Acho que disseste que tinham sido três meses, para o caso de precisares que te recorde.

— Isso foi diferente.

— Claro que foi.

— Foi. Já nos conhecíamos. Eu conhecia amigos dela... havia uma envolvimento.

— Pelo amor de Deus, o *Mark* tem envolvimento. Conheci amigos dele... o Dan e a Pippa... jantámos com eles em Londres antes de vir. São pessoas decentes, inteligentes, engraçadas: irias gostar deles. O Ant e a Roisin... amigos *comuns*... apresentaram-nos. — Hannah vira o rosto da mãe aparecer na janela iluminada sobre o lava-louças, a sua expressão ansiosa enquanto os procurava no jardim.

— Bem, tu é que sabes — dissera Tom.

— E sabes uma coisa? Por acaso, neste caso, sei. Eu é que sei. Amo o Mark e confio nele e quando desceres do teu pedestal e deixares de me tratar como uma atrasada em questões emocionais, verás que tenho razão.

— Ótimo — dissera ele, e o confronto tinha abandonado a sua voz. — Vou ficar à espera da data. Não suportaria pensar que estavas a apressar-te por causa do que eu te disse o ano passado. — Fizera uma pausa. — Sobre teres medo de compromissos... de correr riscos. Não me perdoaria se...

A fúria dela também desaparecera e fora substituída por uma onda de amor pelo irmão.

— Pelo amor de Deus, Thomas! — tinha dito. — Vê se te orientas. Eu consigo aguentar as coisas sozinha, sabes? Não preciso da tua ajuda.

CAPÍTULO NOVE

Quando ela virou a esquina para Manbre Road, o noticiário das oito estava a começar: Assad na Síria a massacrar o seu próprio povo; outra prisão na investigação de uma rede de pedofilia. Era cedo e ainda havia vários lugares vazios, pelo que Hannah estacionou e desligou o motor, interrompendo a voz no rádio a meio da frase.

Fora do carro, o ar estava tão frio que parecia molhado contra o seu rosto, e as árvores e arbustos do outro lado do muro baixo do parque estavam hirtos com o gelo. O céu tinha uma cor branca, não com nuvens mas com uma espécie de névoa evanescente que, a meio da manhã, adivinhou ela, iria abrir para revelar um dia claro e azul.

O som dos seus saltos no passeio reforçou a determinação de Hannah. Fizera ovos mexidos — a primeira coisa como deve ser que comia desde que fora ao restaurante chinês com Tom — e bebera três chávenas de café feito na sofisticada máquina *Krups* de Mark. Apesar de estar a pé já há duas horas e de ter acordado enrolada na posição fetal no sofá com as páginas do livro da biblioteca esmagadas contra o rosto, sentia-se descansada e revigorada. Pronta.

Também se sentia aliviada, pelo menos em relação a uma coisa. Durante o que achava ter sido um sono de quase nove horas — lembrava-se de ver o princípio de *Downton Abbey* antes de começar a mudar de canais sonolenta —, a sua mente trabalhara os factos, colocando-os em ordem, e ela acordara com a convicção pura — não, o conhecimento — de que Mark não estava a ter um caso. Ele não a trairia; ela fora louca por pensar isso. Pippa também tinha sido inflexível, não tinha? Mark amava-a. Nunca fora assim com ninguém antes, certamente não com Laura. Naquela manhã Hannah decidiu ignorar a voz que dizia que o conhecimento que Pippa tinha dele era mais superficial do que fora levada a acreditar.

E ele ligara-lhe na véspera a horas decentes — 15h15 em Londres, 10h15 em Nova Iorque. Quando Hannah acabara de falar com a mãe, recebera um SMS a alertá-la para uma nova mensagem de voz. O número de que Mark tinha ligado não ficara registado no telemóvel, às vezes isso acontecia quando ele ligava do estrangeiro, mas quando ela entrara no *voice mail*, lá estava ele.

Olá, querida, sou eu outra vez. Lamento não te ter apanhado — espero que estejas a fazer uma coisa divertida. Vou estar a trabalhar no hotel a

maior parte do dia, mas agora vou sair para uma corrida e depois devo sair novamente para comer qualquer coisa mais tarde. Pensei em cachorros-quentes, mas não é o mesmo sem ti. Vou tentar de novo ligar-te quando voltar, ver se te apanho.

Ele não tinha ligado de novo, mas, como dissera, estava a trabalhar. Toda aquela história — ela pensara demasiado. Os factos falavam por si, não? O que descobrira ela que estivesse relacionado com um caso extraconjugal? Não encontrara cartas, nem fotografias, nenhuma prova de dinheiro gasto em presentes caros, nem cuequinhas de renda escondidas nos bolsos das calças. Então houvera uma certa confusão acerca de onde ele estava, mas o que significava isso? Mesmo que *estivesse* em Roma, porque teria de haver sexo envolvido? Era uma grande capital europeia: também se faziam lá negócios. E como é que o desaparecimento do dinheiro apontava para um caso? Não apontava.

O dinheiro era a chave, pensou ela ao entrar no parque empresarial; se tivesse pensado com clareza durante o fim de semana, isso teria sido óbvio. Iria descobrir para que era o dinheiro e depois saberia com o que lidar.

Instalou-se num banco a cinco metros da entrada principal do edifício, suficientemente perto para ver toda a gente a entrar e a sair sem dar nas vistas. Oito e cinco. Abriu o *Times* que tinha comprado antes de entrar no carro, sacudiu-o e fingiu ler.

As pessoas que trabalhavam no edifício de Mark eram muito conscienciosas. Estivera tudo calmo quando ela chegara, mas ao fim de dois ou três minutos, era vê-las a avançarem pelas portas giratórias num fluxo constante, café na mão, algumas já ao telemóvel ou a ler o *e-mail*. Cerca das oito e um quarto, David dobrou a esquina e ela levantou rapidamente o jornal de forma a tapar a cara. Naquele dia ele usava fato e tinha uma pasta de couro debaixo do braço; era difícil imaginar o seu avatar da tarde de sábado em calças de ganga e camisa aos quadrados. Ele parou junto às portas para ver qualquer coisa no telemóvel e, saindo do caminho da mulher atrás dele, virou-se na direção de Hannah. O coração dela parou, mas, sem olhar para cima, ele premiu algumas teclas e voltou-se para entrar.

As pessoas chegavam quase todas sozinhas, mas havia alguns pares ocasionais e, duas ou três vezes, pequenos grupos que ela calculou que teriam vindo no mesmo metro e descido a Hammersmith Broadway juntos. Duas pessoas olharam na direção dela, devendo perguntar-se por que motivo alguém que não fumava ficaria no exterior numa manhã tão fria como

aquela, mas durante a maior parte do tempo Hannah sentiu-se invisível, segura.

Às oito e meia, no entanto, começou a pensar que estava com azar. A DataPro já começara o dia. Neesha deveria ali estar. Então lembrou-se do que a assistente de Mark tinha dito ao telefone, a sua confissão de que tinha demasiadas coisas para fazer. Vivia em Londres, do outro lado do rio — seria em Blackheath? —, e, a menos que o marido o fizesse, ainda teria de deixar Pierre na creche. Hannah virou uma página no jornal e fingiu estar concentrada num artigo sobre evasão fiscal corporativa.

Faltavam vinte minutos para as nove quando ouviu passos apressados. O rosto de Neesha revelava cansaço e preocupação, como se já tivesse estado a trabalhar várias horas. Apesar disso, parecia tão bem arranjada como sempre. O seu casaco comprido azul-escuro estava aberto e revelava uma saia de lã preta justa sobre colãs e sapatos de saltos em pele de cobra preta. O seu cabelo brilhava e ela usava um batom vermelho suficientemente ousado para ser uma declaração de moda, mas suficientemente subtil para ser apropriado para o escritório. Hannah sentiu uma onda de ciúmes, não só porque a mulher era dez anos mais jovem e bonita, mas também porque tinha um emprego, uma carreira promissora, uma razão para se vestir bem de manhã e sair de casa.

— Neesha. — Hannah levantou-se rapidamente, enfiou o jornal na mala e atravessou-se à frente da outra mulher. Viu o rosto dela deixar transparecer uma rápida série de emoções, a surpresa inicial a dar primeiro lugar a desconfiança — o que estava Hannah a fazer ali? Seria por causa do que ela dissera ao telefone? — e, em seguida, a um profissionalismo amigável.

— Hannah... que bom vê-la. — Olhou em volta e Hannah calculou que ela estava à procura de Mark. Afastou Neesha um pouco para o lado, fora da vista da porta.

— Desculpe estar a abordá-la assim. Será que podemos falar rapidamente?

— Claro. É sobre a manhã de sábado? Lamento imenso. Censurei-me todo o fim de semana. E muito obrigada de novo por...

— Sinceramente, isso já foi esquecido. — Hannah fez um gesto com a mão, afastando o assunto. Por um momento, hesitou. Perguntar significaria arrastar a vida pessoal de Mark para o escritório e envergonhá-lo diante de um membro da sua equipa. Seria Neesha discreta? Poderia esperar que não contasse o episódio a toda a gente lá em cima? E o que pensaria ela de

Hannah? Que era louca, provavelmente, descontrolada. De repente, porém, com uma sensação de libertação, Hannah percebeu que já não se importava. Não se importava com a opinião que Neesha tinha de si; não se importava com o que ela pensava de Mark. E se ele se sentisse envergonhado? Devia ter pensado nisso antes de começar a mentir. — Olhe — disse ela —, isto é realmente estranho, mas preciso de saber... aconteceu alguma coisa nos últimos tempos? Com o Mark.

— Aconteceu...? — O rosto de Neesha espelhou confusão, depois indignação. Pensou que ela estava a sugerir algum tipo de envolvimento entre eles, percebeu Hannah.

— Não, meu Deus, nada que tenha que ver consigo — disse ela rapidamente. — Quero dizer, notou alguma coisa estranha nele? Alguma coisa mudou? Ele parece-lhe particularmente stressado ou...

Neesha olhou para ela por um momento, a testa franzida, depois abanou a cabeça.

— Não creio. Temos andado ocupados, como sabe. O fluxo de negócios começou realmente a aumentar...

— Está tudo bem desse lado? Ele não se envolveu em qualquer tipo de disputa?

— Disputa? O que quer dizer?

— Não há... problemas com ninguém? Problemas com pagamentos? Ou processos em tribunal?

— Não, nada disso, se houvesse acho que eu saberia. Está tudo bem. Como disse, estamos ocupados, mas essa é a única causa de stresse de que tenho conhecimento. Claro, sou apenas a assistente dele, não participo em qualquer das...

— Mas atende os telefonemas dele. Filtra-os?

— Claro.

— Alguém novo começou a ligar nos últimos tempos? Alguém que lhe pareça não ligar por causa da DataPro?

Neesha endireitou-se e ajustou a mala no ombro.

— Senhora Reilly... Hannah... se está preocupada com alguma coisa, talvez deva conversar com o Mark sobre isso. Não estou em posição de...

— Eu falaria com ele — explodiu Hannah — se tivesse um número de telefone onde pudesse contactá-lo. — Neesha pareceu assustada, mas ela continuou. — Quando falámos no sábado, você disse-me que ele comentara que me ia levar a Roma. Talvez ele ainda vá e você se tenha

realmente baralhado, mas não é a única... o David pensava a mesma coisa. Eu gostava de falar com o Mark, descobrir o que se passa mas, conveniente ou inconvenientemente, dependendo do ponto de vista, ele perdeu o telemóvel.

Houve dois ou três segundos de silêncio atordoados que foram interrompidos por mais passos rápidos. Neesha esperou até o recém-chegado ter passado pela porta.

— Não sei o que posso...

Hannah fitou-a, não a deixando desviar o olhar.

— Imagine que a situação era ao contrário — disse ela. — Imagine que estamos a falar do seu marido, do Steven, e que você está a fazer-me as perguntas. Como se sentiria, Neesha? Como se sentiria?

Neesha olhou para as portas giratórias como se estivesse a pensar em correr para lá. Quando olhou para Hannah novamente, a sua expressão tinha endurecido.

— Não devia fazer isto — disse ela. — Não é justo. Não pode colocar-me numa posição destas.

Hannah sentiu uns remorsos momentâneos, mas não se deixou desviar do seu objetivo.

— Não estou a tentar colocá-la em nenhuma posição — garantiu. — Estou a pedir... a implorar... que me ajude. Por favor.

— Olhe, não posso perder o meu emprego — desabafou Neesha. — Não posso... não posso mesmo. O Steven foi despedido, está sem trabalho há meses. Precisamos do meu ordenado.

Então *havia* algo. O coração de Hannah acelerou.

— Neesha — disse ela —, aquilo que me disser vai ficar entre nós. Prometo. Tem a minha palavra. Não disse nada sobre Roma, nem diria, e seja o que for que isto é, por pior que seja, prometo-lhe que o Mark nunca, nunca saberá que você me disse.

— Se eu perder o meu emprego...

— Não vai perder. — Hannah tentou soar decisiva, final.

Neesha suspirou. Durante vários segundos, não disse nada e o silêncio da manhã envolveu-as.

— Há uma pessoa que liga — disse ela por fim.

Hannah sentiu um peso sobre os ombros, como se um manto de chumbo tivesse pousado neles.

— Uma mulher?

— Sim.

No espaço de um segundo, ela sentiu a convicção desmoronar-se. Enganara-se — andara a enganar-se a si própria: era um caso.

— Há quanto tempo? — perguntou ela. — Há quanto tempo se arrasta isso?

— Não muito. — Neesha abanou a cabeça rapidamente, ansiosa por relativizar aquilo. — Algumas semanas... um mês, no máximo.

— Já a viu? Ela esteve aqui... no escritório?

Neesha abanou a cabeça novamente.

— Como se chama ela?

— Eu...

— Você sabe, deve saber. Como disse, atende os telefonemas dele... filtra as suas chamadas. Como se chama ela?

Neesha parecia realmente transtornada, como se fosse começar a chorar, mas Hannah não podia parar.

— Eu não vou dizer ao Mark — garantiu. — Já lhe prometi.

— Está bem, está bem... Por favor. Ela chama-se Hermione.

Hermione. O cérebro de Hannah fez uma pesquisa instantânea de cada mulher que Mark já tinha mencionado, de todas as histórias que lhe tinha contado, e não encontrou nada.

— Hermione quê?

— Eu...

— Neesha. — Hannah ouviu o desespero na sua própria voz e isso assustou-a. — Por favor — disse mais suavemente. — Ajude-me.

— Alleyn. — Neesha olhou para as portas e depois para Hannah, implorando-lhe. — Só sei isso, juro. Não sei quem ela é. Não faço ideia. Ele fecha sempre a porta quando fala com ela.

Hannah voltou para o carro com os olhos arregalados devido ao choque, quase sem ter consciência do movimento dos seus pés. Os tijolos do caminho tornaram-se asfalto quando ela chegou a Manbre Road. Arbustos congelados; um carteiro a esvaziar o marco na esquina, a sua respiração branca. Estava a tentar enfiar a chave do carro na ignição quando a razão lhe disse para parar: era impossível conseguir conduzir naquele estado; teria um acidente, atropelaria alguém.

Movendo-se tão lentamente como se estivesse debaixo de água, saiu do carro e foi até ao café na esquina da Fulham Palace Road. Pediu um café e

levou-o com mãos trémulas para uma mesa de canto, onde se curvou na beira de uma cadeira de vime, com os olhos fixos num açucareiro que brilhava desfocado. O café estava movimentado, mas ninguém veio perguntar se podia sentar-se à sua mesa. Pelos vistos parecia tão desequilibrada como se sentia.

Concentrou-se nos baldes coloridos de flores de estufa para venda aos visitantes do Charing Cross Hospital do outro lado da rua. Peónias, os botões cor-de-rosa ainda firmemente enrolados, tulipas vermelhas e amarelas, delicadas frésias roxas. Ela enganara-se; o seu instinto — *não, o seu juízo* — estivera errado. Mark. Mark, que punha correntes de neve no seu carro e lhe comprava barras energéticas amanteigadas da mercearia porque sabia que ela as adorava...

Hermione Alleyn. Analisou o nome, testando-o. Seria uma velha amiga, alguém que sempre estivera presente, à espreita, à espera, ou seria nova? A DataPro dava a Mark imensas oportunidades de conhecer pessoas — em escritórios de clientes, em bares de hotel e *lounges* de aeroporto. Imaginou-o num avião, uma mulher a chegar ao lugar vazio ao lado dele, o seu sorriso agradecido enquanto ele a ajudava a guardar a mala na bagageira, e sentiu-se nauseada.

Juntou todas as peças. A história sobre o telemóvel era mentira, claramente, para ter a certeza de que ela não lhe ligava. Aquela Hermione Alleyn devia estar na casa de banho ou coisa parecida quando ele ligara e deixara as mensagens. Provavelmente estavam em Roma ou em algum lugar igualmente romântico e perfeito para fins de semana prolongados cheios de sexo. O que haveria junto à autoestrada M1? Algum hotel *boutique* encantador do Yorkshire com lareira, lençóis de algodão pesados e banheiras com pés? E para que fora o dinheiro — o *seu* dinheiro? Uma casa? Um apartamento onde podiam encontrar-se? Ela descartara a ideia antes, mas reconsiderou. Estava a pensar em Mark: ele não fazia as coisas pela metade; era extravagante, pródigo. Se queria um ninho de amor, pensou Hannah com desprezo, não lhe ocorreria alugar um.

Ir-se-ia ele embora, pediria o divórcio? A ideia contraiu-lhe o estômago e depois deixou-a nauseada e gelada. Que importava isso? Que diferença fazia? Mesmo que ele continuasse como se nada tivesse mudado, ela já não podia ficar com ele.

Mas como podes tu sair de casa?, perguntou a voz na sua cabeça. Não tinha rendimentos nem economias. Estava sem dinheiro. O café a arrefecer na mesa representava quase um por cento de todo o seu dinheiro. Teria de

recorrer ao irmão, percebeu, perguntar-lhe se podia dormir no pequeno quarto das traseiras até endireitar a vida. Teria de viver do seu cartão de crédito, arranjar algum tipo de trabalho, qualquer trabalho, até conseguir encontrar um em publicidade. Seria capaz, disse a si mesma. Iria voltar à sua antiga vida e confiar em si própria. Dera ouvidos ao que Tom dissera em Nova Iorque — confiara em alguém e deixara-o confiar nela — e estragara tudo.

Ao fechar a porta de casa, o silêncio engoliu-a. A casa estava sempre silenciosa — às vezes durante o dia ela sintonizava a Radio 4 só para ouvir o som de vozes — mas agora era diferente. Desde que saíra naquela manhã às sete e quarenta, cheia de sono e café, o silêncio adquirira peso, e embora fosse meio-dia, a casa estava às escuras, como se a luz do dia tivesse dificuldade em penetrar nas janelas. As escadas subiam para uma penumbra como sopa, e ela achou que o espaço estava a fugir dela, a tomar partido. Sairia dali em breve.

Largou o casaco no corrimão e foi até à cozinha, onde se sentou à mesa e ligou o portátil. Adiara esse momento por mais de três horas, primeiro no café e depois em Bishops Park, onde andara atordoada para trás e para a frente ao longo do rio. Hesitou alguns segundos, as mãos juntas diante do rosto, depois respirou fundo e começou a teclar.

«Hermione Alleyn» fez surgir oito páginas de resultados. Leu a primeira e na parte de baixo viu um *link* para um *site* de informações. O texto abaixo dizia: «Encontrámos uma pessoa no Reino Unido com o nome Hermione Alleyn.» O nome tinha uma hiperligação, mas quando clicou nela, foi-lhe dito que teria de se registar para usar o *site*. A mesma página surgiu quando ela tentou o *link* para o endereço.

Voltou à lista de resultados. As duas entradas na parte superior eram do LinkedIn, mas quando clicou nelas a página não mostrou mais informações. Já a terceira era o *site* de um jornal médico especializado em nefrologia. Nefrologia? Rins? Aqui Hermione Alleyn e Asif Akbar apareciam listados como coautores de um artigo sobre a melhoria de uma técnica de transplante para pacientes com insuficiência renal pós-traumática. O *link* oferecia apenas um esboço do artigo, mas em baixo havia uma breve biografia dos dois autores. Hermione Alleyn, dizia, era atualmente cirurgiã especialista de nefrologia e hepatologia no Royal London Hospital.

Aquela mulher seria médica? Cirurgiã? Hannah abriu uma nova janela e

entrou no *site* do Royal London. Clicou num botão na parte superior com o nome «Os nossos serviços» e desceu até encontrar um *link* para o Centro de Nefrologia. Clicando aí, encontrou «Conheça a Equipa». No cimo da lista estava Hermione Alleyn, Cirurgiã de Transplantes. Havia um número de telefone — uma central ou um rececionista, aparentemente: o mesmo número aparecia ao lado de três ou quatro outros nomes — e um endereço de *e-mail*.

Seria ela? Não havia fotografia — aquela mulher, aquela cirurgiã obviamente experiente, podia até ter sessenta anos. Estaria o *site* certo quando dizia que havia apenas uma Hermione Alleyn no Reino Unido? Talvez isso significasse que havia apenas uma Hermione Alleyn com um número de telefone fixo. E estaria ela no Reino Unido? Mark conhecera-a, a Hannah, no estrangeiro; podia ter feito o mesmo desta vez, também. *Desta vez.*

Engoliu o nó na garganta e voltou à primeira pesquisa. Havia dez ou quinze diferentes *links* para artigos e documentos escritos pela nefrologista; fosse ela quem fosse, era claramente uma grande especialista em rins. Na parte inferior da quarta página havia um *link* para o Facebook, mas, quando Hannah clicou nele, a página era o espaço em branco típico das pessoas que levavam as suas configurações de privacidade muito a sério, todas as fotografias e informações pessoais reservadas para os amigos, a foto de perfil apenas com o esboço genérico de uma cabeça feminina. Se a nefrologista tinha sessenta anos, será que possuía uma página no Facebook? Porque não? Muitas pessoas mais velhas possuíam, e tendiam a ser mais cuidadosas sobre a privacidade do que os jovens idiotas, que punham tudo lá para os professores e os patrões e os tutores da universidade lerem. Enquanto cirurgiã, ela havia de querer manter a sua vida pessoal privada.

Fechou o Facebook e voltou à lista. Mais artigos em várias publicações médicas e, em seguida, na sexta página, o *link* de uma conferência de nefrologia em San Diego dois anos antes, em que a tal Hermione Alleyn tivera uma intervenção. Hannah entrou na página sem grandes expectativas, mas quando esta abriu, havia uma pequena fotografia de uma mulher a sair de trás de um púlpito. Era jovem ou bastante jovem, não com sessenta anos, mas com trinta e cinco ou quarenta anos. A imagem não se conseguia ampliar, de modo que Hannah aproximou o computador da cara. Cabelo castanho-claro acima dos ombros, preso atrás das orelhas. Tentou distinguir o rosto da mulher, mas a fotografia fora tirada a uma certa distância e era impossível ficar com uma ideia concreta, para além de uma certa beleza. Ela era elegante

e vestia um saia-casaco preto, a saia justa a dar-lhe pelo joelho, obviamente não com um corte tão bom como a de Neesha naquela manhã, conseguia-se perceber. Camisa branca, sapatos pretos de salto.

Ao descer, no entanto, Hannah encontrou outra fotografia, esta tirada de muito mais perto. Aqui, Hermione Alleyn estava de pé ao lado de um homem grande de aspeto jovial, que parecia ter cinquenta e muitos, talvez sessenta anos, com uma barba grisalha e uma manápula pesada no ombro dela. O rosto de Hermione estava bem visível. Tinha olhos claros muito espaçados e um nariz aquilino acima de uma boca com um lábio inferior carnudo. As suas orelhas, adornadas com pérolas simples, projetavam-se o suficiente para lhe dar um ar um pouco pateta e ela sorria constrangida, como se o companheiro ou o fotógrafo lhe tivessem feito um elogio extravagante. Olhando para baixo, Hannah viu uma legenda: *Hermione Alleyn com Geoffrey Landis, Professor de Nefrologia na Universidade de Cambridge. Landis descreve Alleyn como o seu «braço-direito» no revolucionário projeto de investigação que conduz no Hospital de Addenbrooke.*

Hannah recostou-se na cadeira e o silêncio voltou a envolvê-la, fazendo o oxigénio desaparecer do ar. Sentia o peito contraído; respirava como o irmão antes de ter um ataque de asma. Durante cerca de um minuto concentrou-se, forçando-se a expirar lentamente, a não engolir outra golfada de ar antes de esvaziar os pulmões da anterior; em seguida, inclinando-se para a frente, abriu uma nova janela no ecrã e escreveu «Hermione Alleyn» e «St. Botolph», o nome da faculdade de Mark em Cambridge.

Nenhum resultado. Apagando o nome de Hermione, substituiu-o por «Geoffrey Landis». O primeiro *link* levou-a para uma página num *site* da faculdade. Além de ser professor de Nefrologia da universidade, leu Hannah, ele era investigador e professor da St. Botolph. *Bingo*. Era ela: tinha de ser. Mesmo que não fosse a única Hermione Alleyn no Reino Unido, o nome era suficientemente raro para que a ligação a St. Botolph não fosse uma coincidência. Se aquele Landis dava lá aulas, não era provável que Hermione o tivesse conhecido enquanto aluna e, mais tarde, distinguindo-se pela sua capacidade, uma recruta óbvia para o seu «revolucionário projeto de investigação»? E ela tinha a idade certa; se ainda não os quarenta como Mark, então dois ou três anos a menos, suficientemente próximo para terem estado na faculdade ao mesmo tempo.

Hannah levantou-se abruptamente, arrastando a cadeira no chão de ardósia. Tonta, com as mãos a tremer, abriu as portas envidraçadas. No

quintal, saiu da sombra da casa, lançou a cabeça para trás e inspirou profundamente o ar frio. O céu já adquirira o azul impiedoso que ela tinha previsto.

Se eles se tinham conhecido em Cambridge, já se conheciam há vinte anos. Seria Hermione uma antiga paixão, alguém por quem ele estivera apaixonado e que voltara agora à cena? A ideia deixou Hannah desesperada: como podia ela, uma mulher que conhecera Mark havia um ano e meio, competir com alguém que o conhecia há tanto tempo, que conhecera os seus amigos da altura e todas as histórias e piadas, que tinha partilhado uma das partes formativas da sua vida? Ela, Hannah, não andara em Oxbridge; não conhecia esse mundo com todos os seus rituais e augustos costumes, a sua exclusividade.

Mas como podes tu competir com alguém como Hermione Alleyne?, perguntou a voz cruel na sua cabeça. No seu trabalho — *quando ainda o tinha* —, tudo o que ela fizera fora pensar em maneiras criativas de vender coisas que as pessoas não queriam, inventar anúncios que ficavam gravados nos seus cérebros, impondo-se a elas como um rafeiro chato quando tudo o que queriam era ler uma revista ou ver televisão. Como poderia isso comparar-se com ser cirurgiã, fazer transplantes, cirurgias capazes de salvar vidas? Aquela mulher era impressionante pelos padrões de qualquer pessoa.

Por outro lado, disse a voz, *o Mark nunca iria escolher uma tipa vistosa, pois não? Uma loura platinada burra viciada em novelas...* Ele gostava de mulheres inteligentes; Laura, descobrira Hannah quando o pressionara, tivera um trabalho importante num *think-tank* do governo sobre assuntos de defesa. Ele gostava do estímulo, do desafio. Se estava apaixonado por outra pessoa — *se?*, disse a voz — ou se só andasse a dormir com ela, seria porque ela o intrigava, o fazia rir, o fazia pensar. Seria tanto sobre o seu cérebro, como pelo seu rosto ou corpo, embora Hermione não fosse feia, longe disso. Parecia inteligente, perspicaz, confiante. *O tipo de pessoa de quem gostarias.*

CAPÍTULO DEZ

Eram dezoito paragens desde Parsons Green, sem mudar de linha, e durante a hora em que estivera debaixo de terra, apesar de arvorar uma expressão neutra, da grande cidade, Hannah fora invadida por uma fúria tão intensa que era de admirar que nenhuma das dezenas de pessoas que tinham entrado e saído do metro a tivesse sentido.

Poucos minutos antes de sair de casa, ligara para o telemóvel de Mark. Não esperara realmente que ele atendesse, claro, mas o som da voz feminina calma, mas firme, a dizer-lhe que a pessoa para quem ela ligara não estava disponível enfureceu-a. A proteção dada pelo seu sentido de choque tinha desaparecido numa onda de fúria tão forte que ela se sentira tonta e fora forçada a sentar-se até que o latejar na sua cabeça comesse a diminuir. Então levantara-se novamente e andara pela cozinha, com as mãos a tremer, ansiosa por escavar alguma coisa. Vira o jarro de leite no escorredor da loiça e, antes que pudesse conter-se, o seu braço tinha-se esticado e lançara-o ao chão. O estrondo tinha satisfeito a fúria por um momento, mas segundos depois estava a aumentar dentro dela novamente.

Ela fora enganada — ele manipulara-a. Tinha-lhe mentido e deixara-a plantada em casa à espera dele como uma idiota, enquanto ele estava algures com *ela*, Hermione Alleyn, cirurgiã salva-vidas, licenciada em Cambridge, investigadora importante, oradora em conferências internacionais. *Sucesso*. O que era ela, Hannah? Uma mulher traída, uma tola iludida, uma idiota desempregada, impotente. A pega do jarro estava de lado no chão, ainda ligada a um círculo de porcelana. Ergueu o pé e pisou-a várias vezes, reduzindo-a a pó.

Então pegara na mala e no casaco, fechara a porta atrás de si e subira a rua a correr. Não podia ficar em casa — a casa dele — com o seu silêncio opressivo e sugador de oxigénio. Precisava de sair, estar algures onde pudesse *respirar*.

Atravessando New King's Road, tinha passado pela mercearia e pela loja de bebidas, pelo cabeleireiro com as clientes cheias de pratos na cabeça a beber café e a ler revistas, e seguira pelo passeio paralelo a Parsons Green. Um dalmata corria pela relva de outono enlameada atrás de um pau, e a sua alegria pura e simples ao agarrá-lo no ar e levá-lo de volta à dona, a cauda a agitar-se, trouxe lágrimas súbitas aos olhos de Hannah. Mordendo o interior

da bochecha, apressou-se a passar pelo *pub* para chegar à estação de metro.

Embora a viagem tivesse sido longa, do sudoeste ao leste de Londres, pareceu-lhe durar apenas minutos, a fúria a dobrar o tempo de tal forma que ela olhou para cima, aparentemente segundos depois de as portas se terem fechado em Gloucester Road, e descobriu que estava no Embankment; Mansion House; Cannon Street. A fúria aumentava e diminuía, e, quando recuava, ela sentia de novo a descrença, a dor no estômago que perguntava: *A sério? O Mark?*

Ao sair do metro em Whitechapel, o hospital estava mesmo à sua frente. A subitaneidade apanhou-a de surpresa. Durante a viagem, a ideia de ir ali tinha sido reforçada pela sua fúria e pelo impulso do próprio metro, assinalando as estações uma a uma, mas ao olhar para o hospital naquele momento, ela perguntou-se que diabo estava a fazer. O que esperava alcançar? Precisara de sair de casa, disse a si mesma, antes de partir tudo, mas isso era apenas uma parte. Podia ter ido a qualquer lado. A verdade era que quisera ver o hospital, ter uma imagem de onde aquela mulher trabalhava, como era a sua vida.

No metro, com o aquecimento ligado, estivera calor, mas ali um vento cortante empurrava o lixo no passeio e fazia o toldo da loja duas portas abaixo inflar e adejar como uma vela solta. Apertou o casaco e enfiou as mãos nos bolsos. Quando os carros pararam na passadeira, atravessou a estrada.

O hospital tinha sido remodelado, isso era evidente: por trás da fachada sisuda de tijolo amarelo dos edifícios antigos erguia-se um novo complexo que parecia pertencer a um mundo diferente, e a uma era diferente. A impressão era a de um jogo de *Tetris* tridimensional em que os blocos eram feitos de vidro altamente refletor em vários tons de azul-petróleo, pontuado aqui e ali por cavilhas em betão cinzento-pálido. Parecia ter sido roubado à City, onde teria feito boa companhia ao Pepino e ao Ralador de Queijo, e largado ali apenas para realçar como o resto de Whitechapel Road parecia cansado e desdentado, com o seu emaranhado de telhados e montras empoeiradas, as casas de apostas e as lojas dos trezentos, importadores e escritórios de advogados de imigração, o *pub* na esquina pintado num padrão de pele de tigre laranja. Aquela era uma Londres muito diferente da de Mark e até de Kilburn, onde Hannah vivera antes de se mudar para Nova Iorque.

As obras pareciam quase terminadas, mas a frente do edifício antigo ainda estava cercada com tapumes de madeira. Um cartaz indicava que o

hospital tinha mudado de morada e dirigia os visitantes para a rua atrás. Hannah seguiu as setas e viu-se do lado de fora da nova entrada principal, portas de vidro deslizantes instaladas num bloco de *Tetris* feito de tijolo vermelho, um penhasco de vidro azul por cima. As portas abriram-se para deixar entrar um homem na casa dos sessenta com um ramo de margaridas embrulhadas em celofane, e ela seguiu-o.

Olhou em volta por um momento, a fim de se orientar, mas logo a seguir foi detetada por uma mulher sorridente com um cartão de segurança ao pescoço a identificá-la como voluntária do hospital.

— Parece perdida — disse ela.

— Ando à procura da Nefrologia — ouviu-se Hannah dizer.

— Nono andar. — A mulher indicou os elevadores. — Vai encontrar um painel quando lá chegar a dar-lhe indicações.

A ver pelo átrio, o novo edifício já estava a funcionar a toda a capacidade, ou lá perto. O lugar encontrava-se repleto de pessoas: funcionários, doentes a arrastarem os sacos de soro ou a caminharem com membros engessados, e dezenas de visitas. O elevador por que ela esperou parou em todos os andares ao descer para o átrio e depois em todos os andares a caminho do nono. Com o coração a bater, Hannah ficou pressionada ao fundo entre um indiano alto com roupa verde cirúrgica e um casal que, a julgar pela conversa sussurrada, ia visitar a filha e o neto recém-nascido na maternidade. Duas mulheres na casa dos vinte — estudantes de medicina, adivinhou Hannah — falavam sobre um turno e ela sentiu uma pontada de ciúme e inadequação, como se estivesse excluída de um grupo a que toda a gente pertencia. Hermione devia ter sido como elas quinze anos antes, em início de carreira.

No nono andar, Hannah saiu ao mesmo tempo que o homem de roupa verde, que desapareceu rapidamente através de umas portas duplas à direita do pequeno átrio. Em todo o lado se notava que o sítio era novo. As janelas brilhavam; a tinta nas paredes não tinha marcas. Um pouco mais adiante no corredor, uma mulher a manobrar uma enorme enceradora industrial tinha cuidado para não raspar o rodapé.

Hannah fez uma breve pausa, depois seguiu a seta que a mandou através das portas duplas e por um corredor largo. Iria perguntar. Devia haver algum tipo de receção e iria perguntar se Hermione Almeyn estava a trabalhar naquele dia. Se não estivesse — e, na realidade, ela já sabia que não estava —, então tudo se confirmaria.

As enfermarias, ao que parecia, partiam todas daquele corredor, várias

portas duplas com placas à altura do teto que eliminavam a necessidade de as pessoas pararem a olhar para os nomes nas paredes e, assim, obstruírem a passagem. Viu a placa para a Nefrologia no outro extremo do corredor e continuou a andar, passando por dois funcionários a empurrarem a cama de uma idosa pequena com um tanque de oxigénio pousado nos lençóis ao fundo dos pés. Quanto mais Hannah avançava, menos passos atrás de si, à medida que as pessoas seguiam para as outras alas.

Quando chegou à Nefrologia, parou. Através do painel de vidro da porta do lado esquerdo conseguia ver um pouco da ala: primeiro o que parecia um espaço de armazenamento ocupado por duas cadeiras de rodas e uma cama desfeita com um colchão de plástico e, a seguir, o posto de enfermagem. Atrás do balcão havia uma enfermeira com uma túnica de manga curta e um homem mais jovem, talvez na casa dos trinta, com camisa escura. Através do outro painel, era visível o lado oposto da enfermaria: várias portas individuais, quartos privados ou escritórios, adivinhou ela, e um homem com um carrinho de limpeza. Não havia ninguém parecido com a mulher que vira na Internet.

O homem saiu de trás da mesa e Hannah afastou-se do vidro. Qualquer pessoa que a visse a olhar para dentro daquela maneira pensaria que ela era uma daquelas loucas que adoravam passar o tempo em hospitais e junto de médicos. Por um momento, viu-se como se do lado de fora: o que pensaria a pessoa que ela fora na manhã de sábado, apenas três dias antes, daquela ali, com o nariz encostado ao vidro para ver o mundo da mulher que andava a dormir com o marido? Sentiu-se bastante desgostosa consigo própria e virou-se para ir embora. Quando o fez, no entanto, uma mulher de cujos passos ritmados a aproximarem-se ela se apercebera vagamente parou logo atrás dela.

— Com licença. Desculpe. — Estendeu a mão para o dispensador de gel desinfetante, depois premiu a campainha. Quando entrou, Hannah tirou um pouco de gel e seguiu-a.

A mulher foi direita ao balcão de enfermagem. Hannah ficou para trás até ela ter sido encaminhada para um paciente num dos quartos individuais e, em seguida, aproximou-se também do balcão. A enfermeira atrás dele, uma mulher na casa dos cinquenta com cabelo louro-grisalho preso num pequeno rabo de cavalo, olhou para ela por cima de uns óculos de meia-lua com armações douradas.

— Posso ajudá-la? — perguntou, num tom animado.

— É apenas uma pergunta, na verdade. Gostava de saber se Hermione Alleyn está cá hoje.

— A doutora Alleyn? — Na mesa atrás dela o telefone começou a tocar. A enfermeira olhou para ele, depois para uma colega, que arvorou uma expressão de desculpas sobre o ombro do visitante com quem estava a falar. A enfermeira olhou para Hannah. — Posso perguntar porque quer saber?

— Eu... — Por um momento, a sua mente ficou vazia. A enfermeira levantou uma sobrancelha. — Venho da florista — disse Hannah. — Tenho uma entrega para ela lá em baixo, mas, bem, é grande e queria ter a certeza de que ela estava realmente aqui, antes de...

O telefone parou de tocar, mas recomeçou quase imediatamente. A enfermeira lançou-lhe outro olhar atormentado.

— Tudo bem, sim. Ela está cá hoje, mas de momento encontra-se no bloco operatório. A lista não é longa, pelo que penso que estará despachada em breve. Se trouxer as flores, podemos ficar com elas aqui.

— Ótimo, obrigada. — Hannah assentiu e dirigiu-se novamente para a porta. Puxou a barra três ou quatro vezes antes de ver o botão na parede à altura de uma cadeira de rodas. De novo no corredor, andou até já não ver os painéis de vidro.

A sua mente fervilhava. O que se passava? Hermione Alleyn *estava* ali. Estava ali e a trabalhar no bloco operatório, o que significava que onde quer que Mark estivesse realmente — Nova Iorque, Roma, Ulan Bator — não estava com ela. A menos que, pensou Hannah, aquela fosse afinal a mulher errada. Lembrou-se da ligação a Cambridge, no entanto, do facto de terem estado na St. Botolph ao mesmo tempo — qual era a probabilidade de Mark conhecer duas Hermiones Alleyn? Não, tinha de ser ela. Então o que significava isso? Que ele estava algures em Londres, escondido na casa dela e à espera que ela voltasse? Não: não era o seu estilo. E de qualquer maneira, se ele estivesse em Londres, estaria no escritório, não? Não havia nenhuma maneira de estar e não ir trabalhar, especialmente com a venda na cidade iminente.

Por um minuto, Hannah permitiu-se considerar a possibilidade de ele não estar a ter um caso, que Hermione lhe ligara por algum outro motivo. Qual? Do que poderiam ter falado? Mas então, se ela era apenas uma velha amiga de Cambridge, por que motivo Hannah nunca ouvira falar dela? Por que motivo Mark nunca a mencionara? E porque fora Neesha tão defensiva? *Ele fecha sempre a porta quando fala com ela.*

Um pouco à frente, perto do final do corredor, havia um recanto com um banco. A luz azul de inverno entrava pela janela atrás. Ali sentada, Hannah achou que estaria mais ou menos oculta de qualquer pessoa que se aproximasse, mas veria bem. Ia esperar até Hermione sair do bloco e falaria com ela então. Não sairia dali até descobrir o que se passava.

Foi até ao banco e sentou-se, instalando-se na ponta para ter mais visibilidade. A zona não parecia especialmente movimentada, mas mesmo assim havia um fluxo constante de pessoas, funcionários e visitantes, e a sua cabeça levantava-se sempre que ouvia passos, o *tap tap* dos saltos e o sussurro dos sapatos masculinos, o chiar dos ténis. Lembrou-se de quando esperava no átrio das chegadas no aeroporto JFK, como costumava olhar para as portas como um cachorro à espera que o dono voltasse para casa, e sentiu nojo de si mesma. Fora uma idiota e uma estúpida.

A sua mala vibrou contra a coxa e quando tirou de lá o *BlackBerry*, viu o nome de Mark na sua caixa de entrada.

Querida Han, lamento não termos conseguido falar no fim de semana. Vou despachar algum trabalho esta manhã, a reunião é às duas da tarde, e a seguir rumo ao JFK, e a casa. Mal posso esperar para te ver... tive imensas saudades tuas. Prepara-te para ser abraçada até ficares sem fôlego...

Ela releu a mensagem e, em seguida, indignada — *tive imensas saudades tuas?* —, apagou-a e atirou o telemóvel para a mala. Quando olhou para cima novamente, uma mulher de roupa verde cirúrgica com cabelo castanho cortado pelos ombros estava a sair pelas portas duplas no final do corredor, caminhando com passos enérgicos que mal se ouviam mesmo quando ela estava a três metros de distância. Franzia ligeiramente a testa, semicerrando os olhos contra a luz fria que entrava pelas janelas e a fazia parecer ainda mais cansada, mas era a mulher que Hannah tinha visto na Internet, não havia dúvida, orelhas ligeiramente salientes e tudo. Quando ela se aproximou das portas da enfermaria, Hannah levantou-se, pôs a mala ao ombro e avançou rapidamente para interceptá-la.

— Desculpe. Doutora Hermione Alleyn?

A mulher parou e a carranca foi substituída por uma expressão de profissionalismo educado. Esboçou um ligeiro sorriso cuidadosamente calibrado — depois de anos a ser abordada por parentes

ansiosos, adivinhou Hannah—para parecer acessível, mas não demasiado. Chupava um rebuçado de menta que não disfarçava o cheiro a tabaco que pairava em torno dela.

— Sim?

— Sou a Hannah Reilly — disse ela, observando a mulher com cuidado. A expressão neutra, no entanto, permaneceu.

— A mulher do Mark.

Um segundo passou e, em seguida, uma expressão de puro horror apareceu no rosto de Hermione Alleyn. Foi fugaz, mas inconfundível: os seus olhos arregalaram-se e fitaram-na, mas depois, com a mesma rapidez, ela recuperou e sorriu.

— O Mark? Meu Deus, como está ele? Está aqui? — Olhou em volta, como se esperasse vê-lo aproximar-se pelo corredor.

Hannah sentiu uma onda quente de fúria. Como se atrevia ela? Será que a consideravam assim tão idiota?

— Olhe — disse. — Não vale a pena fingir. Sei que se passa qualquer coisa.

Outro lampejo momentâneo de pânico e, em seguida, novamente a compostura.

— Passa? Não sei do que...

— Entre vocês os dois. Sei que estão... em contacto. — Ela parou por um segundo, dando espaço à insinuação. — Sei que tem ligado para o escritório dele... a assistente do Mark disse-me. E sei que ele me tem mentido sobre o seu paradeiro.

Hermione abanou um pouco a cabeça.

— Lamento — disse —, mas acho que percebeu qualquer coisa mal. Não se passa nada entre mim e o Mark. Estudámos juntos em Cambridge... já sabe isso, com certeza... mas não há...

— Não insista — disse Hannah, a sua voz a sair mais alta do que ela esperava. Ecoou nas superfícies brilhantes do corredor e Hermione olhou em volta, nervosa, sem dúvida, não fossem os colegas ter ouvido. Bem, ela que se lixasse, pensou Hannah. Porque deveria baixar a voz? Não ia ficar de braços cruzados a aturar aquilo. — Não vale a pena. Estou farta de ser enganada... está na hora da verdade. Passa-se alguma coisa e não vou sair daqui até descobrir o que é.

Houve um clique e a porta da enfermaria abriu-se. A cabeça escura do homem de camisa cinzenta apareceu.

— Hermione?

— Olá, Robbie.

— Olá. — Os seus olhos moveram-se rapidamente entre elas. — Hum...

está tudo bem?

— Sim. — Hermione esboçou um único aceno conciso. — Obrigada. Vou já para aí.

Robbie olhou para Hannah e depois meteu a cabeça para dentro. Afastou-se, mas ela podia ver ainda o cotovelo da camisa através do painel de vidro. Hermione também. Afastou-se da porta e colocou a mão no braço de Hannah, puxando-a para trás.

— Muito bem, olhe — disse ela em voz baixa —, a senhora tem razão, temos estado em contacto recentemente.

Hannah sentiu a confirmação como uma sensação física, gelando-a.

— Não, não é isso... não é o que pensa.

— Então, o que é?

Hermione lançou um olhar ansioso pelo corredor.

— Estivemos a falar do Nick.

— Nick? — *Nicola*, disse a voz no seu ouvido. *Não é ela, é outra pessoa, uma amiga em comum, uma antiga paixão.*

Hermione, porém, olhava-a como se ela fosse estúpida.

— O irmão dele.

— O irmão? O quê? Eles nem sequer se falam. Porque haveriam...?

— Porque — disse Hermione como se fosse óbvio — ele está prestes a sair da prisão, não está?

CAPÍTULO ONZE

— *E o teu irmão?* — perguntara Hannah naquela sexta-feira à noite.

Tivera a cabeça no ombro de Mark, a pele dele quente e ligeiramente húmida contra a sua bochecha devido ao calor que tinham gerado na cama e ao aquecimento excessivo no antigo prédio dela. Sentira um pequeno puxão de sucção quando ele se virara e a desalojara, um beijo de despedida.

— O que tem ele?

Feliz por Mark ir a Malvern no Natal e querendo evitar deixá-lo triste por sondar demasiado a sua família quando ele acabara de concordar em ser empurrado para o centro da dela — de quem ela ainda podia dar-se ao luxo de se lamentar —, Hannah tinha deixado o assunto de lado na altura, mas na manhã seguinte, quando estava a fazer ovos mexidos na sua glamorosa cozinha-corredor, a cafeteira equilibrada precariamente em cima do micro-ondas para dar espaço à placa de dois bicos na pequena bancada, os White Stripes a tocarem na WFUV com a ajuda de Mark a cantar no chuveiro ao lado, ela recordara a forma como o rosto dele se tinha transformado. A sua abertura descontraída desaparecera num segundo, substituída por uma barreira. Quando olhara para ela, os seus olhos arvoravam uma expressão dura. *O que tem ele?*

O que lhe contara ele sobre o irmão antes disso? Ela mexera os ovos e tentara pensar. Lembrava-se da conversa logo de início, da segunda vez que se tinham encontrado na cidade, quando ele lhe contara que tinha perdido os pais na casa dos vinte, o pai de complicações após uma operação ao estômago, a mãe apenas um ano depois de cancro da mama detetado demasiado tarde. Estavam na altura no Mulberry Street Bar, sugerido por Mark porque ela dissera que adorava o filme *Donnie Brasco* e ele não podia acreditar que ela não sabia que algumas cenas tinham sido filmadas lá. Estivera muito calor durante o dia e encontravam-se sentados a uma das mesas altas a beber copos de cerveja que escorriam condensação, apesar do ar condicionado a rugir.

— E irmãos? — perguntara ela. — Tens alguns?

Por um momento, Mark parecera hesitar e ela vira-o fazer rodar os restos da cerveja no fundo do copo.

— Um. Um irmão. Nick. — Ele olhara para cima com uma expressão

neutra.

— São chegados?

Um abanar de cabeça.

— Nem sequer estamos em contacto.

— Oh. — Hannah ficara admirada: só estivera com Mark algumas vezes, mas ele não lhe parecera alguém do tipo de ter relações familiares tempestuosas.

— Não há nenhum drama — acrescentara ele —, somos apenas pessoas muito diferentes.

— Ele é mais velho ou mais novo?

— Mais novo, mas apenas um ano. A minha mãe não sabia que se podia engravidar enquanto se estava a amamentar. Essa era a história dela, de qualquer maneira. — Ele sorria, a luz a regressar aos seus olhos, e estendera a mão para o copo vazio de Hannah. — Mais uma?

Regressara do bar com alguns mexericos que tinha acabado de ouvir e a conversa tomara um rumo diferente. Naquela altura, logo depois de o ter conhecido, ela achara que não era correto pressioná-lo para obter mais informações do que as que ele queria dar, mas no final de novembro estavam juntos havia cinco meses e ele ia passar o Natal com a sua família. Já não era um namorico, uma coisa divertida de curta duração; era uma relação a sério. A ideia provocou-lhe um formigueiro: era bom mas, admitiu para si mesma, também assustador.

Devia falar com ele sobre o irmão, decidira Hannah naquela manhã na cozinha, arranjar um momento no fim de semana quando ele estivesse descontraído e ela não parecesse estar a pressioná-lo. Acabara por esperar até domingo à noite, quando estavam a regressar calmamente por Brooklyn Heights de um almoço prolongado em casa de Ant e Roisin. Mark parara e encostara-se ao gradeamento para admirar o logo cintilante da Miramax que era a vista de Lower Manhattan através do rio, o trânsito na via rápida Brooklyn-Queens a deslizar pela estrada escondida sob os seus pés. Ele adorava aquela vista, dissera-lhe antes, porque, para ele, era a imagem clássica de ambição e realização. Ele estendera o braço e enfiara a mão no bolso de trás das calças de ganga de Hannah. Ela olhara para ele, passara um segundo a apreciar o seu perfil contra as luzes da cidade. Lembrando-se da sua carranca repentina na sexta anterior, tinha hesitado, depois decidira que estava a ser ridícula. O que dissera ele no Mulberry Street Bar? *Não há nenhum drama. Somos apenas pessoas muito*

diferentes.

— O teu irmão — dissera ela quando o camião passara a trovejar abaixo deles, fazendo vibrar o chão. — Como é ele? O que faz?

Mark tirara a mão do bolso dela e enfiara-o no do seu casaco. Sorrira, olhos castanhos tornando-se pretos devido à luz.

— Vamos andando — dissera, inclinando a cabeça na direção que seguiam. — Está demasiado frio para ficarmos parados. Vamos voltar para trás na ponte, queimar algumas calorias daquele cordeiro assado?

Será que ele a ouvira? Devia ter ouvido — o camião não fizera assim tanto barulho. Estendeu o braço para a mão de Hannah e ela deu-lha, mas sentia-se confusa. Se ele ouvira, porque não respondera? Se realmente não havia nenhum drama, porquê aquela reação estranha?

— A que horas é o teu pequeno-almoço de trabalho amanhã? — perguntara ele.

— Às oito, menos mal. — Ela desviara-se para evitar um *King Charles Spaniel* que se soltara da trela e que corria em direção a eles como que a fugir de um incêndio. — Mark, olha, o teu irmão... tens dificuldade em falar sobre ele?

Daquela vez, soube que ele tinha ouvido. Durante vários segundos, no entanto, Mark não disse nada e continuou a andar. Ela esperou, não querendo interromper o silêncio e correr o risco de provocá-lo ou dar-lhe a oportunidade de evitar a pergunta. Olhara para o lado e vira que o rosto dele se fechara novamente, a boca uma linha reta.

— Não é difícil falar sobre ele — acabara por dizer, e a sua voz estava calma, bem modulada. — Apenas prefiro não o fazer, *okay*? Ele vive em Londres, fez algumas coisas a nível de trabalho. Não há muito mais a dizer. Tu tens problemas com a tua mãe, eu não me dou particularmente bem com o meu irmão; tu falas nisso, eu prefiro não falar. Talvez seja uma coisa de homem.

O estereótipo de género surpreendeu Hannah; era tão estranho nele. Decidiu deixar passar, na esperança de não mudarem de assunto.

— Sinto muito — dissera ela. — Eu só...

— Não faz mal, não te preocupes com isso — dissera ele, e o seu tom havia deixado claro que, para ele, o assunto estava encerrado.

A caminhada para o apartamento levava hora e meia, e durante o trajeto ela apercebera-se de um distanciamento entre eles. Fizeram o que normalmente faziam numa longa caminhada: chamavam um ao outro a

atenção para novos restaurantes que pareciam bons, para edifícios ou pessoas interessantes, mas as mesmas observações que costumavam transformar-se em conversas mais amplas ou desencadear novos pensamentos, naquela noite tinham parecido excertos de conversa educada trocados por pessoas que haviam acabado de ser apresentadas. De regresso ao apartamento, ele tinha sugerido ver o episódio do *60 Minutos* que ficara a gravar enquanto estavam fora e, a seguir, fora lavar os dentes. Depois de as luzes se terem apagado, ele deitara-se atrás dela na cama e pusera o braço em volta da sua cintura, mas não tinha tentado mais nada e ela ficara contente por isso.

Mark estivera em Londres nos dois fins de semana seguintes e, no terceiro, depois de três semanas sem se verem, o assunto de Nick passara para um canto da mente de Hannah. A seguir viera o Natal e o pedido de casamento, e todos os membros da família dela — os pais e Maggie, até Chessa e Rachel — tinham feito perguntas sobre os da dele.

— Se dizes que não há nada de estranho nisso, eu acredito em ti — dissera Tom quando ela lhe contara sobre Nick, como não o conhecia e não parecia provável ir conhecer num futuro próximo.

— O quê? — perguntara ela. — Não digas isso assim.

— Assim como? Estou a dizer que confio na tua opinião: se dizes que não é estranho, não é estranho.

— Mas o que estás realmente a dizer é que só não é estranho pelo facto de eu dizer que não tem nada de estranho.

— Argh! — Tom agarrara a cabeça e fechara os olhos como se estivesse com uma dor súbita. — Para com os jogos... sou uma criatura simples, não quero fazer mal a ninguém.

No entanto, era óbvio que ele achava aquilo estranho e isso irritava Hannah, porque secretamente concordava com ele. Porque não sabia ela nada sobre o único membro existente da família do seu noivo, para além de que era um ano mais novo, vivia em Londres e parecia ter tido diferentes trabalhos? Sempre que ela se permitia pensar nisso durante mais de um minuto ou dois de cada vez, dava por si a fazer conjecturas cada vez mais paranoicas: teria Mark vergonha do irmão por algum motivo? Ou teria vergonha dela, Hannah? Era por isso que não queria apresentá-los? Se já era tarde e Hannah estava sozinha e tinha bebido alguns copos de vinho, começava a perguntar-se que tipo de pessoa poderia ser tão distante de um irmão com quem alegava não se dar, que nem sequer via, embora os pais tivessem morrido

recentemente. A menos que alguma coisa realmente má tivesse acontecido entre eles, iriam com certeza ver-se para se apoiarem ou apenas para se sentirem ligados à memória da família.

Pelo segundo fim de semana de janeiro, o assunto tinha atingido proporções críticas e Hannah sabia que teria de abordá-lo com Mark, quer ele gostasse quer não. Então, na noite de sábado, ela tinha preparado uma receita elaborada de carne de porco, acompanhara-a com uma garrafa de *Sancerre* e preparara-se para enfrentar a sua expressão neutra. Como esperara, surgiu quase de imediato.

— Nick — dissera ele, olhando para ela, todo o calor fácil de segundos antes desaparecido dos seus olhos. — É só nele que pensas? Estás obcecada.

— Obcecada? — Ela afastara-se da mesa, espantada. — Perguntei-te por ele duas vezes. *duas* vezes, Mark. Estamos noivos, vamos casar em abril... achas estranho ter curiosidade sobre a tua família? Ele vai ser meu cunhado. Vou ter um parentesco com...

— Não — dissera ele, levantando-se e deixando cair o guardanapo na mesa. — Não, não vais. Vai ser teu cunhado da mesma forma que é meu irmão... tecnicamente, juridicamente, o que for. Mas isso é tudo. Não vou ser obrigado a ter um relacionamento com ele só porque tens uma ideia na cabeça. Não há ali nada para ti, Hannah. Não o quero nas nossas vidas e não quero falar mais nisso. Entendido?

Espantada, ela vira-o abrir o armário junto à porta da rua e tirar o casaco, fazendo tinir os cabides vazios.

— Onde vais?

— Sair. Não vou ficar aqui sentado a ser interrogado.

— Não estou a interrogar-te. Só queria...

— Disse-te quando perguntaste da última vez que não queria falar do assunto. Não podes respeitar isso? Não podes fazer essa coisinha por mim? Será pedir demasiado? — Olhara para Hannah como se estivesse a avaliá-la e a achasse aquém. Depois virara-se e saíra, batendo com a porta.

Ela ficara à mesa algum tempo, o sangue a rugir nos ouvidos. Tinham trocado algumas palavras desagradáveis uma ou duas vezes antes, devido ao cansaço e stresse de um deles ou de ambos, mas nada como aquilo, nem de perto: nunca discutiam; nunca nenhum deles saíra disparado. Ela ficou chocada — na verdade, surpreendida era um termo mais preciso. Mark era tão reservado, tão controlado, e bater com a porta ao sair era tão... adolescente. Tinha tentado fazer-se sorrir ante a imagem, Mark como

adolescente mal-humorado, mas o sorriso morreu nos seus lábios. Ele estava zangado com ela, realmente zangado. Na sua cabeça, Hannah recordou a conversa, a pouca que houvera. Tudo o que ela dissera, a jogada de abertura cuidadosamente ensaiada, fora: «Mark, falas-me do Nick?» Bastara isso para desencadear a explosão.

Para onde fora ele? Estava frio lá fora, no rádio tinham falado em queda de neve, e eram dez e meia. Bem, pensou ela, levantando-se e pegando nos pratos vazios que já pareciam pertencer a uma era diferente, àquela em que tinham sido felizes e ela não lixara tudo devido à curiosidade, não havia nada que pudesse fazer até ele voltar. Não ia mandar-lhe nenhum SMS, não ia rastejar, desculpando-se por fazer uma pergunta simples. Se ele não se dava com o irmão, porque não lhe dizia porquê, em vez de transformar aquilo num grande problema? Se ia casar-se com ele, tinha de poder fazer perguntas daquelas. Não podia deixar-se intimidar.

Lavou lentamente a louça, sempre à espera de ouvir o som da chave dele na porta. Porém, quando a cozinha ficou de novo em ordem, eram onze e meia e não havia sinal de Mark. Sentou-se na poltrona de canto, enroscou as pernas debaixo do corpo e tentou concentrar-se no exemplar de *Folhas de Erva* que tentara ler toda a semana. Mais uma vez, a tentativa foi infrutífera: a escassez de pontuação significava que tinha de ler cada frase duas ou três vezes antes de conseguir descobrir qual era o verbo principal, e depois de fazer isso, as palavras nadavam na página e recusavam organizar-se em qualquer pensamento que ela pudesse entender.

Pousou o livro e pegou na revista *New York* da semana anterior, mas não se saiu melhor. Onde estaria ele? Escondido num bar algures a emborcar uísque? Seria aquela a sua forma de puni-la? Hannah estava exausta, mas elétrica; só queria ir para a cama e desaparecer sob as mantas, mas sabia que não conseguiria dormir até ele chegar a casa ou pelo menos dizer-lhe que não iria dormir lá. Olhou de novo para o telemóvel: nada. De qualquer forma, não queria ir para a cama, não realmente. Precisava de estar vestida quando ele chegasse a casa, parecia importante. Não queria estar de pijama quando ele tinha a vantagem da roupa formal.

O relógio na *box* da televisão por cabo marcava uma hora e dez quando ela ouviu passos no corredor. Ao tinir das chaves, endireitou-se e fingiu rapidamente estar a ler muito descontraída, embora o facto de ainda estar a pé transformasse em mentira qualquer pretensão de normalidade.

Ele fechou a porta sem fazer barulho, tirou o casaco e pousou-o

suavemente no braço do sofá.

— Olá.

— Olá — respondeu ela no mesmo tom neutro, esperando para ver o que ele faria, como estaria agora o seu humor.

Mark olhou para Hannah, a sua expressão ainda indecifrável, então atravessou a sala até estar a meio metro dela. Agachou-se e olhou para o seu rosto.

— Han, desculpa — disse ele. — Peço muita, muita desculpa.

Para sua vergonha, ela sentiu-se inundar de alívio. À medida que o tempo se tinha esticado, os cenários que ela imaginara tinham-se tornado cada vez mais sombrios: talvez estivesse tudo acabado; talvez ele tivesse decidido que não podia viver com ela, que o noivado terminara. Por fim, ela esforçara-se por raciocinar, por se lembrar de que não tinha feito nada de mal. Esperou que Mark continuasse.

— Desculpa ter perdido a cabeça daquela maneira... por ter sido demasiado sensível — disse ele. — Devo-te um pedido de desculpa, eu sei, mas também uma explicação.

— Olha, não tem importância... — começou ela, mas ele interrompeu.

— Tem, sim. Tem. O meu irmão e eu... é por isso que não vejo o Nick, é por isso que detesto até falar dele. É como se de cada vez que alguém menciona o seu nome, algo acontecesse em mim; deixo de ser uma pessoa racional, transformo-me em alguém que não reconheço. Detesto isso... detesto-me por isso... e no entanto não pareço ser capaz de controlá-lo. — O seu rosto relevava angústia.

— Mark, lamento. Não queria transtornar-te. Eu...

— Não, não te desculpes; não fizeste nada de mal. É perfeitamente razoável fazer perguntas sobre ele. Porque não haverias de as fazer? Se casares comigo... — ele fez aquilo soar como se ela pudesse realmente ter mudado de ideias, e ela sentiu uma dor no peito —, se casares comigo, mereces saber tudo sobre mim, mesmo as coisas que eu esconderia de ti se pudesse, as coisas de que não me orgulho. Só quero que vejas as coisas boas, o Mark alegre, divertido e bem-sucedido, não aquele que não consegue lidar com o irmão e que desiludiu a mãe. Eu desiludi a minha própria mãe — disse ele — e ela está morta e já não posso fazer nada. Nunca serei capaz de me perdoar.

Os olhos de Mark brilhavam, como se ele estivesse à beira das lágrimas. Ela levantou-se, pegou-lhe na mão e puxou-o gentilmente para o sofá antes

de ir à cozinha buscar uma nova garrafa de vinho e copos lavados. Quando lhe entregou um, ele bebeu um grande gole. Ao segurar-lhe a mão, ela inspirara sub-repticiamente à procura de cheiro a álcool, mas não havia qualquer vestígio disso, e os seus dedos estavam ainda vermelhos e gelados, os ossos rígidos sob a pele. Devia ter caminhado ao relento todo o tempo que estivera ausente.

— Vou falar-te do Nick — disse ele.

— Só se quiseres. Isso pode esperar... já é tarde. Estamos cansados. Podemos falar disso amanhã.

— Não. — Ele abanou a cabeça. — Quero falar disso agora. Preciso de explicar. — Olhou para ela. — Sair disparado daquela maneira não vai ser um hábito, prometo.

— Certo.

Ele bebeu outro grande gole de vinho e engoliu ruidosamente. Olhou para baixo, observando os dedos avermelhados enquanto agarravam no pé do copo.

— O Nick era o favorito da minha mãe — disse ele. — Ela adorava-o e acho que o estragou... mimou-o para além do razoável. — Expirou rapidamente, como se aquilo fosse engraçado.

Hannah não disse nada e esperou que ele continuasse.

— É muito fácil ver por que motivo ele era o favorito... tenho a certeza de que teria sido o meu se eu tivesse sido a minha mãe. Eu era um pouco estranho e tímido, passei por fases em que me sentia muito desconfortável na minha pele, mas ele era uma daquelas crianças praticamente perfeitas. Sabes o que quero dizer?

Hannah pensou em Sophia, a filha de Chessa que, aos sete anos, já estava dois anos à frente dos colegas na escola e era uma tenista talentosa. Tinha também sido abordada duas vezes em Londres por olheiros de agências de modelos infantis.

— Fui uma criança ansiosa, acho, sempre a tentar o meu melhor, preocupado em fazer tudo bem, mas para o Nick a vida parecia desenrolar-se como um tapete vermelho desde que ele chegou. Acertava em tudo sem tentar, ou pelo menos era o que parecia: dormia a noite toda com dois meses, começou a andar aos nove, fazia toda a gente rir com as suas caretas e brincadeiras de bebé. As amigas da minha mãe adoravam-no, os professores também; fazia amigos com facilidade. As colegas na primária escreviam-lhe cartas de amor. Eu tive todas as doenças de infância: sarampo, papeira, tosse

convulsa. Durante anos passei a vida no médico com uma psoríase terrível, mas não me lembro de o Nick ter alguma vez estado doente.

Puxou um fio solto do punho da camisa, evitando o olhar dela.

— Em retrospectiva, algumas partes são bastante engraçadas — continuou Mark. — Há uma fotografia nossa que resume tudo. Mostro-ta da próxima vez que estivermos em Londres. Estávamos na praia em Devon e eu tinha sete anos, provavelmente, pelo que o Nick devia ter acabado de fazer seis... ele era um bebé de verão, como a minha mãe nunca se cansava de dizer, como se isso por si só o fizesse especial. Ele tem uns calções largos muito giros, enquanto eu estou enfiado como uma salsicha nuns hediondos calções de natação em *nylon* que, francamente, eram uma afronta à dignidade masculina mesmo naquela idade. — Ele sorriu ironicamente. — Bom, ele tem na mão um gelado gigante, com flocos de chocolate e tudo, e se olharmos com atenção, podemos ver o meu cone no canto inferior direito da foto, na areia. Eu tinha sido picado por uma vespa e deixei-o cair.

Ele sorriu de novo tentando aligeirar aquilo, mas Hannah podia ouvir a dor na sua voz.

— Mark...

Ele abanou a cabeça querendo continuar, agora que tinha começado, despachar o assunto de uma vez.

— A questão é que nada daquilo teria importância, creio, se a minha mãe tivesse sido diferente... se tivesse alguma confiança em si própria ou talvez uma atitude mais positiva. Em criança, eu não entendia... os nossos pais são a nossa norma, não são? Só sabemos as coisas consoante eles no-las mostram... mas enquanto adulto passei muito tempo a pensar sobre isso e agora percebo que, durante a maior parte da nossa infância, ela andou muito deprimida.

— A sério? E foi tratada?

— Não. Tentei convencê-la a fazer o tratamento mais tarde, mas ela não acreditava em comprimidos ou psicólogos; achava que eram demasiado condescendentes. É uma pena. Talvez se... — Ele encolheu os ombros. — À primeira vista não se notava. Ela era muito bonita, pequena e elegante e sempre bem arranjada, embora não devesse ter tido muito dinheiro para a roupa. Também era inteligente, e engraçada, mas não via isso. A verdade é que, na minha opinião, ela passou pela vida a acreditar que não valia muito e à espera que os outros o confirmassem. Só estava absolutamente segura do meu irmão, cuja perfeição era tão óbvia que ninguém a podia contestar. Ela devia estar segura em relação ao Nick porque não estar teria sido uma

anormalidade. Ele era inteligente, bonito, engraçado, encantador, e ela estava-lhe grata porque ele a fazia sentir-se menos fracassada. É como se ele a validasse.

— E o teu pai em tudo isso? Onde estava ele?

— O meu pai. — Ele resfolegou. — Não nasceu para ser pai; fiquemos por aí. Éramos demasiado para ele, nós os dois... demasiado barulhentos, demasiado exigentes, demasiado... tudo. Mais ou menos por volta daquelas férias, mais ano, menos ano, ele desligou-se, disse a si mesmo que, desde que trouxesse dinheiro para casa, nos *sustentasse*, estava a fazer a sua parte. Deixou o resto para a minha mãe e a verdade é que ela também não estava à altura e então o Nick assumiu o comando.

— O que queres dizer? — Hannah sentiu-se franzir a testa.

— Ele é manipulador. Não, isso não é uma boa descrição... nem sequer é abrangente. É muito inteligente, na verdade, um génio absoluto a manipular as pessoas para conseguir o que quer delas. A minha mãe foi o seu golpe de mestre, no entanto. Quando tinha nove ou dez anos, percebeu o que se passava, o poder que tinha sobre ela porque ela ia buscar a sua pouca autoestima ao facto de ser mãe daquele ser perfeito, e ele começou... conscientemente, percebia-se... a usar isso.

Hannah sentiu um calafrio de repulsa.

— Como?

Mark encolheu os ombros.

— Tudo começou inocentemente. Acho que um dia lhe ocorreu que ela precisava tanto dele, precisava tanto da sua aprovação e da boa opinião geral que era impossível dizer-lhe não... simplesmente não podia arriscar. Assim que ele percebeu isso, abriu-se uma caixa de Pandora. Quando temos nove e dez anos, o mundo gira em torno dos doces e das batatas fritas e de nos deitarmos mais tarde, coisas de criança, mas ao cabo de alguns meses a situação ficou mais séria. Ele queria coisas... quero dizer, sei que as crianças hoje são mais materialistas do que nunca, alimentadas por todos aqueles anúncios perniciosos na televisão... — ele fez uma careta — mas, francamente, o meu irmão batia-os aos pontos. *Scaletrix*, *walkie-talkies*, jogos *Nintendo*, uma *Sega*... as exigências tornaram-se cada vez maiores e mais caras, e ela continuava a dizer que sim.

— Podiam pagar? Disseste que...

— Não, e isso foi um grande problema, porque o meu pai costumava ver aquilo tudo e passar-se, gritar com a minha mãe, e ela tomava isso como mais

uma prova de que era um fracasso, que havia algo de segunda categoria e *errado* com ela. Então o Nick aproximava-se e abraçava-a e dizia-lhe que estava tudo bem e que a amava, enquanto mentalmente compilava o seu próximo conjunto de exigências, e o ciclo repetia-se.

— Céus!

Mark encolheu novamente os ombros.

— Quando ele tinha catorze ou quinze anos, já fazia praticamente o que queria: faltava à escola mais de dois ou três dias por semana, fumava erva, tinha relações sexuais. Os meus pais chegaram a casa do funeral de um amigo uma tarde e encontraram-no na cama deles com a filha do patrão do meu pai. *Em flagrante*, aparentemente. Becca, a idiota, deixara-o tirar polaroides e ele mostrou-as a toda a gente da turma. Quase custou o emprego ao meu pai. Meu Deus, o Nick teria adorado isso... até o dinheiro se acabar, de qualquer maneira. — Mark revirou os olhos.

— Coitados dos teus pais.

— Pelo menos não foi a Becca que ele engravidou... foi a filha do professor de inglês. A minha mãe pagou o aborto, claro, e não disse uma palavra aos Stevens. Também guardaram segredo do meu pai. Oh, o Nick conseguiu meter-se em todos os problemas típicos dos adolescentes, desde a droga aos roubos nas lojas. E apenas pelo gosto de fazê-lo, por sinal... não tinha necessidade de roubar nada porque a minha mãe lhe dava todo o dinheiro que ele pedia.

Mark bebeu um gole final de vinho e esvaziou o copo. Quando recomeçou a falar, a dor estava de volta à sua voz, ainda menos mascarada.

— Eu não tive carro quando fiz dezassete anos — disse ele —, mas um ano depois o Nick teve, um *Triumph Spitfire vintage* que ele se fartara de publicitar e que apareceu à porta de casa na manhã do seu aniversário com uma grande faixa vermelha que a minha mãe amarrara em volta dele. O Nick espetou-o a conduzir embriagado um mês depois de tirar a carta, mas, assim que pôde voltar a conduzir, ela comprou-lhe outro exatamente igual, porque sabia o quanto ele o adorava.

— Como é que alguém se pode comportar assim? E como é que a tua mãe conseguia pagar? Dois carros...

— A minha avó materna morreu. Não tinha muito dinheiro, mas a casa tinha um certo valor e a minha mãe, filha única, herdou-a... o que significa que o Nick também. Quando ele se formou... o que foi uma espécie de milagre... já gastara a herança. A minha mãe não tinha mais nada.

As discussões que se seguiram... eu já não estava em casa, mas ela contou-me. Quase pôs fim ao «casamento» dos meus pais.

Hannah pegou no casaco que tirara enquanto estava a cozinhar. Era uma e meia da manhã e o aquecimento no edifício há muito que se desligara, mas o que ela sentia era mais do que frio e gelava-lhe os ossos.

— Francamente, ele parece ser um verdadeiro estupor — disse ela.

— Tornou-se um

— Mas o que não percebo é por que motivo te sentes mal com tudo isso? Porque achas que *desiludiste* a tua mãe?

— Ela sempre me pediu para olhar por ele e eu não o fiz.

— O que queres dizer, olhar por ele?

— A minha mãe era inteligente, como eu disse. Fechava um olho quando se tratava do Nick, mas de resto não lhe escapava nada. Bom, quando ele e eu estávamos na casa dos vinte, alguma coisa mudou, pelo menos até certo ponto. Acho que ela olhou para o Nick quando ele tinha vinte e três, vinte e quatro anos, a viver em Londres com o dinheiro que ela lhe dava... a nossa mãe conseguiu um emprego nas caixas registadoras do Debenhams para poder financiá-lo. Meu Deus, as discussões que isso provocou com o meu pai! Ele disse-lhe que ela estava a dar cabo da família, a humilhá-lo, fazendo-o parecer um incapaz que não conseguia sustentar a mulher e que a mandara trabalhar numa loja. — Mark suspirou. — Posso...? — Apontou para o vinho e Hannah serviu-lhe outro copo. — Basicamente, foi um inferno. Graças a Deus, a meio daquela confusão acho que ela começou a perceber que estava a ser manipulada. O meu irmão é realmente inteligente, Han, muito mais inteligente do que eu, mas é preguiçoso, indolente... e nem tem vergonha disso. A razão pela qual ele não tinha um emprego era não querer dar-se trabalho de ir à procura de um... provavelmente com medo que alguém lhe pedisse para se levantar antes das onze. Claro, dizia à minha mãe que era muito difícil os recém-licenciados conseguirem emprego... lembro-me de ela estar na cozinha um fim de semana a repetir-me as estatísticas... o estado da economia, blá-blá-blá. Mas finalmente, *finalmente*, ela começou a estranhar. Acho que não percebia por que razão ninguém queria dar trabalho ao seu menino-prodígio, portanto foi forçada a concluir que se passava alguma coisa.

— Então o que aconteceu?

— Ela pediu-me para lhe dar emprego na DataPro.

— Céus... e deste?

— Embora contrariado, sim. Não queria que ele trabalhasse para mim, obviamente. para começar, sabia que ele *não* iria trabalhar e eu só tinha a firma há três anos nessa altura, não tinha dinheiro para pagar a alguém que não trouxesse nada em troca... mas o que temia realmente era que ele tentasse sabotar-me.

— Sabotar?

— O meu irmão não gosta de mim — admitiu Mark, francamente. — A antipatia é inteiramente recíproca. Ele ressentido-se de mim, o que não faz muito sentido levando tudo em conta, mas pronto. Olha para mim e vê boas notas, Cambridge, em seguida a DataPro, e não percebe que tudo vem do trabalho, nada mais. Ele acha que me caiu tudo no colo, como ele sempre teve todos os brinquedos e dinheiro e abortos e carros e a renda da casa paga. Sinceramente, acho que nunca lhe ocorreu que eu comecei a trabalhar desta forma para tentar receber um pouco de atenção dos meus pais. Os resultados dos exames, Cambridge... eu parecia um cão com um osso, a voltar para casa com o rabo a abanar e a largá-lo aos pés deles na esperança de receber uma festa na cabeça.

Hannah imaginou-o na adolescência e sentiu imensa pena dele.

— Obviamente, agora estou grato por isso porque me deu a minha ética de trabalho e a vida que quero. — Estendeu o braço e pegou na mão dela, passando-lhe o polegar nas costas dos dedos.

Hannah esperou um momento.

— O que aconteceu? — perguntou ela. — O Nick sabotou-te?

— Tentou. — Mark assentiu. — Fê-lo de forma inteligente... havia sempre uma explicação alternativa para o motivo por que cada novo cliente potencial que ele ia encontrar decidia não ficar connosco... mas ao fim de ano e meio não consegui aguentar mais. Perdemos um cliente pela primeira vez, nunca tinha acontecido antes, e quando investiguei, descobri que o Nick se tinha atirado à mulher do tipo de forma bastante agressiva no corredor de um restaurante enquanto estávamos a jantar. Em seguida, desapareceu algum dinheiro, dez mil libras, e descobrimos que ele o tinha «pedido emprestado», o que ele só admitiu quando dei uma descasca ao nosso contabilista e o obriguei a pedir a demissão. Então, despedi-o... ao Nick. Tive de o fazer.

— Como reagiu ele?

— Muito bem... na verdade, riu-se... mas a minha mãe, os meus pais, ficaram furiosos. Acho que pensaram que o tinham finalmente feito encarrilar e ali estava ele, a depender deles outra vez. Perguntaram-me que tipo de

irmão eu era para lhe fazer aquilo, que tipo de pessoa eu era para despedir alguém da minha própria família, e eu descontrolei-me, disse-lhes o que realmente pensava do Nick e que a forma como a minha mãe o tinha deixado pisá-la provavelmente fizera dele a pessoa que ele era. Não falaram comigo durante um ano depois disso.

Hannah puxou as pernas para cima e colocou os braços em volta dos joelhos.

— Mas ainda não percebo porque te sentes culpado. Não podiam esperar que o mantivesses empregado se ele estava a destruir-te o negócio, e parece que os teus pais... o teu pai, pelo menos... concordou contigo em relação à forma como ele tinha tratado a tua mãe.

— Acho que sim. Não é por isso que me sinto mal. Mais tarde fizemos as pazes, e o meu pai bebeu uns quantos uísques no Natal uns dois anos depois disso e disse que educar o Nick tinha sido um pesadelo. Foi o que aconteceu mais tarde, quando a minha mãe estava a morrer. Eu disse-te que ela morreu depois do meu pai?

Hannah assentiu.

— Eu estava com ela nessa manhã. O Nick chegou lá demasiado tarde. Tinha um caso com uma mulher em Brighton e o marido dela estava fora... uma oportunidade demasiado boa para desperdiçar. Só chegou ao hospital à uma, e nessa altura a minha mãe já tinha partido. Mas ela pediu-me nessa manhã. fez-me jurar... que olharia por ele.

— O que quis ela dizer com isso? Com certeza não podias...

— Dar-lhe outra oportunidade na DataPro. Ele andava à deriva desde que saíra de lá, a fazer uma coisa, a ser despedido, a tentar outra coisa, não conseguindo ficar em lado nenhum... e acho que isso a preocupou enquanto esteve doente... não conseguia descansar com o Nick numa situação tão instável. Coisas como essa eram importantes para ela: era muito antiquada. Sei que a incomodava, por exemplo, o facto de nenhum de nós ser casado.

— Uma mãe típica.

— De qualquer forma, prometi-lhe. Jurei. Jurei-lhe que iria olhar por ele. Não iria dar-lhe dinheiro, mas iria dar-lhe um emprego, e ela disse: «Obrigada, Mark», e cerca de uma hora depois, morreu. Acho que foi a única coisa que fez que realmente a sensibilizou... que fez alguma diferença.

A sua voz falhou e ele baixou a cabeça.

— O problema é que, depois de ela morrer, não fui capaz. Não podia

deixá-lo entrar na empresa e dar cabo das coisas, tratar-me com condescendência, ir às contas bancárias... simplesmente não podia. Portanto, quebrei a promessa que fiz. Menti à minha mãe no leito de morte.

A expressão dele era tão sombria, tão cheia de ódio por si mesmo, que Hannah não aguentou. Deslizou pelo sofá, ajoelhou-se diante dele e abraçou-o, apertando-o com tanta força que conseguia sentir a sua caixa torácica, mesmo através da camisa e do pulôver. Pressionou o rosto contra o pescoço dele e sentiu a pulsação contra os seus lábios. Durante dois ou três minutos, ficou assim, sem dizer nada mas a comunicar, esperava ela, que compreendia e tinha pena dele e que o amava. Quando finalmente ela se afastou, as faces dele estavam molhadas e ela beijou-as.

— Onde está o teu irmão agora? — perguntou Hannah delicadamente.

— Não sei — confessou ele com voz rouca, e aclarou a garganta. — Não tenho a certeza. Londres, acho. Aqui há uns anos esbarrei num velho amigo do meu pai e ele parecia pensar que o Nick estava a trabalhar para um agente imobiliário em Highgate. Mas isso foi há dois anos, portanto... — Encolheu os ombros. — Não sei.

CAPÍTULO DOZE

Ainda havia luz quando Hannah saía do hospital, mas quando o metro subira acima do solo em Eel Brook Common, o Sol há muito que desaparecera. Embora ainda não fossem cinco horas, o metro tinha ficado cada vez mais cheio ao avançar sob o centro de Londres, e a partir da estação de Monument ela vira-se cercada por um emaranhado de pernas em fatos, um elenco em constante mutação de virilhas ao nível dos olhos que oscilava e guinava em direção a ela quando a carruagem descrevia uma curva, os seus proprietários a segurarem o varão em cima com uma mão, enviando mensagens de texto ou segurando cópias dobradas do *Standard* com a outra. De repente, era quase noite de segunda-feira: Mark estaria de volta na manhã seguinte.

Prisão. A ideia era estranha: o irmão dele — o seu cunhado, independentemente do que Mark dissesse — estava na prisão. Quando ela saía do hospital, a palavra retinira nos seus ouvidos: *prisão, prisão*. O que fizera Nick? O orgulho impedira-a de perguntar a Hermione. Já se humilhara o suficiente ao ir lá abordar a mulher no corredor, acusando-a de ter um caso. Hannah sentiu o sangue fluir ao rosto com a lembrança. Podia muito bem tê-lo dito em voz alta: o nosso casamento é uma farsa; não acredito que o Mark não me traia e ele não confia em mim o suficiente para me falar do irmão. Fingiu que sabia tudo sobre ele — *Claro! O irmão dele, claro. Desculpe, confundi-me* —, mas Hermione claramente não se deixara enganar. Porque haveria de deixar? Era inteligente, não era?

Hannah recordou o rosto de Hermione quando ela se afastara, as rugas em torno dos olhos arregalados. Ela era muito atraente, impressionante mesmo, mas parecia exausta, completamente desgastada. Na verdade, parecia mesmo esgotada, como se andasse cansada há muito tempo. Talvez fosse o facto de fumar que lhe provocava aquela pele pálida, prematuramente envelhecida, as olheiras e o esterno ossudo visível no decote em V da sua túnica cirúrgica verde. Mas não: ela devia estar perto dos quarenta, teria quarenta e um ou dois no máximo se tivesse sido colega de Mark; não tinha idade suficiente para o aspeto de fumadora ressequida. Era o stresse que fazia as pessoas ter aquele ar, anos de stresse, sem dúvida no caso dela a pressão de vencer no mundo da cirurgia dominado por homens.

O metro parou em Parsons Green e Hannah saiu. Começara a cair uma

chuva miudinha enquanto ela estivera debaixo da terra e a plataforma estava molhada e preta, os halos em volta dos candeeiros de rua esborratados contra o céu roxo. Juntou-se à multidão que seguia em direção à barreira. O que fizera Nick? Durante a viagem fizera a pergunta a si mesma uma e outra vez. Teria conduzido embriagado novamente e causado danos — ou atropelado alguém? Teria sido problemas com drogas? Lembrou-se das dez mil libras que ele roubara às contas da DataPro. E se tivesse feito isso noutra empresa, uma onde não tivesse o irmão a deixá-lo escapar sem ir a tribunal?

Todas as pessoas que tinham estado no metro, ao que parecia, iam na mesma direção que ela, e o passeio fora da estação estava repleto, um congestionamento a formar-se atrás de uma mulher que se esforçava por abrir um guarda-chuva. Hannah sentiu a sua frustração aumentar ao ser forçada a perder tempo atrás de um casal de gabardinas iguais que estava de mãos dadas e passeava como se fosse uma tarde ensolarada de domingo. *Vamos lá, vamos lá*: tinha de chegar a casa, ir à Internet.

No White Horse, o casal virou para descer Ackmar Road e o congestionamento começou a dispersar. Hannah ganhou velocidade, os pés a marcarem um ritmo ansioso ao passar pela escola de meninas e pelas grandes casas de tijolo vermelho voltadas para o jardim. O passeio estava escuro, a luz dos candeeiros de estilo vitoriano a lutar por penetrar no ar húmido de novembro.

Quarrendon Street estava deserta e o som do trânsito em New King's Road desvaneceu-se rapidamente atrás dela. Abriu a porta de casa e o pesado silêncio lá dentro envolveu-a antes ainda de entrar. Bateu com a porta, deixou o casaco nas escadas e foi até à cozinha.

O portátil estava sobre a mesa. Sentou-se e puxou-o para si. De repente, no entanto, a sua urgência evaporou-se e o receio tomou o seu lugar. Levantando-se, foi até à gaveta das bugigangas e pegou no maço meio vazio de tabaco que Tom lá deixara da última vez que a visitara. Acendeu um no bico do fogão e levou-o para o quintal, onde conseguiu puxar cinco ou seis baforadas antes de sentir náuseas. Atirou-o para a poça junto à fonte de pedra e ouviu-o crepitar e apagar-se.

De novo lá dentro, serviu-se de uma dose generosa do *Armagnac* que Mark recebera do seu cliente aeroespacial em Toulouse e sentou-se à mesa. Abriu uma nova janela do Google, em seguida parou novamente. Será que as informações sobre condenações penais estavam disponíveis *online*? Haveria

um registo oficial? Além do nome de Nick, ela não tinha mais nada por onde pesquisar. Onde fora ele julgado? Mark dissera que ele vivia em Londres, mas quem sabia se isso era verdade? E há quanto tempo teria acontecido? Qual a duração da sua pena?

Digitou «Nick Reilly culpado» na barra de pesquisa. *Links* para um blogue sobre os esquemas no futebol e outro a protestar contra a adoção da *sharia* no Reino Unido, depois a *Business Week* a falar de David Nick Reilly, presidente da General Motors. Na segunda página, havia uma série de histórias sobre pessoas consideradas culpadas de traficar marijuana, mas todas eram americanas ou canadianas; nenhuma era do Reino Unido.

Hannah bebeu um gole de aguardente, apagou «Nick» e escreveu «Nicholas». Carregou no *Enter* e esperou. Desta vez, o primeiro resultado era um artigo do *Daily Mail*: «MONSTRO» PLAYBOY CONSIDERADO CULPADO DE HOMICÍDIO INVOLUNTÁRIO.

CAPÍTULO TREZE

«MONSTRO» PLAYBOY CONSIDERADO CULPADO DE HOMICÍDIO INVOLUNTÁRIO

Por: jornalista do Daily Mail

Publicação: 17 de novembro de 2002, 06:02 GMT

Nicholas Reilly foi ontem condenado pelo homicídio de Patricia Hendrick, cujo corpo foi encontrado na casa de West London do primeiro em março deste ano.

Hendrick, de 25 anos, conhecida pelos amigos como Patty, morreu após uma sessão de 48 horas de sexo, álcool e drogas durante a qual Reilly, de 28, lhe deu álcool e a injetou repetidamente com cocaína.

Quando Hendrick sentiu dificuldades respiratórias e, em seguida, ficou inconsciente, Reilly não chamou uma ambulância. Hendrick morreu pouco depois.

A autópsia revelou que a causa da morte foi uma embolia pulmonar provocada por uma impureza na droga.

Na altura da sua morte, o corpo de Hendrick tinha marcas de atividade sexual violenta e prolongada, incluindo extensos hematomas, muitos deles íntimos, e marcas de uma corda em torno dos pulsos, tornozelos e pescoço.

No decurso de um julgamento cujos pormenores foram muitas vezes angustiantes, o júri reunido no Old Bailey ouviu como, durante as primeiras horas de 7 de março deste ano, Reilly e Hendrick, que na altura saía com o irmão do réu, Mark, deixaram a discoteca no leste de Londres onde tinham passado a noite com ele e outros amigos em comum. Já estavam ambos embriagados e sob o efeito da cocaína.

A festa continuou durante dois dias na casa de Reilly em Chelsea. Reilly admitiu ter dado à falecida grandes quantidades de vodka e tequila e doses repetidas de anfetaminas e cocaína para «continuar a festejar».

A polícia testemunhou que a «festa» havia ocorrido em grande parte no quarto do arguido, onde se descobriu provas de bondage e outras práticas sadomasoquistas.

Embora a própria atividade sexual ocorresse por mútuo consentimento,

pelo menos inicialmente, o arguido admitiu que, sem o conhecimento de Hendrick, usou câmaras escondidas para filmar o encontro para visionamento posterior. A gravação revelou-se decisiva na condenação de Reilly, mostrando-o a administrar doses intravenosas de cocaína a Hendrick quando ela estava demasiado embriagada para dar o seu consentimento.

A polícia deteve-o no local após receber telefonemas do vizinho de baixo, incomodado com o barulho. O arguido ouvirá a sentença na sexta-feira.

Falando no exterior do tribunal, o responsável pela investigação, o inspetor Michael Iveson, disse: «Foi um caso muito preocupante para todos os envolvidos. Embora a senhora Hendrick tenha sido inicialmente uma participante voluntária nos eventos que tiveram lugar em casa de Nicholas Reilly, não pode haver dúvida de que Reilly se comportou de forma depravada e desumana, primeiro através da administração de doses de cocaína e continuando a atividade sexual para seu próprio prazer depois de a senhora Hendrick sofrer dificuldades respiratórias e começar a perder a consciência. E, em segundo lugar, quando, ciente da natureza ilegal do consumo de drogas e do seu papel no fornecimento da senhora Hendrick, e com medo das consequências, ele não chamou a assistência médica.

»Estamos perante um homem que, mesmo sob os efeitos continuados do álcool e das drogas, foi capaz de calcular que a sua própria gratificação sexual e liberdade valiam mais do que a vida de outro ser humano. Não pode haver dúvida de que o seu comportamento monstruoso resultou na morte da senhora Hendrick. Ele irá sem dúvida passar um período considerável de tempo atrás das grades e esperamos que os amigos e familiares da senhora Hendrick encontrem algum conforto nisso.»

NICK «O MONSTRO» GRAVA ATOS SEXUAIS ENQUANTO AMANTE LUTA PELA VIDA

Por: jornalista do Gazette

Publicação: 17 de novembro de 2002

Nick Reilly, um homem perverso, filmou em segredo a amante Patricia Hendrick quando ela estava a morrer.

Condenado por homicídio ontem em Winchester Crown Court, Nick «o Monstro» admitiu o uso de câmaras secretas para se filmar a ter sexo

violento com Patty, de 25, enquanto uma embolia pulmonar causada pela cocaína nos seus pulmões a fazia lutar pela vida.

Durante o julgamento, um júri horrorizado foi forçado a assistir às imagens de Nick «o Monstro» a injetar mais cocaína a uma Patty quase inconsciente.

Mesmo quando Patty perdeu os sentidos por completo, o cobarde Nick, com medo das consequências, não chamou uma ambulância.

O corpo foi descoberto quando a polícia chegou para investigar uma queixa de distúrbios.

Antes da sua prisão, Nick, «o Monstro», de 28 anos, tinha uma bela vida, com um ordenado de seis dígitos, gozando de várias férias exóticas no estrangeiro por ano e conduzindo um Porsche novo.

A loira Patty era bem conhecida no seu círculo como uma rapariga que adorava divertir-se na companhia de amigos ricos, especialmente homens. Um amigo que pediu o anonimato disse: «A Patty não era nenhuma santa... gostava de sair, de se divertir, e gostava da atenção dos homens. Mas havia nela uma espécie de ingenuidade, apesar do seu comportamento selvagem — era péssima a avaliar pessoas. Bastaria conhecer uma pessoa errada e, tragicamente, foi o que aconteceu.»

No começo do julgamento, o júri ouviu o médico legista afirmar que de início ficara confuso ao encontrar ADN pertencente a dois homens quando examinara o corpo. O irmão de Nick, Mark Reilly, fundador da bem-sucedida empresa de software DataPro, disse aos jurados que ele e Patty andavam a sair no momento da sua morte.

Mark Reilly disse ao tribunal que ele e Patty se encontraram numa casa de banho da discoteca apenas vinte minutos antes de ela abandonar o local com o irmão dele. Mark voltou depois de ir buscar bebidas para ele e Patty e descobriu que o casal se tinha ido embora.

Sentado na galeria pública ontem, Mark Reilly chorou abertamente quando o júri proferiu o veredito, condenando o irmão.

Conhecidos de Nick «o Monstro» ficaram abalados com a notícia da sua condenação. Liza Miller, uma ex-colega de turma na secundária de Eastbourne, Sussex, disse: «Estou chocada... muito chocada. O Nick era um pouco selvagem, todos sabíamos isso, mas pensávamos que era apenas para se divertir... nunca achei que ele seria capaz de ferir fisicamente alguém. Éramos tão jovens e estúpidos, é assustador pensar no que podia ter acontecido. Podia ter sido qualquer uma de nós.»

Para outros, a notícia não foi surpresa. Martin Westing, outro colega, disse: «Os rapazes sempre souberam que havia nele algo errado, mas as raparigas adoravam-no. Ele enfeitiçava-as, era o seu poder especial.»

Becca George, descrita por outros como uma antiga namorada de Reilly, mostrou-se inicialmente relutante em falar, mas disse ao Gazette: «O Nick sabia ser muito convincente. Com ele, tudo era divertido, emocionante. Ele vivia no momento... não tinha nenhuma preocupação com as consequências.»

Falando fora do tribunal, o pai de Patty, Richard, um empresário abastado do Hertfordshire, disse que ele e a mulher estavam «completamente destroçados. A Patty era a luz dos nossos olhos. Esperamos que o Reilly apodreça na prisão».

Hannah inclinou a cabeça para trás e deixou a gelada chuva miudinha cair nas suas faces e pálpebras. Respirou fundo, querendo que o seu coração parasse de bater tão depressa; podia senti-lo a bater atrás do esterno como se fosse ter um ataque cardíaco. Outra onda de náusea inundou-a. Atravessou o quintal e encostou-se à pequena mesa de ferro forjado, segurando-se com as mãos. Sentiu-se quente, depois gelada, depois quente de novo, transpirando na roupa, mas a tremer.

Pensou nos crimes que tinha imaginado durante a viagem de metro — fraude, drogas, até um atropelamento mortal — e teve vontade de rir: que ingénua. Mas como podia ter imaginado uma coisa daquelas? Noutro artigo dos tabloides — ela ainda mal arranhara a superfície; a história fora falada durante dias, ao que parece, os jornais a adorarem aquela saga de sexo e morte entre jovens *socialites* —, ela lera descrições da expressão satisfeita de Nick quando esvaziara outra seringa no braço inerte de Patty Hendrick, depois virara o seu corpo em direção à câmara escondida enquanto lhe abria de novo os joelhos. «Satisfeita» — a palavra era tão vívida como doentia. Ao lê-la, ela tinha-o visto tão claramente como se ele tivesse estado curvado sobre ela, Hannah, os seus olhos famintos, a boca molhada e aberta, os incisivos afiados como os de Mark.

Mesmo sem as referências a Mark e à DataPro, embora ela nunca tivesse visto uma fotografia dele antes, teria reconhecido o homem nas fotografias como irmão dele imediatamente. As fotografias já tinham dez anos, mas, ao observá-las, sentiu que estava a olhar para uma versão mais jovem e mais bonita de Mark, a cara menos larga, os olhos mais espaçados, o sinal no rosto

retirado com *laser* sem deixar vestígios. Mark era um excelente protótipo — ela achara-o bonito desde que pusera os olhos nele no alpendre em Montauk — mas Nick, claro, era a versão aperfeiçoada.

E Patty «saíra» com Mark. O que significa «saíra» em inglês britânico? Estariam numa relação? Há quanto tempo andariam a ver-se? O que importava isso, tendo em conta o que Nick fizera? Que tipo de pessoa pensava numa mulher com quem o irmão estava envolvido ou que lhe interessava? *O tipo de pessoa que deixa a mãe de sessenta anos trabalhar numa loja para financiar o seu estilo de vida pós-universitário*, respondeu a voz no fundo da sua cabeça. *Que mostra fotos nuas da namorada na escola. O tipo de pessoa que pode ver uma mulher lutar pela vida e não chamar uma ambulância.*

Hannah sentiu um repentino aperto no estômago, atravessou a correr o quintal e escancarou a porta. Chegou à casa de banho do rés do chão mesmo a tempo. Depois, vazia, fechou os olhos e apoiou a testa na borda fria do lavatório. «Aquela pobre mulher», pensou ela, «pobre Patty.» Morrer assim, drogada até à inconsciência, filmada nua, sozinha com um homem libidinoso e sem consciência que preferiu ficar a vê-la morrer em vez de lidar com as consequências de pedir ajuda.

Os jornais tinham mostrado diversas fotografias dela e, a crer no realismo dos *layouts* das páginas da Internet, haviam sido generosos com o espaço ocupado pelas mesmas. Não havia aí surpresa: ela era perfeita para aquele tipo de história, qualquer tipo de história, com o seu comprido cabelo louro liso e grandes olhos verdes que, à primeira vista, pareciam inocentes, mas depois revelavam uma expressão convidativa. Era magra, mas curvilínea, suficientemente nova aos vinte e cinco para que as curvas sugerissem ainda uma juventude quase infantil, uma gordura apetitosa, quase succulenta. As duas fotografias mais mostradas pareciam ter sido tiradas na mesma noite e mostravam-na num vestido preto simples, com mangas pelo ombro, que ela enfeitara com um cinto grosso, cujos pregos e pesada fivela dupla eram exemplificativos do que tinha estado a fazer no fim de semana em que morrera, se não até antes.

Hannah pensou na fotografia que Mark havia descrito, mas nunca lhe mostrara, a dele e do irmão em miúdos na praia em Devon: Nick, o menino perfeito, Mark com a sua picada de vespa e calções demasiado apertados, o cone de gelado caído na areia. Imaginou-o na discoteca naquela noite, a voltar do bar com uma bebida para Patty e a descobrir que ela tinha saído

com o seu irmão, e sentiu uma onda de compaixão por ele, uma tristeza intensa, amarga. Em segundos, no entanto, desapareceu, substituída por fúria. Como podia ele não lhe ter dito nada? Aquilo era uma coisa *importante*, fundamental. Devia estar gravada na sua psique; não se devia passar um dia em que ele não pensasse nisso. Que tipo de mulher a considerava ele para nunca lhe ter contado — para a ter deixado descobrir através de uma amiga dele de quem nunca tinha sequer ouvido falar?

Mas então, porque não descobrira ela sozinha até agora? Como podia aquilo existir no passado de Mark sem ela saber? *Bem, será que tentaste descobrir muitas coisas sobre ele quando o conheceste?*, acusou a voz na sua cabeça. Sim, tinham sido apresentados por Ant e Roisin, mas eles próprios só o tinham conhecido algumas semanas antes. Conhecera um homem num país estrangeiro, sem nenhum do contexto normal que rodeava as pessoas: família, velhos amigos. Os pais de Mark estavam mortos, o irmão distante — ela não tivera nenhuma das referências habituais. As adolescentes, pensou ela selvaticamente, investigavam mais as suas paixões do que ela investigara o marido — uma hora na Internet e teria encontrado tudo aquilo. Tinha começado uma vez, procurando-o no Google no escritório uma noite enquanto esperava um telefonema de Los Angeles, mas parara depois dos primeiros resultados, sentindo-se suja e perseguidora ao ler os artigos na imprensa económica sobre o êxito dele, os grandes contratos que a DataPro andava a conseguir. Tanta conversa acerca de dinheiro fizera-a sentir-se uma caçadora de fortunas, como se estivesse a avaliá-lo como uma presa, um alvo potencial.

Porém, não tinha sido apenas isso. Ao terminar uma história e clicar na seguinte, fora surpreendida por uma recordação de infância. Fora na primavera, março — o que acontecera nas semanas seguintes significava que ela jamais esqueceria —, e tinha nove anos. Estivera lá em cima no quarto a fazer os deveres e descera para beber um copo de leite e, se tivesse sorte e a cozinha estivesse vazia, atacar a lata das bolachas. Quando estava prestes a entrar na cozinha, no entanto, vira a mãe.

Algo que nunca fora capaz de identificar — a atmosfera, uma tensão no ar, talvez — tinha parado Hannah e ela ficara para trás, escondida. A mãe estivera a encher a máquina da roupa, escolhendo as peças, e Hannah vira-a revistar os bolsos das calças do pai, puxando-os para fora até penderem como orelhas de desenhos animados, agitando as calças como se pudesse forçá-las a falar com ela. Estivera a chorar, os soluços mudos, mas suficientemente

fortes para sacudir a parte superior do seu corpo.

Hannah sentira-se fisicamente enojada. Porque estava a mãe a fazer aquilo? Será que queria destruir a família, levar o pai a sair de casa? Será que não via o que estava a fazer? Andava a tornar a vida dele insuportável, um pesadelo. Quase todas as noites Hannah podia ouvir as suas vozes do outro lado da parede do quarto, a mãe a suplicar desesperada que ele apenas lhe dissesse a verdade, a frustração crescente do pai, a sua fúria cada vez maior ante a insistência dela de que ele estava a mentir. A mãe era como uma ratazana, pensou Hannah à porta da cozinha a observar, uma ratazana a roer, corroendo a família.

Sem deixar que a mãe percebesse que fora vista, Hannah tinha corrido para o quarto lá em cima, fechara a porta e bloqueara a fechadura com a escova do cabelo. A seguir atirara-se de bruços para a cama e chorara. Não adiantava; não havia nenhuma maneira de os pais poderem ficar juntos. O pai iria sair de casa e haveria um divórcio e ela e Tom seriam como a sua amiga Claire da escola, que viveu sempre de mala feita e se sentia sempre culpada por estar animada com as noites de sexta-feira quando finalmente conseguia ver o pai.

Deitada na cama naquela noite, Hannah fizera uma promessa a si mesma: nunca iria ser assim, espiar as pessoas que devia amar. Nunca faria isso. Se casasse, iria confiar no marido. Bem, mantivera a sua promessa, não é verdade?, pensou com amargura agora. E já percebera qual o resultado.

Com as pernas a tremer, endireitou-se e lavou as mãos e o rosto. Olhos cor-de-rosa fitaram-na do espelho, de onde tinham desaparecido quais vestígios do longo sono que tivera no sofá a noite anterior. Isso parecia ter sido há várias semanas. Secou as mãos e voltou para a cozinha, serviu-se de mais *Armagnac* e sentou-se à mesa. A luz vermelha piscava no seu *BlackBerry* e quando abriu as mensagens, o nome de Mark estava novamente no cimo da lista. Aguardou um momento, em seguida abriu-a.

A reunião acabou agora. Correu muito bem, tenho a certeza de que vamos conseguir o contrato, portanto valeu a pena ficar. Estarei em casa esta noite para ver a minha linda mulher — já não faltam muitas horas...

CAPÍTULO CATORZE

Hannah estava deitada de barriga para cima, com os olhos abertos. O quarto deles ficava na parte de trás da casa e nunca havia barulho ou luz da rua, mas ali no quarto de hóspedes um brilho alaranjado entrava pelo espaço à volta das cortinas e manchava o teto, e de tantos em tantos minutos, mesmo àquela hora tardia, um carro passava na rua, a luz dos faróis a percorrer as paredes como o feixe de uma lanterna. No entanto, ela não conseguia ir para o quarto ao lado dormir na cama de casal: estava demasiado confusa, demasiado zangada. Este quarto e esta cama eram neutros, terra de ninguém.

Virou a cabeça para ver o relógio na mesa de cabeceira. 2h47. O que estaria Mark a fazer naquele momento? Devia estar no avião, no ar ou a acabar de levantar voo. Podia já estar a dormir: mesmo que se tivesse ajustado ao horário de Nova Iorque nos últimos dias, ele era uma daquelas pessoas capazes de dormir a qualquer hora, em qualquer lado, aproveitando as horas mortas. Se apanhassem um voo noturno juntos, ele chegaria fresco e descansado, enquanto ela, tendo visto os filmes todos e tendo-se esforçado por ler, terminava sempre a viagem parecendo ter sido objeto de alguma experiência clínica. E porque estaria ele acordado, de qualquer maneira? Afinal, não tinha ideia de que ela sabia aquilo tudo.

Virou-se, voltando costas à janela e ao demoníaco clarão vermelho do relógio, fechou os olhos e tentou novamente encontrar uma posição confortável. Agora o seu braço era o problema, desconfortável debaixo do corpo, incómodo à frente. O problema, no entanto, estava na sua cabeça, que fervilhava apesar de tudo o que ela tinha feito para tentar desligá-la. Fizera a cama de lavado, estivera uma hora a ver televisão e tomara um banho de imersão com o seu velho exemplar de *O Nosso Agente em Havana*. Adorava o livro, lera-o várias vezes, mas naquela noite os seus olhos estavam sempre a fugir da página e nenhuma das piadas a fizera sorrir.

Antes disso, porém, estivera a ler toda a noite. Apagara o *e-mail* de Mark sem responder, depois voltara para o computador e lera artigo após artigo até os seus olhos doerem do brilho do ecrã. Cada novo facto a repelia, as palavras a destacarem-se com todo o sensacionalismo dos tabloides — *morte! sadomasoquismo! cordas! cocaína!* — mas ainda assim ela clicara no artigo seguinte com o fervor de um viciado.

Na sua forma abreviada, a história tinha até chegado a alguns dos jornais

estrangeiros. Como diabo deixara ela escapar o assunto na altura? Talvez não completamente; talvez tivesse visto os cabeçalhos e decidido que não precisava de ler o resto, todos os pormenores lascivos sobre o *playboy* e a rapariga que adorava festas e as coisas que tinham feito. E Reilly era um apelido bastante comum; não tinha força suficiente para despertar algo na sua memória quando conhecera Mark. Mas também era possível que ela não tivesse sequer visto a cobertura de imprensa. Quando estava com muito trabalho, a terminar um projeto grande, às vezes passavam-se semanas em que lançava apenas um breve olhar aos jornais à procura de qualquer coisa relevante para aquilo que tinha em mãos.

Naquela noite lera os artigos de todos os jornais, dos *sites* de canais de televisão e das revistas de informação, até que ao fim de algum tempo achou que já não havia mais pormenores sinistros para descobrir. Então, quando estava prestes a forçar-se a desligar o computador, encontrara um artigo num jornal de domingo no fim de semana após a condenação de Nick. O título era MORTE EM CHELSEA.

Começava com um retrato de Patty, muitos dos pormenores agora tão familiares para Hannah que começava a sentir que realmente a conhecera: o emprego do pai como principal executivo de uma empresa de produtos eletrónicos em Hemel Hempstead; a mãe dona de casa e o irmão, Seb, dois anos mais novo e identificado como futura estrela de atletismo aos dez anos; a casa de seis quartos numa pequena aldeia junto a St. Albans, com a sua piscina e o estábulo onde Patty tinha os seus póneis, *Mischief* e, depois, *Gorgeous Gus*. Hannah sabia das gincanas e dos cursos de vela no verão e da casa na Dordonha que Richard e Lara Hendrick tinham comprado quando a filha fizera doze anos, e sabia das notas medíocres que deixavam claro desde o início que o sonho de infância de Patty de se tornar veterinária iria permanecer um sonho.

Embora fingindo pena, a maior parte dos outros artigos tinham narrado a queda de Patty em desgraça com prazer, oferecendo pormenores da sua amizade com o «elemento selvagem» no seu colégio feminino exclusivo, mas não muito académico, o descer das notas, as suas experiências com álcool e marijuana. Nesse ponto, muitos dos artigos davam a entender que os dados estavam irrevogavelmente lançados, como se cada adolescente que tivesse dado uma passa ou enrolado um charro na companhia de alguns rapazes do décimo ano da escola secundária local se tivesse lançado numa estrada para a perdição, cujo único destino era uma morte precoce às mãos de um Homem

Mau.

Temple, no entanto, resistira à imagem fácil da boa-menina má e, em vez disso, fazia perguntas sobre as expectativas de uma jovem como Patty, bem-educada e atraente, embora não especialmente inteligente. Que papel veria para si mesma numa sociedade onde as mulheres como a mãe, que ficavam em casa a cuidar da família, eram rotineiramente descartadas como inúteis, por não contribuírem para o orçamento familiar? O valor intrínseco desse papel, argumentava Temple, a sua respeitabilidade, fora corroído até deixar de existir, até ao ponto em que já não era aceitável uma mulher jovem admitir que queria ser mãe a tempo inteiro. E o que substituíra essa posição aos olhos de jovens como Patty? Uma cultura obcecada por celebridades e aparências, onde as mulheres mais veneradas na comunicação social, e algumas das mais bem pagas, eram aquelas que posavam para revistas masculinas em fio dental e caíam de bêbedas nas discotecas. E o desprezo era dirigido a todas as jovens que não «estavam dispostas» a fazer isso... Assim, longe de libertar raparigas como Patty, a nova mentalidade, argumentava Temple, tinha-as escravizado, transformando-as em brinquedos sexuais andantes e falantes.

Hannah partira do princípio de que o artigo iria continuar na mesma linha feminista, mas, um tanto abruptamente, a jornalista mudara de rumo e concentrara-se em Nick, que, na fotografia que tinham usado, aparecia muito bronzeado e sorridente ao volante de um *BMW* prateado descapotável, uma bela casa de pedra das Cotswolds em fundo.

No caso dele, também ficou claro que Temple tinha pesquisado mais do que os outros jornalistas; havia vários pormenores que Hannah conhecia só porque o próprio Mark lhe tinha contado naquela noite em Nova Iorque. O artigo sensacionalista no *Gazette* mencionara Eastbourne, citara antigos colegas de Nick, provavelmente contactados por telefone, mas Temple, claramente, tinha lá estado.

As cortinas estavam fechadas esta semana nas janelas da frente da casa térrea com dois quartos onde Nicholas Reilly passou a sua infância, como se os pais, que ainda lá vivem, quisessem fechar os olhos à realidade do crime de que o filho foi esta semana considerado culpado.

Encolhido sob um céu da mesma cor, o pequeno bungalow cinzento enfeitado com seixos, embora bem cuidado, parece um local incongruente para uma infância que várias pessoas que conhecem a família descrevem como feliz ou «dourada».

«O Nick era uma daquelas crianças que pareciam destinadas a ter uma vida feliz», disse uma amiga da família que pediu para permanecer anônima. «Era um bebê lindo que se tornou um rapaz lindo, sempre a rir, sempre a sorrir. Costumávamos dizer que a Lizzie, a sua mãe, o devia deixar ser modelo — ele teria feito fortuna.»

«Era muito inteligente», disse Leigh Stanton, a sua primeira professora da primária. «Aprender era fácil para ele... dava gosto ensiná-lo. Aprendeu a ler e a escrever cedo e mostrava-se interessado em tudo. O único desafio era fazê-lo sentar-se quieto — estava sempre a mexer-se, cheio de energia — e ralhar-lhe era quase impossível quando ele olhava para a pessoa com aqueles grandes olhos castanhos.»

No entanto, se a primeira infância de Reilly foi feliz, assim que ele deixou a escola primária surgiram sinais preocupantes. Embora ninguém entrevistado para este artigo estivesse disposto a ser citado, várias pessoas falaram na timidez e na falta de confiança de Elizabeth Reilly, na sua dependência emocional do filho mais novo. Outras expressaram reservas sobre a forma como ela dedicava tanta atenção ao menino e o inundava de brinquedos e presentes que muitos ficaram admirados por ver a família conseguir pagar. O irmão Mark, um ano mais velho, parece não ter sido mimado de igual forma.

Talvez o seu estatuto de filho mais novo mimado tenha contribuído para a rebeldia que Nick começou a exibir no início da adolescência, ou pelo menos a aparente indiferença em relação às consequências das suas ações, referida por muitas pessoas que o conheceram. Essa sensação de ser intocável — de viver fora das regras ou mesmo, por fim, da lei — viria a tornar-se uma das principais características de Reilly.

A primeira indicação de que algo estava errado foi o crescente número de faltas às aulas. Os funcionários da escola que investigavam as faltas dos alunos em breve se tornaram visitas regulares da casa. «Chegou ao ponto», disse Matt Trenton, um colega de turma, «de ele deixar de poder apanhar o autocarro da escola e de o pai se ver obrigado a entrar com ele no edifício, o que o Nick detestava, obviamente. Não fazia diferença nenhuma: à hora do intervalo, ele estava lá fora novamente. Costumava parar na praia e beber ou fumar erva. Às vezes, dizia ele, apanhava o comboio para Brighton para ir aos salões de jogos.»

Aos catorze anos, foi suspenso da escola uma semana por insultar um professor que o havia constrangido diante dos colegas de turma.

Havia também indícios de problemas mais sombrios. Dois vizinhos na rua tranquila dos pais lembram-se das tensões entre Nick e Jim Thomas, um vizinho idoso, já falecido, que não gostava do hábito desenvolvido pelo adolescente de usar o seu quintal como atalho para a rua atrás.

«O Nick costumava saltar sobre a vedação das traseiras dele», recordou um. «Assustava o Jim de morte, que acendia a luz e encontrava o Nick no seu quintal a olhar pela janela da cozinha. O Jim tinha um velho barracão ao fundo do quintal, perto de local por onde o Nick costumava entrar, e várias vezes disse ter encontrado objetos que o rapaz usava para se drogar lá dentro. Quando se queixou ao Gordon e à Elizabeth, eles pediram muitas desculpas, como de costume, mas nada pareceu mudar. A Lizzie desculpava sempre o comportamento dele como travessuras de um adolescente, mas era claramente mais do que isso.»

O que aconteceu entre Nick e Jim Thomas ainda é objeto de especulação local, mas, seis semanas depois da queixa de Thomas aos Reilly, o seu barracão ardeu completamente. Três semanas depois, a cadela de Thomas, uma Red Setter chamada Molly, foi encontrada afogada na margem de um ribeiro que corre perto das casas. Nick tinha faltado às aulas naquela tarde e fora visto na rua com calças de ganga molhadas até às coxas. Os vizinhos recordam ver Thomas em lágrimas a bater à porta dos Reilly, mas embora a polícia tenha sido chamada, por razões que permanecem obscuras não foi apresentada qualquer queixa. A imunidade de Reilly continuou.

Os colegas descrevem Nick Reilly como carismático e divertido, embora tenham dificuldade em lembrar-se de quem eram os seus amigos. No entanto, nos últimos anos do secundário ele fazia um grande sucesso junto das colegas, um facto talvez nada surpreendente dada a sua aparência, o alegado encanto e o Triumph Spitfire cor de laranja em segunda mão que apareceu à porta de casa no seu 17.º aniversário, cortesia da mãe.

Se ele não tinha amigos chegados entre os rapazes, também parece que não tinha nenhuma favorita entre as raparigas, preferindo distribuir os seus favores igualmente entre as mais bonitas e as mais populares do seu ano e do ano acima. Reilly era sexualmente ativo desde os 13 anos, mas as relações foram de curta duração e casuais, pelo menos do seu lado. Embora não haja qualquer sugestão de uma ligação causal, acredita-se que teve um breve relacionamento com Emma Simpson, uma rapariga linda mas emocionalmente frágil que se suicidou não muito tempo depois de eles se separarem.

Apesar das faltas, as notas de Nick foram suficientemente boas para lhe permitir entrar na universidade em Leeds, onde estudou Economia, «pelo menos no papel», diz Rachel Jenkins, uma colega de curso. Tornou-se em breve presença constante no cenário vibrante das festas da cidade, onde o seu consumo de álcool e drogas — habituais na sua vida já há vários anos nessa data — aumentou. Licenciou-se com notas baixas e muitos consideraram uma sorte ter sequer conseguido terminar o curso. No entanto, Reilly terá ficado descontente e exigiu que os seus exames fossem revistos. Apesar da sua tentativa, as notas não foram alteradas.

Assim que os exames terminaram, ele desocupou o seu quarto de estudante em Headingley e mudou-se para Londres. A maioria dos seus contemporâneos universitários atenuaram os custos elevados de Londres alugando casas juntos, mas Nick ocupou um apartamento com um quarto em Borough, onde viveu durante os três anos seguintes.

Não se sabe como pagava o apartamento. Era do conhecimento geral que recebia apoio financeiro da mãe, mas não seria o suficiente, ao que parece, para sustentar a sua vida no centro de Londres. Teve vários empregos durante estes anos, incluindo breves períodos como assistente numa importante empresa de relações públicas, numa agência imobiliária e numa editora discográfica.

Não tinha qualquer dificuldade em arranjar emprego — o seu encanto fazia milagres nas entrevistas — mas mantê-lo era outra questão. O problema era a sua ética de trabalho. Um colega na agência imobiliária recordou: «Ele chegava tarde todos os dias, fazia almoços demorados e deu parte de doente três vezes nos primeiros quinze dias. Parecia estar-se nas tintas para tudo.»

Então, com vinte e seis anos, Reilly começou a trabalhar com o irmão, Mark, e pareceu finalmente ter encontrado algo que prendeu o seu interesse por mais de um par de semanas.

Em contraste com Nick, Mark Reilly tinha aos vinte e sete anos alcançado já um enorme sucesso. Depois de se formar em Engenharia em Cambridge, tinha vindo para Londres e começara a reunir o capital que lhe permitiu lançar a DataPro, uma empresa que projeta software personalizado para bancos e mediadores financeiros na City e, hoje em dia, em todo o mundo. Ao fim de três anos, a empresa gerava um volume de negócios anual próximo dos cinco milhões de libras.

Nick Reilly foi contratado como gestor de projetos da DataPro e o seu

trabalho era conseguir novos negócios para a empresa e assegurar boas relações de trabalho com os clientes. Pareceu inicialmente bem-sucedido no papel.

Recebia um ordenado anual na casa dos seis dígitos que financiava o estilo de vida que já foi amplamente divulgado na imprensa: o apartamento junto a King's Road em Chelsea, um Porsche novo, visitas frequentes aos melhores restaurantes e discotecas de Londres, e esqui em Val d'Isère, onde as festas no seu chalé alugado, alimentadas a cocaína e rios intermináveis de vodca e champanhe, muitas vezes duravam até ao meio-dia do dia seguinte. As mulheres — raparigas amantes de festas, uma modelo, duas funcionárias da mesma revista de moda — iam e vinham, nenhuma delas durando o suficiente para deixar marca.

Nick Reilly estava no seu elemento.

No tribunal esta semana, o advogado de acusação Jonathan Hepperton disse: «A arrogância de Nicholas Reilly é quase inacreditável; para ele os outros não têm importância e é um homem amoral. É a personificação de uma espécie de direito adquirido, vê a vida como uma série de oportunidades para agarrar o que quer, colocando o seu próprio prazer acima de todas as outras considerações, independentemente do custo para aqueles que o rodeiam.»

Essas pessoas incluem o seu irmão Mark que, em janeiro deste ano, teve um raro fim de semana de folga e aceitou o convite de Nick para o acompanhar a Val d'Isère. Foi na fila para o telesqui que Mark conheceu Patty Hendrick, ali a desfrutar de um fim de semana prolongado. O casal partilhou um telesqui e claramente gostaram da experiência o suficiente para Mark sugerir que se encontrassem para uma bebida naquela noite. De volta a Londres, começaram a sair regularmente.

A relação não era séria, mas havia uma clara atração entre o belo e bem-sucedido Reilly e a bonita e vivaz Patty. «Eles divertiam-se juntos», disse Jamie Hancock, um amigo de Mark. «O Mark esforçara-se muito durante anos na DataPro e antes disso em Cambridge, e a Patty ofereceu-lhe a oportunidade de se descontraírem. Ela podia não ser sua igual a nível intelectual nem a sua alma gémea, mas nenhum deles andava à procura disso. Queriam divertir-se.»

Os acontecimentos da noite de 7 de março e as 48 horas seguintes não deixam ficar bem nenhum dos intervenientes. A revelação de que Mark Reilly tivera relações sexuais com Patty na casa de banho da discoteca antes de ela

sair com Nick afetou a percepção pública do Reilly mais velho como um homem decente que foi vítima do apetite sexual insaciável do irmão e ajudou a pintar o retrato de um grupo de pessoas sem escrúpulos.

Era um ambiente que se adequava perfeitamente a Nicholas Reilly, um ponto de encontro para uma vida de excessos, a sua convicção de ter direito ao prazer e a sua crença de que era imune às consequências das suas ações, literalmente acima da lei. Esta semana, o júri no Old Bailey pôs com certeza um fim a essa crença de uma vez por todas.

Reilly aguarda agora a leitura da sentença, mas o caso continua a levantar questões preocupantes sobre o mundo em que vivia. Que tipo de sociedade criámos, perguntaram as pessoas esta semana, quando mulheres jovens como Patty Hendrick dormem voluntariamente com dois irmãos e participam em farras prolongadas com consumo de drogas e atividade sexual violenta? Quando um homem como Nick Reilly deixa uma mulher morrer em vez de parar a festa? O que nos diz este caso sobre a nossa jovem geração de privilegiados?

A morte de Patty Hendrick é sem dúvida uma tragédia para os seus amigos e familiares, e um crime que é difícil de entender. Para muitos, no entanto, fala de uma geração sem uma bússola moral, que reza no altar do deus falso do consumo, concentrada em carros velozes e férias no estrangeiro, bebida e drogas, e, finalmente, em si própria.

CAPÍTULO QUINZE

Hannah acordou com um zumbido insistente, um som semelhante ao de uma abelha irritada presa sob um copo. Após vários segundos de confusão, associou o ruído ao seu *BlackBerry* na mesa de cabeceira, sentou-se e estendeu a mão para ele. O número no ecrã era do centro de Londres, mas o telemóvel não o reconheceu, nem ela. A curiosidade levou a melhor, no entanto, e ela premiu a tecla verde e resmungou um cumprimento.

— Bom dia. Estou a falar com a Hannah Reilly? — Era a voz de uma mulher mais velha, com um sotaque formal que evocava colégios internos de raparigas e roupa de ténis imaculada.

Hannah confirmou que sim.

— Bom dia, chamo-me Jessica Landon — disse a voz mais calorosamente. — Estou a ligar do escritório de Roger Penrose.

Roger Penrose — no seu estado recém-consciente, Hannah fez uma pesquisa lenta aos seus arquivos mentais. Penrose. A mulher esperava claramente que ela soubesse a quem se referia. Por fim, encontrou: Roger Penrose, da Penrose Price.

Jessica Landon estava novamente a falar.

— O Roger gostou muito de a conhecer no dia dois e pede desculpa por ter demorado tanto tempo a contactá-la. Infelizmente, a sua esposa não tem estado muito bem.

— Lamento saber isso.

— Obrigada. Ela já se sente bastante melhor. — Um segundo de pausa respeitosa. — Enfim, como sabe, somos uma empresa familiar e orgulhamo-nos de ser coesos. O Roger gosta de conhecer os candidatos finais para cargos de direção num contexto social, juntamente com os seus parceiros. Ele pergunta se a senhora e o seu marido estão disponíveis para jantar na próxima semana?

— Jantar?

— Seria a senhora e o seu marido, e Roger e a mulher, Diane. Que tal na próxima terça-feira, de hoje a uma semana? Seria conveniente? Às oito horas?

— Hum, sim — respondeu Hannah. — Acho que pode ser.

— Ótimo. Tenho aqui o seu *e-mail*, por isso vou fazer a reserva e contacto-a novamente mais tarde com os pormenores.

Jantar. Hannah imaginou-se com Mark, sentados a sorrir sobre uma toalha branca engomada e vinho servido ao copo (apropriado para uma entrevista), a fazer conversa de circunstância e a fingir que estava tudo bem, que eram um casal feliz e normal, sem poupanças roubadas ou irmãos assassinos escondidos para turvar as cristalinas águas maritais. A ideia — o fingimento que isso exigiria — era grotesca. E ainda assim ela teria de o fazer. *Os candidatos finais para cargos de direção:* ali estava uma oportunidade. Se ela conseguisse aquele emprego, um ordenado, teria novamente opções. Escolhas.

Afastou a roupa para trás, pousou os pés no tapete e foi até à janela. O ar era frio nas suas pernas nuas; o aquecimento ali era mantido no mínimo, só aumentado nas raras ocasiões em que havia hóspedes. Lá fora, em Quarrendon Street, pelo menos, era um dia normal, as casas do outro lado da rua a mostrarem as suas inescrutáveis fachadas habituais, o estilo de vida elegante que se passava atrás delas sugerido por um pequeno lustre veneziano visível acima das meias-portadas de madeira branca, uma orquídea num belo vaso vidrado na janela estreita da casa de banho da suíte no primeiro andar.

A mulher baixinha da casa em frente estava a descer do banco do condutor do seu enorme *Range Rover* azul-escuro, parecendo uma criança quando saltou para o passeio. Vestia roupa de ioga, o cabelo na parte de trás do pescoço escuro de suor. Hannah olhou para o relógio na mesa de cabeceira: 9h17 — merda! Como tinha ficado tão tarde? Bem, ela tinha visto as quatro e as cinco da manhã. Devia ter adormecido logo a seguir. Quanto tempo tinha? Certamente não muito. Se o voo de Mark aterrara a horas, ele estaria em casa a qualquer momento: os voos da noite anterior tinham saído de Nova Iorque por volta das onze, o que significava que aterravam em Heathrow por volta das onze da manhã. Se ele tivesse apanhado um voo anterior, podia até já estar de volta, à espera lá em baixo. O que pensaria ele se tivesse vindo à procura dela e a tivesse encontrado a dormir ali?

Foi até à porta, pousando os pés com cuidado para o caso de ele estar na sala. O puxador de bronze emitiu um chiado traiçoeiro e ela imobilizou-se, mas quando ficou à escuta de movimento no andar de baixo, meio à espera de ouvir a voz dele a chamá-la — «*Han? Aí estás tu. O que estavas a fazer no quarto dos hóspedes, sua maluquinha?*» —, ouviu apenas o habitual silêncio

opressivo. A colcha da cama deles não fora mexida e a casa de banho estava vazia. No andar de cima, a porta do escritório de Mark estava aberta no mesmo ângulo que estivera na noite anterior.

No rés do chão, o copo sujo e a garrafa de *Armagnac*, agora meio vazia, ainda estavam sobre a mesa. Guardou-os e encheu a chaleira. Quando estendeu o braço para fechar a torneira, houve um movimento súbito do outro lado do vidro e um corvo enorme levantou voo da cerca, batendo as asas pretas contra o céu cinzento.

O que lhe iria ela dizer? Essa era a pergunta — ou uma delas — que mantivera o seu cérebro ocupado durante a noite. Como se abordava algo assim? «Olá, querido... o voo foi bom? Oh, enquanto estavas fora, verifiquei a minha conta bancária, e sabes? Alguém transferiu todo o meu dinheiro para ti. E porque não disseste que o teu irmão ia sair da prisão? Homicídio involuntário, não foi? Não te preocupes.»

A água levantou fervura, ela pôs um novo filtro na máquina *Krups* e encheu-a de café moído. Precisava de estar alerta naquela manhã, de pensar com clareza. Na cama, tinha pensado sobre o que Mark lhe contara sobre o irmão. A maior parte podia ser interpretada como verdade, o carácter de Nick e o seu comportamento geral, mas até naquela história Mark mentira. Dissera-lhe que Nick não estivera com a mãe quando ela morrera porque se encontrava na cama com uma mulher, quando, na verdade, ele devia estar na prisão. Porquê dizer-lhe isso? Por que motivo dar-se ao trabalho de inventar uma história tão pormenorizada — uma mulher casada em Brighton?

Serviu-se de um café e bebeu um gole escaldante. Talvez estivesse a pensar demasiado. Pressionara Mark naquela noite no seu apartamento e ele tivera de inventar uma história enquanto caminhara pelas ruas geladas. Tinha adicionado alguns pormenores para lhe dar verosimilhança; não era de admirar.

Por outro lado, havia Hermione. Ela admitira ter falado com ele ultimamente, mas, segundo Neesha, houvera vários telefonemas. *Há uma pessoa que liga. Algumas semanas... um mês, no máximo. Ele fecha sempre a porta.* Porque tinham continuado a falar? O que havia para dizer ao longo de um período de semanas? E se ela e Mark eram tão bons amigos que Hermione fora a pessoa para quem ele se voltara, porque não tinha Hannah ouvido sequer falar dela antes?

Abriu o portátil e entrou na página do Royal London. Encontrou o número de telefone e marcou-o no telemóvel. O telefone tocou três vezes e,

em seguida, uma voz de mulher atendeu.

— Nefrologia.

— Bom dia. Posso falar com a doutora Alleyn, por favor?

— Ela está no bloco esta manhã. Quer deixar recado?

Hannah fez uma pausa. Se deixasse o seu número, iria Hermione ligar-lhe? Não, isso não seria boa ideia, de qualquer maneira: ela precisava de controlar o momento em que iriam falar. E se Hermione ligasse quando Mark estivesse por perto? Como poderia explicar ou afastar-se para atender a chamada sem levantar suspeitas?

— Não é preciso — disse ela —, eu volto a ligar. Sabe a que horas ela está despachada?

— Desculpe, realmente não sei dizer.

— Não há problema. Eu tento novamente mais tarde. Obrigada.

Desligou e pousou o telemóvel na mesa. Quando o fez, deu-se conta de uma mudança na sala, uma alteração na luz ou talvez tivesse visto uma imagem nas portas envidraçadas. Virou-se.

Hannah? — Ele riu-se. — Oh, desculpa... assustei-te, querida?

CAPÍTULO DEZASSEIS

— Quem era ao telefone? — Mark deu um passo para dentro da sala.
— O quê?
— Com quem estavas a falar?
— Oh, com ninguém. — Ela abanou a cabeça rapidamente. — Não consegui... era apenas uma coisa de trabalho... alguém a quem eu disse que devolveria a chamada.

Viu-o olhar para a sua indumentária: a *t-shirt* com que dormira, umas calças de ganga velhas de andar por casa. Os seus pés descalços que começavam a ficar gelados no chão de ardósia. Ele conhecia as suas regras de fingir que ainda estava no mundo real, à procura de emprego — levantada e vestida às oito da manhã, comportar-se como uma profissional até voltar a sério de novo — e fazer telefonemas assim vestida quebrava-as todas. Mark também vestia calças de ganga, mas estava pronto a sair para o mundo exterior, o decote de uma *sweatshirt* macia visível sob uma camisola de caxemira preta, a sua roupa habitual de voo. Ainda tinha o casaco vestido, e logo a seguir à porta ela podia ver o seu saco de fim de semana de couro no chão do corredor. Há quanto tempo estaria ele ali?

— Alguma coisa interessante? — perguntou ele.

Ela fitou-o.

— Isso do trabalho.

— Ah, certo. Bem, ainda não sei. Possivelmente... talvez — balbuciou Hannah.

Ele fez uma espécie de aceno de cabeça, aparentemente aceitando o que ouvira, e avançou para ela com um grande sorriso e braços estendidos.

— Anda cá. Seis dias foram uma *eternidade*.

Ele estava a centímetros dela. Em pânico, Hannah deu um passo atrás, colidindo ruidosamente com uma cadeira, batendo com a anca. Aproveitou a confusão para baixar a tampa do portátil, escondendo o *site* do Royal London.

Quando olhou para cima novamente, o sorriso de Mark tinha desaparecido. Por um momento, nenhum deles disse nada e na cozinha ecoou o barulho do choque dos móveis.

— Desculpa não ter conseguido vir a casa no fim de semana — disse ele.
— Com a venda há imensa coisa em jogo, todo o nosso futuro financeiro, e

tenho de fazer tudo o que puder para maximizá-la. Sei que te devia ter ligado mais, mas estava tão embrenhado a fazer projeções, e sem o meu telemóvel...

Todo o corpo de Hannah começou a tremer de repente, as vibrações a descenderem pelos braços até às mãos, que pareciam estar a agitar-se como folhas na brisa. Não eram nervos, mas sim raiva, fúria física. Ela cerrou os punhos, lutando contra o desejo de se lançar sobre ele, de lhe bater e esmurrar o peito como um tambor.

— Porque me mentiste? — A sua voz também tremia.

A desconfiança transformou o rosto dele.

— Mentir? Do que estás a falar?

A fúria tomou conta dela, tingindo tudo de vermelho.

— Oh, pelo amor de Deus, Mark, não me interessa... *não me interessa.*

Não me interessa o teu maldito telemóvel. Não me interessa se ligas e deixas mensagens às duas da manhã. Não me interessa que não estivesse no teu hotel quando disseste que estavas... estou-me nas tintas. — Ela virou-se, não querendo olhar para ele, não querendo que ele visse o seu rosto, que ela sabia estar corado e transfigurado. Sentia uma veia pulsar na base da garganta. Através da porta, teve um vislumbre momentâneo do quintal. O corvo estava empoleirado na pequena mesa, a cabeça inclinada para um lado. Ela olhou para o seu único olho curioso.

Atrás dela, Mark ficou em silêncio, à espera que ela falasse. Hannah virou-se e fitou-o.

— Porque não me contaste do teu irmão?

Sim. Assim que as palavras saíram da sua boca, ela percebeu que era disso que ele tinha medo. Num segundo a sua expressão cautelosa desapareceu, substituída por uma de choque que ele disfarçou rapidamente.

— O que tem o meu irmão?

Hannah sentiu um cansaço profundo. Quanto mais tempo poderia ele adiar a verdade? Estaria tão desesperado que se preparava para continuar a tentar?

— Patty Hendrick — disse ela. — O que ele fez...

As palavras pareceram causar dor física a Mark. Ele fechou os olhos e ela viu a reação percorrer o seu rosto, aprofundando a ruga vertical entre as sobrancelhas, estreitando os lábios. Ele aproximou-se da mesa, puxou uma cadeira e sentou-se como se as pernas já não o segurassem. Quando cobriu o rosto com as mãos, a lã do seu casaco esticou-se entre as omoplatas e ela lembrou-se dele na praia de Montauk, do modo como a sua *t-shirt* lhe

definira as costas enquanto ele se agachara junto à fogueira. Passaram apenas alguns segundos até ele falar, dez ou quinze talvez, mas pareceu uma eternidade.

— Como é que descobriste? — perguntou por entre os dedos.

— Isso importa?

— Para mim, sim.

— A Hermione.

— A Hermione? — Ele virou-se bruscamente.

— Pensei que tinhas um caso com ela. Fui ao hospital e acusei-a disso.

— Ela viu-o andar para trás no tempo, ou tentar: como soubera ela da existência de Hermione? Quem lhe dissera? Hannah lembrou-se da sua promessa a Neesha. — Porque não me contaste? — acrescentou, distraíndo-o.

Ele suspirou.

— Não imaginas porquê?!

— Sou tua mulher! — exclamou. — Como achas que me senti ao descobrir que a pessoa no mundo a quem devia ser mais chegada, de quem não devia ter segredos, em quem devia confiar, Mark, me anda a esconder algo assim? É alucinante... é uma enormidade!

Outro suspiro.

— E ainda perguntas porque não te disse?

— Achas realmente que serias capaz de me esconder isso para sempre?

Durante o resto das nossas vidas?

— Era o que eu esperava — respondeu ele. — Fui ingénuo, não fui? Mas tudo o que pudesse ter feito para te impedir de descobrir, faria.

— Mas *porquê*? Porque não confiaste em mim? Ou será que *não* confias?

— É claro que confio em ti, Hannah. — Falava em voz alta, a frustração mal controlada. — Mas já pensaste nisso do meu ponto de vista? Quando devia eu ter-te contado? No início? Como achas que terias reagido ou qualquer pessoa? «*Ei*» — ele fez uma voz aguda, falsa —, «*gosto de ti... gosto mesmo de ti... mas o teu irmão matou uma mulher. Adeusinho.*»

— Vá lá, isso não é...

— É sim. É, e não consegui fazê-lo... não podia correr esse risco. Gostei mesmo de ti desde a primeira noite na praia e, se te tivesse dito, terias fugido o mais depressa possível; nunca teríamos tido uma oportunidade.

— Como sabes que eu teria fugido?

— A sério? Sê sincera contigo própria. Por muito que te consideres uma

peessoa forte, independente, imparcial, capaz de ver o quadro geral, o que for... conheces um homem e, ao fim de algumas semanas, ele diz-te que o irmão está na prisão por homicídio involuntário e não é o tipo certo de homicídio involuntário: ele não causou um acidente no trabalho, nem atropelou alguém quando estava bêbedo; nem sequer houve uma atenuante... ele não foi provocado, atacou. A única razão por que não foi homicídio qualificado foi não ter havido *intenção* de a matar. O que farias, realmente?

Hannah não disse nada.

— E depois, como não te disse logo, quando era o momento certo? Senti que te tinha enganado, que te deixara começar a gostar de mim... apaixonares-te por mim... com um subterfúgio. Era como se te tivesse vendido mercadoria de má qualidade, e de cada vez que quase conseguia arranjar coragem para te dizer, calava-me. Meus Deus, houve tantas vezes... Mas quando deveria eu fazê-lo? Quando ficámos noivos? «*Amo-te, por favor, casa comigo... a propósito, o meu irmão matou uma rapariga.*» Pouco antes do dia do nosso casamento? Ou, mais tarde, quando parecesse realmente que eu tivera a intenção de te enganar? — A respiração dele era rápida e superficial.

Hannah ficou de novo calada, não confiando em si mesma para falar.

— Não imaginas como tem sido ter de viver com isto... esta *coisa*, este peso nas minhas costas — continuou ele. — Desde que te conheci que te quis contar, e não consegui, e durante todo este tempo tive pavor que descobrisses. É como se eu tivesse andado a cambalear por aí com um frasco de ácido nas mãos, cheio até cima, sem tampa, à espera que ele se entornasse.

Ela olhou para ele com ar avaliador.

— Então vais contar-me agora? A história toda?

Ele olhou-a, os olhos a implorar *não me obrigues*, mas não, pensou Hannah, por muito que ele detestasse aquilo, por mais difícil que fosse, ela não ia sair dali até Mark desbobinar.

— Tudo — disse ela. — A verdade.

Ele olhou para o aparador.

— É muito cedo para uma bebida?

— Sim, mas o que importa isso?

Com uma espécie de gargalhada, ele levantou-se. Despiu o casaco e colocou-o sobre as costas da cadeira, depois abriu o aparador e pegou num copo. Segurou-o na direção dela, as sobancelhas levantadas, mas ela abanou a cabeça. Parecendo não notar o avanço que o *Armagnac* levava, ele serviu-se

de um dedo e levou o copo para a mesa.

— Vais sentar-te?

— Não. — Inconscientemente, Hannah pressionou as costas contra o balcão quando o marido passou por ela.

Mark assentiu.

— Então, o que é que já sabes?

— Isso não importa. Quero ouvi-lo de ti. Desde o início.

— Desde o início.

As suas sobrelhas contraíram-se e ele bebeu um gole de aguardente. No quintal atrás dele, o corvo deixou a pequena mesa e instalou-se em cima do muro, virando-lhes as costas.

— Já te contei como era lá em casa — disse ele —, a minha mãe e o Nick, a sua *relação especial*, mas talvez eu tenha sido muito duro com ela... não, fui; sei que fui. Ainda agora, tenho muita dificuldade em não me deixar levar por aquilo tudo voltando a portar-me como um adolescente. — Fez uma careta. — Essa é outra razão pela qual detestei falar-te dele. Quero que penses em mim como... não sei, competente, bem-sucedido, controlado... não um tipo de quarenta anos que ainda está destroçado porque a mãe gostava mais do irmão.

Hannah sentiu uma onda de frustração.

— Eu casei contigo... contigo, um homem, uma criatura viva, um ser humano. Não achas que consigo lidar com um pouco de complexidade?

— Não teve nada que ver com isso... mas sim com o que eu queria — admitiu ele. Passaram alguns segundos. Ele desviou o olhar. — De qualquer forma, não foi culpa da minha mãe... ela não fez o Nick como ele era. Como é. Aquilo nasceu com ele. A fragilidade dela apenas a tornou um alvo mais fácil. Ela era como uma ovelha ferida na cauda do rebanho, à espera de ser levada.

Outro gole. Mark pousou o copo no joelho e olhou para ele como se estivesse a olhar para as brasas de uma fogueira. *Vá lá*, pensou ela, *vai direito ao assunto e diz-me*, mas, ao mesmo tempo, por uma razão que não conseguia identificar, estava com medo.

— Hannah, olha — disse ele. — Eu contei-te a verdade sobre o Nick, contei, mas não foi... — Ele suspirou, frustrado. — O que estou a tentar dizer é que não foi toda a verdade. — Ele olhou para ela, em seguida desviou de novo o olhar. — Foi pior... é pior... do que isso. Ele não era apenas malcomportado ou mimado ou manipulador. Ainda antes. — Fez uma

pausa. — Ainda antes da Patty, era evidente que havia algo... errado com ele.

— Errado? — Ela sentiu a nuca gelada. — O que queres dizer?

— Ele não vê o mundo como nós. Não, não é isso. Ele não vê as *pessoas*. Não parece perceber que elas têm mundos interiores, tão válidos e reais como o dele. Não percebe que as outras pessoas têm sentimentos.

Hannah tinha apenas ouvido o nome, mas de repente teve uma imagem mental de Jim Thomas, o antigo vizinho de Eastbourne, as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto enquanto batia com os punhos na porta dos Reilly e segurava nos braços um cão afogado.

— Isso é conveniente para o Nick, porque significa que ele pode fazer exatamente o que quer, comportar-se como um monstro, e está-se nas tintas. Ele preocupa-se com o que aconteceu à Patty? Sinceramente? Não. Preocupa-se com o que lhe aconteceu por culpa da morte dela. — Mark soltou outra risada curta e amarga. — Ele está provavelmente zangado com ela... aposto que encontrou uma maneira de fazer com que fosse tudo culpa da Patty.

O balcão de mármore era duro contra a parte inferior das costas de Hannah através do algodão da *t-shirt* velha, e os seus pés começaram a doer no chão frio. Porém, não conseguia sentar-se: sentar-se significaria ficar mais perto dele.

— De qualquer forma — prosseguiu Mark —, os meus pais sabiam. Sabiam que algo estava errado com ele, muito errado, mas continuava a ser filho deles. A resposta dos meus pais foi cerrar fileiras em tomo do Nick... Ele tomou-se aquela coisa sombria entre nós que tínhamos de guardar a todo custo, tentar proteger de si mesmo, ao mesmo tempo que nos protegíamos dele... que tentávamos impedi-lo de destruir as nossas vidas. A forma de os meus pais fazerem isso... — ele inspirou profundamente — foi tornar-me responsável por ele.

— O quê? Isso é ridículo.

— Achas? Tudo começou na escola, anos antes de eles me pedirem para lhe dar um emprego. O Nick começou a descarrilar... andava a faltar às aulas e a roubar bebidas no Spar para levar para a praia, depois aparecia em casa após o anoitecer embriagado ou pedrado... e a culpa era minha.

— Como? — A voz de Hannah denotava o seu ceticismo.

— Porque eu não tinha verificado no intervalo se ele ainda estava na escola, não tinha avisado ninguém de que ele desaparecera. *Tu és o irmão mais velho; tens de tomar conta dele. Tens de cuidar dele.* — O rosto de Mark mudou, adquirindo uma expressão dura e intimidante enquanto imitava

quem lhe dissera aquilo. Teria sido o pai? — Tomar conta dele? — Mark bufou. — Bolas, eu é que precisava de ser protegido.

Virou-se para Hannah, procurando olhá-la nos olhos, e ela sentiu uma nova onda de apreensão. Porque estava com medo? Já sabia o que ele ia dizer, não já?

Quando voltou a falar, a voz de Mark estava calma.

— O Nick é cruel, Han... verdadeiramente cruel. Tínhamos um vizinho, um homem de idade, viúvo, provavelmente na casa dos setenta, e o Nick adorava atormentá-lo, saltar para o seu quintal à noite e espreitá-lo pelas janelas. Costumava fumar erva no barracão do homem... o que era totalmente desnecessário: o meu irmão tinha sempre algum fã suplicante, rapaz ou rapariga, a oferecer-lhe o quarto para o efeito. De qualquer forma, Jim Thomas, o vizinho, tinha outro barracão no quintal e uma noite o Nick encharcou-o de gasolina e deitou-lhe fogo. — Ele abanou a cabeça, a memória claramente a chocá-lo ainda que tantos anos depois. — Como podia eu ser responsável quando coisas daquelas aconteciam? Coisas que eram de facto crimes. Eu estava a dormir, pelo amor de Deus, a preparar-me para a escola de manhã como o bom aluno que era. E, de qualquer modo, as coisas não ficaram por aí. O Jim foi à polícia, claro, por isso o meu irmão matou a cadela dele.

— Li um artigo sobre isso — admitiu ela.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Credo, eles sabem realmente tudo, não é?

— Bastantes coisas.

— Bem, não teriam de procurar muito, digamos assim.

Mark esvaziou o copo e empurrou-o para longe.

— Isto vai parecer egoísta — disse ele —, mas ao fim de algum tempo, comecei a pensar: e eu? Quem se importa comigo? Existo apenas para ser responsável pelo Nick? É só isso que sou, uma barreira, o muro entre ele e o desastre que irá inevitavelmente causar? Os meus pais tentaram dourar a pílula, vender-me a ideia como uma coisa boa, eu era o esperto, o calmo, *noblesse oblige*, mas não passavam de tretas e todos o sabíamos. Já te disse antes: o Nick é tão inteligente como eu e muito mais astuto. — Limpou a boca com as costas da mão. — Ainda bem que, quando aquilo aconteceu, a coisa realmente má que tínhamos esperado todos aqueles anos, os meus pais já tinham morrido.

Hannah envolveu o tronco com os braços, sentindo-se gelada.

— Fala-me da noite em que aconteceu.

— Da parte de que tenho realmente vergonha? — Ele suspirou; um suspiro rápido, resignado. — Hannah, em minha defesa posso apenas dizer que trabalhei como um escravo durante os meus vinte anos, primeiro em Cambridge, depois a arranjar dinheiro para começar a DataPro, criando-a do zero. Não tinha vida nem fazia nada do que as pessoas normais faziam: ir ao *pub* ou tirar férias. Nunca tive namoradas... nunca conheci ninguém. Até os amigos que eu tinha feito na universidade ficavam frustrados por nunca me verem e, gradualmente, afastavam-se.

Hannah pensou em Pippa, no facto de ela e Dan não terem sido amigos de Mark em Cambridge, mas só o terem conhecido mais tarde, quando a DataPro trabalhara com o banco de Dan. Ela partira do princípio de que eles tinham estudado juntos.

— Eu tinha vinte e sete anos quando o Nick foi trabalhar para mim e estava pronto para uma pausa. Não de trabalho, a DataPro era a minha vida, mas da concentração total, da dedicação constante, das horas de trabalho loucas. As coisas estavam a ir bem, começávamos a ganhar nome, eu podia dar-me ao luxo de ir com mais calma e deixar de me comportar como se tivesse já cinquenta. O Nick foi trabalhar para mim... e sabes uma coisa? Pensei, *que se lixe*: ele está aqui a ganhar um bom ordenado na empresa que criei, com um estilo de vida luxuoso em troca de muito pouco esforço da sua parte, portanto vou experimentar um pouco daquilo que ele tem... um pouco do seu tipo de diversão. Hora da vingança.

Hannah olhou para o marido. O seu rosto estava tão transformado pela amargura que por um momento não o reconheceu.

— Então, para variar — continuou ele num tom duro —, aproveitei-me do Nick. Fui às suas festas e discotecas, consumi a sua coca, meti-me com o tipo de raparigas com quem ele saía, comprei um *TVR* e conduzi-o por Chelsea a meio da noite completamente bêbedo como qualquer um dos outros idiotas que por lá andava. E, tenho de dizer, depois de cinco anos a viver como um monge, adorei. Sem contar com algumas ressacas terríveis, foi divertido. Sabes, na verdade, foi um alívio: eu estava farto de ser dedicado e responsável, queria ser selvagem e imprudente. Porque tinha de desempenhar sempre o papel do chato? Era a *minha* vez.

As suas mãos estavam fechadas em punhos sobre a mesa. Com quem estava ele a falar agora, perguntou-se Hannah, a tentar justificar-se? Com o pai? Com a mãe? Ou com Nick?

— O meu irmão ficou espantado quando viu aquele meu lado. Para ele, eu era um falhado: um trabalhador, um esforçado, um robô. Adorei mostrar-lhe que estava errado, que eu não era chato...

acho que isso me encorajou. Também adorei mostrar-lhe que as mulheres me achavam atraente, que ele não era o único que podia ir a uma discoteca, namoriscar com uma rapariga bonita e levá-la para casa. Claro — disse Mark, secamente —, como se veio a saber, o nosso estilo de levar as raparigas para casa era um pouco diferente.

Virou a cabeça e olhou para ela.

— Desculpa, Hannah, não gosto de dizer isto. Sinto que estou a desrespeitar-te... a nós, ao nosso casamento... mas agora que estamos a falar do assunto, quero que saibas tudo. Tenho de acabar com isto de uma vez por todas. Eu não era um santo, estaria a mentir se te deixasse pensar isso.

— Sou adulta. Consigo lidar com isso.

Ele acenou com a cabeça.

— *Okay*, mas não foi apenas uma vez. O meu... comportamento já se arrastava há um par de anos quando encontrei a Patty. Conhecemo-nos em França, a esquiar... o Nick tinha o hábito de alugar um chalé durante três ou quatro semanas por temporada e eu ia lá de vez em quando.

— Isso também veio nos jornais.

— Claro... não deixaram de fora nenhum pormenor. — Ele estendeu o braço e passou a ponta do dedo pela borda do copo vazio. — A Patty era adorável, Han... doce. Foi por isso que gostei dela. Sim, não era muito inteligente e entre nós a coisa nunca seria muito séria, mas, apesar do seu comportamento leviano sobre o qual sem dúvida leste, havia nela uma certa... inocência.

Lembrando-se das fotografias que tinha visto, da beleza quase infantil, Hannah sentiu uma pontada de dor.

— Ela era uma pessoa decente — continuou Mark —, apenas jovem e um pouco perdida. Mas era linda, também, e, claro, o Nick reparou nela. O bónus adicional, para ele, era eu gostar dela... não estava apaixonado por ela, nem nada que se pareça, mas gostava dela. Ele detestava ter de fazer o que eu mandava no trabalho... detestava que eu tivesse esse poder. Uma miúda gira e uma oportunidade para me mostrar quem é que ainda mandava? Dois coelhos de uma cajadada.

Mark pegou na garrafa e serviu-se de outro centímetro de *Armagnac*, a maior parte do qual desapareceu ao primeiro gole. Quando recomeçou a falar,

a sua voz adquirira um timbre mais duro.

— Não suporto pensar naquela noite — disse ele. — Foi tudo tão... sórdido. Não apenas o Nick, o que aconteceu à Patty, mas também o meu papel nisso.

— Conta-me — pediu ela calmamente, mas por dentro implorava: *Por favor. Por favor, não permitas que haja mais alguma coisa.*

— Um amigo do Nick tinha acabado de comprar uma discoteca em Shoreditch e fomos todos para lá. Estávamos já aviados antes mesmo de lá chegarmos... tínhamos bebido uns *cocktails* primeiro e, claro, sempre que saíamos com o Nick havia drogas. Coca, na maior parte, mas ele também consumia *ecstasy* e *speeds* de vez em quando. A Patty e eu tínhamos snifado um pouco de coca e... eu devia ter reconhecido os sinais. Porque não reconheci os malditos sinais?

Olhou para ela como se esperasse uma resposta. Hannah ficou em silêncio.

— Ele atirou-se à Patty assim que ela chegou ao bar, mas isso não era raro. Foi o olhar que ele me lançou. Estávamos num cubículo da casa de banho, a fazer uns últimos riscos antes de irmos para o clube, e o Nick olhou para mim com aquela expressão. Nunca vou esquecer isso... na verdade, sonho com ela às vezes. Era como... isto parece uma loucura, mas era como uma máscara de carnaval, uma daquelas com as feições exageradas, só nariz e olhos e aquela boca horrível arreganhada a mostrar os dentes.

Mark estremeceu.

— Bom, não muito tempo depois de chegarmos à discoteca, a Patty e eu acabámos por fazer sexo na casa de banho... sem dúvida também leste sobre isso. Diz tudo o que é preciso saber sobre aquela noite, não é?, que grande parte teve lugar na casa de banho. Não me lembro de como aconteceu, de quem foi a ideia, mas aconteceu, e saímos e fui ao bar. Demorou um pouco, havia fila e, em seguida, encontrei um tipo com quem tínhamos feito alguns negócios uns meses antes. Quando voltei com as bebidas, o Nick e a Patty tinham desaparecido e ninguém conseguia olhar-me nos olhos. — Passou os dedos pela cabeça e agarrou em punhados de cabelo. — Meu Deus, quem me dera fumar ainda.

— Temos alguns cigarros... o Tom deixou-os cá.

— Não, acho que era capaz de vomitar. Falar disto assim... — Ele abanou a cabeça. — O problema é que, Hannah, aquilo tudo, a morte da Patty... foi culpa minha.

— O quê?! — A sua voz soava indignada. — Não. Não, Mark. Foi ele. Foi *ele* que...

— Eu deixei. Sou o mais responsável, lembra-te? Conhecia-o desde sempre. Não foi apenas aquela expressão que me devia ter alertado; a coisa andava a acumular-se há muito tempo. É sempre assim com o Nick: começamos com um período de relativa calma... *relativa* — Mark levantou as mãos —, e então ele fica entediado ou algo nele atinge uma fase crítica e dá-se... uma crise. Nas semanas antes de aquilo acontecer, tinha havido muitos sinais se eu me tivesse dado ao trabalho de prestar atenção. Ele chegava cada vez mais tarde ao trabalho, com ressacas monumentais; falhou uma reunião importantíssima com o seu maior cliente; e, em seguida, houve a noite em que se atirou à mulher de outro cliente num restaurante, apalpou-a no corredor... sabes disso?

Ela assentiu com a cabeça.

— E não foi só no trabalho. Ele também estava a correr riscos pessoais estúpidos. Tinha comprado uma moto enorme, uma *Yamaha*, e uma noite saímos e ele telefonou-me na manhã seguinte da Escócia... chegara a casa às duas da manhã e decidira que seria divertido ir a Edimburgo. Estava completamente bêbedo, mas não sei como conseguiu chegar vivo... um verdadeiro milagre. De qualquer forma, eu devia ter sabido... não, eu sabia. que ele se preparava para alguma coisa... colossal.

— Continua a não ser culpa tua.

— Mas eu acho que é. Houve um momento naquela noite... Fiquei ali no clube depois de eles se terem ido embora a pensar naquele olhar... *vou lixarte*... e recordei-me de como a Patty era crédula, de como queria provar-lhe que era divertida, que alinhava em qualquer coisa, e eu decidi «eles que se lixem, que se lixem ambos, estão por conta própria». Sabia que ela estava alterada, estivera com ela a noite toda... devia ter-lhe ligado a certificar-me de que estava bem. Na verdade, devia ter ido atrás deles, mas estava tão irritado, tão furioso, que não fui. Deixei-a à mercê do Nick. E olha o resultado.

Ele baixou a cabeça, escondendo o rosto. O silêncio envolveu-os, o silêncio mortal que Hannah só sentira em casa quando estava sozinha. Olhou para os ombros baixos dele, a curva das suas costas, e a palavra *derrotado* veio-lhe à cabeça.

— Sabes — disse ele, quebrando o silêncio —, eu *queria* que alguma coisa má acontecesse ao Nick. Queria que ele fosse punido por toda a porcaria que eu tinha aguentado: o seu comportamento merdoso, cruel; a

manipulação da nossa mãe; o facto de ela o ter estragado com mimos, não a mim; o facto de ele ter tido toda a atenção e os brinquedos e o dinheiro e os carros. Queria que ele sofresse pelo facto de os nossos pais parecerem pensar que eu nasci para cuidar dele. Eu teria de dançar na maldita Lua se quisesse atrair o olhar deles por um minuto. Portanto, queria que o Nick aprendesse uma lição e que não a esquecesse.

— Dez anos na prisão — disse ela calmamente.

— Consegui o que queria, não consegui? Mas olha para o preço, Hannah. Olha para os danos. A Patty *morreu*... ela morreu naquela noite. Vinte e cinco anos, e cavaram um buraco no chão e enterraram-na. Se eu não tivesse deixado a fúria e o meu estúpido *orgulho* impedirem-me de ir atrás deles, ela ainda estaria viva.

Quando Hannah voltou, ele não se movera. Ela devia ter estado ausente sete ou oito minutos, sentada na tampa fechada da sanita do rés do chão a tentar pensar, a ouvir o sangue rugir nos ouvidos, mas Mark estava exatamente onde ela o deixara, curvado sobre a mesa, o rosto enterrado nas mãos. Ela quase voltara à sua posição de antes junto ao balcão quando ele levantou a cabeça para a olhar. No seu rosto não havia nenhuma expectativa ou pedido de perdão, apenas incerteza, o franco reconhecimento de que não fazia ideia de como as coisas terminariam entre eles. Surpreendeu-a que Mark pudesse parecer tão hesitante e sentiu uma onda de ternura por ele que rapidamente reprimiu. Ele devia ter-se apercebido porque estendeu o braço para a mão dela.

— Han...

— Não — disse ela. — Não. — Foi para trás do balcão, colocando-o entre eles. — O que quero saber agora é onde as minhas economias se encaixam nisto.

Ele fechou os olhos e os ombros pareceram baixar outro centímetro. O orgulhoso e confiante Mark a murchar diante dela.

— Desculpa — disse ele. — Desculpa. Se eu...

— Não — repetiu ela, levantando a mão. Precisava de respostas, uma explicação que fizesse sentido, queria apenas os factos. — Diz-me apenas porquê.

— Devo dinheiro ao Nick.

— O quê? — Os olhos dela arregalaram-se. — Deves-lhe dinheiro?

— Muito dinheiro.

De novo aquele frio na parte de trás do pescoço, como se alguém tivesse aberto uma janela e deixado entrar o vento de novembro.

— Quanto?

— Eu...

— Mark... quanto? — Falou alto e ambos ouviram o tom de alarme na sua voz. — Quanto?

Ele olhou para as mãos.

— Pouco menos de dois milhões. Um ponto oito.

O chão pareceu inclinar-se e ela agarrou a borda da bancada, como que a impedir-se de cair, de escorregar pelos mosaicos de ardósia e cair no vazio que de repente se abriu aos seus pés. — Como é isso possível?

— Ele é dono de parte da DataPro.

Ela fitou-o, estarrecida.

— Eu sei! — exclamou ele, alterado. — Achas que não sei? Não tive escolha.

— O que... Mark, é a tua empresa. Oh, meu Deus! — *Um milhão ponto oito.* — Como? Como aconteceu isso? Como pudeste deixar isso acontecer?

— Meti-me numa alhada.

Ela sentia outra vez o coração a bater pesadamente.

— Que tipo de alhada?

— Em dois mil e nove, a crise financeira... eu tinha pedido emprestado dinheiro ao banco para financiar o escritório dos Estados Unidos, mas não consegui fazer os pagamentos. Andávamos a fazer negócios, muito bons negócios, mas ninguém nos pagava. A contabilidade andava atrás dos clientes, mas passaram-se meses e ninguém pagava... ficámos sem liquidez. Falhei alguns pagamentos do empréstimo, o banco ameaçou processar-nos e entrei em pânico. Ter-nos-ia afetado imenso: eu já tinha despedido alguns programadores e sem uma equipa completa estávamos com dificuldade em terminar os projetos a tempo, e...

— E o Nick? — interrompeu ela.

— Ele emprestou-me o dinheiro. Um quarto de milhão. Eu já tinha feito uma nova hipoteca na casa, canalizado para lá todo o meu próprio dinheiro. Estava...

— Como é que ele *tinha* um quarto de milhão?

— Era a sua metade da herança dos nossos pais. A minha há muito que fora gasta. Fui vê-lo à prisão e implorei-lhe, rebaixei-me diante dele, no

fundo, e ele disse que ia pensar no assunto. Fez-me esperar dez dias... quase enlouqueci. Então recebi um telefonema a dizer que ele iria ver-me de novo... como se fosse o maldito papa a conceder-me uma audiência. Fui até lá e ele disse que me emprestava o dinheiro enquanto estivesse na prisão, com a condição de eu lho devolver no dia em que saísse.

— Mas se ele só te emprestou um quarto de milhão, como...?

— Essa era a sua outra condição: não queria juros. Ofereci-lhe oito por cento, mas ele não aceitou. Queria ações da empresa ou nada. Meu Deus, ele adorou aquilo, Hannah, ter-me na mão... adorou o poder, sentado ali na sua roupa da prisão naquela sala malcheirosa com todos os outros criminosos, a mesa coberta de queimaduras de cigarro, a exercer o seu poder sobre *mim*. A DataPro era minha, *minha*... eu tinha trabalhado tanto e ali estava ele, a ditar condições, a exigir uma parte.

— E não havia mesmo nenhum outro lugar onde pudesses ir?

— Não. Nenhum banco me emprestava dinheiro naquele momento: toda a gente andava com medo... lembras-te de como foi... e o nosso fundo de maneio estava... pensei que não ia ser capaz de pagar os ordenados. — Suspirou profundamente. — Devia ter ido falar com um agiota.

Bem, suponho que de certa forma fui.

— Ainda não percebo como lhe debes tanto.

— Porque estamos bem novamente. O investimento do David fez uma enorme diferença. Estamos livres de dívidas, temos negócios a entrar e os clientes estão a pagar. Fomos avaliados na semana passada por dois auditores diferentes e ambos nos disseram que valíamos quinze milhões... Doze por cento de quinze milhões. Temos de reconhecer, foi um grande investimento.

— Mas se estão assim tão bem, porquê levar o meu dinheiro?

— Porque não posso ter o Nick por perto durante a venda. Tenho de tirar o nome dele da papelada. O dono da Systema é um cristão devoto, faz grandes doações a instituições de caridade religiosas... se sabe o que o Nick fez e descobre que ele é um acionista, não nos vai tocar.

— Então porque não pagas ao Nick agora?

— Não temos o dinheiro, não em efetivo ou em ativos que possamos liquidar facilmente. E mesmo que tivéssemos, não poderíamos retirar esse tipo de valor sem chamar a atenção... os tipos da Systema vão analisar a papelada a pente fino. — Hannah viu a fúria surgir no rosto de Mark. — Não vou deixar que o Nick me estrague isto — disse ele. — Não vou permitir. Ele

gozou de tudo o que já fiz ou tentei fazer, roubou-me, prejudicou-me, fez merda. Mas agora acabou-se. Vou vender a DataPro, vou dar-lhe o dinheiro, e depois nunca mais quero ouvir o nome dele.

O silêncio envolveu-os de novo. Hannah olhou por cima da cabeça dele para o quintal, onde o vento agitava as últimas folhas frágeis da trepadeira no muro, levantando-as e expondo os tijolos por baixo.

— Se ele precisa de um milhão ponto oito — disse ela em voz baixa —, para que servem os meus quarenta e sete mil?

Mark olhou para ela e, em seguida, desviou o olhar. O seu rosto era uma máscara de vergonha.

— Tenho algum dinheiro de parte — disse ele —, cerca de setenta mil, e pedi emprestado mais, dando a casa como garantia. Vou juntar tudo e oferecer-lho para ver se ele concorda em redigir a papelada antes de termos de abrir os registos contabilísticos. Um incentivo. Caso contrário, porque faria ele isso? Eu não faria... tirar o meu nome de documentos legais? Nem pensar.

— Mas se lhe falasses do negócio, que poderias pagar-lhe assim que tudo fosse concluído...

— O Nick está-se nas tintas para o negócio. Tenho de lhe pagar de uma maneira ou de outra. Ele não quer saber se as coisas resultam para mim... na verdade, ficaria feliz se conseguisse inviabilizar tudo. A única forma de isto acontecer é eu fazer com que seja vantajoso para ele concordar. Se ele tratar da papelada agora, dou-lhe duzentas e cinquenta mil libras, e a seguir dois milhões, não um ponto oito.

Dois milhões.

— E ele disse que sim a isso?

— Ainda não.

— Mas contaste-lhe?

Ouviram o som de passos na frente da casa, em seguida, o estalido da caixa do correio, as cartas a caírem no tapete. Mark esperou até os passos se terem afastado, como se receasse que o carteiro ouvisse.

— Desculpa — disse ele. — Tens de acreditar em mim. Não imaginas como me sinto mal. Como recebes um extrato anual da tua conta, achei que poderia meter lá o dinheiro de novo depois de fazermos o negócio e nunca precisarias sequer de saber. A ideia de que verificaste o teu saldo e viste...

— Porque não mo pediste? Eu tinha-to dado.

Mark cobriu o rosto com as mãos novamente e ao fim de alguns segundos

ela percebeu que ele estava a chorar. O nó de tensão dentro dela soltou-se e Hannah afastou-se do balcão e parou atrás dele. Ele sentiu-a ali — a vê-lo ficar hirto, à espera de quê? — e ela pousou a mão no seu ombro.

— Teria de dizer-te porque precisava dele — respondeu Mark, ainda de costas. — Toda a história... a Patty, tudo... e não podia.

Os dedos de Hannah apertaram-lhe mais o ombro.

— Tudo bem — disse ela.

— Fui um idiota, Han. Um verdadeiro idiota. Agora só quero que as coisas sejam francas entre nós, que saibamos tudo... acabaram-se as mentiras.

Ele hesitou.

— Não estive em Nova Iorque este fim de semana.

— Eu sei.

Ele começou a virar-se, mas a pressão dos dedos dela manteve-o de costas.

— Não estavas no teu hotel habitual. Liguei para falar contigo e disseram-me que não estavas lá. Obviamente alguma coisa se passava. Foi por isso que achei que estavas a ter um caso.

— Pensaste realmente que eu iria trair-te?

— Não queria acreditar, parte de mim nunca acreditou, mas como não estavas no hotel e... — Ela lembrou-se da sua promessa a Neesha e conteve-se.

Mark soltou uma espécie de gargalhada estrangulada.

— Eu estava a tentar encontrar um tipo que pensei que iria emprestar-me o dinheiro — disse ele.

— Tínhamos uma reunião marcada para sexta-feira na casa dele em Berkshire, mas ele cancelou e depois continuou a adiar. Passei a maior parte do fim de semana à espera num *bed & breakfast* sem rede. Ia pedir-lhe um empréstimo, pagar ao Nick e despachar o assunto.

— Que tipo? — Hannah sentiu uma nova onda de alarme. A quem se podia recorrer para uma quantia tão avultada?

— Não interessa... acabei por não me encontrar com ele. E agora que sabes, parte da pressão desapareceu. Pelo menos não tenho de carregar isto sozinho, à espera de que tudo me rebente na cara.

— Timidamente, ele inclinou-se para trás e encostou a cabeça à barriga dela. Depois de um momento, ela pousou a outra mão no ombro dele.

Inclinando-se, tocou com o nariz no cabelo do marido.

— Também fui ver o Nick — disse ele. — Mais mentiras. Disse-te que ia

a Frankfurt, mas fui até Wakefield para falar com ele.

De repente, Hannah sentiu o riso surgir dentro dela. Wakefield — Nick estava na prisão de Wakefield. No Yorkshire. Ela tinha visto os recibos das estações de serviço da M1 e imaginara um hotel *boutique*, com lareiras e banheiras de pés, quando na verdade Mark fora visitar o irmão à prisão. Era cómico, pensou, hilariante — o riso brotou dela, surpreendentemente alto. Mark levantou-se e abraçou-a, segurando-a enquanto Hannah tremia. Quando ela parou, tão abruptamente como tinha começado, olhou para ele. Os olhos escuros de Mark brilhavam com lágrimas.

— Lamento imenso que tenhas pensado que eu andava a ter um caso... que por causa dele eu quase desse cabo disto, de nós os dois...

Ela pôs-se em bicos dos pés e encostou a face à dele, sentindo a barba arranhá-la, inalando o aroma a sálvia do seu perfume. Não soube quem se moveu primeiro, mas, de repente, estavam aos beijos, lentamente de início, em seguida, furiosamente. A boca de Mark estava quente e sabia a *Armagnac*.

— Amo-te, Han — disse ele. — Amo-te muito.

CAPÍTULO DEZASSETTE

Quando Hannah acordou, Mark estava deitado de costas para ela, o seu ombro delineado pela faixa de luz que entrava pela abertura nas cortinas. A sua respiração era profunda e regular, o seu ombro subindo e descendo suavemente ao ritmo dela. Ao longe, um sino de igreja deu a uma. Cautelosamente, ela virou-se de barriga para cima. Esperou um momento, certificando-se de que não o tinha perturbado, em seguida, estendeu a mão para o lado da cama e pegou na *t-shirt* do chão. Sentou-se, vestiu-a e voltou a deslizar suavemente para a cama quente.

Era ridículo, pensou, sentir-se desconfortável em relação a Mark vê-la nua. Ele tinha-a visto nua centenas de vezes, e ainda há pouco — cerca de uma hora atrás — tinham feito amor como seres selvagens, a vergonha posta de lado juntamente com as roupas espalhadas pela carpete. A onda de desejo devera-se ao alívio, ao puro alívio de ele dizer a verdade, confirmando o que ela tinha descoberto, sem tentar esconder ou disfarçar nada. E fora ele quem falara no *bed & breakfast* em Berkshire e em visitar Nick na prisão, ela não precisara de perguntar. Hannah podia agora admitir para si mesma: tivera medo de que, confrontado, Mark tentasse aldrabar a história, retirar-lhe importância ou negar o seu papel nela. Mas não, ele fora sincero sobre tudo: o seu detestável comportamento de rapaz de Chelsea; as drogas; até o que acontecera com Patty naquela noite. Não tinha tentado dourar a pílula.

E, contudo, agora que o alívio tinha passado, ela sentia-se novamente inquieta. Ele estava a dizer a verdade, mas o facto é que lhe tinha mentido: não havia como dar a volta a isso. Sim, as suas explicações faziam sentido e ela não podia ter a certeza de que, na sua posição, tendo encontrado alguém de quem gostava, carregando o peso de algo tão horrível, não teria feito o mesmo, mas ainda assim ele tinha mentido e *continuado* a mentir, para não ter de lhe dizer. Antes daquilo ela confiara nele completamente, tanto como confiava nos pais ou em Tom, mas levaria tempo a reconstruir a confiança — meses, anos, quem sabia? E embora entendesse por que motivo ele não lhe tinha dito, sentia-se magoada. Era como se ela não merecesse, como se ele não confiasse nela.

O aquecimento central estava desligado e o quarto arrefecera. Enfiou-se mais profundamente na cama, fechou os olhos e deixou a exaustão tomar conta de si. Tudo ficaria bem, disse a si mesma. Levaria tempo, sem dúvida,

mas no final tudo ficaria bem.

Quando acordou pela segunda vez, Mark estava acordado a olhar para ela, o seu rosto a uns vinte centímetros na almofada que ele tinha dobrado e enfiado entre o ombro e a orelha. Mesmo naquela meia-luz estranha, Hannah podia ver a sua ansiedade.

Mudou de posição, quebrando o contacto visual por um momento, e estendeu a mão para lhe tocar no ombro. Ele tinha a pele fria.

— O que foi? — perguntou.

Ele suspirou e ela sentiu a respiração dele no rosto.

— Estou a ser melodramático — disse ele. — Sei que estou, mas... tenho um mau pressentimento. Receio ter-te posto em perigo.

Ela sentiu uma pontada de medo.

— O que queres dizer?

Ele hesitou.

— O combinado foi que eu teria o dinheiro do Nick disponível no dia em que ele saísse da prisão... todo o dinheiro, no dia exato. Agora vou aparecer-lhe com a oferta deste incentivo, mas não com o valor total.

— Não lhe disseste? Pensei...

— Não lhe disse.

— Mas quando foste lá acima...

— Continuava à espera de encontrar outra saída... de ser capaz de pedir o dinheiro emprestado a um tipo chamado Manso, nos Estados Unidos. Não queria dizer ao Nick até ter a certeza absoluta de que era obrigado a isso.

Apesar do calor da cama, Hannah sentiu um frio súbito.

— E se o incentivo não for suficiente... se ele não aceitar?

Mais uma vez, ele hesitou.

— É com isso que estou preocupado.

— Mark... por favor. Explica-me o que queres dizer.

— Ele vai ficar louco.

— Louco?

— É por isso que tenho andado tão desesperado a tentar conseguir o dinheiro, Hannah. — A sua voz estava a ficar mais alta, o pânico audível. — Por isso menti sobre o último fim de semana e fui a Berkshire. Por isso tentei ver aquele homem, mesmo sabendo que isso poderia meter-me num tipo diferente de problema.

— O que queres dizer com perigo? — perguntou ela lentamente.

— Não sei. Eu...

— Mark, desembucha. Estás a tentar dizer-me que o Nick pode ser violento?

Ele fechou os olhos como que a ignorar a pergunta.

— Acho que sim. Sim.

Hannah sentiu a palavra descer no ar e assentar como pó venenoso em torno deles. Ficaram deitados sem falar durante o que pareceu uma eternidade, e ela ouviu os sons do exterior, sinais de que o mundo real, normal, ainda estava lá fora, ainda continuava. No entanto, era início da tarde e as ruas estavam sossegadas.

Mark foi o primeiro a falar.

— Han, estar na prisão tanto tempo mudou-o. Ele está... mais duro. E mesmo sem saber do dinheiro, está zangado comigo.

— Porquê?

— Por eu ter estado cá fora a viver a minha vida todos estes anos, enquanto ele esteve lá a apodrecer. Ele culpa-me.

— Mas isso não faz sentido... como é possível? Não fizeste nada. Foi ele que...

— Mas a questão é essa: o raciocínio do Nick *não faz* sentido. Ele não é capaz de ver as coisas corretamente porque, na sua cabeça, tudo está distorcido, cada ideia forma círculos concêntricos em torno *dele*. — Mark ajeitou a almofada sob o pescoço. — Sei que isto soa a loucura, mas às vezes ele nem sequer parece compreender que estou separado dele, que sou uma pessoa diferente. Acha que sou responsável... como o seu superego, ou coisa parecida, e que fiz porcarias. Esteve na prisão a pensar nisto tudo, com todo o tempo do mundo à disposição, e convenceu-se de que a culpa foi minha.

— Nem percebo como isso é possível.

— Eu levei a Patty para o nosso grupo, não foi? Se eu não tivesse começado a vê-la...

— Isso é uma loucura.

— Mas é isso... é como ele pensa. Não é... normal.

Hannah virou-se de barriga para cima.

— Quando sai ele?

— Quinta-feira.

— Esta quinta-feira? — A voz dela soou alto no silêncio do quarto.

— Dois dias — confirmou Mark.

— Vai ser duro... vou trabalhar noite e dia. O David tem estado a preparar o material, mas eu não tenho sido capaz de me concentrar, por estar tão preocupado com... — Ele parou.

Hannah sentara-se no velho banco de igreja e via Mark girar na cozinha, consultando a receita como se fosse um texto alquímico, deitando porto e molho de soja num dos tachos de cobre, juntando ingredientes no almofariz, um cientista louco no seu laboratório. Abriu a porta do forno, soltando uma nuvem de vapor, e pousou a assadeira na bancada para regar novamente a carne de porco. Recusara-se até a deixá-la descascar os legumes e entregara-lhe um copo do excelente *Barolo* que tinha comprado quando saíra para comprar o resto dos ingredientes.

— Podes falar com o *chef*— disse ele. — É esse o teu trabalho esta noite.

Quando a assadeira regressou ao forno, ele parou por um momento.

— Estive a pensar — disse. — Depois, quando tudo isto estiver... resolvido, porque não fazemos umas férias? A algum sítio lindo, quente, sem nada para fazer a não ser nadar e ler, fazer *snorkeling*. Pensei na Maurícia, ou talvez nas Seychelles...

Ela lembrou-se das contas bancárias vazias de ambos, da elevada hipoteca.

— Podemos pagar isso?

— Não neste momento, mas se tudo correr conforme o planeado...

Claro. Se tudo corresse conforme o planeado e a Systema concordasse com a avaliação, ele seria capaz de pagar quase tudo. Mesmo com os doze por cento de Nick e os vinte e cinco de David, uma venda tornaria Mark muito, muito rico. Um pouco antes, deitada na cama, ela raciocinara que se a DataPro fosse avaliada em quinze milhões, os sessenta e três por cento dele valiam quase nove milhões e meio de libras. Mark poderia ir de férias durante o resto da vida se quisesse.

— Umas férias a sério — continuou ele, arrancando o plástico a um frasco de anis-estrelado. — Bem precisamos de umas. Temos estado sob muita pressão, tu com a procura de emprego, eu com isto tudo da DataPro e... — Mais uma vez, ele parou. Evidentemente tinha decidido não falar sobre Nick naquela noite. — Pensei que podíamos ir por três semanas, um mês, para descontrair mesmo, talvez primeiro até algum sítio mais cultural...

adorava ver mais do Japão... e depois para uma ilha nalgum arquipélago azul-turquesa ridiculamente belo. O que achas? — Olhou para ela com o rosto corado do calor do forno.

— Parece fantástico.

— Tu e eu, sem stresses, sem preocupações, uma pausa a sério.

A milhares de quilómetros do teu irmão, longe do seu alcance.

— Então, depois voltamos e reorganizamo-nos. Vou pensar no que fazer a seguir, mas sem pressas... não quero meter-me em nada a correr. Quero passar algum tempo aqui, contigo, e talvez fosse uma boa oportunidade para pensar... — Ele parou de falar novamente. Uma semana antes, tê-lo-ia dito, «um bebé», mas isso era demasiado para aquela noite em que, embora nenhum deles fosse admiti-lo, tudo entre eles era experimental e não devia ser tomado como certo.

— Também precisamos de ter uma conversa sobre o teu carro.

— O meu carro? Oh... não — Hannah abanou a cabeça. — Nem pensar. Ele sorriu.

— Vá lá. Quantos anos tem ele, afinal?

— Quinze — admitiu ela. — Mas não precisas de trocá-lo. Também não quero... somos amigos. Foi por isso que o mantive e o guardei em casa da minha mãe enquanto estive nos Estados Unidos.

— Não faz sentido em termos económicos, pois não? Vais gastar mais na oficina do que ele realmente vale. E preocupo-me com a segurança quando fazes aquelas longas viagens até Malvern. Assim que fecharmos o negócio, deixa-me dar-te um novo. Se és realmente fanática pelos VW, podes ter outro, novo. Não é preciso ser nada grande... sei que não faz o teu género.

Ela abanou a cabeça.

— Não sou fanática pelos VW, só gosto do que tenho. Quando ele se avariar compro um carro novo, mas até lá...

— Até lá a minha mulher vai andar num chaço ferrugento?

Mark revirou os olhos com um ar de desespero cómico e voltou à culinária. Ela viu-o ralar gengibre, a cabeça inclinada sobre o pequeno ralador, os músculos dos antebraços tensos e belos. Era sempre uma grande produção quando ele cozinhava: peças de carne dos melhores talhos, ervas e especiarias raras, licores esotéricos. Normalmente ela adorava assistir, achando bastante sensual a sua concentração, mas naquela tarde olhou para a cabeça escura do marido, o sulco entre as sobrancelhas, e perguntou-se qual o aspeto que Nick teria agora. Continuariam a ser muito parecidos ou teria o

rosto de Nick endurecido juntamente com o seu caráter? O que fazia a uma pessoa passar dez anos numa prisão de segurança máxima?

Estás a tentar dizer-me que o Nick pode ser violento?

Ela bebeu um gole de vinho e desviou o olhar. A intensidade da luz da cozinha impedia-a de ver o quintal, mas as pessoas que viviam na casa atrás tinham acendido as luzes do exterior e os ramos superiores da cerejeira destacavam-se como veias contra o céu. Deviam ter convidados, pensou Hannah, com saudades da ideia de outras pessoas, de ruído, convívio. Aqui havia barulho, o som da colher a mexer, de coisas a serem deitadas no tacho, de coisas a serem cortadas, o Dylan que Mark pusera a tocar na aparelhagem da cozinha, que disfarçava mas não curava aquele silêncio. Ela teria preferido sair, sentar-se num restaurante rodeada por agitação e conversas, mas ele quisera cozinhar, fazer um esforço visível por ela, Hannah sabia, em vez de apenas entregar um cartão.

— Onde gostarias de ir? — perguntou ele. — Qualquer lado. Já falaste no Brasil. Talvez pudéssemos voar para o Rio e começar a explorar.

— Brasil. uau... — Hannah tentou direcionar os seus pensamentos para locais exóticos: Mark parecia estar a esforçar-se tanto; o mínimo que ela podia fazer era tentar parecer animada. Mas será que alguém podia realmente pensar em férias quando dali a dois dias...? E —afastou rapidamente esse pensamento — havia ainda a sua situação de desempregada a considerar.

— Esqueci-me de te dizer — contou-lhe ela —, ligaram-me da Penrose Price esta manhã antes de

chegares. Estou na última fase de entrevistas e eles convidaram-nos... aos dois... para jantar com o diretor e a mulher na próxima semana. Terça-feira.

Ela viu um sorriso surgir no rosto de Mark.

— A sério? Isso é bestial. — Ele pousou a faca e deu a volta à bancada para beijá-la. — Que bom para ti. Vês, eu disse-te que era apenas uma questão de tempo.

— É apenas uma entrevista — disse ela. — E já estive antes nesta situação, lembras-te? Tive três entrevistas finais e nada resultou delas.

— Mas é diferente, não é, com a Penrose Price? E jantar: eles não iriam fazer isso se houvesse muitos candidatos na corrida. Haverá dois ou três, no máximo. — Ele sorriu e deu-lhe outro beijo. — Sabes, provavelmente já decidiram e querem apenas conhecer-me, certificar-se de que sou socialmente aceitável. — Voltou para o balcão, pegou num molho de alecrim e pousou-o na tábua. — Bolas, isso são ótimas notícias... que bom para ti.

- Então podes na terça à noite?
- Se havia alguma coisa na agenda, está cancelada.
- Olha — disse ela, sentindo-se culpada ante o seu entusiasmo: —

Tenho de confessar uma coisa: fui ver a Pippa no fim de semana.

— Foste? Ótimo... vocês deviam ver-se mais. Sempre pensei que podiam ser amigas. Como está ela? Também devíamos estar com eles, jantar... vou telefonar ao Dan e ver se combinamos um dia.

- Mark.

O tom dela fê-lo parar. A faca ficou imóvel acima da tábua.

— Ela não disse nada, eu sei, mas... quando pensei que estavas a ter um caso, fui perguntar-lhe se ela sabia alguma coisa, se tinhas falado com eles sobre isso. Desculpa ter duvidado de ti... de nós... mas não sabia o que pensar. Eu... disse-lhe que não estavas no teu hotel e que alegavas ter perdido o telemóvel e... — Hannah calou-se. Falar-lhe de Pippa era uma coisa, mas ela não queria que ele soubesse que tinha ido à DataPro, envolvido Neesha. Naquele momento, porém, lembrou-se de esbarrar em David no elevador. Merda: ele iria com certeza mencionar isso.

- O que disse a Pippa?

— Que era impossível estares a ter um caso e que haveria uma explicação simples para toda a... estranheza.

- Bem, há uma explicação — disse ele, secamente.

- Desculpa ter-te envergonhado.

Ele pousou a faca e esfregou os olhos, parecendo de repente exausto.

- Não importa. Se eu não te tivesse colocado nesta posição...

— Interessas, sim, e eu queria que soubesses. Também quero dizer que quando fui lá, não fazia ideia do que... acontecera. Eles sabem?

- Não. Nunca lhes contei.

- Sempre pensei que tinhas andado na faculdade com eles.

— Não. — Ele abanou a cabeça. — Andámos todos na St. Botolph, mas isso é pura coincidência. Eles são três ou quatro anos mais novos que eu, eu tinha acabado de sair quando eles entraram. Conheci o Dan mais tarde através do trabalho e descobrimos a ligação depois.

- Então, porque julguei que tinham estado lá juntos?

— Não sei. Deves ter partido desse princípio, suponho, por sermos tão amigos. — Endireitou o alecrim e voltou a pegar na faca. — Já não tenho nenhum amigo de antes — acrescentou. — É como se a minha vida se dividisse em duas partes, antes e depois, e só quero estar perto de pessoas

do depois, Han. De início, pensei que iria sufocar, que iria sentir-me esmagado com o peso da culpa, o horror de tudo aquilo... pensei que nunca mais seria capaz de viver normalmente. Mas, depois, graças a Deus, o tempo começou a passar e vi o caminho a seguir... sobretudo negar. Ou mentir à minha mulher e aos meus melhores amigos, se quiseses.

Hannah levantou-se e atravessou a cozinha. Abraçou-o e encostou o rosto ao peito de Mark. Enquanto ouvia o coração dele a bater através do fino tecido da camisa, a restante confusão e fúria desvaneceram-se e ela percebeu a enorme solidão dele.

CAPÍTULO DEZOITO

O que acontecia quando alguém era libertado da prisão? Hannah tentou imaginar isso, mas tudo o que lhe veio à cabeça foram imagens de velhos programas de televisão dos anos setenta e oitenta: alguns pertences com ar datado devolvidos por um guarda de cara azeda, uma porta a fechar-se para deixar o homem livre perdido num passeio deserto até um carro dobrar a esquina a derrapar para lhe dar uma boleia de volta à velha vida, a um último trabalho. Mas aquilo não era a televisão e Nick não era um rufia simpático. O que lhe aconteceria? Iria para uma casa de recuperação? Teria um agente de liberdade condicional ou, tendo cumprido toda a pena, estava agora inteiramente livre?

Ouviu no andar de cima o *pip* fraco do alarme. Fora programado para as seis e quarenta e cinco, como de costume, mas ela estava levantada já há mais de uma hora. Quando abria os olhos, vira Mark a dormir ao lado dela e, por alguns segundos, foi como se a semana anterior nunca tivesse acontecido e fosse uma manhã como outra qualquer. Em seguida, porém, lembrara-se. E agora era quarta-feira: Nick saía no dia seguinte.

Lá em cima, os pés de Mark pousaram no chão. Hannah afastou-se da janela e voltou para o balcão para encher a máquina *Krups*. Talvez não devesse beber café. Estava agitada e inquieta desde que tinha acordado e não era apenas a preocupação. Tinha a sensação de que havia algo a escapar-lhe, algo que não fazia sentido. Era como ver um filme e saber que havia alguma coisa na trama que não batia certo, mas não ser capaz de identificar o que era.

O frigorífico estava vazio, para além do resto de porco coberto com película aderente, leite suficiente para o café e quatro ovos. Tirou-os para ver a data de validade e, em seguida, ao sentir o toque de mãos na cintura, quase os deixou cair. Conseguiu, graças a Deus, não gritar alarmada; nenhum deles tinha dito nada, mas ela sabia que era essencial fingir que estava tudo normal.

— Olá — disse ela, virando-se dentro do círculo dos seus braços. — A despensa está vazia. O pequeno-almoço são ovos mexidos. Se tivermos sorte e houver pão no congelador, podes comer torradas.

— Perfeito. — Ele deu-lhe um beijo, depois recuou para olhar para ela, sorrindo. — Tinha

saudades do teu cabelo desalinhado matinal.

Mark voltou para cima para tomar duche, enquanto a água para o café

fervia e ela preparava os ovos, vendo o céu acima da claraboia passar do azul-acastanhado da poluição luminosa para o cinzento e depois para o branco. Na véspera à noite, depois de apagarem as luzes, Mark tinha-se chegado para o lado dela da cama e enrolara-se nela. Hannah sabia o que ele estava a tentar comunicar — *Não te preocupes, eu trato disto; vamos ficar bem* — mas também sentira uma busca silenciosa de segurança.

Durante o pequeno-almoço leram um ao outro fragmentos de notícias e ele falou das questões que ia colocar na reunião semanal com os programadores na parte da tarde. Ela ouviu, assentindo nos momentos apropriados, sentindo-se cada vez mais tensa. Por fim, não foi capaz de fingir mais tempo.

— Mark, quando é que vais falar com o Nick?

— Não sei — respondeu enquanto pousava a chávena no pires. — Ele disse que me contactaria. É mais uma demonstração de poder: tentei contactá-lo em Wakefield mas ele recusou-se a falar comigo.

— Será que ele vai ligar hoje?

— Não faço a menor ideia, Hannah... não sei dizer. — Havia impaciência na sua voz e de imediato Mark pareceu envergonhado. — Desculpa — disse ele. — Não dormi muito bem esta noite. — Fechou as pálpebras, depois abriu-as muito. — É possível que ele ligue hoje, mas se bem conheço o meu irmão, vai estar a desfrutar o prato, a manter-me na expectativa. De qualquer maneira, amanhã... — Ela esperou que continuasse, mas em vez disso ele empurrou a cadeira para trás e levou o prato para a máquina de lavar louça.

Despediram-se junto à porta da rua e ela viu-o subir o passeio até ao carro, de costas direitas e ombros largos no seu sobretudo preto, a mala de couro do portátil debaixo do braço. O *Mercedes* apitou uma vez quando ele o destrancou com o comando. A sua postura era impressionante. Ninguém que o visse desconfiaria, pensou Hannah, que a vida dele não era exatamente o que ele projetara.

Quando o carro virou a esquina, Hannah sentiu o dia abrir-se como um abismo diante dela. Subiu imediatamente ao primeiro andar e enfiou a roupa de corrida. Deu três voltas ao jardim, uma a mais do que o habitual, mas assim que voltou para casa, a ansiedade inundou-a de novo. Tomou duche e vestiu-se rapidamente, depois enfiou o dossiê com os papéis da sua

investigação na mala. Precisava de se manter em movimento.

O Starbucks na esquina de Parsons Green estava cheio de pais que iam levar os filhos à escola, pelo que ela continuou para o Caffè Nero, onde se instalou a uma mesa vazia ao fundo. O dossiê com os papéis era prova de que tivera demasiado tempo livre nos últimos meses, pensou. Ao fim de alguns dias sem o abrir, reparou como tudo estava loucamente pormenorizado e organizado, o grande volume de informações sobre campanhas recentes de sucesso à frente, arquivado por ordem alfabética pelo nome do produto, e depois as agências na parte de trás. Cada uma tinha uma lista completa dos funcionários importantes e uma história aprofundada que incluía o passado dos sócios, prémios da indústria ganhos nos últimos cinco anos e os nomes de todos os clientes que a sua investigação exaustiva tinha descoberto.

Virou para a secção sobre a Penrose Price. Havia duas folhas de anotações que fizera depois da primeira entrevista, e depois disso uma parte — quarenta ou cinquenta páginas — do material que tinha reunido *a priori*: artigos da *Campaign* e da *Brand Republic* impressos, a história da agência — menos pormenorizada que a sua — e entrevistas com Roger Penrose e o figurão Lewis Marant, o tipo que fora contratado três anos antes e que era agora considerado um dos expoentes, senão o expoente *máximo*, da nova geração de criativos.

Hannah passou para a entrevista de página inteira com Marant que tinha encontrado no *Guardian*. Na foto, ele vestia uma roupa idêntica à que usara na segunda entrevista dela: uma camisa de ganga desbotada, mangas arregaçadas até ao cotovelo, óculos de tartaruga pesados que não ficariam mal num *hipster* de Williamsburg ou, mais especificamente, em Flynn, o seu antigo assistente.

Tinha lido imensa coisa sobre Marant antes de se encontrarem e não esperara gostar dele. Havia muitos artigos sobre ele na imprensa; os elogios delirantes *online* sobre a sua campanha para um novo *smartphone* roçavam a adulação. Em pessoa, no entanto, ela gostara imediatamente de Marant. Não houvera nenhum fingimento ou menção a referências culturais; em vez disso, sabia quase tanto sobre o trabalho dela como ela sobre o dele, e contara-lhe que o seu filho de cinco anos se sentava à mesa a bater com a faca e o garfo e a cantar o *slogan* dela para o gelado *Happy Mouth*. Também tinha sido agradável e franco, centrando a discussão numa campanha sua que não funcionara muito bem, perguntando-lhe o que teria ela feito de forma diferente.

Ele saíra para ir a outra reunião e Roger Penrose dissera então a Hannah que, com a nova contratação, estava à procura de alguém que contrabalançasse Marant, alguém que fosse crescer ao lado dele dentro da agência para que, após a sua reforma, os dois a dirigissem juntos. Depois de cinco meses desempregada, a ideia era tão emocionante que ela se sentira quase ébria quando saíra para a rua. Tinha de conseguir aquele emprego.

Hannah puxou o dossiê para si e tentou ler, mas após alguns segundos os seus olhos deixaram de ver as palavras e a sua mente voltou-se para Nick. Alarmada, lembrou-se do que Mark dissera sobre o irmão o culpar, se ressentir da sua liberdade. E se Nick atacasse Mark, o magoasse? Sentiu uma onda de medo que repeliu o mais rapidamente que pôde. *Vamos*, disse a si mesma, *concentra-te*, mas conseguiu ler apenas um par de frases antes de voltar a ouvir a voz de Mark. «Esteve na prisão a pensar nisto tudo... e convenceu-se de que a culpa foi minha.»

Tentou durante mais de uma hora, mas acabou por admitir a derrota, fechar o dossiê e guardá-lo na mala. Saiu do café e subiu Fulham Road no sentido oposto a Quarrendon Street, sem nenhuma finalidade real em mente, exceto adiar o momento de voltar para a casa vazia. Independentemente do que tentasse fazer naquele dia, sabia que não seria capaz de se impedir de pensar em Nick ou de repelir a estranha sensação persistente de que alguma coisa lhe estava a escapar.

Quando Mark chegou a casa às sete, parecia exausto e os seus olhos estavam pequenos e tensos de olhar para o ecrã.

— Vamos jantar ao Mao Tai? — sugeriu. — Nada de cozinhar esta noite.

— Tiveste notícias dele? — perguntou Hannah.

O marido abanou a cabeça.

O restaurante ficava a uma distância de cinco minutos a pé. Ao atravessarem a estrada na esquina de Parsons Green, Mark pegou na mão dela e segurou-a com força. Sentaram-se no bar, pediram martinis e beberam-nos como se fossem remédio. Mark pediu uma segunda rodada e, quando foram para a mesa, pediu a carta de vinhos. Ela nunca o tinha visto beber assim numa noite de quarta-feira. Por outro lado, pensou, não parecia ser quarta-feira.

Quando terminaram as entradas, Hannah olhou para cima e viu que a mulher na mesa ao lado estava a olhar para ele; alguns minutos depois

aconteceu de novo. Por um momento, paranoica, pensou que algo estava errado e então percebeu: a mulher olhava para Mark porque ele era bonito. Os martinis tinham suavizado a tensão do seu rosto e os seus olhos estavam escuros e brilhantes à luz das velas. Deixara a gravata em casa e abrira o colarinho, e no seu casaco feito por encomenda parecia elegante e urbano. As suas mãos repousavam sobre a mesa, fortes e de dedos direitos, as costas salpicadas de pelos. Por um momento, Hannah viu-o como se fosse uma desconhecida e sentiu uma explosão de orgulho: ele era seu. Então lembrou-se da descrição do artigo de jornal da pequena casa térrea decorada com seixos dos pais dele. Sim, devia ter sido um lugar incongruente para Nick passar a infância, mas também não devia ter sido adequado para Mark, o menino que tinha crescido para se tornar aquele homem sofisticado.

A meio do seu segundo copo de vinho, depois de a empregada ter levantado os pratos do pato, Hannah levantou-se para ir à casa de banho e percebeu que estava embriagada. Não tinha ingerido nada desde o pequeno-almoço, por isso o álcool das entradas fluía já pela sua corrente sanguínea. Segurou o corrimão com força nas escadas íngremes.

Enquanto lavava as mãos, sentiu o corpo como uma máquina que ela operava do exterior. Inclinou-se para o espelho para limpar uma mancha de rímel e viu-se de perto à luz da fila de pequenas velas sobre o móvel. Não se dizia que a luz das velas era lisonjeira? Não estava a fazer nada por ela: parecia velha — velha e exausta.

De repente, percebeu qual era a coisa que estivera a incomodá-la, que lhe escapara durante todo o dia: a expressão de Hermione quando Hannah dissera quem era, a expressão fugaz, mas inconfundível, de horror. Porque teria ela ficado horrorizada? Se era amiga de Mark, por muito distante, porque parecera tão alarmada ao conhecer a mulher dele?

Hannah salpicou o rosto com água fria, furiosa consigo mesma por ter bebido tanto: se havia um momento em que precisava de saber o que fazia era aquele. Secou o rosto e as mãos e regressou com cuidado à sala, agarrada ao corrimão. De volta à mesa, caiu pesadamente na cadeira. Mark pegou-lhe na mão. Tinha voltado a encher os dois copos.

— A Hermione — disse ela, e a sua voz soou muito alta mesmo com o barulho de fundo. Ela viu-o ficar atento. — Quando fui vê-la ao hospital, disse-lhe quem era... tua mulher... e ela pareceu assustada. Porquê?

Mark aproximou-se da mesa.

— Han — disse ele em voz baixa —, podemos falar disso em casa? Não

aqui. Não quero...

— Não, Mark, preciso de saber agora. Conta-me. Porque ficou ela assustada? Disfarçou muito depressa, mas vi-o nos seus olhos.

Ele olhou para ela um momento e depois inclinou-se novamente, diminuindo a distância entre eles.

— Ela era a namorada do Nick.

Através da névoa da bebida, Hannah levou um segundo ou dois a perceber o que ele lhe estava a dizer.

— Quer dizer... na altura?

Ele assentiu.

— Meu Deus! — Ela colocou a mão sobre a boca. — Pensei que ela era uma amiga de Cambridge. Não...

— E é. Foi assim que eles se conheceram, através de mim. Ela gostou dele desde o primeiro dia, claro, embora o Nick não parecesse muito interessado, mas ao fim de um tempo percebeu que as outras pessoas achavam que ela era uma espécie de troféu, muito inteligente e bonita, e atirou-se a ela. Andavam há cerca de seis meses.

— Ela estava lá?

— Na discoteca? Não. Fazia noites no hospital; só descobriu no dia seguinte, quando uma das raparigas lhe telefonou. Meu Deus, pobre Herm... Tentei avisá-la, mas ela disse que conseguia lidar com ele. Eu devia ter tentado mais. Nem sequer era a primeira vez que ele a traía. Andava com outras havia semanas... outro sinal de alarme que eu devia ter percebido.

— Aquela expressão quando lhe disse quem eu era... porque estaria com medo? Já passaram dez anos. Com certeza, ao fim de todo este tempo...

Mark olhou para a mesa ao lado e baixou a voz novamente.

— Ela testemunhou contra ele.

— O quê? Em tribunal? — perguntou Hannah estupidamente.

— Apresentou provas sobre os... gostos do Nick. — Mark estava a falar tão baixo que Hannah teve de se inclinar sobre a mesa para o ouvir. — Que ele gostava de a prender, que gostava de controlar. Que umas duas vezes ele fora longe de mais, a magoara, e depois não parara, mesmo quando ela lhe tinha implorado. Ela passou um mau bocado no banco das testemunhas, a defesa dele massacrava-a, mas ela fê-lo. Algumas das coisas que disse... foram difíceis de ouvir... mesmo repugnantes. As juradas... acho que para elas, em particular, foi muito importante ter alguém como a Hermione, tão bem-falante e composta, a pintar aquele quadro de...

Lembrando-se de como tinha confrontado a mulher no corredor do hospital, de como fora agressiva, Hannah sentiu remorsos.

— O Nick estava lívido... viu tudo a desmoronar-se. Eu observei-o. Ele tinha aquela expressão de negação arrependida, de choque pelo facto de alguém poder dizer aquelas coisas sobre ele, mas eu conheço-o, sabia o que ele estava a pensar. — Mark bebeu um gole de vinho. — Ele não esqueceria isso numa vida, e muito menos em dez anos. E agora contactou-a da prisão, a fazer ameaças.

— Que tipo de ameaças?

— Parece que lhe disse que chegou a hora da vingança.

CAPÍTULO DEZANOVE

Levantando uma extremidade e depois a outra, Hannah afastou o sofá da parede. Enfiou a ficha do aspirador na tomada, voltou para o centro da sala e ligou-o. O rugido envolveu-a como uma nuvem de pó. Adiará aspirar até Mark estar levantado, mas naquela manhã já tinha tratado do rés do chão, limpado o pó e arrumado, varrido e passado a esfregona. Até limpou os armários de cozinha e a gaveta dos talheres, tirando-os e colocando-os sobre a mesa, enquanto desinfetava o interior da gaveta, indo aos cantos apanhar o último grão de pó.

Já estava a pé desde as cinco. Até limpar a casa de banho do andar de baixo era melhor do que ficar deitada na cama desesperada à espera do sono que não vinha. Passara a noite acordada, a cabeça a mil à hora, o álcool a misturar-se no estômago com a comida chinesa gordurosa. Mark também estivera acordado até cerca das três — ela virara-se várias vezes para encontrá-lo deitado de barriga para cima, de olhos abertos —, mas depois ouvira a sua respiração abrandar e ficara sozinha no escuro.

Empurrando o belo cadeirão vitoriano que Mark tinha comprado num leilão de móveis na Christie's, atacou o tapete com zelo. Também era antigo, importado da Turquia; uma noite tinham-se sentado no sofá e ele contara-lhe as histórias por detrás de todos os seus padrões e símbolos. Levantando a cabeça, olhou para o pequeno relógio de prata em cima da lareira: dez e um quarto. Antes de ele se levantar, ela estivera na Internet. O tempo de viagem de Wakefield para Londres era de duas horas de comboio, um pouco mais de quatro de autocarro. A que horas soltariam Nick — ou estaria ele já cá fora? Talvez já se encontrasse no autocarro da National Express, a vir na direção deles. Empurrou de novo o aspirador para a frente, tentando afastar o pensamento.

Por cima do barulho apercebeu-se de um som diferente e, olhando para cima, viu Mark junto à cozinha. Agitava os braços: *desliga isso*. Ela carregou no interruptor e o aspirador sugou o barulho como um balão de pastilha elástica.

- Importas-te de fazer pouco barulho? Estou a tentar ouvir-me pensar.
- Desculpa. — Ela prendeu melhor o cabelo; tinha a parte de trás do pescoço húmida.
- A Lynda não vem amanhã de manhã? Deixa-lhe alguma coisa para

fazer. Vai para cima tomar um banho ou tentar dormir um pouco.

Ela abanou a cabeça.

— Não adianta.

— Tudo bem, mas acabou-se o aspirador.

Ele tirou a tomada da ficha e levou o aspirador para o armário debaixo da escada. Um ou dois minutos depois, Hannah ouviu-o arrastar a cadeira para junto da mesa da cozinha. Era por causa dela que ele estava a trabalhar em casa naquela manhã; tinha noção disso e estava grata por não ter de ficar sozinha. No entanto, se ele achava que a sua presença ali a acalmava, estava enganado. Quando muito, fazia-a sentir-se mais ansiosa. Ele tentava escondê-lo, mas estava tão nervoso como ela. Já ralhara com ela duas ou três vezes e tivera dificuldade em concentrar-se muito antes de ela ter começado a aspirar. Enquanto estivera a limpar os vidros das portas interiores, Hannah vira-o levantar-se da mesa e ir à janela duas ou três vezes. Quando voltara para o computador, fizera-o com um ar de firme determinação. De cada uma das vezes, ficara sentado cinco minutos no máximo antes de se levantar novamente. Por norma, não tinha qualquer dificuldade em concentrar-se — Hannah invejava isso nele.

Ela endireitou as pilhas de revistas na mesinha de café, depois foi para a cozinha e sentou-se. No individual em junco, tendo sobrado do pequeno-almoço, estava o bule do chá — era sempre sinal de uma manhã má quando nenhum deles conseguia beber café — e um copo com resíduos de *Alka Seltzer*. Mark lançou-lhe um olhar rápido sobre a tampa do portátil, depois voltou a concentrar-se nos *e-mails*.

Ela estendeu a mão para o novo exemplar da *Campaign* que tinha chegado no correio. Quando rasgou o invólucro de polietileno, o telemóvel de Mark vibrou na mesa ao lado dele, o ecrã iluminado, e ela deu um salto, batendo na mesa e entornando o chá dele no pires.

— É apenas o David — disse ele.

— Desculpa. Sempre que ele toca acho...

Antes de ela acabar de falar, ele pegou no telefone.

— Olá. Não, tudo bem, queria apenas fazer algumas coisas aqui antes de chegar. Recebeste o *print*? — Fez uma pausa, a ouvir. — Apareço aí depois do almoço. E tenho uma reunião ao fim da tarde que pode ser interessante, dependendo de como as coisas se desenrolarem esta semana... explico-te mais tarde.

Desligou o telefone. Sem olhar para cima, começou a escrever

novamente. Passando os olhos pelos títulos, Hannah virou uma página da revista, depois outra. Três segundos depois, o telemóvel voltou a tocar e ela saltou novamente.

— Oh, pelo amor de Deus, Hannah.

— Desculpa, desculpa.

Ele ignorou-a.

— Olá, Neesh, o que foi? — Fez uma pausa e Hannah ouviu a voz metálica do outro lado. — Oh — suspirou ele —, pensei que tinha posto isso na tua caixa de entrada antes de sair. Vê na pilha no armário do meu gabinete... pouco depois das duas, provavelmente... não, já o tenho... ligaste-me para ele, não ligaste, tolinha? Vejo-te mais tarde.

Pousou o telemóvel na mesa e olhou para ela.

— Foda-se, Hannah, vê se te acalmas!

A linguagem sobressaltou-a: podia contar pelos dedos das duas mãos as vezes que ouvira Mark praguejar antes e isso nunca tinha acontecido ao falar com ela.

— Já pedi desculpa. É que... sinto que estou à espera com o pescoço na guilhotina.

— Então como achas que me sinto? — Ele bateu com a tampa do portátil e levantou-se. — \bu lá para cima.

Ela sentiu-se mal — egoísta e imprudente.

— Não, não precisas de ir... Eu não faço barulho. Se eu for para a sala de estar, podes.

Ele abanou a cabeça, impaciente com ela.

— Não, tenho demasiadas coisas para fazer. Encontro-me a meio do processo de venda da minha empresa e aqui só estou a perder tempo.

Juntou os papéis numa pilha, pôs o portátil debaixo do braço e saiu da cozinha. Os seus pés bateram na escada com um ritmo irritado.

Quando Mark voltou para baixo cerca uma hora depois, desculpou-se:

— Estou muito tenso.

— Não faz mal — disse ela. — Não imagino como...

— Faz, sim. — Pôs os braços em volta dela e apoiou o queixo suavemente no alto da sua cabeça. — Maldito Nick... ele faz-me sempre isto, põe-me tão tenso que mal me reconheço. Mas olha — afastou-se de novo —, estive a pensar. Tenho de ir ao escritório esta tarde e, em seguida, a

uma reunião, mas não quero que fiques aqui sozinha a pensar no que não deves. Porque não vais à cidade comprar alguma coisa para a entrevista?

— Vou usar o meu vestido azul-escuro. Precisa de limpeza a seco, mas...

— Já o tens há imenso tempo, e achas que é suficientemente elegante?

Na minha opinião, deves fazer um investimento numa peça que vás usar durante algum tempo. Vais sentir-te bem nela na próxima semana e vale sempre a pena gastar dinheiro em coisas de boa qualidade.

Ela hesitou.

— Não creio que possa ter essa despesa.

Passou-se um segundo antes de ele perceber o que ela queria dizer.

— Meu Deus, desculpa! — Ele fez uma careta. — Leva o cartão de crédito que fiz para ti... o da minha conta. Não, não olhes para mim assim... isto não é um esquema para te transformar numa manteúda! Poderias pagar esse vestido se alguém, eu, não te tivesse tirado dinheiro, não é verdade? — Tirou a carteira do casaco pendurado nas costas da cadeira.

Claramente ainda a sentir-se culpado, levou-a até à estação de metro. Quando passaram junto ao jardim, ele pegou-lhe na mão e segurou-a firmemente como fizera a caminho do restaurante na noite anterior.

— Foi a Neesha que te falou da Hermione, não foi? — perguntou ele.

Relembrando a sua promessa, ela abanou a cabeça.

— Não importa. És a minha mulher... porque não ligarias à minha assistente? Tenho apenas tentado perceber, só isso. Mais ninguém sabe da Hermione, pelo menos as pessoas com quem eu tenha estado em contacto ultimamente, e a Neesha acabou de perguntar se eu tinha o meu telemóvel, o que significa que deve ter tido uma razão para pensar que podia não o ter, o que significa que... como foste a única pessoa a quem contei essa mentira... deves ter falado com ela.

— Sim, está bem, Sherlock. Liguei para saber se ela tivera notícias tuas quando não apareceste no aeroporto e eu pensava que tinhas sido raptado por uma *femme fatale* oportunista. Prometi-lhe que não te dizia. Não vais abrir o bico, pois não?

— Claro que não. — Ele sorriu. — Estou apenas lisonjeado por ambas pensarem que sou capaz de um tal donjuanismo.

— Donjuanismo?

Ele riu-se.

— Ou donjuanidade?

Quando chegaram à estação, Mark pegou num *Evening Standard* para ela

ler durante a viagem, depois tirou o cachecol, enrolou-o no pescoço dela e puxou-a para ele. Hannah pôs as mãos na parte inferior das costas dele, sentindo a seda fria do seu casaco.

— Se acontecer alguma coisa, se eu tiver notícias dele, ligo-te imediatamente — disse ele. — E se estiveres preocupada... com qualquer coisa... liga-me. — Esperou na barreira enquanto ela subia as escadas, fazendo-lhe um último aceno antes de ela desaparecer de vista.

A sensação de conforto evaporou-se em minutos. Hannah apanhou o metro para Bond Street e vagueou distraidamente no piso da roupa feminina do Selfridges até admitir perante si própria que nunca iria ser capaz de se concentrar nas compras. A entrevista parecia a mil quilômetros de distância, como algo de um mundo diferente. Saiu da loja e começou a andar, abrindo caminho por Oxford Street e depois descendo para o Soho. Estava em Charing Cross Road quando começou a chover, e entrou na livraria Foyles, dirigindo-se ao café.

Não conseguia parar de pensar em Hermione; como ela enfrentara Nick em tribunal, testemunhara contra ele. Hora da vingança: não admirava que ela parecesse tão alarmada naquele dia. Hannah sentiu outra onda de culpa. Talvez devesse voltar ao hospital naquela tarde, agora, e pedir desculpa? Ou será que isso iria apenas piorar as coisas?

Em cima da mesa à frente dela, o seu *BlackBerry* começou a piscar e ela pegou-lhe. Tivera-o constantemente na mão naquela tarde, programado para vibrar e tocar no volume máximo.

Tudo bem? Começo a ficar preocupado contigo.

À primeira vista, pensou que era de Mark — ele já lhe mandara duas mensagens — mas, ao olhar de novo, viu que a mensagem era do irmão. Sentiu-se mal: ligara-lhe na segunda-feira à noite, quando ela estava a ler os artigos na Internet e novamente na véspera à noite, mas não estavam em contacto desde domingo, quando Hannah lhe mandara uma mensagem a dizer como corra a conversa com Pippa.

Desculpa, escreveu ela agora, esta semana não sou boa a comunicar. Tudo bem. Como correram as coisas com o Luke e o diretor? Carregou no «enviar» e pousou o telemóvel. Segundos depois, ele brilhou novamente.

Horível. Falei com o diretor na segunda-feira. O Luke demitiu-se, depois foi-se abaixo no parque de estacionamento... a mulher teve de ir buscá-lo. Sinto-me um estupor. Como estão as coisas com o Mark?

Hannah premiu «responder», depois parou. Tinha de lhe dizer alguma

coisa — depois de pedir o conselho de Tom, não podia simplesmente varrer tudo para debaixo do tapete — e queria contar-lhe, estava desejosa. Mas a sua lealdade a Mark puxou-a na direção oposta. Lembrou-se de que ele tinha dito que a sua vida se dividia em duas metades, antes e depois, e queria ajudá-lo a manter essa distinção, pelo menos quando se tratava da sua família. Era um crime de Nick, não de Mark, mas saber isso — saber como a namorada dele tinha morrido — mudaria irrevogavelmente a opinião que a sua família tinha de Mark. Nunca sonhariam em dizer nada, mas estaria presente atrás de cada conversa, em cada reunião de família, e era algo que ela não conseguiria suportar.

Porém, Tom era diferente. Era o seu confidente, o seu melhor amigo, e ela precisava de falar com ele.

Fizeste o correto, respondeu ela, por muito mal que te sintas. As coisas com o Mark estão bem; obrigada de novo por me ouvires. Não há caso, apenas uma longa história. Cerveja no início da próxima semana e eu conto-te?

A resposta dele chegou após um minuto: *Longa história parece complicado. Vamos à cerveja. Segunda-feira?*

No centro de Londres, a linha de metro passava a demasiada profundidade para haver rede, mas quando Hannah subiu os degraus em Earls Court recebeu uma nova mensagem de texto: perdera uma chamada e tinha *voice mail*. Verificando, viu o número de Mark. Faltavam uns minutos para as sete e a plataforma estava cheia de pessoas à espera de uma composição para Wimbledon, portanto foi até à extremidade onde havia menos barulho.

Mensagem recebida hoje às 18h17, disse a gravação da voz de mulher e, depois, sobre o barulho do metro que entrou a trovejar na estação atrás dela, ouviu a voz dele. Olá, sou eu. Apenas para saber como estás... espero que bem. Estou prestes a ir para a tal reunião com o tipo do fundo de investimento, mas vai ser breve, pelo que devo chegar pelas oito e meia. Diz-me se queres que compre alguma coisa no caminho.

Uma pausa, e em fundo ela ouviu uma voz de homem dizer, *Dezassete cinquenta, amigo*, e uns segundos mais tarde, *Obrigado*. O som inconfundível da porta de um táxi a bater.

Nada de Nick, disse novamente a voz de Mark. Ele está mesmo a fazer-me suar. Enfim, espero que tenhas conseguido ter uma tarde razoável e que

tenhas comprado uma coisa bonita... estou ansioso por vê-la. Até daqui a duas horas. Baixou a voz e ela calculou que houvesse pessoas próximas. *Amo-te.*

Hannah conseguiu enfiar-se no metro quando as portas estavam a fechar-se e foi empurrada para um canto por um homem com um enorme blusão de penas cor de laranja até Fulham Broadway, quando metade das pessoas saiu para a plataforma. O metro subiu à superfície e atravessou o canto superior de Eel Brook Common, agora engolido pela escuridão, o caminho que o dividia iluminado por uma fila de candeeiros solitários que lançavam a sua luz sobre bancos vazios. Quando chegaram a Parsons Green, o relógio no cimo das escadas marcava sete e dez. Se Mark chegasse a horas, pensou ela, teria menos de hora e meia sozinha em casa.

A chuva tinha parado, ou talvez não tivesse chegado ali. Apenas os fumadores mais resistentes estavam agrupados sob os aquecedores à porta do White Horse, todos os outros clientes aninhados no calor do interior. Hannah caminhou rapidamente, puxando a gola do casaco para o queixo, desejando ter as luvas. Iria acender a lareira quando chegasse a casa, tê-la a rugir quando Mark voltasse. Virou a esquina para New King's Road, passando pelo agente imobiliário e pelo cabeleireiro, levantando a cabeça novamente quando os edifícios a abrigaram do vento. Aproximando-se da mercearia, virou-se para ver as flores cortadas nos baldes, a sua profusão de cores extravagantes contra o passeio cinzento. Iluminado por uma lâmpada presa ao toldo, o homem das flores estava a embrulhar um ramo enorme de peónias para uma jovem numa gabardina vermelha. Outro homem estava atrás deles, a olhar para as rosas.

Por um momento, ela pensou que era Mark que viera mais cedo para casa: a altura, a constituição, a postura, até o casaco escuro parecia o que ele usava quando iam andar aos fins de semana. Ela devia ter parado por um segundo ou começado a dizer alguma coisa, porque ele virou-se e o rosto de Mark olhou para ela por baixo de um gorro preto.

Quase o rosto de Mark.

Os seus olhos encontraram-se. Ele também a reconheceu, ou adivinhou de imediato quem ela era. Por um momento, Hannah ficou imobilizada mas então virou-se e desatou a correr. Voltou pelo caminho por onde tinha vindo, passando pelo agente imobiliário e subindo a estrada paralela ao jardim, o percurso agora duas vezes mais longo do que tinha sido um minuto antes, as luzes das ruas mais afastadas, as casas mais escuras, mais recuadas. O seu

coração galopava, todo o seu corpo se retesara à espera do som de passos atrás de si, da mão a agarrar o seu casaco, mas isso não aconteceu, e continuou a não acontecer... e ela chegou finalmente ao *pub*, abriu a porta e mergulhou na luz e segurança do bar.

Foi às casas de banho na parte de trás, trancou-se num cubículo e encostou-se à parede, a respiração a sair em grandes golfadas. A porta externa abriu-se, batendo contra a parede, mas eram apenas duas raparigas a terem uma conversa em voz bastante alta sobre o chefe. Quando achou que era capaz de falar, Hannah baixou a tampa da sanita e sentou-se. Os secadores pararam e ouviu-se o ruído do bar quando as raparigas saíram. Segurou o telemóvel com as duas mãos para se impedir de deixá-lo cair.

Mark atendeu ao terceiro toque.

— Hannah... está tudo bem?

— Ele está aqui — disse ela. — Em Parsons Green.

— O quê? Na casa? *Foda-se...*

— Não... não. — Ela soltou um suspiro trémulo. — Junto à mercearia.

Pensei que eras tu. Ele parecia mesmo...

— Onde estás? — perguntou ele. — Onde está o Nick?

— Estou no *pub*... o White Horse. Não sei onde ele está... desatei a correr. Vi-o e fugi.

— Está bem, olha — disse ele, e ela soube que o marido estava a tentar pensar, a soar calmo por causa dela. — Fica onde estás. Pede uma bebida e fica onde estás. Vou sair agora... neste instante. Fica aí dentro. Não te mexas até eu chegar aí.

— Tens a certeza de que ele sabia quem eras?

— Sim, claro. Não sei se ele sabia antes... como poderia?... mas quando viu a minha reação... quem mais podia eu ser? Eu estava a cinquenta metros da nossa casa e parei... pensei mesmo que eras tu. Estava prestes a *falar* com ele.

Mark ataçava o lume como se o odiasse. Os seus dedos estavam brancos no punho do atizador.

— Santo Deus — disse ele. — Não posso acreditar que ele... Mas posso... é claro que posso. Porque pensei sequer que ele ia telefonar primeiro? Porque faria ele isso quando podia aparecer aqui e aterrorizar a minha mulher?

— Devíamos chamar a polícia.

Mark enfiou novamente o atizador nas chamas, provocando uma chuva de faíscas. Uma artéria latejava na parte lateral do seu pescoço.

— O que pode a polícia fazer, Hannah? O que pode fazer?

Tecnicamente, o Nick não fez nada. Ele é um homem livre; cumpriu a sua pena. Nem sequer falou contigo.

— É assédio. Vir aqui, onde tu moras, e...

— Ele é meu irmão. Não há nenhuma providência cautelar, ele não está a infringir nenhuma lei. E nem sequer está a tentar extorquir o dinheiro... ele é acionista da DataPro, há papelada que diz que tenho de lhe pagar o valor dos seus doze por cento no dia da sua libertação. Se alguém está em falha, sou eu.

Hannah abraçou os joelhos com mais força. Não conseguia parar de tremer — nenhum deles conseguia. Quando chegara ao *pub*, Mark parecia quase selvagem. Ela estivera sentada a uma mesa de canto, escondida da porta, e ele entrara e olhara em volta com um ar tão desesperado que parecia esperar que ela tivesse sido levada. Ao abraçá-la, esmagando o rosto dela no seu peito, o coração de Hannah batera tão depressa que ela mal conseguira diferenciar as batidas. Era uma caminhada de cinco minutos para casa, se tanto, mas ele mantivera o táxi à espera na berma e ficara atrás dela e quase a empurrara lá para dentro, olhando por cima do ombro o tempo todo.

— Ele deve ter estado aqui — disse ela. — Deve ter vindo cá a casa. E se eu tivesse cá estado? Através do vidro teria pensado que eras tu, que te tinhas esquecido das chaves ou coisa parecida.

Mark largou o atizador com estrondo e levantou-se. Não conseguia estar parado — estivera sentado, depois em pé, em seguida novamente sentado, e isto a cada dois minutos.

— Tenho de avisar a Hermione.

Tinha o casaco pendurado no braço do sofá; tirou o telemóvel do bolso e procurou o número dela, os dedos no ecrã tátil. Com o telemóvel encostado à orelha, foi até à janela, afastou a cortina e olhou lá para fora.

— Herm — disse ele —, é o Mark. — Fez uma pausa e por um momento Hannah pensou que ele a apanhara. — Olha, não quero que entres em pânico, mas o Nick esteve aqui em Parsons Green esta noite. Não o vi; mas a Hannah viu, a minha mulher... acho que vocês já se conhecem. — Apesar de tudo, havia um certo tom de humor na sua voz. — Liga-me quando ouvires isto. Pelos vistos ele saiu decidido a não perder tempo... enfim, achei que devias saber, para o caso de queres ter companhia esta noite ou ficar com alguém.

Também podes vir ficar connosco, obviamente... liga-me ou mete-te num táxi e vem. Vamos ficar aqui a noite toda. — Desligou, mas manteve o telemóvel na mão, segurando-o com firmeza.

— O Nick sabe onde ela mora? — perguntou Hannah.

— Não sei. Ela mudou-se desde que aquilo aconteceu... ainda era interna, vivia em residências no hospital... mas se ele quiser, vai descobrir. — Mark voltou para a janela, depois virou-se para olhar para ela novamente. — Ele nem precisa de saber onde ela vive.

Por um momento ela não entendeu.

— *Tu encontraste-a, não foi?*

Ele tinha razão. Bastava a Nick ir ao hospital.

Mark foi ao vestíbulo e ela ouviu o barulho da maçaneta da porta enquanto verificava o trinco pela terceira vez. Alguns segundos depois, a luz da cozinha acendeu-se e ela ouviu o tilintar de garrafas. Quando foi até lá, ele estava a servir-se de uma dose generosa de uísque. Viu-o beber metade de um só gole.

Ouvindo-a, ele virou-se. Durante um segundo ou dois olhou para ela, depois pousou o copo na mesa e veio na sua direção, de braços estendidos. A força com que a abraçou foi suficiente para desequilibrá-la e, por instinto, ela agarrou-se a ele com mais força para se impedir de cair. Para sua surpresa, ele meio levantou-a, meio empurrou-a para trás contra a parede. A cabeça dela bateu no gesso, mas antes de o pequeno grito deixar a sua boca, ele estava a beijá-la, o rosto esmagado contra o dela, a sua língua entre os lábios de Hannah. Apoiou a mão esquerda na parede, o seu antebraço a criar uma barreira, e sentiu a mão direita dele tentar abrir o botão das suas calças de ganga.

— Mark... — Ela virou a cabeça para o lado, tentando libertar a boca para falar, mas ele seguiu-a, beijando-a com mais força. Os dedos dele abriram o botão e encontraram o fecho. O seu peito arfava, a sua respiração rápida era quente e com cheiro a uísque.

— Mark! — Ela pôs as mãos nos ombros dele e empurrou-o. Ele deu um grande passo para trás.

Por um segundo ou dois entreolharam-se, mas então ele pareceu cair em si novamente. A intenção abandonou o seu rosto e ele pareceu primeiro apático, depois envergonhado.

— Desculpa — disse, tocando no lábio com os dedos em descrença. — Não sei o que me deu. Eu...

— Não importa — disse ela. — Só que eu não consigo... não esta noite.

— Eu sei. Eu sei. Desculpa, Han. — Ele engoliu em seco. — Não quero ser o tipo de pessoa que... meu Deus, sinto-me tão... confuso. Quando ligaste a dizer que o tinhas visto, que ele estava aqui, fiquei apavorado. Se alguma coisa te acontecesse... se ele te magoasse... eu não conseguiria viver com isso.

CAPÍTULO VINTE

As pancadas na porta ecoaram pela casa como o barulho de tiros, *rat-tat-tat-tat*, quebrando a paz da manhã. Hannah acordou sobressaltada quando Mark se ergueu na cama ao lado dela. Olharam um para o outro. As pancadas pararam durante alguns segundos, deixando um silêncio cheio de ecos, mas então recommçaram, ainda mais fortes. Num abrir e fechar de olhos ele estava do outro lado do quarto, a enfiar uma *t-shirt*.

— Fica aqui — disse, mas ela também já estava fora da cama, tirando a roupa da véspera das costas da cadeira, quase caindo ao prender o pé na perneira das calças de ganga. Ele desceu as escadas a correr, mas depois, quando se aproximou do fundo, abrandou. Quando Hannah saiu para o patamar, ele estava de pé no último degrau, a olhar para a porta da frente.

— Esquece, Mark. Não abras.

— Não — disse ele, olhando para cima. — Não é... — As batidas recommçaram, igualmente insistentes. — *Okay, okay*, já vai. — O som da fechadura, o roçar da porta contra o tapete. Hannah agarrou o corrimão.

— Bom dia. — Uma voz masculina com sotaque de Liverpool. — Mark Reilly? Sou o inspetor detetive Wells, e esta é a sargento detetive Andrews. Podemos entrar?

Polícia? Hannah largou o corrimão. Foi até ao cimo das escadas e viu-os no momento em que olharam para cima e a viram. O homem estava quase nos cinquenta, da altura de Mark, mas volumoso, com um impermeável escuro. A mulher tinha a idade dela e vestia um calça-casaco em preto e um casaco de lã curto, o cabelo alourado pelos ombros. Mark abriu mais a porta e eles entraram, o inspetor a deixar a mulher ir à frente. Quando Hannah desceu as escadas, Mark virou-se para ela com os olhos cheios de incerteza.

Os polícias esperaram por ela, depois indicaram a porta da sala de estar.

— Podemos?

— Façam favor — respondeu Mark.

Uma vez lá dentro, eles posicionaram-se em frente à lareira, lado a lado. O ar tinha o cheiro a cinza do lume apagado. Como qualquer outra assoalhada da casa, a sala de estar era grande, mas, mesmo assim, o inspetor — Wells, não era? — parecia enorme, uma presença ameaçadora.

— Talvez queiram sentar-se...? — sugeriu ele.

Mark ficou de pé.

— O que se passa? O que aconteceu? — perguntou em tom de voz alto. Hannah esticou o braço e pousou a mão no dele.

— Conhece uma mulher chamada Hermione Alleyn?

— Sim. Não nos vemos muito agora, mas sim. Andámos ao mesmo tempo em Cambridge.

Wells assentiu.

— Sinto muito ter de dizer isto, mas ela morreu. O seu corpo foi encontrado ontem à noite.

Hannah sentiu um baque no coração. *Morreu*. A palavra caiu como um rufar de tambor, as reverberações espalhando-se e vibrando no ar.

— Morreu? — ouviu ela Mark repetir com descrença. — Quer dizer... foi morta?

— Receio bem que sim.

Ele virou-se para Hannah, dirigindo-lhe um olhar atordoado.

— Como?

— Não podemos ter a certeza até depois da autópsia — disse a sargento, falando pela primeira vez —, mas provavelmente foi de ferimentos na cabeça... uma pancada contundente no crânio.

Mark deixou-se cair no braço do sofá, com a mão sobre a boca. Os seus olhos estavam arregalados de horror.

— Quando? — perguntou Hannah.

— Mais uma vez, aguardamos a autópsia para estabelecer isso com mais exatidão, mas ao final da tarde. Ela deixou o hospital pouco depois das quatro.

Mark moveu as mãos sobre o rosto e balançou para a frente. A mulher deu-lhe um momento e depois falou novamente.

— Senhor Reilly, encontrámos o telemóvel da senhora Alleyn junto do corpo. O senhor deixou-lhe uma mensagem a noite passada, às oito e quarenta e cinco.

— Sim — confirmou ele, por entre os dedos. — Liguei-lhe, mas não a apanhei. Queria dizer-lhe...

— Nós ouvimos a mensagem. O senhor parecia estar a avisá-la, sugerindo que ela podia não querer ficar sozinha a noite passada. Pode falar-nos mais sobre isso?

Ele levantou a cabeça.

— Eu queria avisá-la sobre o meu irmão — disse ele. — Nick. Ele saiu da prisão ontem. Havia uma história entre eles... namoraram em tempos, ela

testemunhou contra ele no julgamento e ele contactara-a antes de ser libertado, a ameaçá-la. Ela tinha-me ligado algumas vezes para falar. Eu sabia que ela estava assustada e...

— Qual foi a ameaça?

— Segundo ela, ele disse que chegara a «hora da vingança».

— Vingança?

— O Nick achou que foi o depoimento dela que o condenou. Culpava-a.

— As mãos de Mark fecharam-se em punhos nos joelhos. — Onde estava ela? Quem a encontrou?

— O seu irmão foi condenado por homicídio involuntário, senhor Reilly — disse Wells.

Homicídio involuntário. As palavras pairaram no ar, e Hannah ouviu o seu eco desvanecer-se.

— Sim — confirmou Mark em voz baixa.

— Ela foi encontrada em Spitalfields — esclareceu Wells —, a cerca de dez minutos a pé do hospital, no pátio das traseiras de um *pub*. O proprietário saiu depois do fecho para verificar se o portão estava trancado. Não a viu logo, mas o cão correu à frente dele e começou a ladrar, não se vinha embora.

Mark inclinou-se novamente para a frente. Hannah sentiu o espaço oscilar à sua volta, o tapete a ondular sob os pés. Morta, deixada nas traseiras de um *pub* com os barris vazios e os caixotes do lixo.

— Encontrámos um maço de tabaco na cena do crime — disse a mulher. — Se houve uma luta e ele o deixou cair...

— Tinha as impressões digitais do seu irmão — acrescentou Wells.

Mark fechou os olhos. Durante vários segundos ficou em silêncio, mas, em seguida, endireitou-se.

— A culpa é minha — disse ele. Tossiu, meio engasgado. — Eu devia ter feito alguma coisa. Sabia que a Hermione estava preocupada, sabia das ameaças e... — Tossiu novamente e passou a mão sobre os olhos. — Eu queria que ela fosse para fora um tempo ou viesse ficar connosco. Sugeriu isso a noite passada, mas... — Olhou para a sargento. — Oh meu Deus, a mãe dela?

— Já foi notificada.

— A Hermione era filha única — disse ele, voltando-se para Hannah. — Ela é viúva... criou a Herm sozinha.

— Senhor Reilly, na sua mensagem dizia que o Nick estivera aqui. Foi a senhora quem o viu, certo, senhora Reilly? — O detetive voltou-se para

Hannah.

— Sim. Mas não aqui em casa... foi na rua, junto à mercearia. Ele estava à porta. Lá vendem-se flores... ele estava a olhar para elas.

— Falou com ele?

— Não. Vi-o e fugi.

— Mas tem a certeza de que era ele?

— Sim, absoluta. Nunca o tinha visto antes... o Mark e eu só casámos em abril, o Nick esteve na prisão todo este tempo, mas eles, os irmãos, são tão parecidos que cheguei a pensar que era o Mark até ele se virar para mim. Já vi fotografias do Nick. — Na Internet. — Quando ele me viu, foi óbvio que também sabia quem eu era, ou adivinhou.

— Ele aproximou-se? Disse alguma coisa?

Hannah abanou a cabeça.

— Como lhe disse, fugi. Pensei que ele viria atrás de mim, estava apavorada, mas... tenho pensado nisso, por que motivo ele não o fez, e tudo o que me ocorre é que não queria chamar a atenção para si mesmo. Havia outras pessoas ali. Um dos empregados estava a embrulhar um buquê para uma cliente.

— Porque estava tão aterrorizada? — perguntou a sargento.

— A história... a condenação dele e... — Hannah olhou para Mark.

— O meu irmão e eu temos uma relação difícil — disse ele —, sempre tivemos, e o Nick está zangado por causa do tempo que passou na prisão. Culpa-me por isso, bem como à Hermione. Mas a outra questão de momento é dinheiro. Devo-lhe dinheiro.

— De quanto estamos a falar? — perguntou Wells.

— Um milhão ponto oito.

Hannah viu os polícias trocarem olhares.

— O Nick detém uma participação na minha empresa, doze por cento, e o acordo que fizemos foi que ele iria receber o dinheiro no dia em que saísse da prisão. Ele foi categórico em relação a isso quando comprou as ações... no dia, no mesmo dia, os documentos especificam isso. E ele quer o dinheiro... fui vê-lo a Wakefield no mês passado... mas não o tenho agora. Estou a tratar da venda da empresa, vamos ter uma reunião com o potencial comprador na próxima semana, e se acontecer não haverá problema. Mas até lá...

— E o seu irmão sabe isso?

— Não, a questão é essa. Pensei que ele me contactaria. Tenho estado à espera que ele me ligue, e... — Mark levantou as mãos —, nada. É por isso

que estamos tão nervosos, a Hannah e eu. Ele pôs-se com joguinhos. O Nick... é difícil de explicar. Por vezes, no passado, pensei que era como tentar lidar com um animal selvagem. Nunca se consegue prever o que ele vai fazer, e quando a Hannah me ligou a dizer que o tinha visto... De certeza que ele veio cá a casa, mas como não estávamos, decidiu ficar por perto à espera. Não pode ter planeado isso, encontrá-la assim por acaso, mas deve ter delirado ao ver como ela ficou assustada.

— Senhora Reilly — disse a sargento —, a que horas o viu? Recorda-se?

— Não tenho a certeza. Não, espere. — Hannah lembrou-se do relógio no cimo das escadas da estação. — Fui à cidade ontem à tarde, às compras, e quando cheguei a Parsons Green eram sete e dez. Vi o relógio na plataforma. São poucos minutos a pé de lá até à mercearia, três ou quatro.

— Então sete e um quarto, mais minuto menos minuto?

— Sim.

— E diga-nos exatamente o que aconteceu.

— Quase nada. Eu estava a descer a rua pelo passeio e vi um homem que parecia o meu marido junto às flores. Se estivesse a pensar claramente, teria percebido que não podia ser ele... o Mark estava numa reunião, eu tinha acabado de receber uma mensagem a dizer-me que ele ia entrar nela... mas a semelhança física... De qualquer forma, parei. Acho que posso ter começado a dizer qualquer coisa, não tenho a certeza, mas ele virou-se. Olhámos apenas um para o outro, nenhum de nós disse nada, e então virei-me e desatei a correr.

— E ele não fez menção de ir atrás de si?

— Tanto quanto sei, não. Não ouvi nada... não ouvi passos. Continuei a correr até chegar ao *pub*... o White Horse ao cimo do jardim.

— Faz alguma ideia de onde ele possa ter ido?

Hannah abanou a cabeça.

— Só consegui pensar em fugir.

A sargento detetive Andrews tirou um bloco de notas do bolso do casaco, encostou-se à lareira e escreveu rapidamente.

— Senhor Reilly — disse Wells —, quando foi a última vez que falou com a Hermione? A última vez que conseguiu falar com ela, quero dizer. Ou talvez a tenha visto?

— Não a vejo... não a via... — Mark engoliu em seco. — Não a via há imenso tempo... nem sei quanto. Um par de anos, talvez... de certeza antes de eu conhecer a minha mulher.

— Conhecemo-nos em julho do ano passado — esclareceu Hannah.
— Mas falei com ela a semana passada. Ela ligou-me para o escritório. Na terça-feira, acho que foi... terça-feira à tarde. Fui para os Estados Unidos na quarta-feira de manhã.

A sargento tomou nota.

— E como estava ela então?

— Estava... ansiosa. Assustada.

— O seu irmão tinha entrado em contacto com ela?

— Sim, e a data da sua libertação estava a aproximar-se. Ela andava preocupada... queria falar. — A voz de Mark tremeu.

Wells esperou um momento.

— Estas ameaças do seu irmão... ela contou-lhe os pormenores, contou-lhe especificamente o que ele dissera?

— Nem por isso. Contou-me que ele lhe disse que iria encontrá-la... *iria localizá-la*, foi o que ele disse, e que chegara a hora da vingança.

— Certo. — Wells olhou para a colega, que escreveu uma última coisa e guardou o bloco no bolso. Tirou um cartão e deu-o a Mark. — Encontrar o seu irmão é a nossa prioridade, senhor Reilly. Se tiver notícias dele, por favor, entre em contacto connosco... imediatamente. Vamos precisar de falar consigo de novo, tenho a certeza, mas se se lembrar de mais alguma coisa antes de ter notícias nossas, ligue-me para esse número. Vou pôr a casa sob vigilância, não vá ele aparecer aqui novamente. Teremos um carro lá fora em menos de uma hora. Há algum outro lado onde ache que ele possa ir? Amigos, família? Alguém que lhe possa dar uma cama?

Mark pensou por um momento e depois abanou a cabeça.

— Ninguém de que me lembre. A maioria dos amigos do Nick... todos eles... abandonaram-no quando ele foi preso. Não sei se podemos sequer chamar-lhes amigos, de qualquer maneira... mais companheiros de bebida, parasitas. Gente que o usava e se fazia usar por ele. Talvez no meu escritório na DataPro. Quer dizer, não creio que ele vá aparecer, não agora, mas pode tentar esperar por mim à porta.

— Certo. E onde é isso?

Mark deu-lhes o endereço.

— Muito bem — disse o inspetor. — Também vamos lá pôr um carro. Ignorem ambos. Ajam como se não soubessem da presença dos carros... se ele aparecer, não queremos que fique de sobreaviso. Esperemos que isso vos faça sentir um pouco mais seguros, também — acenou com a cabeça na

direção de Hannah —, mas não corram riscos. Se estiverem na rua, escolham lugares movimentados, não vão sozinhos a lado nenhum depois de escurecer. Tenham cuidado... não preciso de vos dizer. E se se lembrarem de alguma coisa, por muito trivial que pareça, avisem-nos.

— Assim faremos. — Mark levantou-se lentamente, como se tivesse levado uma tarefa. No corredor, abriu a porta e os detetives saíram.

Quando estavam a voltar-se para descer os degraus, o sargento parou e olhou para Hannah.

— Senhora Reilly, na mensagem o seu marido disse que achava que a senhora tinha conhecido a Hermione, e ainda agora disse que não a via desde que vocês os dois se conheceram.

— Sim — disse Hannah. — Na verdade, é embaraçoso. Eu fui ao hospital na segunda-feira. O Mark esteve nos Estados Unidos mais tempo do que eu esperara e quando falei com a sua assistente, ela disse-me que uma mulher andara a telefonar-lhe. — Olhou para Mark com ar de quem pedia desculpa. — Eu estava a ser ridícula... acusei a Hermione de ter um caso com ele.

A sargento franziu a testa.

— Não sabia que ela era amiga do seu marido?

— Como ele disse, nunca nos tínhamos visto.

— A Hermione e eu não falávamos muitas vezes — explicou Mark. — Era demasiado doloroso. Se nos víssemos, a recordação do Nick estava sempre presente... aquele pesadelo a pairar sobre nós. Tentámos que as coisas voltassem ao que tinham sido antes, na faculdade, mas não conseguimos. Nunca conseguíamos estar longe dele.

CAPÍTULO VINTE E UM

Mark fechou a porta e Hannah colocou os braços em volta dele, sentindo-o tremer. Ao som de passos a aproximarem-se do lado de fora ele ficou hirto, mas os passos afastaram-se, o seu ritmo inalterado, em direção ao fundo da rua. Ele pressionou o rosto contra o alto da cabeça de Hannah e ela sentiu as lágrimas dele caírem, uma gota quente após a outra.

— A culpa é minha, Han — disse ele. — Eu devia ter feito alguma coisa.

— Não é culpa tua — disse ela, ferozmente. — Para de dizer isso. Não podes culpar-te, não vou permitir. Pelo amor de Deus, o Nick é um assassino.

Mark não disse nada e a palavra pairou no ar. *Um assassino*. Sim, era. Daquela vez não fora um acidente. Ferimentos na cabeça, uma pancada contundente — com Hermione, Nick matara de propósito.

Hannah conduziu o marido à sala de estar e sentaram-se muito juntos no sofá. Ele não fez nenhum esforço para parar de chorar e as lágrimas continuaram a cair, provocando manchas escuras na *t-shirt*.

— Ela devia ter saído daqui — disse ele. — Disse-lhe isso, tentei fazê-la prometer que o faria, mas ela disse que não, que estava cheia de trabalho, ia ter uma conferência em breve e... — Respirou fundo, estremeando.

— Mark. — Hannah pousou a mão no rosto dele e virou-o para si. — A Hermione era adulta. Conhecia a situação e fez a sua própria escolha. Não tens culpa.

— Mas...

— Não. Tentaste ajudar e ela arriscou e... — Calou-se. Mark virou o rosto e olhou para as mãos, que estavam fechadas no colo. O relógio no leitor de DVD passou das 8h13 para as 8h14.

— Devíamos sair daqui — disse Hannah.

— Sair daqui? O que queres dizer?

— Sair de Londres. Devíamos ir embora agora... já. Essas férias de que estavas a falar...

— Não posso — disse ele.

— *Ela estava cheia de trabalho*.

— Eu sei, eu sei, mas não posso mesmo. A primeira reunião com a Systema é na terça-feira.

— Mark.

— Não — respondeu ele, inflexível. Quando se virou para ela, o seu

rosto tinha uma expressão determinada. — Não, Hannah. Tenho de estar aqui... tenho mesmo. Trabalhei durante dezassete anos para erguer a DataPro e não vou. *não vou*... deixar que o Nick estrague tudo. Este pode ser o maior negócio da minha vida. não vou deixar nada prejudicá-lo.

— Mesmo que estejas a arriscar a tua vida?

Ele não disse nada.

— E a minha?

Ele fechou os olhos.

— Desculpa. Tens razão... é claro que tens razão.

— Podemos ficar em Londres, consigo lidar com isso, mas não aqui. Não aguento... com ele lá fora, sabendo exatamente onde nos encontrar.

— O carro da polícia estará na rua.

— Mas isso só torna as coisas piores, não é? Sinto que somos... um isco.

Mark lançou uma última olhadela em volta, depois saiu e fechou a porta. O trinco emitiu um clique definitivo. Hannah viu-o fechar o portão e baixar a tranca como se aquilo fizesse toda a diferença para a segurança da casa enquanto eles estavam fora. Levaram as malas para o *Mercedes* e Hannah deu um salto quando ele bateu com o porta-bagagens. Manteve os olhos baixos para se impedir de olhar para o carro-patrolha, mas ao dirigir-se à porta do passageiro, viu de relance pela janela da casa da frente o menino que vivia lá atirar o coelho de peluche do tabuleiro da cadeira alta. O som da sua risada alegre quase não era audível e ela viu a mãe, a mulher que vira com roupa de ioga na terça-feira, pegar no coelho, dar-lho e depois rir-se quando ele tornou a atirá-lo ao chão. Aquela visão causou uma súbita dor inexplicável no peito de Hannah.

— Han? — Mark observava-a.

Ela abanou a cabeça, voltando à realidade.

O cheiro a couro novo do carro envolveu-a quando fechou a porta. Mark pôs o cinto e pegou na mão dela.

— Tens a certeza de que estás bem?

Ela assentiu com a cabeça, em seguida encolheu os ombros.

— Isto vai acabar em breve — garantiu ele.

Ligou o carro e arrancou. No cimo da rua viraram para New King's Road e, quando passaram pela mercearia, Hannah recordou o aspeto de Nick sob o toldo iluminado, o seu rosto quando se virara para ela. Fechou os olhos, como

se aquilo pudesse bloquear a imagem.

Quando chegaram aos semáforos em Fulham Road e permanecendo ambos sem falar, Mark ligou o rádio para quebrar o silêncio. Enquanto ela estivera no duche, ele reservara um quarto para duas noites no K West em Shepherd's Bush.

— Depois decidiremos — dissera-lhe quando ela voltara para baixo, a secar o cabelo com a toalha. — Com sorte...

— É suficientemente longe? — perguntara ela, parando. — Shepherd's Bush. Fica só a... quê? Cinco quilómetros? Seis?

— Mais ou menos. Mas acho que tens razão: o importante é não estar aqui, a fazer de alvos. É de quatro estrelas, portanto haverá alguém na receção vinte e quatro horas por dia, pessoas a toda a hora. Nunca estarás sozinha, e quando eu sair esta tarde...

— Vais sair?

— Tem de ser.

— Meu Deus, Mark...

— Ficarei muito mais descansado se souber que tens outras pessoas por perto.

— E tu?

— Também haverá um carro da polícia perto do escritório, lembra-te? De qualquer forma, tu és a minha prioridade. Quero que te sintas segura. — Pegara no cartão do detetive do balcão. — \bu ligar à polícia a avisar que vamos para outro lado.

O hotel era uma caixa hipermoderna de vidro e betão numa rua cheia de mansões vitorianas e moradias geminadas. Era quase tão silencioso como Quarrendon Street, sendo o único barulho o som abafado do trânsito na rotunda de quatro faixas do outro lado da rua sem saída. No interior, a incongruência continuava: o *lobby* era excessivo, superfícies de mármore, quebra-luzes gigantes e paredes com cortinas iluminadas por trás. Hannah detestou-o.

— Parece que um tornado passou por Miami, pegou no hotel e o largou no oeste de Londres — disse ela, fechando a porta depois de o pacote ter saído. Vagueou pelo quarto, tocando na secretária de madeira escura e na superfície fria da cómoda, acendendo um dos feios candeeiros de cabeceira, em seguida, desligando-o novamente. A rua estava oculta por uma

grande cortina.

— Está tudo bem?

— É... luxuoso — disse ela, sentindo-se ingrata. — Apenas estranho, só isso.

— Como se nos estivéssemos a esconder numa discoteca?

Ela olhou para ele e sorriu.

— Exatamente.

Almoçaram no quarto antes de Mark sair.

— Não venho tarde — disse ele da porta. — Faz qualquer coisa relaxante esta tarde: vê um filme ou marca uma massagem... há um *spa* lá em baixo.

Ela abanou a cabeça. Por norma, considerava os *spas* desconfortáveis, e se alguma vez houvera um dia em que não queria as mãos de um estranho nela, esse dia era aquele.

— *Okay*, mas... preciso de saber que estás em segurança. Por favor, não vás lá fora.

— Não irei.

— Prometes?

Depois de ele sair, ela navegou pela Internet com indiferença durante dez minutos e a seguir tirou da mala a cópia de *O Nosso Agente em Havana*. Deitou-se na cama e tentou ler, mas de nada serviu: os olhos deslizaram pelas palavras novamente e nada a fazia sorrir. Fechou os olhos, de repente consciente de como estava exausta. O sono era como algo de uma vida diferente, pensou, virando-se para o lado. Mal se lembrava de como era.

Foi acordada pelo som de um camião a fazer marcha-atrás. Olhando para o relógio na mesa, viu que passara mais de hora e meia. Pelos vistos, não se mexera durante esse tempo: tinha o ombro e a anca dormentes. Virou-se lentamente de barriga para cima e olhou para o teto. Tinha sonhado, pedaços estranhos de histórias ligadas por um único ponto em comum: o conhecimento de que se esquecera de algo de vital importância.

A sensação persistia, juntando-se à outra, desconfortável, que tinha desde essa manhã de que algo estava de novo oculto na margem do seu campo de visão, fora de vista mas quase visível, algo que não fazia sentido. Desta vez, porém, não achou que tivesse que ver com Hermione.

Fechou os olhos novamente, na esperança de que, concentrando-se, ignorando as outras distrações, pudesse ver o que era. Em poucos segundos,

no entanto, um desfile de imagens mentais hediondas teve início: Hermione a correr, a olhar por cima do ombro aterrorizada, passos rápidos a aproximarem-se dela, uma mão estendida a sair da escuridão. *Golpe contundente*: sangue e cabelo e fragmentos de osso... Hannah sentou-se, o coração a bater descompassadamente.

Se ficasse ali toda a tarde, percebeu, trancada naquele quarto, daria em louca. Mas também não podia sair do hotel: tinha prometido. Hesitou cerca de um minuto antes de se lembrar do bar em frente à entrada. Podia sentar-se lá.

Pegou na chave e saiu para o corredor, sentindo-se melhor assim que a porta se fechou atrás de si. No bar pediu um café e levou-o para uma pequena mesa no canto. Quando o homem ao lado dela se levantou para ir embora, deixando para trás uma cópia do *Evening Standard*, ela estendeu a mão e pegou-lhe. A história principal era sobre os preços das casas, a subirem outra vez em Londres, mas quando virou a página, parou. cirurgia assassinada em spitalfields.

O artigo ocupava metade da página, muito do espaço dominado por duas fotografias. Hermione olhava para ela da primeira. A sua expressão era a que Hannah tinha visto quando a abordara no corredor, o ar educado mas distante que sugeria que ela se obrigara a sair de uma preocupação profunda para se envolver com o mundo por um momento. No hospital, Hannah tinha interpretado isso como profissionalismo, uma máscara que a ajudava a manter a distância de familiares carentes, mas o que via agora era cautela e desconfiança.

Rapidamente, leu a história. Não tinha mais pormenores sobre a morte de Hermione — o artigo fora escrito ainda sem o resultado da autópsia — mas no fim havia uma citação do inspetor Wells.

«Estamos a tentar falar com Nicholas Reilly, que, temos razão para acreditar, esteve em contacto com a Sr.^a Alleyn nas semanas anteriores à sua morte. Aconselhamos quem identificar o Sr. Reilly a não se aproximar dele, mas a alertar a polícia imediatamente.»

A outra fotografia tinha, pelo menos, dez anos: Hannah vira-a antes na cobertura *online* do julgamento, embora cortada de forma diferente. Se bem se lembrava, o original mostrara Nick no caminho de acesso de uma bela casa das Cotswolds, a sentar-se no banco do condutor de um descapotável, bronzeado e sorridente, mas ali a fotografia tinha sido cortada para obter o mais parecido com uma foto de polícia, apenas o rosto, pescoço e ombros, e,

naquele contexto, ao lado da imagem da mulher assassinada que fora sua namorada, ele parecia desequilibrado: um homem bonito, mas ao mesmo tempo louco.

Hannah pegou no *BlackBerry* e mandou um SMS a Mark.

Já viste o Standard? A história está na página 3 — com destaque.

Esperava uma resposta imediata, pois ele dissera que ia ter o telemóvel ligado toda a tarde, mas os minutos começaram a acumular-se e nenhuma veio. Disse a si mesma que ele estava ocupado — a falar com David ou numa chamada; provavelmente tinha ido à casa de banho —, mas dez minutos passaram... depois quinze e começou a sentir-se ansiosa: a não ser no último fim de semana, Mark respondera sempre de imediato a qualquer mensagem que ela lhe enviara, mesmo logo no início, quando muita gente podia ter preferido ir com calma. *Não te enerves*, disse a si mesma, *há de haver uma explicação simples*, mas ao fim de vinte minutos os nervos levaram a melhor sobre ela e ligou-lhe. O telefone tocou e ela sentiu-se descontrair um pouco, mas continuou a tocar e, em seguida, foi parar ao *voice mail*.

— Olá, sou eu — disse Hannah, sem conseguir disfarçar a preocupação na voz. — Ligas-me quando ouvires isto?

Desligou e ficou com o telemóvel na mão. A sua mente encheu-se de imagens de Nick, um confronto, Mark ferido ou... Não! Precisava de se conter. Não seria nada; estava a exagerar. Obrigou-se a esperar cinco minutos, depois tentou novamente. Porém, continuou a não haver resposta.

Ligou para o seu número direto no trabalho. Desta vez, a chamada foi atendida após dois toques.

— DataPro.

— Mark — disse —, graças a Deus. Sou eu... começava a ficar preocupada: tentei ligar para o teu telemóvel, mas...

— Senhora Reilly? — interrompeu uma voz. — Fala o Leo, o assistente do David.

— Oh. — Hannah foi apanhada de surpresa. — Desculpe, Leo... pareceu-me mesmo o Mark. Pode transferir a chamada?

— Ele não está de momento.

— Saiu?

— Não creio... não o vi todo o dia. Espere um momento, deixe-me

confirmar com o David. — Colocou-a em espera e Hannah ouviu um trecho de Vivaldi antes de ele voltar à linha. — Não, desculpe. O David também não o viu. Disse que pensava que ele já devia cá estar, mas ainda não chegou.

Hannah sentiu outra pontada de alarme.

— Ele falou com o Mark esta tarde?

— Vou perguntar. — Mais um trecho de Vivaldi demasiado alegre. — Senhora Reilly? Não, o David diz que não teve notícias dele desde esta manhã... trocaram *e-mails*.

— Será que posso falar com a Neesha, Leo?

— Ela também não está. Daí eu ter atendido o telefone do Mark...

— Pode pedir-lhe que me ligue quando ela voltar para a sua secretária?

— Claro — respondeu ele —, mas não vai estar cá hoje. Tirou o dia.

Estava muito perturbada ontem, pelo que o David sugeriu que ela...

— Perturbada? Porquê?

Leo pareceu hesitar.

— Desculpe, pensei que devia saber. Ela foi advertida.

— Advertida? — Hannah sentiu-se franzir o sobrolho.

Leo hesitou novamente e, quando falou, a sua voz era mais baixa.

— Parece que ela se enganou em alguns números — explicou. — O Mark disse ao David que já aconteceu antes, portanto...

— Oh — fez Hannah. — Não, não sabia. Olhe, se o Mark aparecer, pode pedir-lhe que me ligue? De imediato? É urgente.

Assim que desligou, tentou de novo o telemóvel de Mark. Nada. O *lobby* estava quente, mas não o suficiente para justificar o suor que ela sentia formigar nas axilas. Onde estaria ele? Do jornal, Hermione fitava-a, os seus olhos agora cheios de advertência.

Cada vez mais alarmada, Hannah tentou de novo, e depois seleccionou o número do telemóvel de Neesha. Hesitou, mas a ansiedade bloqueou os receios e fez mesmo a chamada. Tocou e ela aclarou a garganta para falar, mas foi de novo parar ao *voice mail*.

— Neesha, fala a Hannah Reilly. Sei que hoje não está no escritório e peço muita desculpa por lhe ligar quando está fora, mas queria saber se falou com o Mark esta tarde. Se falou, podia ligar-me? É muito urgente... obrigada.

Deixou o seu número e desligou.

Talvez devesse telefonar a Wells, pensou. Talvez não fosse nada e ela

parecesse louca, mas era melhor isso do que ficar ali sentada sem fazer nada enquanto... sacudiu a cabeça para afastar as imagens que surgiram dos cantos escuros da sua mente. Pôs-se em pé, pegou no jornal e dirigiu-se aos elevadores. Mark tinha deixado o cartão do detetive na secretária para o caso de ela precisar. Gravara o número no seu telemóvel e agora ela estava zangada consigo mesma por não ter feito o mesmo.

— Hannah!

Virando-se, viu Mark do lado de dentro da porta giratória. O alívio tomou conta dela.

— O que se passa? — perguntou ele, puxando-a para um lado, para longe de um casal à espera de fazer o *check-in*. — Aconteceu alguma coisa?

O alívio transformou-se em fúria.

— Porque não atendeste o maldito telefone? Mande-te uma mensagem e estou farta de ligar. Pensei que te tinha acontecido alguma coisa, Mark. Liguei para a DataPro... ia agora lá para cima ligar à polícia.

— Desculpa... desculpa. Estava a conduzir.

— A conduzir? Pelo amor de Deus! Não podias ter parado? E quando te tornaste tão cumpridor da lei? O teu irmão, um assassino, anda lá fora à solta e tu...

— Chiu. — Ele olhou em volta rapidamente.

— Não me calo nada. O que se passa? Porque estás a fazer isto? Disseste que ias trabalhar, mas não estiveste lá, pois não? Disseram-me que não te tinham visto o dia todo.

— Pois não.

Para sua surpresa, Hannah viu que Mark estava a sorrir. Levantou as mãos em descrença.

— O que...?

— Eu não te disse que ia para o escritório.

— Disseste... disseste! Esta manhã.

Ele abanou a cabeça.

— Achaste que eu ia e eu deixei-te pensar isso, porque era o mais fácil. Disse que haveria um carro da polícia no escritório, mas não disse que ia para lá.

Hannah abanou a cabeça.

— Esquece. Já não aguento isto. Toma. — Passou-lhe o jornal.

Ele agarrou-lhe e pegou na mão dela.

— Anda comigo. — Começou a dirigir-se à porta.

— O que foi agora? Mark...

— Vem só comigo. — Ele estava novamente a sorrir.

Na rua, andaram uns vinte metros pelo passeio e pararam.

— O que achas? Gostas?

— Do que estás a falar? — Durante vários segundos, ela não percebeu.

— Disto. — Entregou-lhe a chave de um carro.

Ela olhou para a chave e, em seguida, levantando a cabeça, seguiu o olhar dele até ao carro estacionado na berma: um *Audi TT* azul-escuro.

— É teu — disse ele.

Ela olhou para o marido.

— Já o encomendei há algum tempo... o azul-escuro é uma cor personalizada; tem de ser especialmente aplicada... mas chegou ontem.

— Mark...

— De certa forma, é a altura certa. Continua a ser uma prenda, mas agora também é um pedido de desculpa, por causa disto tudo... da situação.

Lamento que tenhas sido arrastada para isto, Han. Não imaginas o quanto lamento.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A porta da casa de banho abriu-se e Mark emergiu numa nuvem de vapor perfumado de sálvia, uma toalha enrolada em volta da cintura. Tinha os pelos do peito molhados.

— É sábado — disse ela.

— Eu sei, e detesto deixar-te, detesto mesmo, mas são só mais alguns dias. — Ele olhou para o *Times* que fora entregue com a bandeja do pequeno-almoço. Nick e Hermione estavam na página sete. — Passei a noite acordado a pensar nisso — disse. — Se os jornais estão a usar as velhas fotografias dele, isso significa que estão a vasculhar as velhas histórias, não é? O David recebeu um telefonema do tipo do *FT* ontem que tinha ouvido um boato sobre a venda... se alguém somar dois mais dois e chegar aos ouvidos do Kevin Meyer da Systema, estamos lixados. Tenho de fechar este negócio antes de isto nos rebentar na cara, e a única coisa que posso fazer até terça-feira é certificar-me de que tudo está pronto.

Baixou-se para tirar as calças de ganga do saco.

— Porque não ligas ao teu irmão e à Lydia? Sentir-me-ia melhor se soubesse que não estavas sozinha. Podes ir a casa deles ou ir almoçar a algum lado, visitar uma galeria. Acho que já abriu a nova exposição de Matisse... não me importo que a vejas primeiro.

— Combinei ir beber um copo com o Tom na segunda-feira. Mas, sim, vou ligar-lhe.

— Ótimo. — Mark enfiou uma camisola e pegou no telemóvel e nas chaves do carro que estavam na mesa de cabeceira. — Posso estar despachado só lá para o tarde, por volta das sete. Talvez me possas levar a dar outra volta no teu carro novo quando eu voltar?

Ele sorriu e ela retribuiu o sorriso, tentando parecer natural.

— Creio que isso talvez se arranje.

O carro. No estranho momento entre a vigília e o sono nessa manhã, ela perguntara-se por um momento se tinha sonhado. Era lindo, exatamente o que ela teria escolhido se tivesse esse tipo de dinheiro para gastar, mas a subitaneidade daquilo, o facto de ele o ter comprado sem lhe dizer e de ter chegado naquele momento, no meio daquela situação, tornava a coisa estranha e irreal. Tinham conduzido na direção de Heathrow na noite anterior para ela poder experimentá-lo em autoestrada e, quando acelerara, sentindo a

potência do motor ao passar dos 110 para os 150 sem qualquer esforço, Hannah teve a sensação de o ter roubado.

— Mandas-me uma mensagem quando souberes onde vais estar? — perguntou ele.

Assim que a porta se fechou, o silêncio inundou o quarto. Ela ligou a televisão e deixou a porta da casa de banho aberta para poder ouvi-la enquanto tomava duche. Fechando os olhos, deixou a água cair sobre o rosto. Na surpresa e confusão causadas pelo *Audi* da noite anterior, aquilo tinha sido empurrado para um canto da sua mente, mas durante a sua habitual insónia matinal voltara a surgir, ainda mais forte: a sensação persistente de que estava a deixar escapar algo.

Havia ainda café no bule do pequeno-almoço, e depois de se vestir ela deitou-o numa chávena e ligou o portátil. Abrindo o Google, escreveu os nomes de Nick e de Patty e começou a clicar nos *links* um a um, à procura da história que tinha usado a fotografia de Nick com o carro desportivo. Talvez tivessem sorte e fosse uma das que não mencionara diretamente a DataPro mas, de qualquer forma, Mark tinha razão: era apenas uma questão de tempo antes de alguém estabelecer a ligação e se voltar a falar do passado. Quanto tempo, no entanto, podia fazer toda a diferença entre fechar ou não o negócio.

Clicou em quinze ou vinte histórias antes de a encontrar e, quando o fez, viu que tinha saído num jornal de domingo. Ficou admirada por se lembrar tão bem disso: o carro prateado e a encantadora casa de pedras amareladas, a camisa de algodão clara de Nick, as mangas enroladas até ao cotovelo.

Os olhos dela pousaram no início do texto. *As cortinas estavam fechadas esta semana nas janelas da frente da casa térrea com dois quartos onde Nicholas Reilly passou a sua infância, como se os pais, que ainda lá vivem, quisessem fechar os olhos à realidade do crime de que o filho foi esta semana considerado culpado.*

Que ainda vivem na casa — Hannah releu a linha, para confirmar, mas não se enganara: segundo a jornalista, aquela Carole Temple, na altura em que Nick foi julgado e preso, os pais ainda estavam vivos. Mas isso não podia ser correto. Desde o início, desde o seu segundo encontro no Mulberry Street Bar em Nova Iorque, Mark dissera que os pais tinham morrido quando ele tinha cerca de vinte e cinco anos, e quando lhe contara toda a história na terça-feira — *finalmente*, disse a voz na sua cabeça — dissera-o de novo: «Ainda bem que, quando aquilo aconteceu, a coisa realmente má que tínhamos esperado todos aqueles anos, os meus pais já tinham morrido.»

Ela levantou-se e começou a andar de um lado para o outro na pequena área atapetada no centro do quarto. A jornalista estava enganada, era a única explicação: as pessoas não se enganavam na data em que os pais tinham morrido. Mark dissera que os dele tinham morrido quando ele tinha vinte e poucos anos, com um ano de intervalo, e que tinha trinta quando Nick fora para a prisão. Tentou lembrar-se dos anos em que os Reilly seniores tinham morrido, mas descobriu que não podia. Ele alguma vez lho dissera? Devia ter dito. Mas, na verdade, porquê? Ela nunca insistira em saber esse tipo de facto com exatidão; o relevante era há quanto tempo tinha sido, em que fase da vida, e isso ele contara. Ela deixava-o falar sobre os pais quando queria, ao seu próprio ritmo, confiando que, aos poucos, iria saber a história toda.

Voltou a sentar-se, sentindo-se um pouco melhor. A jornalista tinha feito confusão; só isso. A morte de Patty tivera lugar não muito tempo depois de eles morrerem, uns dois anos, talvez; se calhar Mark não vendera a casa imediatamente, ou talvez outro casal de idosos se tivesse mudado para lá e Carole Temple os tivesse confundido com os Reilly. Isso era bastante provável, não era? Eram geralmente pessoas mais velhas que viviam em *bungalows*.

Clicou no botão de andar para trás e voltou à lista de *links*, mas, ao abrir as histórias, percebendo agora quantas tinham mencionado a DataPro, sentia-se cada vez mais inquieta. Quando chegou ao artigo do *Gazette* com o seu título «NICK, O MONSTRO» em letras maiúsculas, colocou a cabeça entre as mãos.

Fechou a página, desligou o computador e levantou-se. Empilhou os pratos sujos na bandeja do pequeno-almoço e colocou-a do lado de fora da porta. O corredor estendia-se para a esquerda e para a direita, vazio. De volta ao interior, fez a cama meticulosamente, batendo nas almofadas e esticando os lençóis até não terem vincos. Na casa de banho, bebeu um copo de água e encostou a testa ao espelho frio. Em seguida, voltou para o computador.

Como se descobria quando é que as pessoas tinham morrido? No Google, Hannah escreveu «Registos de óbitos no Reino Unido». O primeiro *link* era do General Register Office, o *site* oficial do governo. Clicou nele e desceu a página até encontrar um *link* prometendo informações sobre nascimento, casamento, morte e adoção. Quando o abriu, no entanto, não havia acesso aos registos, apenas conselhos sobre como registar um novo óbito.

O arquivo anunciava-se a pessoas à procura de certidões de nascimento,

casamento ou óbito na Inglaterra ou no País de Gales. O *site* estava claramente projetado para pesquisa genealógica, mas enquanto as certidões de casamento podiam ser vistas *online*, as certidões de nascimento e de óbito

r
não. Uma secção intitulada *Catálogo das Certidões de Nascimento, Casamento e Óbito (1837 até ao presente)* tinha um *link* para um *site* com os dados do General Register Office, mas rapidamente descobriu que, até à data, os dados, pelo menos para os óbitos, não tinham progredido além de 1970. Se os pais de Mark tinham morrido quando ele tinha vinte e seis ou sete, precisava de procurar 1998 e 1999.

O Findmypast.co.uk oferecia registos até 2006. Os campos de pesquisa na página inicial pediam nomes próprios e apelidos, o intervalo de anos em que a pessoa podia ter morrido, o país no Reino Unido e, em seguida, o condado. Preencheu-os o melhor que pode, escrevendo «Elizabeth Reilly», 1995-2005, Inglaterra e Sussex. Havia um campo para o seu ano de nascimento, e Hannah tentou descobrir. Que idade teria a senhora Reilly quando morrera? Não fazia ideia. Com quantos anos tivera Mark? Também nunca tinham falado sobre isso. Fez uma estimativa com base na teoria de que a geração anterior tivera os filhos quando era mais jovem, no geral. Se a mãe tivesse tido Mark aos vinte e seis anos e o filho tivesse vinte e sete na altura da sua morte, isso queria dizer que ela teria nascido em 1946. Céus, se isso fosse verdade, a senhora morrera demasiado jovem — só teria sessenta e seis se estivesse viva agora. Hannah escreveu «1946» com uma margem de cinco anos para cada lado. Carregou no *Enter* e esperou. *Nenhum resultado encontrado.*

O café estava gelado, mas bebeu um gole e voltou a concentrar-se. Onde se tinha enganado? Talvez o nome tivesse sido Elisabeth, não Elizabeth, embora tivesse aparecido escrito com um «z» nas notícias. Numa janela nova, verificou que Eastbourne ficava em Sussex, depois aumentou a margem de anos em que a senhora Reilly podia ter morrido de 1990 — quando Mark teria apenas dezoito anos — a 2005. Deu à busca do seu ano de nascimento uma amplitude de vinte anos. *Nenhum resultado encontrado.*

Voltando atrás, desmarcou os campos que estipulavam apenas equivalências exatas, permitindo todas as grafias e abreviaturas dos nomes Elizabeth e Reilly e alargando o leque do seu possível ano de nascimento em vinte anos para cada lado desde 1946. Mark nascera em 1972, de modo que aquilo dava toda a cobertura possível: se ela tivesse nascido em 1926, teria

tido quarenta e seis quando o dera à luz, quarenta e sete anos quando Nick nascera no ano seguinte. Se tivesse nascido em 1966, teria tido Mark com seis anos. Continuou a não haver resultados.

Talvez houvesse um problema com o registo de Elizabeth. Hannah limpou os campos e introduziu a informação sobre o pai de Mark, o pouco que sabia, verificando o artigo de Carole Temple, onde as pessoas que conheciam a família o tratavam de forma inequívoca por Gordon. Indicou que o seu ano de nascimento era 1935, calculando que ele deveria ser mais velho que a mulher, e estabeleceu um intervalo de vinte anos para ambos os lados, 1915-1955, pondo-o algures entre os dezassete e os cinquenta e sete aquando do nascimento de Mark. Não houve resultados.

Frustrada, limpou de novo os campos e escreveu a informação da sua avó, deixando dez anos em torno da data da sua morte, embora soubesse exatamente qual era, e vinte anos em torno da data de nascimento. Quando carregou no *Enter*, Margaret Hannah Simpson, falecida em Gloucestershire, Malvern, 1989, surgiu imediatamente. A busca com os dados do seu avô foi igualmente rápida.

Levantou-se e andou pelo quarto, afastando a cortina para o lado e olhando para a rua. Fora de uma das casas vitorianas geminadas, um adolescente lavava um velho *Volvo* com uma lentidão exasperante, e mais acima, uma mulher de calças de ganga e camisola polar estava a abrir a porta de casa, um ninho de sacos do Waitrose em volta dos pés. Uma manhã normal de sábado. Hannah deixou cair a cortina e voltou para a mesa. Ou havia um problema com os registos dos Reilly ou ela percebera alguma coisa mal. Talvez eles não tivessem morrido em Eastbourne; talvez Mark os tivesse trazido para hospitais em Londres para poder estar perto deles ou lhes tivesse arranjado cuidados privados. Tentou novas pesquisas com base nisso, mas também não descobriu nada.

Numa nova janela do Google, digitou «Cadernos eleitorais Reino Unido». O trecho de texto sob o *link* para as whitepages.co.uk assegurou-lhe que a utilização do registo eleitoral era uma maneira fiável de procurar pessoas. A sua esperança desvaneceu-se enquanto lia um curto parágrafo introdutório que dizia que o *site* utilizava uma base de dados de 2002, mas decidiu digitar o nome de Gordon Reilly nos campos de pesquisa — Gordon era, provavelmente, um nome menos comum que Elizabeth — e acrescentou «Eastbourne». Carregou no *Enter* sem grande expectativa, mas quase imediatamente abriu-se uma nova página: «1 correspondência para

Gordon Reilly em Eastbourne». A caixa por baixo apresentava uma morada.

Hannah franziu a testa, voltou à página de busca e escreveu «Elizabeth Reilly». Desta vez, o *site* encontrou duas pessoas com esse nome em Eastbourne. Uma delas vivia no mesmo endereço de Gordon.

Com o coração a galopar, verificou duas vezes. Sim, a base de dados era de 2002, altura em que Mark tinha trinta, mas estaria atualizada? Será que os nomes tinham sido deixados lá por engano? A Câmara não fora informada de quando eles tinham morrido? No seu antigo apartamento em Kilburn, ela costumava receber cartões de eleitor dos antigos inquilinos anos e anos depois de eles terem saído de lá: o sistema não era infalível. Mais adiante, no entanto, viu que o *site* alegava atualizar os seus registos trimestralmente.

A página de resultados tinha três campos com nome, morada e número de telefone. No caso do Gordon e da Elizabeth que partilhavam a morada, o campo para o número de telefone estava em branco. Hannah recostou-se na cadeira e estendeu o braço para a mala na cama, enfiando um dedo sob a alça e pousando-a no colo. Encontrando o telemóvel, marcou o número das páginas amarelas. Fez uma breve pausa antes de iniciar a chamada, verificando a sua consciência, mas descobriu que o último vestígio de culpa por estar a investigar os Reilly tinha desaparecido.

Deu à telefonista o nome e morada de Gordon e esperou. Ouviu bater em teclas e, em seguida, a mulher voltou à linha.

— Sinto muito — disse ela —, mas o número não consta da lista.

Hannah pensou.

— Isso significa que há mesmo um Gordon Reilly naquela morada? — perguntou.

— É o que os registos dizem.

— Importava-se de tentar Elizabeth Reilly, por favor? Mesma morada. Mais batidas em teclas.

— Sim, há uma Elizabeth Reilly listada, mas, novamente, o número não consta da lista.

— Certo, obrigada. — Hannah desligou e começou a escrever um SMS.

Bom dia, escreveu. Um favor: se o Mark ligar, diz que estou contigo, mas que estou na casa de banho ou fui às compras com a Lydia ou algo assim. Depois liga-me, OK?

Alguns segundos depois, o telefone começou a tocar. Era o número de Tom. Ela hesitou, dividida entre o desejo de atender e contar-lhe tudo, e a súbita pressão do tempo: eram já onze e um quarto e Eastbourne ficava a...

quê? Hora e meia de viagem de Londres? Mais, talvez. Se ela queria ir e voltar antes das sete, não lhe sobrava muito tempo e nenhuma conversa franca com Tom naquele momento iria ser curta. Deixou o telefone tocar e preparou-se. Quando saiu da casa de banho, o telemóvel tinha parado de tocar pela terceira vez e havia uma mensagem a perguntar: *O que se passa?*

Perversamente, sentiu-se logo melhor em relação à ideia de evitá-lo: havia uma lógica óbvia, com certeza, em descobrir se se passava realmente alguma coisa antes de apavorar o irmão. *O quê?*, perguntou a voz sarcástica na sua cabeça. *Para além de o Nick ser um assassino, queres tu dizer?*

Ignorou-a e escreveu uma resposta: *Não se passa nada, só preciso de um pouco de espaço hoje. Explicação completa na próxima segunda-feira, prometo.*

Não me agrada. A resposta de Tom foi quase instantânea. *Mas se juras que estás a dizer a verdade, faço-o. E para de ignorar os meus telefonemas.*

Juro, escreveu ela, sentindo-se culpada. *E assim farei. Obrigada, mano.*

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O metro era a forma mais rápida de chegar a Parsons Green, mas não era suficientemente rápida. A composição demorou-se em Earl's Court, as portas abertas para a plataforma gelada, e Hannah estava prestes a sair e apanhar um táxi quando se lembrou de que tinha apenas seis libras na carteira. Ir a um multibanco iria apenas consumir mais do seu tempo. Não havia nenhuma garantia de que um táxi seria mais rápido, de qualquer maneira: era sábado e as estradas no norte de Fulham estariam engarrafadas, especialmente se o Chelsea estivesse a jogar em casa.

Encostou a cabeça ao vidro e tentou manter a calma. Fora do hotel tinha parado para olhar para o *TT*. Teria sido muito mais rápido — estava mesmo ali à sua frente, ela tinha a chave na mala —, mas, quando chegara o momento, não tinha sido capaz. Para aquilo, ela queria o seu próprio carro, *precisava* do seu próprio carro.

Estava de pé pronta junto às portas quando o metro parou em Parsons Green. A temperatura descera desde que ela tinha saído de Shepherd's Bush e um vento frio soprava na plataforma elevada. Desceu as escadas a galope e saiu da estação, a chave do carro já na mão. Ao avançar pelo lado do jardim, um carro abrandou quase até parar atrás dela e os cabelos levantaram-se na parte de trás do seu pescoço. Em seguida, porém, ouviu-o passar por cima de uma lomba e acelerar.

O *VW* estava ainda mais abaixo em Quarrendon Street do que ela se lembrava. Ao passar pela casa, achou que parecia diferente. Eles tinham saído de lá havia menos de vinte e quatro horas, mas de alguma forma já adquirira um ar vazio, as janelas no andar de cima a refletirem o céu branco frio, a alfena na sebe da frente a tremer rigidamente ao vento. Um pouco acima, do outro lado da rua, ela vira um homem num *Honda* azul com um jornal aberto em cima do volante: o polícia que vigiava a casa. Ele mal olhara para cima quando Hannah passou, mas ela sabia que a tinha visto, descartando-a como «não Nick».

Correu os últimos vinte metros para o carro, entrou e trancou a porta como se ele estivesse realmente atrás dela. Estendendo o braço, tirou o GPS do porta-luvas. Fora um presente de Mark, mas, além das raras ocasiões em que ele estava no carro, ela mal o usara, não gostando que lhe gritassem ordens. Naquele dia, porém, seria uma dádiva de Deus. Com mãos trémulas,

digitou o endereço da Internet e esperou que ele calculasse uma rota. Quando terminou, o tempo de viagem estimado eram duas horas, três minutos. *Merda*. Por um momento, considerou desistir da ideia — nunca regressaria ao hotel às sete e seria provavelmente uma caça aos gambuzinos —, mas então ouviu um eco da voz de Mark: «Os meus pais já tinham morrido.»

O trânsito à saída da cidade estava tão engarrafado que fora obrigada a colocar o carro em ponto-morto e a ficar a ver os minutos acrescentarem-se ao tempo de viagem, um após o outro. Quando viu as primeiras placas para Eastbourne, já conduzia há mais de duas horas e meia. Sessenta ou setenta quilómetros atrás, os arrabaldes de Londres tinham dado lugar a campos cobertos do tojo escuro que ela associava à costa sul, mas agora podia sentir a influência do próprio mar. O céu estava a ficar escuro, as nuvens a adensarem-se, mas à sua volta tudo parecia banhado pela luz costeira, como se a paisagem tivesse sido totalmente pincelada com esmalte. Passou por um lugar chamado Polegate, onde a arquitetura — casas isoladas, um *pub* da cadeia de *pubs* Harvester — tinha o aspeto dos anos trinta e quarenta que ela conhecia de outros lugares à beira-mar, Bournemouth e Poole. À sua direita elevavam-se suaves colinas verdes, o fim do Parque Natural de South Downs.

Quatro ou cinco quilómetros à frente, as casas começaram a ficar mais juntas e a tornarem-se mais uniformes. As casas de tijolo à sua esquerda ainda eram vistosas, mas as do outro lado da estrada eram mais pequenas e menos atraentes. Olhando para o ecrã, Hannah viu que tinha alcançado a extremidade de Eastbourne. Os subúrbios.

A duzentos metros, vire à direita, disse o GPS. Ela fez pisca e diminuiu a velocidade, e quando fez a curva viu a placa da rua: Selmeston Road. *A quinhentos metros*, confirmou a voz, *chegou ao seu destino*.

As primeiras casas eram de tijolo com dois andares, mas à medida que a rua subia a colina a partir da estrada principal havia apenas *bungalows* e mais *bungalows*. Após os telhados mais distantes erguia-se outra colina, coberta de relva e de algum tojo, acima do qual o céu estava a tornar-se ameaçador, as nuvens mais escuras agora e repletas de chuva.

Outro carro virara da estrada principal imediatamente a seguir a Hannah e ela não teve alternativa a não ser conduzir a uma velocidade razoável. Olhou em volta, abarcando o máximo que podia a cinquenta quilómetros por hora. A proximidade da estrada principal era claramente um indicador de estatuto. Os primeiros *bungalows* tinham um *design* geminado pouco comum e

eram construídos em dois níveis no flanco da colina, mas à frente eram atarracados e banais, indistinguíveis de incontáveis milhares em qualquer outro enclave de reformados ao longo da costa sul.

Chegou ao seu destino.

Lentamente, Hannah viu o número que tinha anotado pintado numa placa floral presa a um muro baixo de tijolo. O carro atrás dela buzinou e, sem fazer pisca, ela enfiou-se num espaço entre uma carrinha branca e um *Ford Fiesta* azul. O outro carro buzinou novamente e acelerou colina acima.

Desligou o motor e ficou sentada, a urgência que a tinha feito sair de Londres esgotada de repente. Pelo espelho retrovisor, olhou para a casa. Estava separada da estrada pelo passeio, depois pelo muro baixo, no interior do qual havia uma sebe ligeiramente mais alta. O jardim da frente era de três metros quadrados ou menos, com uma *Vauxhall Astra bordeaux* a ocupar uma pequena área alcatroada, consistindo o resto de um relvado aparado orlado com alfenas e três hortênsias, as suas flores queimadas a agitarem-se. Era um pouco sombrio.

Também a casa era assim. A porta da frente recuada separava duas janelas, uma de sacada — a sala de estar, adivinhou ela —, a outra mais pequena e mais subida: a sala de jantar, ou talvez um quarto. Havia cortinas finas, como cataratas, em ambas as janelas. Os telhados das casas ao lado exibiam claraboias, sugerindo que o espaço do sótão tinha sido transformado, mas, tanto quanto ela podia dizer, os donos daquela casa não tinham feito o mesmo. O local estava extremamente bem organizado, claramente o resultado de trabalho árduo, mas nada era moderno ou renovado ou novo. Excetuando o *Astra*, pensou ela, parecia que tinha sido teletransportada para os anos setenta.

Abriu a janela. O outro carro tinha desaparecido e o único som que se ouvia era o vento impetuoso. Não havia ninguém no passeio ou em qualquer um dos jardins, nenhum som de máquinas de cortar relva ou de *bricolage*, nem crianças em bicicletas ou em *skates* a gritar e a fazer barulho. O silêncio era apocalíptico, como se um vírus assassino tivesse contaminado o local durante a noite. Teria Mark realmente crescido ali, naquela casa? E se tinha, como teria sobrevivido? Malvern não era um local muito excitante para adolescentes, mas comparado com aquele lugar era Times Square.

Olhou para as suas mãos no volante. O que estava a fazer? Não devia estar ali; não devia ter vindo. Aquilo era errado — muito errado. *Então porque vieste?*, perguntou a voz na sua cabeça. Enquanto estivera em

movimento conseguira manter a resposta longe, mas agora obrigava-se a enfrentá-la: estava ali porque já não confiava no que Mark lhe dizia. Fechou os olhos quando um abismo de perda se abriu dentro dela. De que servia um casamento sem confiança?

Quando os reabriu, apercebeu-se de um movimento no espelho retrovisor. A porta do *bungalow* estava aberta, e viu um homem de cabelo grisalho sair e fechá-la cuidadosamente atrás de si. Carregava um balde que levou lentamente até à janela de sacada e pousou no chão. Devagar, as costas evidentemente a doerem-lhe, baixou-se e tirou de lá uma esponja.

O coração de Hannah começou a bater mais depressa. O homem estava na casa dos setenta, curvado e muito magro: as omoplatas eram visíveis através do tecido do anoraque acastanhado, e quando o vento soprou contra as calças, as suas pernas pareciam palitos. Mesmo assim, ela conseguia ver a semelhança familiar: ele era da mesma altura de Mark, e a forma dos seus ombros e costas, até da sua cabeça, era a mesma. Aquele homem movia-se a um décimo da velocidade, mas os

seus movimentos tinham uma qualidade precisa que lhe era totalmente familiar. Olhar para ele era como ver Mark no futuro.

Ele espremeu a esponja e começou a ensaboar a janela, o braço a mover-se em arcos metódicos e vagarosos. Quanto mais tempo o observava, mais certeza tinha Hannah: aquele era o pai de Mark, e Mark mentira novamente — ainda *estava* a mentir, *agora*, quando jurara que finalmente lhe dissera a verdade. Mais do que isso, mentira-lhe desde o início, desde o seu segundo encontro em Nova Iorque, antes mesmo de a conhecer bem.

O idoso curvou-se para molhar a esponja e os olhos de Hannah encheram-se de lágrimas. Se ele era o pai de Mark — *era*, disse a voz —, um dos seus filhos era um assassino e o outro, o bom, dizia às pessoas — *à sua própria mulher* — que ele estava morto.

A decisão levou dois segundos. Hannah limpou os olhos, pegou na mala e saiu do carro. O vento arrancou-lhe a porta da mão e, quando esta bateu, viu o homem virar-se. Ela parou à entrada do caminho de acesso.

— Senhor Reilly?

Ele deixou cair a esponja no balde e endireitou-se lentamente, como que a preparar-se. Quando ela contornou o capô do *Astra*, ele olhou para a rua atrás dela. Quando falou, manteve a voz baixa.

— Alguma coisa? Encontraram-no?

A última sombra de dúvida de Hannah evaporou-se.

— Os seus colegas estiveram cá antes — disse ele. — Há uma hora. Dissemos-lhes que não tivemos notícias do Nick.

— Senhor Reilly, eu não sou da polícia. Chamo-me Hannah Reilly. Sou a mulher do Mark.

Um olhar de espanto surgiu no rosto dele. Os seus olhos arregalaram-se e os seus lábios separaram-se como se estivesse prestes a dizer algo, mas as palavras não saíram. Durante dois ou três segundos, o homem ficou absolutamente imóvel, mas, em seguida, o seu rosto mudou de novo e sua expressão tornou-se carrancuda.

— É a mulher do Mark?

— Sim.

Ele olhou novamente para a rua.

— Ele sabe que está aqui?

— Não.

O idoso pensou naquilo, depois assentiu. Olhou para a porta de casa.

— Quer entrar?

Hannah hesitou por um momento, então fez que sim com a cabeça.

Viu-o tirar uma chave do bolso do anoraque. A sua mão tremia quando tentou enfiá-la na fechadura e, depois de duas tentativas frustradas, ele levantou a outra mão para guiá-la. Ficou de lado, fazendo-lhe sinal para entrar primeiro.

Acolheu-a um corredor estreito, com uma carpete estampada e uma atmosfera a cheirar aos cozinhados das pessoas mais velhas: carne estufada, couve demasiado cozida. Almoço — eram quase três horas. À direita havia duas portas fechadas com maçanetas baratas de metal: os quartos, ou um quarto e uma casa de banho. Pela porta aberta imediatamente à sua esquerda, Hannah viu uma poltrona com um pano nas costas orlado a renda. Havia um vaso de flores de tecido no meio do parapeito da janela. Atrás dela, o senhor Reilly fechou a porta da rua.

— Por favor — disse ele. — Sente-se. Eu vou só...

Ela entrou na sala de estar e alguns segundos depois ouviu uma porta abrir-se na outra extremidade do corredor. Com uma voz rouca, o senhor Reilly disse:

— Lizzie...

Sentar-se era a última coisa que Hannah queria fazer. Precisava de correr, espernear, esmurrar alguma coisa. Mark dissera-lhe que os pais estavam mortos, pelo amor de Deus... Quem fazia uma coisa dessas? Quem pensaria

numa coisa dessas? Olhou em volta, tentando distrair-se fazendo um inventário da sala: o sofá florido de três lugares, a televisão ultrapassada no seu carrinho de madeira folheada, as bases de copos nas duas mesas laterais, a mesinha de madeira escura, onde a *Radio Times* estava cuidadosamente aberta na data do dia. Um estojo de óculos em couro com cantos desgastados repousava sobre uma cópia do *Eastbourne Herald*. Acima da feia lareira de tijolo havia um quadro de uma paisagem das Terras Altas da Escócia, o veado pujante e a paisagem a destoarem no meio da triste domesticidade do resto da sala. Em cima da mesa no canto, um relógio de viagem fazia tiquetaque no silêncio.

Ela não ouvira, mas o senhor Reilly — *o seu sogro* — devia ter fechado a porta atrás da qual estava a mulher, porque as vozes deles, se estavam a falar, eram inaudíveis. Os únicos sons eram o relógio e o vento a fustigar a frente da casa. Uma corrente de ar agitou a parte inferior da cortina na janela de sacada.

Ao fim de alguns minutos, houve movimento no corredor. Hannah virou-se e na porta atrás dela viu uma mulher de setenta anos ou mais, as mãos juntas na frente do peito, como se estivesse a rezar. O seu rosto tinha muitas rugas, mas Hannah podia ver que pelo menos uma coisa que Mark lhe dissera era verdade: a mãe tinha sido linda. Os seus olhos eram grandes e meigos, ainda de um belo azul-escuro por trás dos óculos, e os seus lábios eram macios e carnudos. Usava batom rosa-pálido — usá-lo-ia sempre em casa ou teria acabado de o aplicar? Tinha os olhos marejados de lágrimas e o marido pousou uma mão firme no seu ombro.

— Sinto muito — disse ele. — Temos muito gosto em conhecê-la, mas é... bem, é um choque para nós.

— Ora essa, eu compreendo. Para mim, também... não sabia que vocês estavam... aqui.

— Esta é a minha mulher, Elizabeth. Sou o Gordon.

— Hannah — disse ela à senhora Reilly, que a olhava com curiosidade, analisando-a pormenor a pormenor.

— Há quanto tempo são casados? — perguntou. A sua voz era calma, com uma qualidade apressada, furtiva, como se receasse chamar a atenção para si mesma e só se atrevesse a falar depressa.

— Desde abril. Não muito.

— Nem sabíamos.

Hannah sentiu-se envergonhada, como se fosse ela a culpada, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, a mulher disse: «Chá», e saiu da sala.

O pai de Mark entrou atrapalhado no compartimento e apontou para a poltrona de costas altas.

— Por favor, sente-se. Vou acender a lareira. Normalmente esperamos até à noite, por causa do preço da eletricidade, mas esta tarde está frio. Aqui na colina estamos muito expostos ao vento. — No lado mais afastado da lareira, ele subiu as calças nos joelhos e baixou-se lentamente. Ouviu-se o estalido de um interruptor e, em seguida, ele endireitou-se, deu a volta até à frente e premiu o botão do aquecedor elétrico ultrapassado metido na lareira. Recuou a observar, como se tivesse acendido um verdadeiro lume e quisesse ter a certeza de que ardia. — Pronto — disse com satisfação quando as extremidades das bobinas começaram a ficar vermelhas.

Uma cortina de *chintz* escondia a parte inferior da poltrona e só quando se sentou e balançou assustadoramente é que Hannah percebeu que era uma espécie de cadeira de balouço.

— Desculpe, devia ter-lhe dito. Essa é a cadeira da Elizabeth... esqueço-me de que faz isso.

— Não devia tê-la ocupado se é dela. Olhe, deixe-me...

— Não, não. — Ele indicou-lhe que se sentasse. — É a melhor... ela não ficará contente se a senhora não se sentar aí. — Ele próprio sentou-se na extremidade do sofá, alisou as calças e olhou para ela. Hannah sorriu-lhe e ele retribuiu o sorriso, Mark com setenta anos. Procurando alguma coisa para dizer, ela teve uma sensação de vertigem. Porque entrara ali? Descobrira o que queria saber: eles estavam vivos. Não era o suficiente?

O relógio continuava a medir o silêncio.

— Veio de Londres? — perguntou ele.

— Sim, agora mesmo. A estrada estava péssima... o trânsito, quero eu dizer.

Trânsito? Ela parou antes que dissesse alguma coisa ainda mais inútil.

Do corredor vinha o barulho de louça e a senhora Reilly entrou com uma bandeja que baixou cautelosamente sobre o exemplar do *Herald*.

— Oh, devia ter perguntado, não devia? — disse ela, com uma expressão consternada. — Talvez prefira café...?

— Chá está ótimo... perfeito. Obrigada.

Ela sorriu, agradecida.

— Como o toma?

Reilly viu a mulher deitar leite no fundo de uma chávena e encher o resto com uma torrente fraca de chá de um bule com um abafador de croché. Hannah tentou imaginar Mark naquela sala e não conseguiu. Era uma luta imaginar o mundo dele e aquele a coexistirem. Lembrou-se dele em Montauk, da sua energia quase animal enquanto corria praia acima vindo do mar, a água a sulcar os pelos do seu peito quando ele se deitou na areia.

A chávena oscilou no pires quando a mãe dele entregou a Hannah o chá. Elizabeth serviu depois o marido, serviu-se a si própria e sentou-se ao lado dele no sofá, ajeitando a saia de poliéster azul-escura como se se preparasse para ser entrevistada ou repreendida pela diretora. Hannah procurou lembrar-se de algo para dizer, mas a senhora Reilly falou primeiro.

— Como se conheceram, você e o Mark? — perguntou. — Desculpe... importa-se que eu pergunte?

— Não, claro que não. Eu tinha um emprego em Nova Iorque, em publicidade, e uns amigos apresentaram-nos. Demo-nos bem e...

— Nova Iorque — disse o senhor Reilly, como se tivesse ouvido falar da cidade e não aprovasse.

— No ano passado... no verão antes deste. O Mark estava envolvido num grande projeto com a equipa de Nova Iorque da DataPro... — A expressão de Gordon indicou-lhe que ele não sabia que havia, ou alguma vez houvera, uma coisa daquelas.

— E casaram em abril deste ano? — perguntou Elizabeth Reilly.

— Sim. Em Chelsea, no cartório.

— Agora vive em Londres... com ele? Já não está nos Estados Unidos?

— Não, regressei há alguns meses. Não fazia sentido vivermos separados depois de nos casarmos. — Ela bebeu um gole escaldante de chá.

— É verdade, não é? Não vale a pena casar se não vão viver juntos. — Elizabeth olhou para o marido com um ar que era quase tímido. — Têm filhos? Não, claro que não tem... o que estou a dizer? Não estão casados há tempo suficiente. Não que isso importe — acrescentou rapidamente —, ser-se casado nos dias de hoje... — Ela parou, embaraçada. — Desculpe.

— Não se preocupe. — Hannah sorriu. — Mas não, não temos.

— Gostaria de ter?

— Eu... Bem...

— Elizabeth, não deves fazer perguntas tão diretas — interveio o senhor Reilly.

— Desculpe — disse ela com um ar mortificado. — Mas sei tão pouco

sobre a vida dele hoje em dia, o que faz, o que pensa sobre as coisas...

— Quando foi a última vez que o viu?

— Há dez anos, no julgamento... — Ela vacilou e olhou para o marido horrorizada, como se tivesse revelado um segredo terrível.

— Eu sei do Nick — disse Hannah. — Do processo judicial. Da Patty Hendrick, quero dizer.

— Não falamos disso — disse o pai de Mark com brusquidão. — Tenho a certeza de que compreende. Para nós, foi... — A sua voz morreu. — E agora esta outra... a médica, Hermione. — Ele pousou o chá, a louça a tilintar.

A senhora Reilly encolheu-se.

— É por isso que está aqui?

— Não. — Hannah sacudiu a cabeça. — Não tem nada que ver com o Nick. Eu apenas...

— Então porquê? — perguntou o senhor Reilly. — Porquê vir agora?

— Será que ele nos quer ver? — Os olhos da mãe de Mark iluminaram-se com súbita esperança. — É este o seu modo de...?

— Não — disse Hannah o mais suavemente que pôde. — Sinto muito.

A senhora Reilly assentiu, mas, em seguida, baixou a cabeça e concentrou-se nas mãos.

O relógio deu as três da tarde.

— O Mark magoou muito a mãe, como pode ver — disse o pai. — Não estou a dizer que não existem elementos do seu comportamento que entendemos... não achará ele que também gostaríamos de esquecer? Mas, mesmo assim... — Olhou para a cabeça branca baixa de Elizabeth. — O Nick foi a desculpa perfeita — acrescentou.

Hannah franziu o sobrolho.

— Desculpe, não percebo.

— O Mark andava à procura de um motivo para cortar relações connosco e o Nick deu-lho.

— Porque iria ele querer... ?

— Ele tem vergonha de nós, não tem?

— Eu...

— Olhe para nós. Olhe para a forma como vivemos. Acha que ele estaria orgulhoso de nós? Somos um embaraço para ele... os pequeno-burgueses chatos, comuns... uma vez chamou-me isso, na cara... que ele teve de deixar para trás a fim de criar quem quer que é hoje, um figurão. Olhe para nós e

depois olhe para ele com o seu sucesso, o seu dinheiro, o seu *estilo de vida*. — A voz de Gordon estava cheia de desdém. — Você. Com todo o respeito, parece uma pessoa decente, mas não se encaixa aqui... publicidade, Nova Iorque, o seu ar. Eu sabia que ele não a tinha mandado... não iria querer que você nos visse, que visse de onde ele veio.

— Não, tenho a certeza de que não é... — começou Hannah.

— É... se é a mulher dele, deve saber que é.

— Não o culpo — disse a senhora Reilly baixinho. — Não por isso. Ele trabalhou tanto para ter o que tem... toda a sua vida trabalhou muito. Se escolhe viver de certa...

— Não culpas o teu filho por te desprezar? — perguntou o marido sem esconder a fúria. — Por te demitir da sua vida como um reles funcionário?

— Oh, Gordon, não é isso que eu... Não faças isso parecer assim, por favor.

— É a verdade, não é? E ela é casada com ele; sabe como ele é. De qualquer forma, não é apenas uma questão de ter vergonha, isso já percebi. Ele também nos quer punir, não é?

A pergunta era dirigida a Hannah.

— Porquê? — perguntou ela.

— Por não vermos, por não entendermos o que se passava com o Nick. O Mark *percebeu* desde muito cedo, mas acreditar que um dos nossos filhos poderia ser capaz de... — Pareceu enojado. — Espero que nunca saiba o que é ter de enfrentar os vizinhos, vê-los agir com normalidade quando sabemos que andaram a ler sobre o nosso filho nos jornais, todos os pormenores sórdidos do que ele fez; que tipo de monstro tínhamos estado a... incubar.

— Também deve ter sido difícil para o Mark ter o Nick como irmão — disse ela, hesitante. — Quer dizer, parece que ele sentiu muita responsabilidade por...

O senhor Reilly resfolegou.

— Responsabilidade? Ele nunca foi responsável pelo Nick, *nunca*, apesar do que possa ter-lhe dito. Como é que alguém podia ser responsável por... *aquilo*? — Cuspiu a palavra.

— A culpa foi minha. — A senhora Reilly levantou os olhos do regaço. — A forma como lidei com eles quando estavam a crescer. Quando o Nick nasceu, ele era tão fácil. Depois do Mark...

— Fácil?! — repetiu o senhor Reilly indignado.

— No início, Gordon... quando era mais pequeno. Foi só isso que quis

dizer. Ele *era* fácil — prosseguiu ela, dirigindo-se a Hannah. — O Mark era... diferente. Difícil... pronto, já disse; ele era difícil. Mesmo quando era bebê, sentia que estava a lutar com ele, como se houvesse alguém lá dentro, um adulto, a olhar para mim dos seus olhos, a desafiar-me o tempo todo. A julgar-me. Isso parece ridículo, eu sei, mas foi o que senti.

— Elizabeth...

Ela olhou para o marido, o rosto ansioso, mas continuou.

— Ele era tão esperto... foi óbvio desde o início que era especial. E depois tivemos o Nick... engravidei novamente quase de imediato; eles nasceram com um ano de intervalo... e foi aí que o Mark começou a mudar. Eu sabia na altura que não os tratava da mesma maneira, mas não conseguia evitar. O Mark era... ele parecia querer algo de mim que eu não lhe podia dar. Deixou de dormir, não comia, e, em seguida, começou a ter mudanças de humor, não birras como outras crianças, mas mudanças de humor... costumava desaparecer, meter-se dentro dele, como se estivesse a tentar punir-me. O Nick era radioso, sorridente, e... não consegui evitar, era mais fácil de amar.

— Elizabeth, para — disse o senhor Reilly, mas ela ignorou-o.

— O Mark percebeu isso — disse ela. — Sei que sim. Viu isso e sentiu-se rejeitado, e então ficou zangado, e quanto mais zangado ficava, mais difícil era... chegar até ele. Foi quando começou... a afastar-se de mim. Quando tinha cinco ou seis anos, era uma criança fechada... como uma bolha. Levava o seu mundo para dentro de si próprio. Já não precisava de mim, nem me queria, mas o Nick... — Levantou-se de repente, os seus movimentos muito mais fluidos do que os do marido, foi até ao armário e abriu a gaveta de baixo. Retirou um pequeno álbum azul-escuro de fotografias que se encontrava sob uma pilha de papéis.

— Elizabeth, pelo amor de Deus...

— Não, Gordon, eu quero — continuou. — Vou fazê-lo. Ele ainda é meu filho.

Ao lado da lareira havia um escabelo coberto de chita. Ela levou-o até ao lado da poltrona de Hannah e sentou-se, evitando o contacto visual com o marido, que ficou no sofá a irradiar fúria. O álbum era de tamanho A5 e coberto de couro sintético. No interior, os envelopes de polietileno que seguravam cada foto estavam já um pouco baços e estalados. A senhora Reilly tratou-os com reverência, como se, se estivesse sozinha, pudesse acariciar cada um antes de virar a folha.

Passou várias páginas, depois pousou o álbum no braço da poltrona de Hannah.

— Fomos acampar para Devon nas nossas férias de verão. Ele tinha oito anos.

A fotografia fora tirada no parque de campismo e o fundo era dominado por uma grande tenda quadrada, dentro da qual era visível a silhueta de um homem — Gordon, supôs Hannah — debruçado sobre uma mesa. Mark estava sentado em primeiro plano, um pouco descentrado, num banquinho dobrável. Vestia calções e *t-shirt*, e ao projetarem-se para a objetiva, os seus joelhos eram quase comicamente bulbosos acima das canelas magras. A sua expressão, no entanto, era muito séria. O fotógrafo — a mãe, presumivelmente — tinha-o chamado e ele levantara os olhos do livro que tinha no colo com o cansaço de um velho estudioso. Não era cansaço, porém. Quando Hannah olhou de novo, viu exatamente o que Elizabeth Reilly queria dizer: ele estava fechado. Não tendo voto na matéria, estava ali em pessoa, parecia dizer a sua expressão, mas o seu eu verdadeiro, a parte que importava, estava noutro lado, fechada à chave e inacessível, privada.

— Está a ver? — perguntou a senhora Reilly. — E olhe... aqui. — Passou à frente várias páginas até uma foto de Mark de uniforme, calças cinzentas e camisola da mesma cor com decote em V com uma lista castanha na gola e nos punhos, uma mochila aos pés. Outra foto tirada sob coação: naquela, a ansiedade de Mark para fugir era palpável. Ele estava meio de lado para a objetiva, o ombro já virado, o seu peso sobre o pé de trás. Mais uma vez o rosto estava inexpressivo, fechado, mas desta vez havia outra coisa, quase disfarçada, mas definitivamente lá: desdém.

— O primeiro dia de aulas — disse a mãe. — Eu só queria uma fotografia, um registo, mas...

— Já chega — interveio o senhor Reilly. — A mulher dele não veio até aqui para ver fotografias antigas.

Hannah sentiu um desejo de proteger a mãe de Mark, protegê-la da ira corrosiva do marido.

— Não faz mal — disse ela. — Gosto de as ver, quero eu dizer. Só tinha visto uma ou duas dele em novo. É bom...

— Admira-me que ele tenha alguma. Ou talvez goste delas... talvez façam parte do seu mito de criação: vejam o que ele teve de superar para chegar onde está hoje — zombou o senhor Reilly.

Ao lado de Hannah, a senhora Reilly soltou um soluço silencioso.

Do lado de fora, houve uma rajada de vento e depois um estalido súbito, como se alguém tivesse lançado um punhado de cascalho contra a janela. Granizo — as nuvens que se tinham acumulado durante toda a tarde haviam finalmente alcançado a massa crítica. Em segundos, a sala ficou às escuras.

A mãe de Mark fechou o álbum e guardou-o no armário, de novo sob os papéis no fundo da gaveta. Quando se virou, olhou para Hannah, evitando o olhar do marido.

— Gostaria de ver o quarto dele?

Do fundo da garganta do senhor Reilly veio um som de resignação desgostosa.

No corredor, a senhora Reilly lançou a Hannah um olhar que era um misto de gratidão e conspiração e levou-a para a parte de trás da casa. Através de uma porta entreaberta, Hannah vislumbrou uma cozinha pequena e arrumada com móveis tão datados que tinham de ser dos anos sessenta. A senhora Reilly parou junto à última porta, com a mão no puxador barato.

— Não mudei nada — disse ela. — Está exatamente como costumava estar. — Baixou a voz até ser quase um sussurro. — O Gordon não gosta, fica zangado, mas não o deixo mexer aqui. — Havia fogo inesperado nos seus olhos quando ela baixou o puxador e conduziu Hannah lá para dentro.

Por um segundo ou dois, sentiu-se confusa. O quarto era esquizofrênico. Metade tinha sido claramente de um adolescente: havia uma aparelhagem preta enorme, obsoleta, com uma pilha de CD; um saco de boxe num suporte; e, sob um televisor gigante com um cinescópio de pelo menos meio metro, uma consola de jogos no meio de um emaranhado de cabos. Na prateleira sobre uma feia secretária folheada, pilhas de livros de exercícios para exames e cadernos cobertos de desenhos faziam companhia ao modelo de um *Ferrari* com trinta centímetros de comprimento e uma pilha de revistas *Loaded*.

A outra metade do quarto estava impecável e quase vazia. Ambos os lados tinham camas de solteiro, mas onde a primeira tinha um edredão numa capa cinzento-carvão, aquela tinha sido feita com lençóis brancos engomados. Na mesa de cabeceira havia um candeeiro com uma base de madeira e um quebra-luz simples de pano, não um *Anglepoise*, e onde a outra metade tinha *posters* de Bob Marley e mulheres generosamente dotadas em fatos de banho impraticáveis — como a senhora Reilly as devia adorar, pensou Hannah —, ali as paredes estavam nuas. A prateleira por cima de uma feia secretária idêntica tinha apenas uma caixa de arquivo semelhante à que Mark usava para os seus documentos financeiros.

— Eles tinham de partilhar — explicou a senhora Reilly. — Só temos dois quartos.

— O lado do Mark? — Hannah indicou a metade desorganizada, pensando que a mãe devia ter arrumado a de Nick, horrorizada depois de ele ter ido para a prisão, mas a senhora Reilly abanou a cabeça.

— Não — respondeu ela —, este é o do Mark.

— Pensei que não o tinha mudado. — Hannah franziu o sobrolho.

De novo a senhora Reilly abanou a cabeça.

— E não mudei. Ele levou a roupa e os livros quando foi para Cambridge, mas de resto era assim que o tinha.

— É muito... arrumado — disse Hannah, enquanto a palavra «monástico» surgia na sua mente. Também não era a mais correta. Isso implicava ascetismo, mas os lençóis brancos e o candeeiro simples sugeriam uma estética deliberada, um minimalismo pensado.

— Ele deixou isto — disse a senhora Reilly. Virando-se, Hannah viu que ela tinha tirado a caixa de arquivo da prateleira. — Encontrei-a debaixo da cómoda depois de ele ir para a faculdade. Ele escreveu-me a pedir que lha mandasse, mas eu disse que não, para a vir cá buscar se a queria assim tanto.

Esboçou um ligeiro sorriso, envergonhada pela sua demonstração de tenacidade, mas também orgulhosa.

— Foi um estratagema... eu sabia que, de contrário, ele não viria cá. — Encolheu os ombros. — Não funcionou, obviamente.

— O que é?

— Bem, a questão é essa. Quando a descobri assim escondida, pensei que devia ser alguma coisa importante ou. embaraçosa... — Lançou um olhar rápido na direção de uma das senhoras bem-dotadas na parede. — Mas não é. São apenas fotos, páginas arrancadas de revistas e afins. — Abriu a caixa e tirou alguns papéis para cima da mesa. — Veja. — Empurrou-os na direção dela.

Em cima, viu Hannah, em papel já amarelado e frágil, estava um anúncio a um *after shave*, um dos exclusivos apenas vendidos no Harrods ou no Harvey Nichols. A imagem a preto-e-branco mostrava uma mulher num vestido de seda branca, descalça no convés de um belo iate de madeira. A mesma brisa que enrugava a água fazia esvoaçar o seu cabelo comprido. Um homem de queixo quadrado emergia da cabina com um par de bebidas e um sorriso. O ambiente era romântico, piroso, e suscitava um desejo: use este *after shave*, dizia a foto, e esta vida será sua: a mulher linda, distante; o iate;

os aperitivos na Riviera.

Passando para o recorte seguinte, Hannah encontrou uma imagem que achou ter sido arrancada de uma revista de interiores, mostrando uma casa de vidro incrível — descrita por qualquer motivo absurdo como cabana de verão — numa ilha ao largo da costa da Noruega. A seguir a crítica amarelada do *Sunday Times* de um restaurante em Bruges com imagens de uma sala de jantar espetacular, depois uma entrevista à família que dirigia o Hotel La Colombe d'Or em St-Paul-de-Vence — com um sobressalto, Hannah lembrou-se de que Mark falara sobre isso apenas um mês antes, dizendo que sempre quisera lá ir. Havia fotos de uma casa de Londres não muito diferente da de Quarrendon Street — a cozinha em particular era muito semelhante à deles, com chão de ardósia e uma mesa comprida — e um enorme apartamento no Dakota Building com vista para o Central Park. Perto do fundo da pilha havia folhas com imagens de um velho *Jaguar XJS* e, na última, um anúncio da imobiliária Knight Frank, como os que ela vira em edições anteriores da *Country Life* no dentista, a uma casa Tudor de oito quartos no Gloucestershire, com jardins murados e campo de ténis.

— Gostos caros mesmo em adolescente — disse a senhora Reilly junto ao ombro dela. — É uma sorte ele ter acabado por ser tão bem-sucedido, não é?

Hannah teve uma súbita lembrança da primeira noite na praia de Montauk com Mark, da conversa de ambos sobre viver em Nova Iorque.

«Eu costumava estar no meu quarto», dissera ele, «a pensar em formas de fazer isso acontecer.»

Não havia sorte nenhuma envolvida, pensou ela; ele certificara-se de que era bem-sucedido. *Os pequeno-burgueses chatos, comuns, que ele teve de deixar para trás.*

A senhora Reilly estava a olhar para ela. Para esconder o rosto, Hannah foi até à janela. Como a área em frente à casa, o quintal era principalmente relvado, uma estreita faixa de vinte e cinco ou trinta metros que se estendia até uma frágil cerca, interrompida apenas por um alimentador para pássaros. O granizo caía ruidosamente em volta da casa. A seguir à cerca que dividia o quintal deles do quintal do vizinho, ela podia ver o telhado inclinado de um pequeno barracão.

— Deve ter sido muito difícil para si — comentou.

— O julgamento? — perguntou a senhora Reilly.

— Sim, mas mesmo antes disso. O Mark contou-me como o Nick era em

adolescente, como era selvagem.

— Ele dava trabalho — concordou ela, assentindo.

— Parece que foi um pouco mais do que isso.

A senhora Reilly franziu a testa.

— Ele era malcomportado quando se tratava de raparigas, sim, tenho de admitir, e depois de uma certa idade, era uma luta fazê-lo ir à escola, mas de resto...

Hannah olhou para o barracão.

— E o Jim Thomas? O seu vizinho idoso.

— Oh, não era o Nick que não se dava com o Jim — disse a senhora Reilly animada. — Era o Mark.

Hannah sentiu um calafrio.

— Mas o incêndio no barracão? E o que aconteceu à cadela?

— O incêndio foi um acidente. — A senhora Reilly pegou nos papéis e guardou-os na caixa de arquivo. — Estavam a fumar lá dentro para irritar o Jim... foi feio da parte deles, eu sei... e não apagaram bem o cigarro. Pagámos um barracão novo... o Jim ficou favorecido, acho. O antigo era bastante velho e...

— E a cadela? — insistiu Hannah.

O rosto da senhora Reilly ficou tenso.

— Tudo isso foi... um mal-entendido. Eles só encontraram a *Molly*. Não tiveram nada que ver com o seu afogamento.

À porta, o senhor Reilly lançou a Hannah um olhar duro.

— Não respondeu à minha pergunta — disse ele. — Porque veio cá?

Ela olhou-o nos olhos quando uma saraivada de granizo atingiu o vidro atrás dela. Não podia dizer-lhe a verdade: a senhora Reilly ficaria destroçada ao saber o que Mark tinha dito.

— Porque estava curiosa — respondeu ela. — Vocês são os pais do meu marido e nunca vos tinha conhecido.

Ele continuou a olhar para ela, mas a resposta parecia ter verdade suficiente para o satisfazer.

— Ele disse que nos tínhamos... distanciado?

— Distanciado. Sim.

— E a altura? Não acredito que isto não tenha nada que ver com o que acabou de acontecer. Você estava casada e morava em Londres há meses e nunca ouvimos falar de si, e agora que o Nick saiu da prisão, de repente você

aparece à nossa porta.

— Muito bem. Sim, admito que há uma ligação. Queria saber mais sobre o Nick. — Obrigou-se a manter contacto visual. — O Mark não fala do irmão, não quer... descobri o que aconteceu à Patty Hendrick puramente por acaso. E agora outra mulher morreu e a polícia está de guarda à nossa porta e não sei nada sobre ele.

— Ele é um assassino — disse o senhor Reilly a Hannah, e ao lado dele, Elizabeth encolheu-se. — O que mais precisa de saber? Ele é um assassino e nós somos pais de um assassino.

Hannah bateu com a porta do carro, prendeu o cinto de segurança e programou o GPS para «Casa». Então hesitou. Para onde iria realmente nessa noite?

Apoiou a testa ao volante. Com uma súbita saudade, pensou na sua vida em Nova Iorque, nos amigos, no apartamento, no trabalho. Não tinha percebido isso na altura, é claro, mas tudo fora tão simples então. Viu o seu escritório com a enorme mesa de vidro e as pilhas de papéis, livros e revistas; a vista para o Empire State Building do corredor. O seu assistente, Flynn, com o guarda-roupa tão-feio-que-tem-de-ser-moderno, e as intermináveis recensões sobre um qualquer restaurante que tinha aberto em Greenpoint no fim de semana. Às vezes ela queixava-se a Roisin das semanas que passavam a voar cheias de trabalho, mas, agora, daria tudo para estar de novo lá, cheia de cafeína a fazer uma direta; acordar no apartamento em Waverly e descobrir que toda aquela situação — *Até Mark?*, perguntou a voz, *O teu casamento?* — era apenas uma história num mundo paralelo.

O vento lançou outra rajada de granizo contra o para-brisas e Hannah teve um novo pensamento. Lentamente, levantou a cabeça do volante. Se os pais não estavam mortos, então onde diabo tinha Nick ido buscar um quarto de milhão de libras? Mark dissera que era a sua parte dos bens dos pais, o dinheiro da venda da casa, mas não podia ter sido, pois não? A casa dele estava aqui... eles viviam nela.

Tentou pensar. Nick não ganhara esse dinheiro sozinho, isso era certo, nem por meios legítimos, de qualquer maneira: os jornais tinham apoiado Mark nesse ponto, falando sobre a sua incapacidade de manter um emprego e como tinha recebido dinheiro da mãe para pagar a renda do seu apartamento em Borough. A menos que Mark lhe tivesse dado um prémio enorme a certa altura — o que parecia muito improvável —, a única maneira

de Nick poder ter esse tipo de dinheiro era se se tivesse metido em algo ilegal. Sentiu outra onda de exaustão: naquela fase do campeonato, pensou, não ficaria admirada se descobrisse que não havia qualquer dinheiro envolvido.

«*Oh, não era o Nick que não se dava com o Jim*», ouviu ela no tom animado da senhora Reilly e deliberadamente apagou isso da sua mente. Não, ainda não; não estava preparada.

Pegando no telemóvel, enviou uma mensagem a Tom: *Posso ficar com vocês esta noite? Estou no carro agora, mas explico quando nos virmos. Precisamos mesmo de conversar.*

Pousou o telemóvel no banco do passageiro, onde podia vê-lo, e ligou o motor. O carro arrefecera enquanto ela estivera lá dentro e a sua respiração embaciara o vidro. A esponja de camurça que ela tinha para esse efeito rolara para a zona dos pés do outro lado e Hannah soltou o cinto de segurança e estendeu a mão para ela. Estava toda esticada, com a mão quase a tocá-lhe, quando ouviu uma pancada atrás de si. Endireitando-se, viu o rosto desesperado de Elizabeth Reilly junto ao vidro. Estava com os nervos tão em franja que gritou assustada.

Abriu a janela. A mãe de Mark saíra de casa à pressa, ao que parecia: não vestira o casaco, mas segurava-o sobre a cabeça como um escudo. Puxava-o agora para a frente para proteger os olhos do granizo que fazia ricochete no tejadilho do carro.

— Sei que precisa de se ir embora — disse ela, a voz quase abafada pelo barulho —, mas eu tinha de tentar... não devia pedir-lhe, colocá-la numa posição tão difícil, mas... pode ajudar-nos? A mim... sou só eu. O Gordon não quer vê-lo, está demasiado zangado, mas eu... tenho saudades do meu filho. — Começou a chorar.

Por cima do ombro, Hannah viu o pai de Mark em pé na soleira da porta, observando-as.

— Senhora Reilly — disse ela —, está a ficar encharcada. Porque não entra? Podemos falar aqui dentro, secas.

Ela abanou a cabeça com veemência.

— Não, não posso. O Gordon... olhe, não me importo que ele nos considere inferiores — disse Elizabeth. — O Mark, quero eu dizer. Independentemente do que o Gordon diz, não me importo. Tenho sessenta e oito anos; não vejo o meu filho há dez. Só não quero morrer sem o ver novamente.

— Olhou Hannah nos olhos, suplicando.

A água corria pela sarjeta, borbulhando algures sob o carro. Os ombros do seu casaco de lã estavam encharcados.

— Não estou a pedir um milagre — disse ela. — Sei que nada vai corrigir isto. Mas se puder tentar... se puder perguntar se ele me pode ver, apenas uma vez. Não tem de vir aqui... eu posso ir ter com ele, a Londres, a qualquer lado. Hei de arranjar uma maneira.

Hannah esticou o braço através da janela e tocou no antebraço da mulher, sentindo o osso mesmo através do casaco e da manga da blusa por baixo.

— Vou tentar — disse ela. — Não posso prometer nada, mas...

— Obrigada. Oh, obrigada. — Para surpresa de Hannah, a mãe de Mark baixou a cabeça pela janela e beijou-a rapidamente na bochecha. — Não sabe o que isso significa.

— Elizabeth! — A voz de Gordon ouviu-se acima do barulho do granizo. — Anda para dentro... ainda morres de frio.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

A zona de restauração da estação de serviço estava cheia de vozes, toques de telemóveis, barulho de bandejas e talheres. Dois bebés berravam em concerto. Com mãos trémulas, Hannah abriu o pacote da sanduíche. Não quisera parar, mas não comia nada desde o pequeno-almoço e estava a perder a capacidade de se concentrar. Uns dez quilómetros antes ia para ultrapassar um carro e quase fora projetada da estrada. Nem sequer tinha visto o outro carro antes de mudar de faixa.

A sanduíche estava dura, mas ela terminou-a e bebeu um café duplo amargo antes de verificar novamente o telemóvel. A cada poucos minutos desde Eastbourne desviara os olhos para o banco do passageiro, mas a luz vermelha recusara-se a piscar. Agora, graças a Deus, Tom respondera: *Claro que podes ficar. Estamos em casa e estaremos toda a noite.*

Ela escreveu uma resposta rápida e pousou o telemóvel na mesa. Quase imediatamente, o aparelho começou a piscar. *Onde estás?*, perguntava a linha de assunto.

Não era o irmão desta vez, mas sim Mark.

Sentia o coração a galopar. Será que ele desconfiava de alguma coisa... ou saberia? Será que os pais tinham entrado em contacto com ele? Clicou na mensagem e viu o resto: *Sempre te encontraste com o Tom?* Ela recostou-se, respirando fundo. Tinha-se esquecido de lhe dizer o que estava a fazer, só isso. Pensou por um momento, depois escreveu uma resposta: *Desculpa, sim, com T & L. Sara, velha amiga de Malvern, vem jantar... posso cá ficar se não te importas? Não a vejo há anos.* Leu-a e depois enviou-a. A mentira era cobarde, mas e daí? O que era uma pequena mentira em comparação com todas as monstruosas invenções dele? Iria enviar-lhe outra mensagem mais tarde a dizer que bebera demasiado vinho e que ia lá passar a noite.

Guardou o telemóvel na mala e saiu. Alguns quilómetros depois de sair de Eastbourne, ao granizo sucedera-se uma chuva pesada que trovejava no seu guarda-chuva enquanto ela corria para o carro. As nuvens tinham apagado a luz do céu deixando apenas uma linha carmesim atrás da fila de pinheiros raquíuticos que orlava o parque de estacionamento. O relógio no tabliê marcava cinco e quarenta e cinco.

A autoestrada estava ainda mais movimentada, as pessoas a dirigirem-se a Londres para a noite de sábado. À frente, luzes traseiras ziguezagueavam

entre as faixas, dezenas de olhos vermelhos no escuro. Ficou o mais para trás possível dos camiões que passavam a ribombar, com os atrelados a ondular, projetando água dos pneus em grandes arcos.

Andara uns quinze quilómetros quando, pelo canto do olho, viu acender-se a luz do telemóvel. *Mark*, pensou, mas quando estendeu a mão para o banco do passageiro para confirmar, o nome de Neesha estava no ecrã. Neesha — no meio de toda a confusão sobre o *Audi* e os pais de Mark, tinha-se esquecido de que lhe telefonara.

Olhando para o espelho retrovisor, Hannah foi para a faixa lenta, o seu para-choques traseiro quase a bater no da frente de um camião que ia muito mais depressa do que ela pensara. O condutor carregou na buzina, soltando uma explosão tão alta que pareceu levantar o carro da estrada. Ela ainda ia a oitenta quando desviou para a berma, derrapando no cascalho solto ao travar. Atendeu o telefonema quando estava prestes a ir para o *voice mail*.

— Neesha.

— Senhora Reilly.

Mesmo com o barulho do trânsito, Hannah apercebeu-se da diferença na voz dela. Estava espessa e nasalada, como se ela tivesse uma constipação.

— Está tudo bem? Soa...

— Desempregada? — retorquiu Neesha.

— O quê? — Por um momento, Hannah não percebeu.

— Ele despediu-me.

— Despediu... O quê?

— Prometeu-me que não lhe dizia.

— Não disse — confirmou Hannah. — Não disse. Ele... adivinhou. —

Mesmo enquanto a palavra deixava a sua boca, ela percebeu como soava a desculpa esfarrapada.

— Adivinhou? — A voz de Neesha estava cheia de desprezo. — Oh, então tudo bem. Perfeito. Obrigada, de qualquer maneira. Talvez me possa dizer o que devemos fazer agora, o Steven e eu, com uma criança e uma hipoteca e sem dinheiro a entrar em casa. Eu disse-lhe... — a voz pareceu faltar-lhe — ... eu disse-lhe que não podia perder o emprego.

— Neesha, acho que não tem nada que ver com isso... acho mesmo. O Mark reagiu muito bem... na verdade, disse que estava lisonjeado por nós as duas pensarmos que...

— Isso é uma treta — disse ela. — Pode ser o que ele lhe disse, mas...

— Ele não me disse nada. Eu nem sequer sabia nada. O Leo disse-me

ontem que você recebera uma advertência... disse que se enganou nalguns números. Não me contou o que tinha sido.

— Uma advertência?! — Ela soltou um ronco gutural. — Os números em que me enganei... perguntou o que era?

— Não — admitiu Hannah.

— Anotei mal um número de telefone... troquei dois dígitos. Corrigi-o num minuto, trinta segundos, foi só verificar na Internet, mas o Mark agarrou-se a isso como se me tivesse apanhado a desviar dinheiro das contas. Eu sabia que se passava alguma coisa... ele estava furioso comigo desde que entrou no escritório. Estava apenas à espera de uma desculpa.

— Neesha — disse Hannah —, você mesma me disse que tinha cometido uns erros, a tentar conjugar...

— Dois erros minúsculos... o outro foi um erro de ortografia numa carta. Nada de importante, nada por que se despeça alguém. Só disse isso para a fazer sentir-se melhor... para fazer parecer que realmente havia a possibilidade de eu ter percebido mal e que não havia nada entre ele e aquela mulher.

Ela não vira os jornais, percebeu Hannah; não podia ter visto.

— Neesha... — começou, mas Neesha não a queria ouvir.

— Oh, não se incomode — disse ela. — Apenas achei que devia saber o que fez. — Antes que Hannah pudesse dizer alguma coisa, ela desligou. Ainda tentou ligar-lhe por três vezes, mas as chamadas foram para o *voice mail*.

Os limpa-para-brisas trabalhavam no máximo enquanto o GPS a trazia de volta aos arredores do sul de Londres. As estradas ainda estavam movimentadas, mas os passeios encontravam-se quase vazios, e as poucas pessoas na rua escondiam-se sob guarda-chuvas ou amontoavam-se nas portas. Ainda não eram sete e meia, mas parecia mais tarde, como se os bares e os restaurantes já tivessem fechado e toda a gente — todas as pessoas decentes e sensatas — estivesse enfiada em casa, em segurança.

Pensou em ir de carro até casa de Tom, mas atravessar o centro de Londres num sábado à noite podia demorar horas; seria muito mais rápido deixar o carro em Parsons Green e apanhar a linha Piccadilly para Holloway. Imaginou-se a chegar, ele a abrir a porta da frente e o alívio dela ao ser puxada da rua para a luz e o calor. Levá-la-ia direita à cozinha, servir-lhe-ia um copo de vinho e exigiria saber toda a história. A ideia de lhe contar fazia-a sentir-se enjoada, mas tinha de encher-se de coragem e desbobinar

tudo, não havia outra maneira. Ele ouviria em silêncio — céus, iria ficar horrorizado — e então perguntar-lhe-ia: *O que vais fazer?*

Enquanto esperava nos semáforos junto a Wandsworth Bridge, as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ia pedir o divórcio. *Divórcio* — a palavra ecoou na sua mente. Era tão final, tão — absoluta. Iriam discutir, haveria uma disputa legal — não muito: ela não queria nada além de recuperar as suas economias — e então acabaria, e nunca mais fariam um com o outro. O pensamento causou-lhe uma dor tão aguda que a deixou sem fôlego. Sentados na praia no escuro, a alimentar o fogo com troncos e a falar como se se conhecessem há anos; a dançarem em Williamsburg; o beijo no beco enquanto o comboio da linha J regressava a Manhattan — tudo acabara.

Mas as mentiras... ela sabia que nunca seria capaz de as ultrapassar. Não podia ficar com Mark agora que sabia que ele era capaz de mentir daquela forma, mentir e continuar a mentir enquanto ela implorava pela verdade, uma história após a outra, todas plausíveis, todas perfeitamente interligadas até ela apanhar o fio meio solto e este se desenrolar nas suas mãos. Ficar significaria viver com a possibilidade — a probabilidade — de mais mentiras para o resto da vida.

E as coisas sobre que ele mentira. Ela compreendia que ele mentisse sobre o irmão — até perdoava. No lugar dele, ao conhecer alguém de quem realmente gostava, talvez tivesse feito o mesmo nos primeiros dias. *Mas não terias continuado a mentir*, argumentou a sua voz interior; *quando soubesses que o relacionamento estava a ficar sério, terias dito alguma coisa, mesmo que isso significasse perdê-lo*. E os pais dele: ele mentira-lhe acerca deles desde o início, antes ainda de poder saber se a relação seria significativa.

Os pequeno-burgueses chatos, comuns, que ele teve de deixar para trás. Ouviu de novo a voz do pai dele. Fora por isso que Mark mentira sobre eles? Tê-los-ia desprezado assim tanto? Pensou na pilha de recortes de revistas, na aspiração e na ânsia de sofisticação que emanara de cada página como vapor. Fora por isso que Mark mantivera a sua metade do quarto tão despojada?, perguntou-se Hannah. Seria aquela a sua forma de rejeitar o que o rodeava, recusando-se a possuir qualquer parte daquele *bungalow* sufocante com as suas cadeiras de balouço de *chintz* e flores de pano? Ele concebera um tipo diferente de vida para si mesmo, página de revista a página de revista...

E agora Neesha. Hannah sabia no seu íntimo que Mark a tinha despedido por falar dos telefonemas de Hermione. Por que outra razão teria ele ido tão longe para descobrir quem lhe dissera? E se o despedimento de Neesha

tivesse sido legítimo, ele ter-lhe-ia dito, não é verdade? Falava sempre com ela sobre o trabalho — em circunstâncias normais, não havia nenhuma maneira de poder despedir a assistente sem discutir primeiro o assunto com ela.

Hannah virou para Studdridge Street, a apenas um minuto da casa. *Casa*. Luz quente brilhava nas janelas de quase todas as casas, as pessoas a instalarem-se para uma aconchegante noite de sábado com jantar e televisão. Pensou na caminhada para a estação à chuva, a hora que passaria encharcada e fria no metro até Holloway. Esperou que um carro que se aproximava passasse, depois virou à esquerda para Quarrendon Street. Havia um lugar ao fundo atrás de uma carrinha branca e ela estacionou e desligou o motor. Desligou também o GPS e guardou-o no porta-luvas, depois ficou um momento no silêncio repentino. A luz vermelha piscava no seu *BlackBerry* novamente, mas era apenas o irmão a perguntar a que horas esperava lá chegar; poderia responder-lhe assim que chegasse à estação. Deixou cair o telemóvel na mala, preparou-se para a chuva e saiu.

Enfiando o punho do guarda-chuva entre o ombro e a orelha, pôs a mala ao ombro e enfiou a chave na porta do carro. Um movimento rápido ao nível do solo assustou-a por um segundo, mas era apenas um gato, o gato malhado gordo do outro lado da rua. A água da chuva escorria junto aos seus pés.

— Não grite e não tente fugir.

Hannah ficou imóvel. A voz veio diretamente de trás dela, a menos de meio metro de distância. Uma voz de homem, calma, controlada. A voz de Mark, mas diferente — mais rouca, o sotaque menos culto. Por um segundo ou dois, o mundo pareceu parar. Ela fez menção de se virar, mas uma mão forte tinha envolvido a parte de cima do seu braço e apertava-a com força, mantendo-a de costas para si.

— Faça apenas o que eu disser e correrá tudo bem. Dê-me a chave.

— Largue-me. Largue-me... está a...

Tentou livrar-se dele, mas a mão agarrou com mais força, os dedos a pressionar a sua carne, provocando dor em todo o braço. Sentiu o hálito quente dele no seu rosto, a boca dele a um centímetro da sua orelha.

— Cale-se — ordenou ele, num tom mais duro — e dê-me a chave.

Ela apontou o outro braço para trás com o cotovelo para cima, na esperança de atingir algum sítio, surpreendê-lo o suficiente para afrouxar o aperto só por um segundo, mas ele antecipou o movimento e agarrou-lhe o pulso. Puxou-o para cima junto às costas e ela sentiu algo rasgar no

seu ombro. O guarda-chuva caiu ao chão, seguido pela chave do carro. Hannah ouviu um salpico quando ele aterrou na água e sentiu uma pontada de desespero: a chave era leve; a água da chuva iria arrastá-la e ela nunca iria encontrá-la no escuro.

A polícia — onde estava a polícia? Virou a cabeça, mas a sua visão foi bloqueada pela carrinha branca atrás da qual estacionara, e o *Honda* que tinha visto ao almoço estivera na curva, no mesmo lado. Encontrava-se escondido da sua vista — ou ela é que estava escondida. Abriu a boca para gritar, mas a mão que lhe rodeara o braço tapou-a, forçando-lhe a cabeça para trás. Debateu-se, mas ele era demasiado forte, e de cada vez que ela tentava libertar-se, sentia uma dor lancinante no ombro. Tinha na boca o gosto a couro — ele calçara luvas.

Ao desequilibrar-se fazendo-a dar meia-volta bruscamente, Hannah arquejou com a dor, percebeu que tinha a boca parcialmente destapada e gritou. O som foi chocantemente alto. Sentiu-o encolher-se e encheu-se de esperança: alguém devia ter ouvido — a polícia, um dos vizinhos. Alguém viria ver o que se passava. Alguém viria ajudá-la.

Segundos depois, a esperança morreu: não teriam tempo. Ele arrastou-a praticamente até à carrinha e abriu a porta de trás. Com um movimento brusco, empurrou-a para a frente, fazendo-a cair. Ela aterrou de borco, batendo com o alto da cabeça no chão. Atrás dela, a porta fechou-se.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A porta traseira da carrinha não tinha janelas e, da posição em que se encontrava amarrada, Hannah não conseguia mover a cabeça o suficiente para ver para a frente. Quando ele a empurrara para dentro, vira fugazmente a parte de trás dos assentos e a grade de arame pesado que os separava da parte posterior do veículo. Agora, via apenas as paredes laterais e o bocado de teto diretamente acima da sua cabeça, com os desenhos projetados pelas luzes dos candeeiros de rua.

Para onde a levaria ele?

Sentiu-se nauseada e tentou engolir. Se vomitasse com a mordança na boca iria sufocar. Não conseguia fazer barulho suficiente para ele ouvir à frente e engasgar-se-ia no seu próprio vômito, sufocando. *E se ele te ouvir?*, perguntou a voz na sua cabeça. *Achas que o Nick te vai ajudar?* Pensou em Hermione, morta no pátio das traseiras do *pub*, a cabeça esmagada, sangue, ossos e cérebro.

Fez força para trás, tentando levantar o rosto das sacas empilhadas no chão. Eram ásperas e cheiravam a terra e relva apodrecida com um vago aroma a gasolina que se colou à parte de trás da sua garganta.

Na parte da frente, a um metro de distância, mas irremediavelmente fora de alcance, ela ouviu o seu telemóvel começar a tocar. Tocou cinco vezes, depois parou quando o *voice mail* atendeu. Passaram-se vinte segundos e a seguir tocou novamente.

— Pelo amor de Deus — murmurou Nick, e ela ouviu-o remexer na sua mala. Alguns segundos depois, o toque parou pela segunda vez e ela ouviu o som prolongado que o aparelho emitiu ao ser desligado.

A sua testa latejava onde batera no chão. Ele empurrara-a para dentro e entrara atrás dela, fechando a porta atrás de si. O golpe na cabeça tinha-a atordoado por um momento, mas então Hannah começara a lutar, esperneando e gritando, tentando fazer o máximo de barulho possível. A certa altura conseguira morder-lhe a mão e ele tinha praguejado e soltara-a. Pensou que ele ia bater-lhe no rosto, mas em vez disso lançara-se de novo sobre ela, empurrando-a para baixo e sentando-se sobre o seu peito, prendendo-lhe os braços com os joelhos enquanto lhe punha a mordança. Ela contorcera-se e esperneara, tentando levantar as pernas atrás dele para lhe dar uma joelhada no fundo das costas, mas ele era demasiado forte e em poucos segundos

forçara-a a deitar-se de barriga para baixo, prendera-lhe as mãos atrás das costas e atara-as com algo duro e afiado: talvez uma abraçadeira. Tinha feito o mesmo com os seus pés.

Ele verificara duas vezes se ela estava bem amarrada e, quando ficara satisfeito, arrastara-se até à porta e saíra, levando a mala dela. Segundos depois, ouvira-o entrar na parte da frente da carrinha e ligar o motor. Fizera inversão de marcha após quatro ou cinco manobras — a rua era estreita e tinha carros estacionados de ambos os lados — e dirigira-se a Studdridge Street.

Em pânico, ela perdera rapidamente o sentido de orientação — saíam da Studdridge várias ruas; ele virara à esquerda ou apenas guinara? — mas agora ouvia lá fora um estridente bipe característico. Reconheceu-o; tinha-o ouvido inúmeras vezes: a passadeira em Parsons Green Lane, mesmo à saída da estação de metro. Tinham parado — ele estava à espera que o semáforo ficasse verde. Hannah pensou ouvir o clique de teclas — estaria ele a enviar um SMS? — e, em seguida, um estrondo em cima: o metro na ponte a abrandar, entrando na estação. Sentiu uma explosão de alegria — sabia onde estavam —, mas tão rapidamente como surgiu, desapareceu. De que servia saber onde estava? Encontrava-se amarrada e amordaçada, jazendo impotente na semiescuridão de uma carrinha conduzida por um homem que tinha matado uma mulher. Duas mulheres.

Tentar concentrar-se parecia acalmar o pânico, pelo menos até certo ponto. Devia agarrar-se a isso. Começaram a mover-se novamente e ela imaginou Parsons Green Lane, o pequeno café, a loja de *fish and chips*, o consultório médico. Ao cimo, ele virou à esquerda para Fulham Road. Hannah reconstituiu o percurso na sua cabeça enquanto ele os levava por Fulham Palace Road até à rotunda em Hammersmith e depois — dois conjuntos de semáforos, seguidos por uma aceleração súbita — para a A40. As luzes refletidas no teto mudaram, o brilho alaranjado dos candeeiros a dar lugar ao branco intermitente dos faróis que passavam rapidamente do outro lado da estrada. O seu coração começou a bater mais depressa, o pânico a surgir novamente: a menos que ele virasse em breve, dirigiam-se para a autoestrada. Estavam a sair de Londres.

O rugir dos aviões a aproximarem-se para aterrar em Heathrow foi a última coisa de que Hannah teve a certeza. Depois disso, houve apenas o som do motor e dos carros à volta deles na autoestrada, com uma ocasional tosse bronquítica áspera vinda da frente. A cada poucos minutos ouvia-se o clique

de um isqueiro e o ar enchia-se de fumo de tabaco acre. Teriam continuado na M4 ou teria Nick apanhado a London Orbital e depois uma das inúmeras autoestradas que saíam dela como raios? Não havia como saber: podiam estar a ir para qualquer lado. Sem indicadores, o sentido de tempo dela começou a desvanecer-se: teriam sido dez minutos desde que ouvira os aviões, ou vinte?

A chuva caía em ondas, às vezes com tanta força no para-brisas que ele era forçado a abrandar, outras vezes parando quase completamente.

Ela fez um inventário da sua dor. A cabeça estava mal — a têmpora com que batera latejava, enviando agulhadas de dor através do olho — mas o ombro também estava ferido. Algo, ou músculos ou um ligamento, sofrera uma rotura grave.

Hannah não conseguia deixar de pensar na mãe. Se alguma coisa acontecesse — *se ele te matar*, disse a voz —, nunca teria a oportunidade de pedir desculpa. Fora a senhora Reilly a causadora, a reverência com que mexera no álbum de fotografias barato, o seu rosto desesperado na janela do carro. Apesar de tudo, de dez anos a ser ignorada — desprezada, dissera o marido —, ela não hesitara em pedir a uma desconhecida a oportunidade de voltar a ver o filho.

Apesar da forma como Hannah se tinha comportado em relação à mãe, o comportamento brusco e a rejeição constante, esta amava-a, queria falar com ela, contava as semanas e meses entre as visitas esporádicas da filha. Hannah lembrava-se de estar na cozinha em Malvern enquanto adolescente, a citar *O Segundo Sexo* — não fora uma descoberta sua, davam-no a francês — e a denunciar as escolhas que a mãe fizera na vida, e sentiu vergonha de si mesma. Sim, a mãe nunca tivera uma carreira, nunca quisera uma além de criar os filhos, mas não podia ela, Hannah, um dos beneficiários desse amor, dessa atenção e desse sacrifício, respeitar isso? Mostrar-se grata? Apesar de toda a dor que tinha causado, percebeu Hannah, podia sempre contar com a lealdade inabalável e com o amor da mãe. Pensou na alegria que ouvia na voz de Sandy quando lhe telefonava, o seu medo óbvio de ter ligado numa má altura, e quis chorar de vergonha. Se escapasse daquilo com vida, pensou, iria a Malvern lançar-se aos pés da mãe, dizer-lhe que a amava e a valorizava e que estava arrependida.

Ouviu o pisca antes de começarem a sair da estrada. Ele estava a conduzir depressa, mas não tão depressa, percebeu com desespero, que chamasse a atenção da polícia. Ela conseguia senti-lo, a sua presença física parecia pesar no ar, mas ele ainda não lhe dirigira uma palavra desde que fechara as portas.

O silêncio era pior do que qualquer coisa que pudesse ter dito. Anos atrás, nas notícias, ela vira Stephanie Slater, a mulher que Michael Sams raptara e mantivera amarrada vários dias num contentor do lixo. Ela dissera ao entrevistador que tinha falado com ele, nunca o deixando esquecer que era uma pessoa real, tentando tornar mais difícil para ele matá-la. Mas aquilo ali não era sobre sexo, e ela não era uma pobre mulher arrancada da rua ao acaso.

Hannah tentou pensar logicamente. Porque iria Nick matá-la? Tivera uma razão para matar Hermione, mas ela, Hannah, não lhe tinha feito nada. O que esperava alcançar? Em seguida, teve outro pensamento. E se ele falara finalmente com Mark e sabia que o irmão não tinha o dinheiro? Seria isso? Era algum tipo de vingança? Ou iria ela ser usada como moeda de troca? Como engodo?

Já iam na estrada há muito tempo, talvez hora e meia, talvez duas horas, quando ela ouviu de novo o pisca e a carrinha começar a abrandar. Subiram uma pequena inclinação e o barulho do tráfego da autoestrada diminuiu. Uma breve pausa, em seguida, um clarão verde no teto e recomeçaram a mover-se, mas mais lentamente, setenta quilómetros por hora agora, não noventa. Esforçou-se por ouvir qualquer coisa que indicasse o local onde estavam, mas para além de um outro veículo a cada minuto ou assim, e o som do vento nas árvores, não havia nada. A estrada tinha mudado, também, curvando-se para um lado, depois para o outro, descendo e depois subindo. Não havia luz dos candeeiros de rua no teto, nem semáforos. Estavam no campo.

Após uns dez ou quinze minutos, abrandaram quase até parar e saíram da estrada para o que parecia ser uma faixa de terra. A carrinha passou por vários buracos, fazendo a anca e o ombro de Hannah bater no chão. Já deviam estar quase a chegar ao destino, fosse ele qual fosse.

A estrada sob as rodas mudou novamente e passavam agora por cascalho. Nick parou e saiu, batendo com a porta. Ouviu-se o ranger de passos e, em seguida, as portas traseiras abriram-se e Hannah viu-o recortado contra o céu. Pegando nas pernas dela, ele arrastou-a em direção à porta e fê-la sentar-se. Tirou uma faca do bolso e ela sentiu medo, mas então viu-o inclinar-se e cortar a abraçadeira em torno dos seus tornozelos com um movimento ascendente rápido. Segurando-a pelos braços, levantou-a. Ela lutou, tentando libertar-se e dar-lhe uma cabeçada, mas ele apertou-a com mais força e segurou-a à distância dos braços.

— Eu não me dava a esse trabalho — disse ele num tom neutro. —

Estamos a quilómetros de qualquer lado.

Após as sacas fétidas, o ar frio da noite cheirava lindamente. Ela inspirou pelo nariz, tentando ver-se livre do cheiro a vegetação em decomposição e gasolina. Ocorreu-lhe que aquela podia ser a última vez que cheirava ar fresco e rejeitou a ideia, obrigando-se a manter a calma.

Com a mão entre as omoplatas dela, Nick empurrou-a, contornando a carrinha. Uma nuvem tapou o luar mas os olhos de Hannah estavam habituados ao escuro e ela viu a frente de uma grande casa, pedra clara com árvores atrás. Era a casa da fotografia no jornal, aquela onde aparecia o seu descapotável.

Ela tropeçou quando prendeu o pé numa laje do carreiro irregular, mas ele amparou-a, puxando-a para trás, fazendo-lhe doer de novo o ombro. Com uma mão na gola do casaco dela, Nick abriu a porta e empurrou-a para dentro. Então fechou a porta, trancou-a novamente e guardou a chave.

Estendendo a mão, acendeu a luz. Hannah pestanejou. Estavam num corredor, chão de pedra polida sob os pés, uma grande escadaria a desaparecer na escuridão do primeiro andar. Havia uma série de quadros a óleo sombrios em molduras douradas ornamentadas, e na parede ao fundo da escada uma cabeça de veado com chifres ramificados. À esquerda e à direita havia portas fechadas. O ar estava quente, mas cheirava muito a pó, como se a casa tivesse estado vazia bastante tempo e o aquecimento tivesse sido ligado pouco antes.

À frente deles, um corredor conduzia à parte de trás da casa. Com um empurrão, ele dirigiu-a para a frente. Dobraram uma esquina, passaram por outro par de portas fechadas e entraram num aposento ao fundo. À luz fraca da janela, Hannah distinguiu uma mesa com cadeiras e, em seguida, na outra extremidade, um lava-louça e um fogão.

Nick acendeu a luz, puxou uma cadeira e sentou-a. Pondo-se atrás dela, amarrou-lhe os pulsos à travessa nas costas da cadeira, em seguida, contornou-a e agachou-se diante dela. Ela tentou dar-lhe um pontapé na cara, mas ele agarrou-lhe o tornozelo antes que o alcançasse.

— Esteja quieta, está bem? Não há necessidade de tornar isto mais difícil.

Através da mordança, ela fez um som que queria que ele interpretasse como «vá-se lixar».

Pela primeira vez, viu Nick de perto. Não era de admirar que o tivesse confundido com Mark junto à mercearia. Como sabia pelas fotografias, ele

não tinha um sinal, e os seus olhos eram maiores e ainda mais escuros do que os de Mark, as pupilas quase indistinguíveis das íris, mas a estrutura dos seus rostos era a mesma. A única diferença real, via ela agora, estava na pele. Embora tivesse quarenta anos, Mark podia passar por trinta e dois ou três, mas ninguém daria essa idade a Nick. Parecia mais velho dez anos, se não quinze. A sua testa e a área em redor dos olhos estava sulcada de rugas, e outras, mais profundas, resultado de anos de tabagismo, irradiavam da sua boca. Usava o casaco azul-escuro com que ela o vira antes, aquele parecido com o de Mark, mas as suas calças de ganga pretas eram velhas, desbotadas e brancas nas costuras, e o seu gorro era de uma mistura de *nylon* e lã, completamente diferente do de caxemira que Mark comprara no Barneys numa viagem a Nova Iorque no ano anterior.

Continuando a agarrar no tornozelo dela, ele encostou-o à perna da cadeira, tirou outra abraçadeira do bolso e prendeu-o. Depois de amarrar a outra perna, levantou-se e foi para trás dela novamente. Ela sentiu-o a puxar as suas mãos e, em seguida, confusa, percebeu que as soltara. Sentindo a dor no ombro, pousou-as no colo e viu vergões vermelhos profundos em torno dos pulsos. Um momento depois, sentiu mãos na parte de trás da sua cabeça e ele tirou-lhe a mordança.

Hannah inspirou uma grande golfada de ar que lhe atingiu o fundo da garganta e a fez engasgar-se. Tossiu até lacrimejar.

— Seu... — resmungou ela, assim que conseguiu. — Seu...

Nick levantou as mãos, palmas para ela.

— Desculpe.

Ela estava prestes a gritar, mas o tom dele fê-la conter-se.

— Está a pedir-me *desculpa*?

— Sim, peço imensa desculpa. Não teria feito isto assim se pudesse escolher, mas... De qualquer forma, não vou magoá-la e lamento muito tê-la assustado.

Hannah observou-o, mas ele parecia estar a falar a sério.

— Que diabo está então a fazer? Você *raptou-me*.

— Não ia entrar no carro de livre vontade, pois não?

— Mas...

— Trazê-la para aqui é a única maneira de fazer o meu irmão cá vir.

Recusou encontrar-se comigo e não atendeu os meus telefonemas, portanto...

Hannah quase riu.

— Ele anda a tentar falar consigo há *dias*, fartou-se de lhe ligar ainda

antes de você sair da prisão, até...

Ela interrompeu-se. *Hermione*.

— Não — disse Nick simplesmente. — Ele não me ligou uma única vez.

— Está a mentir — disse ela, abanando a cabeça. — Ele disse que tinha tentado falar consigo. Foi visitá-lo à prisão. Ele...

— Sim — admitiu Nick —, ele foi visitar-me, isso pelo menos é verdade, mas tenho a certeza de que ele não lhe disse porque lá foi. De qualquer forma — encolheu os ombros —, acredite em mim quando lhe digo que não teria tido este trabalho todo se não fosse obrigado. Imagine como pareceria aos olhos da polícia... no meu terceiro dia de liberdade.

Caminhou até aos armários e ela viu-o abrir um e tirar uma garrafa de uísque e dois copos. Levando-os para a mesa, sentou-se em frente a ela. Manteve o casaco vestido, mas tirou o gorro e enfiou-o no bolso. Por baixo, o cabelo estava quase rapado. Verteu um pouco de uísque nos copos e entregou-lhe um.

— Tome. Acho que está a precisar.

Ela olhou para ele por um segundo e, em seguida, bebeu um gole que a fez tossir novamente.

— Mande-lhe um SMS para ele saber onde estamos.

Ela sorriu.

— Então a polícia vai chegar a qualquer minuto, não vai?

Nick olhou-a por cima da borda do copo.

— Duvido.

Ele tirou do casaco um telemóvel barato vermelho que pousou na mesa à sua frente e um novo maço de *Embassy*. Arrancou o celofane e tirou o papel prateado de cima.

— Não sei o que ele lhe disse sobre mim — prosseguiu —, mas a avaliar pela forma como fugiu na outra noite, suponho que foi uma bela história. Quero contar-lhe a verdade.

— Não quero ouvi-la.

— Bem, temos pena. — Ele esboçou um sorriso. — Você é o meu público. — Abriu a garrafa novamente e serviu-se de mais. — Precisa de ouvir a verdade sobre o que aconteceu. À Patty...tudo.

— Já lhe disse, não estou interessada — retorquiu ela, mas havia algo na franqueza do olhar dele que fez o seu coração começar a bater muito depressa. *Ele é um psicopata*, disse a si mesma, *um manipulador; isto é o que ele faz*, mas o seu rosto tinha uma expressão franca e ela pensou nos

pais dele, enfiados no seu *bungalow* em Eastbourne, ainda vivos.

— Pode estar mais interessada se eu lhe disser que o Mark também lá estava.

— Sim, na discoteca naquela noite. Eu sei.

— Não na discoteca ... no meu apartamento. Ele estava lá quando a Patty morreu.

Hannah sentiu-se gelar.

— Está a mentir — disse ela.

Nick abanou a cabeça.

— Não.

Enfiou um cigarro na boca e acendeu-o com o isqueiro. Quando inalou, o tabaco crepitou no silêncio.

— Ele contou-lhe a versão oficial, obviamente... eu sou o monstro que viu a Patty morrer e não chamou uma ambulância.

— Ele não me disse. — Hannah sentiu uma onda de alívio. — Li sobre o assunto na Internet, nos velhos artigos de jornais. Você foi julgado e considerado culpado.

Ele assentiu.

— Sim. Mas o júri só pôde basear o veredito nas provas que lhe foram apresentadas.

— Oh, vamos lá — disse ela, revirando os olhos. — Nem tente...

— A chave para uma mentira bem-sucedida é ficar o mais próximo possível da realidade. É a primeira regra do logro, não é?

— Diga-me você.

Ele ignorou-a.

— Então, uma grande parte era verdade. Eu estava farto do Mark e queria irritá-lo, de modo que uma noite, quando a namorada dele estava com os copos, engatei-a e levei-a para casa. — Deu uma passa no cigarro, observando a ponta a ficar vermelha e depois escura novamente. — Nunca me irei perdoar pelo que aconteceu à Patty... estou sempre a sonhar com ela. Ela não merecia aquilo, ninguém merecia, e o que eu fiz foi... — Ele abanou a cabeça. — Tudo se descontrolou. Estávamos os dois tão passados... tínhamos bebido muito e snifado imensas linhas, e...

— Você injetou-a quando ela estava quase inconsciente.

Os olhos adquiriram uma expressão dura.

— Acha que não sei isso? Acha que não tive tempo suficiente ao longo dos últimos dez anos para refletir sobre isso? Vivo com o que fiz todos os

dias. — Puxou uma longa baforada no cigarro e uma coluna suave de cinza caiu sobre o tampo da mesa. — O Mark. Irritei-o e ele vingou-se e lixou-me. Dez anos da minha vida.

— E a vida dela? — perguntou Hannah. — Você deixou-a morrer. Encheu-a de drogas, e então, quando tudo correu mal, limitou-se a deixá-la morrer. Ele não teve nada que ver com isso. Ele...

— Cale-se um bocadinho e ouça, está bem? — O cigarro estava no filtro e Nick apagou-o no pires, queimando as pontas dos dedos. — A discoteca, eu levá-la para casa, isso foi na sexta-feira à noite... sábado de manhã. No domingo à tarde, o Mark apareceu no meu apartamento. Eu não queria deixá-lo entrar... ele estava danado, gritava e batia na porta, e eu ainda a tinha lá. E estava passado, estávamos ambos... nessa altura a festa durava há dois dias. O Mark empurrou-me ao entrar. Fez tanto barulho que a Patty apareceu na sala de estar para ver o que se passava. Ficou à porta, nua, quase incapaz de se aguentar em pé. — Nick olhou para baixo, evitando o olhar de Hannah. — O Mark agarrou-a e atirou-a de cara para baixo no sofá. Perguntou-lhe se ela gostava de ter relações sexuais com os dois irmãos.

Hannah foi invadida por um medo repentino.

— Pare — disse ela. — Por favor, pare agora.

Ele abanou a cabeça.

— Você precisa de saber.

Ela fechou os olhos, como se isso a impedisse de ouvir.

— Tentei tirá-lo de cima dela.

— Não acredito em si... não acredito em nada disso. É uma treta.

— Tentei tirá-lo — continuou Nick, ignorando-a —, mas ele estava sóbrio e eu não, pelo que não tive a menor possibilidade. Ele empurrou-me e eu bati com a cabeça na esquina da mesinha. Não sei quanto tempo estive desmaiado, mas, quando recuperei os sentidos, ele estava de pé junto dela com as calças desabotoadas e ela estava de bruços a emitir uma chiadeira. Tinha o rosto branco e azul em volta da boca e estava a suar. Eu disse que devíamos chamar uma ambulância... pensei que ela estava a ter um ataque cardíaco. Avancei de gatas pelo chão, o sangue a escorrer-me do olho, tentando encontrar o meu telemóvel, mas o Mark deteve-me. Disse que eu iria para a prisão por tráfico e que podíamos ajudá-la nós mesmos: fazer boca a boca, compressões torácicas...

— Só que não fizeram.

— Eu fiz. Tentei e tentei e tentei, mas não funcionou. Meu Deus, quando

me dei conta de que ela estava morta...

Houve silêncio por alguns segundos. Hannah olhou para as mãos. Ouvia o seu sangue a rugir, a fluir demasiado depressa, e o quarto oscilou em seu redor. Ele violara-a — Mark violara Patty. O seu marido, o homem com quem era casada, com quem partilhava a cama, com quem dormia.

— E depois o que aconteceu? — perguntou ela calmamente.

— Eu disse que tínhamos de chamar a polícia e ele disse que sim, mas para esperar um momento. Disse que tínhamos de pensar em termos estratégicos.

— Em termos estratégicos?

— Foi essa a expressão que ele usou. Basicamente, afirmou, era impossível sairmos daquilo incólumes e por isso tínhamos de aproveitar a situação o melhor que podíamos.

Hannah sentiu o conteúdo do estômago subir-lhe à garganta. Mark violara uma mulher, ela tinha morrido, e em seguida ele pensara em *estratégia*.

— Se chamássemos imediatamente a polícia, disse ele, seríamos ambos acusados... estávamos lá os dois, haveria ADN de ambos no corpo dela. Mas as coisas pareciam muito piores para mim. Ela era namorada dele... havia uma razão para o seu ADN estar nela, e as pessoas tinham-nos visto juntos na discoteca na sexta-feira... não era segredo que eles tinham dado uma rapidinha. E, como ele observou, fora no meu apartamento que ela tinha morrido.

Nick passou as mãos sobre a cabeça e ela ouviu os dedos rasparem no cabelo curto.

— O Mark disse que se fôssemos os dois para a prisão, perderíamos tudo. A DataPro estaria acabada, e quando saíssemos ninguém nos daria emprego. Mas — Nick olhou para ela —, se um de nós arcasse com as culpas, o outro poderia manter a DataPro a funcionar e, em seguida, quando tudo acabasse, a empresa ainda existiria.

— Eu não...

— Disse que, como a DataPro era sua, fazia sentido ser ele a geri-la. A morte da Patty foi um acidente, foram as drogas e a bebida que a mataram, segundo ele, não algo que lhe tivéssemos feito, portanto a polícia não poderia acusar-me de nada que acarretasse uma longa pena.

— E você engoliu?

— Não me limitei a engolir — disse Nick zangado. — Sou estúpido, mas não tanto. Fiz um cálculo. De qualquer forma, eu sabia que ia estar na merda.

Quero dizer, se leu os artigos, sabe todos os pormenores... eu não ia ficar impune. Dei-lhe a droga; ela estava em minha casa; havia... marcas nela: eu ia para a prisão. O Mark disse que, se eu não contasse que ele estivera em minha casa naquela tarde, iria pagar-me dividendos da DataPro quando eu saísse.

— Quanto? — perguntou ela, embora já soubesse.

— Dois milhões.

Hannah fechou os olhos por um momento.

— Você não possui ações nenhuma, pois não?

— Do que está a falar?

— Ele disse-me que você é dono de doze por cento da empresa; que investiu a sua parte da herança dos seus pais... um quarto de milhão.

— Herança? Os nossos pais não morreram.

— Agora sei isso — respondeu ela. — Mas descobri apenas hoje. O Mark disse-me que você tinha investido a sua herança e os dois milhões eram para comprar os seus doze por cento.

Nick respirou fundo.

— Quem me dera... — Abriu de novo o maço e tirou outro cigarro.

Acendeu-o e inalou profundamente, retendo o fumo nos pulmões. — O que teria feito no meu lugar? Eu ia para a prisão de qualquer maneira, e se fizesse as coisas assim, teria dinheiro à espera quando saísse, o suficiente para me aguentar durante o resto da vida, mesmo que ninguém me desse emprego. Disse a mim mesmo que cumprir a pena seria o meu trabalho: ficaria na prisão e depois receberia o pagamento.

Fazia sentido.

— Faria se pensasse que ia para a prisão só um par de anos — disse ela.

Ele inclinou a cabeça.

— Nunca pensei que me acusassem de homicídio involuntário.

— Porque não disse nada quando o fizeram?

— Nunca pensei que ia ficar dentro dez anos. O meu advogado disse que seriam três ou quatro... a Patty era adulta, sabia o que estava a fazer. Que eu teria atenuante por bom comportamento e liberdade condicional... então fui na conversa. Apenas para ser lixado de novo pelo Mark.

— Quer dizer...

— Ele não me vai pagar. — Nick olhou para ela. — Seja qual for a razão que ele lhe deu para ir a Wakefield, é mentira. Ele foi dizer-me que eu podia receber duzentos e cinquenta mil... um oitavo do que tínhamos acordado... era

pegar ou largar.

As economias dela e a nova hipoteca.

— E se não aceitasse?

— Se eu não aceitasse os «novos termos», como lhes chamou, disse que ia certificar-se de que eu voltava para a prisão antes de os meus pés tocarem no chão. Durante toda a vida ele tentou tirar-me o que era meu. Por mais que tivesse, nunca era suficiente... ele não é feliz a menos que eu não tenha nada. No dia em que foi visitar-me, pela segunda vez, até saiu de lá com os meus malditos cigarros.

Hannah sentiu-se gelar novamente.

— Ele disse-lhe como é que ia pô-lo de novo na prisão?

— Mencionou a Hermione... acho que foi a única coisa em que conseguiu pensar. No tribunal, ela disse algumas coisas sobre a nossa vida sexual que foram um pouco...

— Você não esteve em contacto com ela? Não a ameaçou?

— O quê?

— Nick, a Hermione está morta.

Ele olhou para ela e o cigarro caiu-lhe de entre os dedos. Se houvera algumas dúvidas na mente de Hannah, um olhar para ele agora acabara com elas.

— Morta? — repetiu ele numa voz fraca. — Você está...? Está a dizer-me a verdade, não está?

— Ela foi atacada perto do hospital, a caminho de casa... espancada até à morte. Morreu de ferimentos na cabeça.

— Quando?

— Quinta à tarde... no final da tarde. Nick, encontraram um maço de tabaco com as suas impressões digitais no local.

Ele fez um som gutural terrível como se estivesse a trazer ao de cima uma parte profunda e integral de si mesmo, mas Hannah mal deu por isso. Mark tinha matado Hermione — *Mark*. Planeara tudo — fizera-o a sangue frio. Hannah recordou tudo o que ele lhe dissera, tudo o que tinha acontecido. Lembrou-se dessa noite: tinha visto Nick junto à mercearia e Mark atravessara Londres a correr para a encontrar. Onde estivera ele? Deixara a mensagem no telemóvel de Hermione às oito e quarenta e cinco; estava na sala de estar e deixara uma mensagem a uma mulher que ele sabia estar morta — fizera uma piada: *«Hannah... a minha mulher... acho que vocês já se conhecem.»* Agora lembrava-se da sua estranha energia nervosa, os nós dos

dedos brancos no atizador ao mexer no lume. Oh, Deus — ele beijara-a; empurrara-a contra a parede e tentara fazer sexo com ela. E no dia seguinte, quando a polícia chegara, a forma como ele tremera... Ela julgara que era devido ao choque, à dor, mas ele devia ter pensado que tinham vindo prendê-lo. Hannah teve várias ânsias de vômito. Ele matara uma mulher — não apenas uma mulher: uma amiga. Voltara para casa depois de espancar uma mulher até à morte e tentara fazer sexo com ela.

Nick estendeu a mão sobre a mesa e pegou na dela. Segurou-a com força e ela olhou para os dedos de ambos, os dela pálidos, os dele manchados de nicotina.

— Ele disse-me que você também o tinha ameaçado — admitiu ela. — Disse que você era violento.

— A julgar pela forma como você fugiu na outra noite, resultou.

— O que quer dizer?

— Ele não queria que você falasse comigo, pois não? Assim, meteu-lhe medo, certificando-se de que desatava a fugir mal me visse.

Hannah lembrou-se da urgência com que Mark a tinha enfiado no táxi à porta do *pub* naquela noite, como a tinha feito prometer permanecer no interior do hotel, como lhe agarrara a mão quando regressavam do jantar no Mao Tai. A conversa naquela noite — ele dissera que Nick andara a ameaçar Hermione, que fora por isso que ela parecera tão apavorada no corredor do hospital, mas era *dele* que ela estava com medo. Ele era o assassino.

Fechou os olhos novamente, como se pudesse apagar as imagens. Amara-o, confiara nele e durante todo o tempo ele engendrara uma filigrana de mentiras tão cuidadosamente elaborada que a deixou sem fôlego.

Ficaram em silêncio durante bastante tempo. Nick fumava cigarro atrás de cigarro, enchendo lentamente o pires de beatas, mas não tocou no uísque novamente. A cada poucos segundos, os seus olhos pousavam no telemóvel vermelho barato, e ao fim de algum tempo começou a pegar-lhe, pressionando teclas para iluminar o ecrã, verificando, depois tornando a verificar.

Hannah observou as silhuetas de ambos no vidro da janela atrás dele, a parte de trás da cabeça de Nick, o seu próprio rosto branco. Os cortes nos seus pulsos latejavam e sentiu-se grata: a dor era algo em que podia concentrar-se, uma âncora na realidade. Caso contrário, estaria a flutuar. Analisou os seus sentimentos com uma espécie de distanciamento. Devia

estar com medo, em pânico, mas fora invadida por uma estranha sensação de calma. Talvez fosse um reflexo protetor, pensou. Talvez aquilo fosse demasiado para uma pessoa abarcar de uma assentada e a sua mente tivesse entrado numa espécie de estado de fuga. Talvez, quando aquilo acabasse, ela não se lembrasse de nada.

Estranhamente, também, sentia-se melhor — limpa. Durante dias e dias andara a peneirar as mentiras dele, sentindo-se cada vez mais suja à medida que analisava as camadas. Agora, finalmente, podia segurá-lo na mão e levantá-lo para a luz: o núcleo duro da verdade que ele se esforçara tanto por esconder.

— Todas essas coisas por que vocês se odeiam... — disse ela, quebrando o silêncio.

— Não — interrompeu Nick, levantando os olhos do telemóvel. — As coisas por que o Mark me odeia. Odeia-me desde o dia em que nasci. — Pegou no papel prateado que estava na mesa e virou-o entre os dedos. — Ele odiava-me porque a minha mãe me amava. Esse foi o meu crime na altura, quando éramos bebés: eu amava a minha mãe e ela amava-me. O Mark não suportava isso.

— Quando é que percebeu? Quantos anos tinha?

— Não me lembro de uma altura em que não soubesse — disse ele. — Era um facto da minha vida, presente desde o início, como ter pais e crescer e saber que iria para a escola um dia. O meu irmão a odiar-me, constantemente à procura de formas de me magoar.

Hannah pensou na meiga Elizabeth Reilly e na culpa que carregava.

— Acha que a sua mãe *era* tendenciosa?

Ele esfregou a cabeça com a mão.

— Não sei... quando tive idade suficiente para perceber isso, a situação durava há anos. Mas, ainda em criança, lembro-me de pensar que a forma como o Mark agia em relação a ela era estranha. Pensei nisso enquanto estive dentro, como era terrível. Ele queria tanto o amor dela, desejava-o, mas só se fosse exclusivo. Houve momentos em que pensei que ele podia matar-me para obtê-lo. Mesmo quando éramos crianças... pequeninos... eu costumava pensar isso.

No dia anterior, pensou Hannah, ela ter-se-ia rido da ideia.

— Eu costumava ter cuidado nas plataformas das estações — continuou Nick —, esse tipo de coisa. Parece ridículo, mas podia imaginar um dia em que ele via a oportunidade e a aproveitava. Sabe, o empurrão na plataforma

vazia, ninguém lá para ver.

— Isso é... horrível.

Ele encolheu os ombros.

— É a história das nossas vidas, o Mark a tentar magoar-me. Se não mesmo a matar-me, então a lixar-me. — Carregou numa tecla para iluminar o ecrã: nada. — Como provavelmente já percebeu, o Mark é um excelente estratega. Ele é mais esperto do que eu, sempre foi... eu sou estúpido e impulsivo, estrago tudo, mas ele... é como uma aranha. Faz uma teia, uma coisa complexa e grande, então senta-se nela e espera, as pernas em todos os diferentes fios, à espera de uma mudança na tensão, o sinal de que a presa foi apanhada.

Hannah colocou os braços em volta do tronco.

— Ele é um génio nisso, na verdade. No jogo da espera. Foi por isso que nunca me empurrou para debaixo de um comboio... teria acabado demasiado depressa. Seria mais divertido para ele ver como podia lixar-me ao longo de anos e anos. Foi ele quem me meteu na droga... conhecia a minha personalidade, como é fácil para mim ficar viciado. Ele conseguia fazê-lo: fumar um pouco de erva, tomar um pouco de *ecstasy*, arranjar material do bom e certificar-se de que eu ficava realmente agarrado, depois parar. Enquanto isso, lá estava eu com um vício novo. Provavelmente podem contar-se pelos dedos de uma mão o número de vezes que ele sniffou coca, mas eu... Bem, eu fiquei mesmo mal. Não foi só... o que aconteceu. Antes disso, durante anos, eu era um caso perdido. Perdi emprego após emprego, tirei o curso a muito custo... havia dias em que simplesmente não conseguia sair da cama. E isso destruía-me financeiramente, claro... engolia cada centavo do que eu conseguia ganhar.

— E quanto ao Jim Thomas? — perguntou Hannah. — O vosso vizinho. Nick olhou para ela.

— O Jim?

— O que aconteceu à cadela, a que se afogou? Os jornais disseram que foi você, mas a sua mãe disse-me que foi um mal-entendido.

— Não foi nenhum mal-entendido. O Mark afogou a *Molly*. Ele odiava o Jim, odiava-o mesmo... o Jim topava-o a léguas e ele sabia disso.

— A sua mãe disse que vocês os dois a encontraram afogada.

— Não, eu encontrei-a afogada. Tinha estado com uma rapariga depois das aulas e voltava para casa perto do ribeiro. O Mark meteu-a num saco com pedras... quando me aproximei, ele já estava a fugir dali. Ainda entrei na

água, mas...

— Então porque pensam as pessoas que foi você?

— Porque era eu quem tinha a má reputação: as raparigas, as drogas, baldar-me às aulas.

Hannah franziu o sobrolho.

— Porque não disse nada?

— Porque ele me avisou que, se eu dissesse, me iria denunciar por vender erva na escola, o que eu *fazia* mesmo. Compreende? Era nisso que ele era bom: sabia tudo, calculava tudo. E tudo podia ser ligado a outra coisa. A teia de aranha...

Hannah apontou para o tabaco.

— Posso?

Ele empurrou-o sobre a mesa com o isqueiro.

— Ele costumava dar a entender que eu era uma espécie de animal selvagem... estúpido, pouco civilizado. Um bruto. — Pegou no maço e tirou um cigarro para si. — Claro, a ironia é que sou um bruto agora... dez anos de prisão brutalizaram-me. — Acendeu o cigarro, inalou e expeliu o fumo numa pluma fina. — Foi... se consegue imaginar o inferno, sabe o que é uma prisão. É em Wakefield que estão os criminosos sexuais, os violadores. Não era a Ford, com o Jeffrey Archer a escrever um romance e uma data de membros do parlamento desonestos a jogar pingue-pongue. Ninguém nos avisa sobre o barulho. durante todo o dia, toda a noite, as batidas, os gritos, as pancadas, os cânticos, portas de metal a bater, campainhas. Partilhei celas com pessoas analfabetas, perturbadas. Dez anos sem privacidade, a contar as horas até poder ir para a cama e dizer que sobrevivi a mais um dia. Não que houvesse sono. Houve uma vez...

Ele parou e Hannah viu o seu corpo ficar hirto. O som da campainha ecoou pela casa.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Hannah enfiou os dedos entre a abraçadeira e a perneira das calças de ganga e puxou com toda a força. O plástico cortou-a, provocando dor nas pontas dos dedos, mas cedeu. Ela puxou mais. Não partia, mas se conseguisse esticá-lo o suficiente, talvez pudesse soltar o pé. Cerrando o maxilar, tentou novamente, inclinando-se para trás na cadeira, puxando com todo o seu peso corporal. *Vamos lá, vamos lá — por favor.* Nada. Não se movia.

Ele não tirara o dedo da campainha, que soava pela casa como um alarme, agudo e constante.

— Já vai, já vai! — gritou Nick, e então, segundos depois, ela ouviu a voz de Mark.

— Se tocaste nela, seu *germe* reles...

— Fazes o quê? — perguntou Nick. — Incriminas-me por homicídio? Mandas-me para a prisão?

— Onde está ela?

O som de passos rápidos pelo corredor. Hannah puxou novamente a abraçadeira, quase tombando a cadeira para a frente, lágrimas de frustração nos olhos. Tentou pôr-se outra vez em pé, mas não conseguia endireitar as pernas.

— Hannah.

Mark parou à porta, o corredor escuro atrás dele. Ela foi tomada pelo terror. Ele vestia calças de ganga e a sua camisola preta, a roupa que ela o vira vestir no quarto de hotel naquela manhã, mas era como se nunca o tivesse visto antes. Quem era ele, aquele estranho? *Aquele violador. Aquele assassino.* Viu-o olhar para as abraçadeiras nos seus tornozelos e, em seguida, para a sua mão e aperceber-se de que estava coberta de sangue.

— O que te fez ele? Magoou-te? Magoou. — Avançou na sua direção, braços estendidos, mas Hannah torceu o corpo para longe dele, com as mãos para fora, protegendo-se.

— Não. Não me toques.

— Han... — Ele estendeu os braços, mas ela empurrou-os, fugindo ao contacto.

— Já disse para não me tocares.

Ela debateu-se, tentando mantê-lo afastado, mas ele agarrou-lhe na cabeça e segurou o rosto dela

entre as mãos, forçando-a a olhar para ele. De início, ela resistiu, mas depois parou de lutar e fitou-o.

— Eu sei — disse ela. — A Patty, a Hermione... sei tudo.

As mãos dele caíram. Lentamente, sem quebrar o contacto visual, afastou-se dela. O seu corpo pareceu ceder momentaneamente, como se ela lhe tivesse tirado o fôlego. Hipnotizada, ela viu a sua expressão mudar de choque para arrependimento e, em seguida, muito rapidamente, para um tipo de aceitação resignada que a fez sentir um arrepio. Mark olhou para ela com distanciamento por um segundo ou dois, e então, como se voltando a si novamente, virou-se. Nick estava de pé, perto da porta, a observá-los.

— O que fizeste? — perguntou Mark.

— Ela precisava de saber.

Mark abanou a cabeça como se estivesse realmente magoado.

— Estás louco. — Virou-se para Hannah. — Vês, eu disse-te... ele é louco.

— Não me parece — retorquiu ela.

— Também vais matá-la agora que ela sabe? — perguntou Nick. — Seria uma pena... amá-la mesmo, não é? É a primeira vez na vida que gostas de alguém. Tirando a mãe, obviamente.

Sem aviso, Mark lançou-se através da cozinha. Girou, apontando ao rosto de Nick, mas este antecipou-se-lhe, deu um passo para o lado e desferiu um soco no estômago do irmão. Mark dobrou-se e Nick pegou-lhe na gola, puxou-o para trás e, em seguida, atirou-o contra a parede. Um ruído surdo — a parede era de gesso, macia.

— Espero que te tenhas saído melhor lá dentro, menino bonito.

Nick emitiu um som, meio gemido, meio rugido, e atirou-se a Mark. Este levantou o joelho, apontando à virilha do irmão, mas falhou e Nick agarrou-o pelos cabelos, baixou-lhe a cabeça e arrastou-o pela cozinha. Atirou Mark contra a parede ao lado da porta e ouviu-se o crânio estalar na pedra. Mark começou a cair, mas as mãos de Nick envolveram-lhe a garganta e prenderam-no contra a parede.

— Mataste a Hermione.

— Estás louco. — Mark riu-se o máximo que a mão em volta da sua garganta permitia. — Sempre foste louco. Chanfrado — disse ele a Hannah —, era o que lhe chamavam na escola.

Nick agarrou-lhe na gola e bateu-lhe com a cabeça três vezes na pedra, cada pancada mais forte que a anterior.

— Admite: tu. — *Crac!* — ... mataste... — *Crac!* — ... a Hermione! — *Crac!*

Quando levantou os olhos, Mark levou um ou dois segundos a conseguir concentrar-se.

— Está bem — disse ele. — Sim.

Hannah soubera, mas aquilo ainda a atingiu como um murro no estômago.

— Tu... foste tu quem a ameaçou — disse Hannah. — Foste tu.

— Não... não foi preciso. Ela tinha medo de mim, de qualquer maneira. Porque sabia — disse ele.

— Sabia o quê?

— Que eu tinha lá estado. Naquela tarde.

Nick olhou para ele.

— Como?

— Larga-me... não consigo respirar. Não consigo respirar.

Nick empurrou-o para trás uma última vez, depois largou-o. Mark cambaleou. Quando se endireitou, passou uma mão hesitante em volta do pescoço. Hannah viu o brilho de sangue no cabelo acima da orelha esquerda.

— Ela viu-me sair da tua casa — respondeu ele com voz rouca. — Soube que tinhas saído da discoteca com a Patty e ia acabar tudo contigo. Esbarrámos um no outro na rua.

— Tretas — disse Nick. — Se ela sabia na altura, porque não foi à polícia?

— Porque eu tratei de tudo, seu idiota. Como sempre tive de tratar de tudo.

— Como?

— Perguntei-lhe o que o Geoffrey Landis e os seus chefes no hospital pensariam se soubessem das drogas que ela nos vendeu ao longo dos anos, todas aquelas receitas falsas. O que faria ela se já não pudesse ser médica.

— Seu...

— Teve de ser. Toda a vida me estragaste as coisas. És um inútil. — Enfiou a mão no bolso e, em seguida, antes que Hannah pudesse avisá-lo, Nick deu um grito horrível e dobrou-se. Mark empurrou, enterrando mais a faca, depois virou a mão e puxou-a. Nick tentou agarrá-la mas falhou e o irmão espetou-a de novo, desta vez mais alto. Nick cambaleou para trás. Olhando para baixo, viu as duas rosáceas de sangue que floresciam na parte inferior da sua *t-shirt*.

— O que...?

Mark saltou para a frente e agarrou-o pela gola do casaco. Levou o braço atrás e Hannah viu a faca, uma coisa medonha e longa.

— Quando é que aprendes? — perguntou, empurrando-a para a frente outra vez. — Já devias saber! Já devias saber que não é bom tentar lixar-me.

Nick inclinou-se para a frente e, por uma fração de segundo, Hannah pensou que ele estava a cair. Em seguida, porém, recuou de novo, olhou Mark nos olhos e deu-lhe uma cabeçada no rosto. Mark soltou um grito de dor quando o sangue jorrou do seu nariz e Nick agarrou-o pela gola e fê-lo chocar com a mesa, tombando algumas cadeiras.

A faca estava no chão. Hannah viu Nick olhar para a arma e depois para ela. Com a mão a pressionar a barriga, ele baixou-se, pegou-lhe e veio na sua direção. Agachou-se aos seus pés e com dois golpes rápidos cortou as abraçadeiras de plástico.

— Saia daqui!

Tonta, segurando os braços da cadeira, ela levantou-se. Mark estava de pé novamente, também, segurando o pulso debaixo do nariz, estancando o sangue com o punho. Com um grito, lançou-se pela cozinha e caiu sobre Nick, tombando-o. Nick lutou, mas as feridas já estavam a enfraquecê-lo e Mark prendeu-o rapidamente no chão, forçando a sua cabeça contra os mosaicos.

— Fuja, Hannah — disse Nick, a voz espessa devido ao sangue. Levantou o joelho e bateu com ele no fundo das costas de Mark, fazendo-o grunhir de dor. — Vá-se embora.

Mark tentou apanhá-la, agarrando-lhe a perna das calças, mas ela soltou-se e começou a correr pelo corredor até à porta da rua, os grunhidos e gritos deles bem audíveis ainda. Era uma luta até à morte: um deles ia matar o outro.

A porta estava destrancada, Nick abriu-a para Mark, e ela escancarou-a e correu. Na penumbra, a carrinha branca parecia quase brilhar. Abriu a porta do lado do condutor. Sem muita esperança, verificou a ignição, mas é claro que Nick não tinha ali deixado a chave. Foi até à porta de trás, não fosse ele tê-la deixado lá por engano quando a puxara para fora, mas também não estava. Ele devia tê-la no bolso.

O *Mercedes* de Mark estava estacionado à entrada, voltado para fora, preparado para a fuga. Olhando para a casa, ela correu para o carro. Tentou abrir a porta, mas estava trancada.

Sentiu uma explosão de pânico que rapidamente suprimiu: não havia tempo; tinha de se concentrar, pensar com clareza. *Vamos lá, Hannah.*

O telefone dela: estava na mala. Voltou para trás e sentou-se no banco da frente da carrinha. De início, pensou que a mala tinha desaparecido, mas depois viu que tinha caído para a zona dos pés. Pegou-lhe e vasculhou-a, amaldiçoando a confusão de recibos antigos e lenços de papel.

Vamos! Vamos! Olhando através do para-brisas, via a frente da casa, a porta aberta para o negrume. O que estava a acontecer? Quem estaria a ganhar?

Finalmente, encontrou o telemóvel. Premiu o botão para desbloqueá-lo, mas nada aconteceu. Por um momento, entrou em pânico novamente — ficara sem bateria; era inútil —, mas depois lembrou-se: Nick tinha-o desligado. Quase a rir de alívio, ligou-o e marcou 112, os dedos desastrados. Nada. Tentou novamente: ainda nada. Olhando para o ecrã, viu o ícone da antena: não havia rede. Estavam no meio do nada.

Com um grito de desespero, atirou o telemóvel para o banco. Este saltou e caiu no espaço junto ao travão de mão. Quase em lágrimas, enfiou a mão no espaço e tateou, tocando-lhe com os dedos, mas depois sentiu-o deslizar para longe.

Um homem apareceu à porta da casa, visível apenas em linhas gerais. Ela ficou imóvel. Qual deles seria — Nick ou Mark? Quem ganhara?

— Hannah. — O grito pareceu encher todo o céu.

Mark.

Ele libertou-se da sombra da casa e começou a ir em direção à carrinha. Por um momento o medo paralisou-a, mas depois abriu a porta do passageiro e saiu. O barulho dos passos dela era ensurdecedor no cascalho.

— Hannah! — Ele foi atrás dela e ela ouviu-se dar um grito de terror. — Hannah, anda cá.

Havia um muro na parte lateral da casa, e à luz fraca ela distinguiu um portão de madeira parcialmente escondido por folhagem. Abrindo-o, encontrou-se num jardim formal, com canteiros divididos por carreiros empedrados. Mark estava três metros atrás dela, ouvia a respiração dele, e sem pensar na direção em que seguia, escolheu o carreiro central.

— Hannah!

Na parte de trás do jardim havia um muro de tijolo e o que parecia ser uma estufa. Ao lado estava outro portão. Ela foi direita a ele, tentando encontrar o caminho mais rápido através dos canteiros cheios de juncos e alho-porro, mas Mark viu para onde ela estava a ir e atravessou um dos

canteiros para a interceptar. Tentou agarrar-lhe o casaco, falhando por pouco, e ela gritou:

— Afasta-te de mim!

Ele saltou para trás dela, mas então derrapou, quase caindo, e Hannah aproveitou a oportunidade e fugiu novamente. No seu terror, pareceu encontrar um novo ímpeto e chegou ao portão, conseguindo fechá-lo antes de ele passar. Uns seis metros à sua frente, viu uma vala profunda, um velho muro rebaixado, e, em seguida, apenas campos, aqui e ali algumas árvores e, em seguida — *graças a Deus, graças a Deus* —, uma mão-cheia de luzes, minúsculas, como joias, a uns dois quilómetros, talvez mais, mas luzes.

O portão fechou-se novamente.

Desceu a vala e subiu pelo outro lado, com as pernas a arder, Mark três metros atrás dela. Tropeçou, esticou as mãos para se amparar, sentiu cardos. Do outro lado do primeiro campo, torceu os tornozelos uma e outra vez quando os seus pés encontraram tocas de coelho, silvas ou pedras enterradas. O céu estava coberto de nuvens e quase não havia luz. O coração dela batia, a sua respiração saindo em grandes golfadas irregulares. Ele iria matá-la — se a apanhasse, iria matá-la. *Corre*.

O campo seguinte fora arado e exibia sulcos de lama de trinta centímetros de altura. Começou a transpô-los, indo em direção às luzes, tropeçando em enormes aglomerados de argila, tentando manter o equilíbrio.

Então, sem aviso, prendeu a ponta da bota. Caiu esparramada, batendo com a cabeça na parte de cima de um sulco, cortando as palmas das mãos em pedras. Começou a levantar-se assim que caiu, mas antes de poder fazê-lo, uma mão agarrou o tecido do seu casaco. Ele levantou-a, deitou-a de barriga para cima e sentou-se em cima dela.

Ela debateu-se, atingindo-o, arranhando-lhe o rosto, tentando levantar os joelhos atrás dele como Nick, mas ele era muito forte e agarrou-lhe nos pulsos e prendeu-os ao lado da sua cabeça. Ela

torceu o tronco para o lado, virou a cabeça e mordeu-lhe o antebraço.

— Sua... — Ele levantou-a pelo colarinho e bateu-lhe com a cabeça no chão. A dor foi pungente; espalhou-se em ondas através do seu crânio, e por momentos deixou-a imóvel. Acima dela, o rosto de Mark estava perdido na escuridão; ela só conseguia distinguir-lhe os olhos pelo brilho deles.

— O Nick tinha razão, Hannah — disse ele, respirando com dificuldade pela boca. — Amo-te.

— Meu Deus, és louco. — Ela lutou novamente, tentando libertar as

mãos, mas ele segurou-a com mais força, pressionando os seus pulsos ainda mais contra a lama.

— Para com isso. Para de lutar e ouve-me.

— És um assassino... mataste a Hermione, Mark. Ela está morta. Sabes sequer o que fizeste? Sabes o que isso significa? És um assassino.

— Como podes dizer isso? — perguntou ele, e para surpresa de Hannah, parecia magoado... ferido até. — Isto foi por ti.

— O quê? — A voz dela estava cheia de horror. — Não.

— Foi tudo por ti.

— Não, Mark. Não. Isto não teve nada que ver comigo.

— *Teve tudo* que ver contigo. Tens alguma ideia de quanto tenho trabalhado para manter tudo isto sob controlo, para tentar salvar o nosso casamento?

— Salvar o nosso casamento? — Ela não podia acreditar.

— As histórias, as explicações... camada após camada e nada parecia satisfazer-te. Simplesmente não paravas de escavar... era como se estivesses a tentar destruir-nos. — Ele pareceu engasgar-se e ela ouviu sangue borbulhar-lhe no nariz. Estaria ele a chorar?

Ela tentou mover-se, mas Mark pressionou-a para baixo de novo, prendendo-a com firmeza.

— És a primeira mulher que amei, Hannah. Sabes o que *isso* significa? Antes de ti, toda a gente que conheci estava comigo por uma de duas razões: para chegar até *ele* ou pelo meu dinheiro. Mas quando te conheci... não consigo *dar-te* o meu dinheiro. Não o queres. — Ele riu, como se isso fosse encantador. — Não usas os meus cartões, sei que te sentes pouco à vontade em relação ao *Audi*... e adoro isso. É maravilhoso... estás comigo porque me queres. A *mim*.

— Mark, por favor... larga-me.

— Não, preciso que ouças, Hannah... estou a tentar explicar. És diferente. És tudo o que eu sempre quis... lembras-te de eu te dizer isso, no dia do nosso casamento? Eu podia ter tido muitas mulheres diferentes... quando se tem dinheiro, é espantoso como nos tornamos de repente atraentes... mas tu não és assim. O que estou a tentar dizer é que tens classe. Está em tudo o que fazes, na forma como te vestes, na tua aparência. Nos teus livros e música e filmes. Até na tua corrida... sei que detestas correr, mas fá-lo porque tens garra. Isso é classe.

— Mark...

— Hannah, amo-te e quero estar contigo o resto da minha vida. Podemos ocultar tudo isto, o Nick, até o negócio ser fechado... havemos de encontrar uma forma. Eu vendo a empresa e, em seguida, saímos de Londres, vamos para onde quiseres. Podemos esquecer que isto aconteceu, deitar tudo para trás das costas...

— O quê?! Mark, tu *mataste* uma pessoa!

— Apenas porque *teve* de ser... para te impedir de descobrir. — A sua voz elevou-se devido à frustração pela recusa dela em entender. — Eu não queria, mas não tive escolha. O Nick ia estragar tudo... ia saber-se tudo, eu estava com medo de te perder. Tive de tentar.

— Ele está morto?

— Acho que sim. Sim. — Mark disse aquilo com calma, num tom casual. — Vês? Ele desapareceu e agora sabes tudo. Podemos recomeçar do zero. Vamos para algum lado e recomeçamos. Podemos conseguir que isto funcione; sei que podemos. Diz-me que vamos ficar bem — Ele apertou-lhe mais os pulsos. — Diz.

— Eu...

— Diz.

— Não posso... não posso. Mataste pessoas... nunca poderemos voltar atrás.

Ele soltou um grito de pura angústia.

— Sua... — Olhou para ela um segundo, os olhos a brilhar no escuro, e depois soltou-lhe os pulsos e agarrou-lhe o casaco pela gola. Puxou-a para ele e, daquele ângulo, ela podia ver-lhe os olhos, cheios de fúria e ameaçadores.

Levantou-a mais, puxando-a para cima, depois empurrou-a contra o chão. A cabeça dela bateu em algo duro na terra — uma rocha. A explosão de dor excruciante ainda ressoava no seu cérebro quando ele lhe subiu a cabeça e voltou a bater com ela no chão. Também ia matá-la. Ela ia morrer ali, no escuro, no meio de um vasto campo vazio a quilómetros de qualquer lado. Hannah pensou por um momento em Tom, à espera dela na sua casa em Londres, e achou que o seu coração ia explodir.

Para cima e para baixo. A sua visão começava a toldar-se — ia desmaiar. Com a mão direita, tateou no chão, à procura. A cabeça bateu de novo na terra e, por um momento, tudo ficou preto. Em seguida, os dedos encontraram o que procuravam: uma pedra do tamanho da sua mão, fria, afiada de um lado. Através do medo e do pânico veio um pensamento claro: *É agora.*

Hannah agarrou na pedra, levantou o braço e, juntando todo o seu terror e pânico, bateu com ela na têmpora do marido. Por um segundo, Mark pareceu apenas atordoadado. Então emitiu um único grunhido e caiu em cima dela.

CAPÍTULO VINTE E SETE

A temperatura não subira acima do zero durante dez dias, mas o céu estava de um azul mais indicado para julho do que para a última semana de janeiro. Houvera muitos caminheiros ali durante o fim de semana, claro, e a neve há muito que derreteria no carreiro, mas nas partes mais íngremes da colina e no sotavento das árvores, continuava a haver montes virgens de neve. À direita deles, intocada pelos agricultores, a manta de retalhos dos campos de Herefordshire estava branca.

Alegando a necessidade de terem um bom avanço, Sandy e Lydia tinha ido à frente enquanto Hannah e Tom compravam o bilhete para o parque de estacionamento. Hannah olhou para cima e viu-as uns cem metros à frente. Lydia, esbelta nas suas calças de ganga pretas e parca emprestada, Sandy doze centímetros mais baixa e vestida como se fosse para uma expedição polar. O som das suas gargalhadas chegou-lhe através do silêncio do ar.

Tom deu-lhe o braço enquanto subiam uma zona íngreme e foram dar a um pequeno planalto que tinha uma vista desimpedida do esqueleto coberto de relva do forte da Idade do Ferro.

Eu enfrentaria um forte cheio de pagãos por ti. A voz de Mark, clara como se ele estivesse ao lado dela.

— Tudo bem? — Tom observava-a.

— Sim.

— Tens a certeza?

— Claro. — Ela sorriu e pegou no quadrado de chocolate que ele lhe estendia. Tom guardou o resto da tablete no bolso e virou-se para olhar para o caminho que tinham percorrido. As suas bochechas já estavam coradas do frio.

— Foi aqui que ele te pediu em casamento? Aqui em cima?

— Sim.

— Isto pretende ser um exorcismo?

— Mais ou menos.

— Está a funcionar?

Ela abanou a cabeça.

— Ouço-o o tempo todo, onde quer que esteja. Irei sempre ouvir, acho.

— Recomeçou a andar e Tom apanhou-a e voltou a dar-lhe o braço. — Matei

uma pessoa — disse ela. — Só a ideia... outro ser humano está morto por minha causa.

— Um ser humano que matou dois outros seres humanos... talvez três... e estava prestes a matar-te.

— Eu sei. Mas mesmo assim...

Continuaram a andar. As Malverns estavam à frente deles, os picos da linha de colinas como vértebras da coluna de um animal antigo que se tinha enrolado e adormecido debaixo da terra. Todas as noites, nos dois meses que tinham passado desde que aquilo acontecera, Hannah ficara na cama acordada a recordar cena por cena: o confronto na cozinha, a perseguição através do jardim e dos campos negros como breu. O peso da pedra na mão e o estalido repugnante quando ela desferira o golpe na têmpora de Mark.

Ele morrera instantaneamente, tinham-lhe dito depois da autópsia, mas ela soubera isso pela maneira como ele tinha caído. Um peso morto. Fora precisa quase toda a sua força para o tirar de cima de si, mal tivera energia suficiente para se pôr em pé depois mas, de alguma forma, lentamente, recomeçara a mover-se, cambaleando na direção das luzes, caindo muitas vezes, as pernas fracas, a cabeça a latejar de dor. Parara duas vezes para vomitar, o seu estômago a contorcer-se uma e outra vez embora tivesse estado vazio, tirando o uísque que Nick lhe dera. Por fim, seis enormes campos mais tarde — ainda não sabia quanto tempo depois, em termos reais —, Hannah tinha alcançado as luzes e descoberto que pertenciam a um *pub* na extremidade de uma aldeia. Ensanguentada, coberta de lama, entrara a cambalear.

Com a ajuda do proprietário e de um dos clientes regulares que se encarregava dos trabalhos de jardinagem na zona, a polícia conseguira identificar a casa. Apesar do que Mark dissera, Nick não estava morto quando o encontraram, mas uma das doze facadas tinha atingido uma artéria e ele morrera de perda de sangue na ambulância a caminho do hospital em Swindon. Ela chorara quando lhe tinham contado, lágrimas histéricas que demoraram dez minutos a secar. Só três semanas depois é que tinha sido capaz de verter uma única lágrima por Mark.

— O novo andar vai ajudar.

— O quê?

— Teres novamente a tua casa — disse Tom. — Veres-te livre do quarto nas traseiras da nossa casa.

Ela sorriu.

— Gosto desse quarto. Mas, sim, é a opção certa.

Duas semanas atrás, ela acordara tarde. Tom e Lydia tinham saído para o trabalho e a casa estava em silêncio. Ela descera descalça até à cozinha e enchera a chaleira para fazer café. De pé junto à janela, vendo um pintarroxo esvoaçar junto ao comedouro para pássaros que Lydia tinha dado a Tom pelo Natal, o nevoeiro que enchera a sua cabeça tinha diminuído por um momento e ela soubera que estava na altura de voltar a mexer-se, de quebrar o feitiço do horror e continuar com a sua vida. Fizera o café e sentara-se diante do portátil para procurar apartamentos para alugar.

Vira sete ou oito antes de encontrar o que alugara, um apartamento de um quarto no terceiro andar de uma mansão vitoriana de tijolo vermelho a poucos minutos a pé de Russell Square. Assim que lá entrara, fora capaz de se ver ali a viver. Estava tudo um pouco gasto, teria de esconder a carpete do corredor com tapetes, mas o dono dera-lhe autorização para pintar, a cozinha fora recentemente remodelada e havia um recanto sob a janela na sala de estar que seria perfeito para uma mesa.

Mais do que nunca, o que ela desejava agora era trabalhar. Não conseguira o lugar na Penrose Price; Roger Penrose, apesar das suas modernas campanhas publicitárias, revelara-se antiquado em relação à ideia de contratar alguém envolvido num caso que estivera nos jornais nacionais durante uma semana. Escrevera-lhe uma carta cheia de elogios na qual também comunicava que tinham contratado um candidato com experiência substancial de trabalho com clientes semelhantes aos seus. Ao ver o anúncio na *Campaign*, Hannah percebeu que o lugar fora para uma pessoa que tinha sido sua estagiária antes de ela ir para Nova Iorque.

Havia esperança, no entanto. Dez dias antes, Leon, o seu antigo patrão, escrevera um *e-mail* a dizer que estava em Londres para uma breve visita. Enquanto tomavam um copo no hotel em Charlotte Street, ele pedira-lhe ideias para duas grandes novas campanhas. Se conseguisse fechar negócio, disse, gostaria que ela trabalhasse com ele, e veriam mais tarde em que função.

— Como chefe do escritório de Londres? — sugerira ela, levantando uma sobranceira, e embora ele tivesse revirado os olhos, não dissera que não.

Enquanto isso, a mãe emprestara-lhe dinheiro para conseguir aguentar-se. Mais tarde — pelo menos em teoria — ela ficaria rica: Mark deixara-lhe em testamento tudo o que possuía. Ela não queria nada. Decidira que, quando

chegasse o momento, iria dar tudo aos pais dele, embora desconfiasse que o orgulho do pai de Mark iria também impedi-lo de ficar com o dinheiro.

Mais à frente, Sandy escorregou, quase puxando Lydia para baixo com ela. Hannah riu, e quando parou, viu que Tom estivera a observá-la.

— Ainda bem que tu e a mãe estão a dar-se melhor — disse ele.

Ela encolheu os ombros.

— Foi a mãe do Mark, saber o quanto ela o amava apesar de tudo. Fez-me perceber como eu era dura com a minha. Tivemos uma conversa.

Tom assentiu.

— Ela contou-me. — Tirou o chocolate do bolso e partiu mais dois quadrados. Caminharam uns vinte metros antes de ele falar novamente. — Olha, quero contar-te uma coisa.

— O quê?

— A mãe fez-me prometer que nunca te contaria, mas agora acho que deves saber.

— O quê, Tom?

— A separação deles, o divórcio... sempre a culpaste, à sua paranoia, mas ela tinha razão. O pai andava a ter um caso.

Hannah estacou.

— Não, isso não pode ser...

— Ele conheceu a Maggie antes de ele e a mãe se separarem.

— Então por que diabo não disse ela alguma coisa? Meu Deus... todos estes anos. E eu estava tão furiosa com ela...

— Ela sabia o quanto o amavas e não queria estragar isso. Deixou-te continuar a acreditar que ela era a má da fita para não ficares zangada com ele. No fundo, não quis dar cabo da tua relação com o pai.

Hannah olhou para a mãe e sentiu um nó na garganta. Percebera tudo mal — tudo. De repente, porém, ali naquele forte sob o azul frio do céu, a constatação foi libertadora. A partir de agora, de certeza que só poderia fazer melhor.

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria acontecido sem o apoio incansável do meu marido. Obrigada, Joe.

Gostaria também de agradecer às seguintes pessoas: Helen Garnons-Williams, Ellen Williams e Elizabeth Woabank, na Bloomsbury; Rebecca Folland e Kirsty Gordon, na Janklow & Nesbit; Claire Paterson e Kathleen Anderson.